

**Sociedade para o Ensino do Cristianismo**

## **FIDES ET GRATIA**

<http://www.cristianismo.org.br>

*This is a MBS Library best viewed by Micro Book Studio.  
You may download it at*

<http://www.microbookstudio.com>

- [\*\*A GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO\*\*](#)
  
- [\*\*A FÉ COMO MEIO DE ALCANÇAR A GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO\*\*](#)

# A GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO

## Índice Geral

**1. Introdução.**

**2. Jesus promete o Espírito Santo.**

**3. O cumprimento da promessa de Jesus.**

**4. Jesus compara a graça do Espírito Santo à água viva.**

**5. Jesus dá aos seus discípulos o poder de se tornarem filhos de Deus.**

**6. Quem são os filhos de Deus.**

**7. Diálogo de São Serafim com Motovilov. Explicação inicial.**

**8. Diálogo de São Serafim com Motovilov. Condensado do Diálogo.**

**9. Primeiras considerações sobre o diálogo com Motovilov.**

**10. A essência do Evangelho.**

**11. Segundo comentário ao diálogo com Motovilov.**

**12. Os dons do Espírito Santo.**

**13. Comentário à profecia de Isaías.**

**14. O Espírito Santo conduz à verdade.**

15. A filiação divina.

16. O dom de sabedoria, através do qual se alcança a verdade, é o verdadeiro culto devido a Deus.

17. Deus quer que os homens o adorem pela graça do Espírito Santo e pelo conhecimento da verdade.

---

▪ *Índice Anterior*

# A FÉ COMO MEIO DE ALCANÇAR A GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO

## Índice Geral

[1. Introdução.](#)

[2. Como se alcança a graça do Espírito Santo. Texto de Gálatas.](#)

[3. Jesus ensina sobre a fé. Textos de Lucas.](#)

[4. A fé admite graus de grandeza. Textos de Mateus.](#)

[5. Sem a fé não é possível a graça do Espírito Santo.](#)

[6. Primeira conclusão.](#)

[7. O que é a fé. Primeira parte.](#)

[8. O que é a fé. Segunda parte.](#)

[9. O que é a fé. Terceira parte.](#)

[10. Qualidades da fé.](#)

[10. 1. A firmeza da fé.](#)

[10. 2. A constância da fé.](#)

[10. 3. A pureza da fé.](#)

[11. A Esperança e a Caridade.](#)

[11. 1. A Esperança.](#)

**11. 2. A necessidade da caridade.**

**11. 3. A caridade se estende ao próximo.**

**11. 4. A caridade implica no arrependimento dos pecados.**

**11. 5. A importância da caridade.**

**12. A Epístola aos Romanos.**

**12. 1. Resumo da Epístola aos Romanos.**

**13. Os Comentários à Epístola aos Romanos.**

**14. Texto do Comentário de Santo Agostinho à Epístola aos Romanos.**

**15. Fé e graça.**

**15. 1. O Mistério da Santíssima Trindade.**

**15. 2. A necessidade da graça para crer.**

**16. O significado da justificação pela fé.**

**17. Como se dá a justificação do pecador.**

**18. Como se obtém a fé.**

**19. O Estudo das Sagradas Escrituras.**

**19. 1. O Livro de Josué.**

**19. 2. O Segundo Livro das Crônicas.**

**19. 3. O Livro de Tobias.**

**19. 4. O Livro de Judite.**

**19. 5. Conclusão.**

**20. A meditação sobre o Símbolo dos Apóstolos.**

**21. A Oração.**

**22. Condições necessárias para a oração.**

**23. A importância do estudo.**

**24. A fé e o conhecimento de si mesmo.**

**25. A importância da oração.**

**25. 1. Texto de Santo Afonso sobre a importância da oração.**

**26. Comentário aos textos de Santo Afonso.**

**27. Por que alguns não crêem?**

**28. Conclusão.**

---

▪ ***Índice Anterior***



# A GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO

## 1. Introdução.

A experiência nos mostra que todo homem que viveu uma vida plena sempre teve um ideal em direção ao qual orientava os esforços de sua existência, isto é, um horizonte que ele via despontando ao longe e em direção ao qual ele se dirigia. Não é difícil para as pessoas entenderem isto, porque trata-se de um fato muito comum para todos. Aqueles que não têm nenhum horizonte em direção ao qual caminhar são pessoas que na prática aparentam parecem ter perdido a razão de viver e já terem morrido por antecipação. Não é isto, porém, o que ocorre o mais freqüentemente. Ainda que não o consigamos expressar com palavras exatas, quase todos nós temos no íntimo de nosso ser alguma meta que escolhemos e em direção à qual dirigimos nossa existência. Quando ocorre que esta meta é para nós mais clara, às vezes a chamamos de ideal.

Jesus, ao nos anunciar o Evangelho, disse ter vindo ao nosso encontro para que nós pudéssemos ter uma vida abundante. A natureza humana, porém, é tal que Jesus não poderia ter dito isso seriamente sem que, ao mesmo tempo, nos tivesse ensinado qual é o ideal mais perfeito que a vida humana pode abraçar, aquele ideal sem o qual é impossível alcançar a vida plena e abundante de que ele nos fala.

Muitos, quando ouvem o Evangelho falar a este respeito, percebem que o ideal de Jesus é diferente, e freqüentemente muitíssimo diferente, dos seus próprios ideais. Neste caso, se temos verdadeiro interesse em nossa própria felicidade, Jesus nos pede que renunciemos aos ideais que erroneamente escolhemos e abracemos os que ele nos mostra.

Infelizmente para os homens, na grande maioria dos casos, senão mesmo na quase totalidade dos casos, as metas da vida de cada um, aquelas coisas em função das quais e para as quais todos vivem, se reduzem aos prazeres da vida sexual e às comodidades que podem ser obtidas através do dinheiro.

**Algumas raras vezes há também alguma outra coisa mais elevada, mas não muito mais do que estas duas de que acabamos de falar; de qualquer maneira, trata-se praticamente sempre de horizontes muito menores do que aquilo para o qual Deus nos quer chamar a atenção. Sexo e dinheiro, costumam ser os mais elevados ideais que orientam a vida da quase totalidade dos seres humanos.**

**Ora, se quisermos ser verdadeiramente discípulos de Jesus, ele nos ensina que, em primeiro lugar, além de renunciarmos ao pecado, temos que renunciar também a estas baixíssimas metas como sendo o horizonte de nossas vidas. Estes dois ideais têm sido os responsáveis por ter colocado a quase totalidade dos homens em uma trajetória cega ao longo da qual não existe nenhuma possibilidade de despontar a verdadeira felicidade. Para aqueles homens de boa vontade, que quiserem escutá-lo e quiserem confiar nele, Jesus nos ensina dois outros ideais muito mais elevados do que estes, aqueles que podem efetivamente nos conduzir à felicidade sem fim que ele nos promete.**

**Jesus nos apresenta seus dois grandes ideais quando nos fala dos dois maiores mandamentos. Estes dois maiores mandamentos são muito mais do que apenas dois mandamentos; são na realidade os dois grandes ideais da vida cristã, aqueles que devem substituir o do sexo e o do dinheiro. São eles o amor a Deus e o amor ao próximo. No lugar de sexo e dinheiro Jesus nos ensina que, se quisermos ser felizes e conquistar a verdadeira vida, temos que fazer com que aquilo a que mais almejamos, aquilo que mais desejamos e em função do qual tudo fazemos sejam amar a Deus e ao próximo. Este foi o assunto da segunda aula deste curso sobre as Sagradas Escrituras.**

**Dissemos, ademais, que o amor a Deus se realiza na prática através do trabalho de nossa santificação, sem o qual se torna impossível amar a Deus; e que o amor ao próximo alcança sua verdadeira perfeição através do ensino, que é, para Jesus, a maior prova de amor que ele quer de nós. Ensinar foi a última coisa que Jesus recomendou aos seus discípulos quando se despediu definitivamente deles: "Ide, e ensinai a todos os povos", disse então Jesus. Ora, nós costumamos sempre recomendar por último aquilo que nos é mais querido ao**



coração.

**Amar a Deus e ensinar, são, pois, os grandes ideais da vida cristã. Não há modo de se amar a Deus senão buscando-se a santidade, e não há outra coisa que diga respeito ao nosso próximo que Jesus nos tenha pedido tão entranhadamente quanto ensinar.**

**Há pessoas, como talvez possa ter sido o jovem rico de que fala o Evangelho de São Marcos, que procuram cumprir os mandamentos da lei de Deus, como são o honrar pai e mãe, o não matar, o não roubar, o não cometer adultério, e outros, e que também contribuem com algum dinheiro para alguma obra de beneficência, mas que, mesmo assim, são movidos na maior parte das coisas importantes que fazem pela busca do prazer da vida sexual e das comodidades que podem ser obtidas através do dinheiro. Não se pode dizer que estas pessoas sejam cristãs no mais próprio sentido do termo. Elas ainda não entenderam verdadeiramente o que Jesus ensinava. E é difícil inclusive que elas perseverem até na simples prática dos mandamentos. Quando se buscam as coisas da terra, as coisas da terra exigem mais coisas da terra; assim também, quando se buscam as coisas do céu, as coisas do céu trazem consigo mais coisas do céu. "É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha", diz Jesus, do que uma pessoa como esta entrar no Reino de Deus (Marc. 10,25).**

**O que vamos examinar em seguida é o modo pelo qual a nossa santificação e a missão de ensinar podem se tornar realidade dentro do plano que Deus tem para os homens. Um plano que Ele já havia preparado desde antes da criação do mundo. Ambas estas coisas, conforme veremos, somente são possíveis mediante a graça do Espírito Santo. Mas, para entender como através dela a santificação e o ensino são possíveis, precisamos entender primeiro o que é a graça do Espírito Santo.**

---

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



## **2. Jesus promete o Espírito Santo.**

**Texto de João 14, 15-25.**

**"Se me amais,  
observareis  
os meus  
mandamentos;  
e eu rogarei  
ao Pai, e ele  
vos dará um  
outro  
Consolador,  
para que fique  
eternamente  
convosco, o  
Espírito da  
verdade, a  
quem o  
mundo não  
pode receber,  
porque não o  
vê, nem o  
conhece; mas  
vós o  
conheceis,  
porque habita  
convosco e  
estará em  
vós.**

**Não vos  
deixarei  
órfãos;  
voltarei a vós.  
Resta ainda  
um pouco, e  
depois o  
mundo me  
não verá. Mas  
ver-me-ei vós,**

**porque eu  
vivo, e vós  
vivereis.  
Naquele dia  
vós  
conhecereis  
que eu estou  
em meu Pai, e  
vós em mim,  
e eu em vós.  
Aquele que  
retém os  
meus  
mandamentos  
e os guarda,  
esse é que  
me ama; e  
aquele que  
me ama, será  
amado por  
meu Pai, e eu  
o amarei, e  
me  
manifestarei a  
ele.**

**Disse-lhe  
Judas, não o  
Iscaariotes:  
Senhor, qual  
é a causa por  
que te hás de  
manifestar a  
nós, e não ao  
mundo?  
Respondeu  
Jesus, e  
disse-lhe: Se  
alguém me  
ama,  
guardará a  
minha  
palavra, e**

meu Pai o  
amará, e nós  
viremos a ele,  
e faremos  
nele morada.  
O que não me  
ama, não  
observa as  
minhas  
palavras. E a  
palavra que  
ouvistes, não  
é minha, mas  
do Pai, que  
me enviou. Eu  
disse-vos  
estas coisas,  
permanecendo  
convosco;  
mas o  
Consolador, o  
Espírito  
Santo, a quem  
o Pai enviará  
em meu  
nome, ele vos  
ensinará  
todas as  
coisas, e vos  
recordará  
tudo o que  
vos tenho  
dito".

---

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



### **3. O cumprimento da promessa de Jesus.**

**Texto de Atos 1,1-5; 2,1-47.**

**"Na primeira  
narração, ó  
Teófilo, falei  
de todas as  
coisas que  
Jesus  
começou a  
fazer e a  
ensinar até ao  
dia em que  
tendo dado as  
suas  
instruções  
por meio do  
Espírito Santo  
aos apóstolos  
que tinha  
escolhido, foi  
arrebatado;  
aos quais  
também se  
manifestou  
vivo, depois  
da sua  
Paixão, com  
muitas  
provas,  
aparecendo-  
lhes por  
quarenta dias,  
e falando do  
reino de  
Deus.**

**Estando à  
mesa com  
eles, ordenou-**

**Ihes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual ouvistes, disse ele, da minha boca; porque João na verdade batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui a poucos dias.**

**Quando se completaram os dias do Pentecostes, estavam todos juntos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um estrondo, como de vento que soprava impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E apareceram-lhe repartidas umas como línguas de**

**fogo, e  
pousou sobre  
cada um  
deles. Foram  
todos cheios  
do Espírito  
Santo, e  
começaram a  
falar várias  
línguas,  
conforme o  
Espírito Santo  
lhes concedia  
que falassem.**

**Estavam  
então  
residindo em  
Jerusalém  
judeus,  
homens  
religiosos de  
todas as  
nações que  
há debaixo do  
céu. Logo que  
se deu este  
ruído, acudiu  
muita gente, e  
ficou  
pasmada,  
porque cada  
um os ouvia  
falar na sua  
própria  
língua.  
Estavam,  
pois, todos  
atônitos, e  
admiravam-  
se, dizendo:  
Porventura  
não são**

**galileus todos  
estes que  
falam? Como  
é que os  
ouvimos cada  
um de nós na  
nossa língua,  
em que  
nascemos?**

**Partos,  
medos,  
elamitas, e os  
que habitam a  
Mesopotâmia,  
a Judéia, a  
Capadócia, o  
Ponto e a  
Àsia, a Frígia  
e a Panfília, o  
Egito e várias  
partes da  
Líbia, que é  
vizinha de  
Cirene, e os  
vindos de  
Roma, tanto  
judeus como  
prosélitos,  
cretenses e  
árabes; os  
ouvimos falar  
nas nossas  
línguas das  
maravilhas de  
Deus.**

**Estavam  
todos atônitos  
e fora de si,  
dizendo uns  
para os  
outros: Que  
quer isto  
dizer? Outros,**



**porém,  
escarnecendo,  
diziam: Estão  
cheios de  
mosto.**

**Então Pedro,  
apresentando-  
se com os  
onze,  
levantou a  
voz, e disse-  
lhes: Homens  
judeus, e vós  
todos os que  
habitais em  
Jerusalém,  
seja-vos isto  
conhecido, e  
com ouvidos  
atentos ouvi  
as minhas  
palavras.  
Estes homens  
não estão  
embriagados,  
como vós  
cuidais,  
sendo a hora  
terceira do  
dia; mas isto  
é o que foi  
predito pelo  
profeta Joel:  
E acontecerá  
nos últimos  
dias, diz  
Deus, que eu  
derramarei o  
meu Espírito  
sobre toda a  
carne, e  
profetizarão**

**vossos filhos  
e vossas  
filhas, e os  
vossos  
jovens terão  
visões, e os  
vossos  
anciãos  
sonharão  
sonhos, e  
naqueles dias  
derramarei do  
meu Espírito  
sobre os  
meus servos  
e sobre as  
minhas  
servas, e  
profetizarão.  
Farei ver  
prodígios em  
cima no céu,  
e sinais  
embaixo da  
terra, sangue,  
fogo e vapor  
de fumo. O  
sol se  
converterá em  
trevas, e a lua  
em sangue,  
antes que  
venha o dia  
grande e  
glorioso do  
Senhor. Então  
acontecerá  
que todo  
aquele que  
invocar o  
nome do  
Senhor será  
salvo.**

**Varões  
israelitas,  
ouvi estas  
palavras: a  
Jesus  
Nazareno,  
homem  
acreditado  
por Deus  
entre vós, por  
meio de  
milagres,  
prodígios e  
sinais, que  
Deus operou  
por meio dele  
entre vós,  
como vós  
mesmos  
sabeis, este  
homem que  
foi entregue,  
segundo os  
desígnios e a  
presciência  
de Deus, vós  
o matastes,  
crucificando-o  
por mãos de  
iníquos. Mas  
Deus o  
ressuscitou, e  
livrou dos  
laços da  
morte,  
porquanto era  
impossível  
que por esta  
fosse retido.  
Porque Davi  
diz dele: Eu  
tinha sempre**

**o Senhor  
diante de  
mim, porque  
Ele está à  
minha direita,  
para que eu  
não seja  
abalado. Por  
isto se  
alegrou o meu  
coração, e  
exultou a  
minha língua,  
e, além disto,  
a minha carne  
repousará na  
esperança,  
porque não  
abandonarás  
a minha alma  
na habitação  
dos mortos,  
nem  
permitirás  
que o teu  
Santo  
experimente a  
corrupção.  
Ensinaste-me  
os caminhos  
da vida, e me  
encherás de  
alegria com a  
vista da tua  
face.**

**Irmãos, seja-  
me permitido  
dizer-vos  
francamente  
do patriarca  
Davi, que ele  
morreu, e foi**

sepultado, e o seu sepulcro está entre nós até o dia de hoje. Sendo ele, pois, profeta, e sabendo que Deus lhe tinha prometido com juramento que um da sua descendência se sentaria sobre o seu trono (Salmo 88,4-5; 131,11), profeticamente falou da ressurreição de Cristo, que não seria deixado na habitação dos mortos, nem sua carne seria sujeita à corrupção. A este Jesus ressuscitou Deus, do que todos nós somos testemunhas. Elevado ele, pois, pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai o Espírito Santo, que

**tinha  
prometido, ele  
o derramou  
como vós  
vedes e ouvis.  
Porque Davi  
não subiu ao  
céu, mas ele  
mesmo disse:  
O Senhor  
disse ao meu  
Senhor: Senta-  
te à minha  
direita, até  
que eu ponha  
os teus  
inimigos por  
escabelo de  
teus pés  
(Salmo 109,1).  
Saiba, pois,  
toda a casa  
de Israel com  
a maior  
certeza que  
Deus  
constituíu  
Senhor e  
Cristo a este  
Jesus, a  
quem vós  
crucificastes.**

**Ao ouvir  
estas coisas,  
ficaram  
compungidos  
no seu  
coração, e  
disseram a  
Pedro e aos  
outros  
apóstolos:**

**Que devemos  
fazer, irmãos?  
Pedro disse-  
lhes: Fazei  
penitência, e  
cada um de  
vós seja  
batizado em  
nome de  
Jesus Cristo  
para a  
remissão de  
vossos  
pecados; e  
recebereis o  
dom do  
Espírito  
Santo. Porque  
a promessa é  
para vós e  
para os  
vossos filhos,  
e para todos  
os que estão  
longe e para  
quantos o  
nosso Deus  
chamar. E,  
com outras  
muitíssimas  
palavras, os  
persuadia e  
exortava,  
dizendo:  
Salvai-vos  
desta geração  
perversa. Os  
que  
receberam a  
sua palavra  
foram  
batizados; e  
ficaram**

**agregadas  
naquele dia  
cerca de três  
mil pessoas.**

**Perseveravam  
na doutrina  
dos  
apóstolos,  
nas reuniões  
comuns, na  
fração do pão  
e nas  
orações. Toda  
a gente  
estava com  
temor; eram  
também  
realizados  
pelos  
apóstolos  
muitos  
prodígios e  
maravilhas  
em  
Jerusalém, e  
em todos  
havia um  
grande medo.  
Todos os que  
criam  
estavam  
unidos, e  
tinham tudo  
em comum.  
Vendiam as  
suas  
propriedades  
e os seus  
bens, e  
distribuía  
o  
preço por  
todos,**



**segundo a  
necessidade  
que cada um  
tinha. Todos  
os dias  
freqüentavam  
em perfeita  
harmonia o  
templo, e,  
partindo o  
pão pelas  
casas,  
tomavam a  
comida com  
alegria e  
simplicidade  
de coração,  
louvando a  
Deus, e sendo  
bem vistos  
por todo o  
povo. O  
Senhor  
aumentava  
cada dia mais  
o número dos  
que estavam  
no caminho  
da salvação".**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



#### **4. Jesus compara a graça do Espírito Santo à água viva.**

**Texto de João 7,37-39.**

**"No  
último  
dia, o  
maior da  
festa,  
estava  
Jesus em  
pé, e em  
alta voz  
dizia: Se  
alguém  
tem sede,  
venha a  
mim e  
beba. O  
que crê  
em mim,  
como diz  
a  
Escritura,  
do seu  
seio  
correrão  
rios de  
água  
viva. Ora,  
ele dizia  
isto  
falando  
do  
Espírito  
que  
haviam  
de  
receber  
os que  
cressem**

nele;  
porque  
ainda não  
tinha sido  
dado o  
Espírito,  
por não  
ter sido  
ainda  
glorificado  
Jesus".

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **5. Jesus dá aos seus discípulos o poder de se tornarem filhos de Deus.**

**Texto de João 1,12-13.**

**"Mas a todos os que o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, àqueles que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus nasceram".**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## 6. Quem são os filhos de Deus.

Texto de Rom. 8,14.

"Todos  
aqueles  
que são  
conduzidos  
pelo  
Espírito de  
Deus, são  
filhos de  
Deus".

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **7. *Diálogo de São Serafim com Motovilov. Explicação inicial.***

Muitos anos atrás, em 1832, em uma floresta da Rússia central, nas proximidades do mosteiro de Sarov, travou-se um notável diálogo entre um sacerdote e um leigo, preservado até os dias de hoje. O sacerdote, que era também monge, chamava-se Serafim; hoje padre Serafim está no céu, e é um dos santos mais conhecidos da Igreja Russa.

Muito antes de ser sacerdote, Serafim se preocupou, como nos ensina o Evangelho, em buscar em primeiro lugar ao Reino de Deus; e foi para poder dedicar-se mais completamente a Deus que ingressou aos dezenove anos no mosteiro de Sarov, onde se tornou monge, depois diácono e sacerdote, entregando-se profundamente à vida de oração.

Padre Serafim morreu aos 74 anos, em 1883, mas dois anos antes de seu falecimento encontrou um leigo, na época um homem casado, chamado Nicolas Motovilov, o qual em sua juventude também havia sido tocado pela graça divina. Deus lhe havia concedido perceber, durante algum tempo, que parecia haver algo de muito profundo atrás da aparente simplicidade das palavras do Evangelho. Nicolas Motovilov começou então a perguntar às autoridades da Igreja qual era a essência e a finalidade do ideal de vida ensinado por Jesus, mas não recebeu por parte destas pessoas nenhuma resposta mais precisa. Alguns chegaram a aconselhar ao jovem que parasse de se preocupar com estas questões e se limitasse a freqüentar a Igreja como todas as demais pessoas. Porém mais tarde as preocupações da vida engolfaram Motovilov e ele acabou se esquecendo da busca de Deus. Viveu como se vive na sociedade. Pecou e sofreu.

Os anos foram se passando. Motovilov foi então atingido por uma doença na época incurável. Lembrou-se por causa disso de procurar conforto e auxílio junto a um certo sacerdote de que tinha ouvido falar, o qual vivia num local muito distante, nas proximidades de um mosteiro perdido em meio à floresta russa. Por causa de sua doença Motovilov já não podia andar e nem mesmo ficar de pé. Teve que ser carregado, em sua penosa viagem, por cinco empregados, mas ficou inteiramente curado

depois de uma conversa com o monge Serafim.

No ano seguinte, um ano antes do falecimento do Padre Serafim, ambos mantiveram um diálogo de cujo registro transcrevemos algumas partes. Este diálogo nos fala do Espírito Santo que foi prometido por Cristo aos que crêsem em seu nome, e com a sua leitura nos vamos ocupar por algum tempo.

Após a leitura deste diálogo, examinaremos uma pequena passagem da Summa Theologiae de Santo Tomás de Aquino, muito menor do que o texto do diálogo entre Serafim e Motovilov, em que Santo Tomás nos fala do mesmo assunto.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **8. Diálogo de São Serafim com Motovilov. Condensado do Diálogo.**

### **Introdução.**

**"Era uma quinta feira. O céu estava cinza. A terra estava coberta de neve e espessos flocos continuavam a turbilhonar, quando o padre Serafim começou a nossa conversa na clareira perto de sua "Pequena Ermida", em frente ao rio Sarovka que deslizava ao pé da colina.**

**Fêz-me sentar no tronco de uma árvore que acabava de derrubar e ele se acocorou em minha frente.**

**-O Senhor me revelou, disse o grande**



**staretz, que desde a vossa infância desejáveis saber qual a finalidade da vida cristã e que tínheis muitas vezes interrogado a este respeito mesmo a altas personagens na hierarquia da Igreja.**

**Devo dizer que desde a idade de doze anos essa idéia me perseguia e que, efetivamente, havia proposto a questão a várias personalidades eclesiásticas, sem nunca receber resposta satisfatória. O staretz ignorava-o.**

**-Mas ninguém, continuou o padre Serafim, vos disse nada de preciso; vos**

**aconselhavam  
a ir à igreja, a  
rezar, a viver  
segundo os  
mandamentos  
de Deus, a  
fazer o bem, e  
tal, diziam, era  
o objetivo da  
vida cristã.  
Alguns até  
desaprovavam  
a vossa  
curiosidade,  
julgando-a  
descabida e  
ímpia. Mas  
estavam  
errados.  
Quanto a mim,  
miserável  
Serafim, vos  
explicarei,  
agora, em que  
consiste  
realmente  
esse objetivo.**

**A verdadeira meta da vida cristã.**

**A oração,  
o jejum,  
as vigílias  
e outras  
atividades  
cristãs,  
tão boas  
quanto  
possam  
parecer  
em si, não  
constituem  
a  
finalidade  
da vida  
cristã,  
ainda que  
ajudem a  
chegar a  
ela. O  
verdadeiro  
objetivo  
da vida  
cristã  
consiste  
na  
aquisição  
do  
Espírito  
Santo de  
Deus.  
Quanto à  
oração, ao  
jejum, às  
vigílias, à  
esmola, e  
qualquer  
outra boa  
ação feita  
em nome  
de Cristo,  
são  
apenas**

**meios  
para a  
aquisição  
do  
Espírito  
Santo.**

## **A aquisição do Espírito Santo.**

**É pois na  
aquisição desse  
Espírito de Deus  
que consiste a  
verdadeira  
finalidade da  
vida cristã,  
enquanto a  
oração, as  
vigílias, o jejum,  
a esmola e as  
outras ações  
virtuosas, feitas  
em nome de  
Cristo, são  
apenas meios  
para adquiri- lo.**

**-Como a  
aquisição?,  
perguntei ao  
padre Serafim.  
Não compreendo  
muito bem.**

**-A aquisição é a  
mesma coisa  
que a obtenção.  
Sabeis o que é  
adquirir  
dinheiro? Em  
relação ao**

**Espírito Santo é semelhante. Para as pessoas comuns, o objetivo da vida consiste na aquisição do dinheiro, o ganho. Os nobres desejam, além disso, obter honras, sinais de distinção e outras recompensas concedidas por serviços prestados ao Estado. A aquisição do Espírito Santo é também um capital, mas um capital eterno, dispensador de graças; muito parecido aos capitais temporais e que se obtém pelos mesmos processos. Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus homem, compara a nossa vida a um mercado e a nossa atividade na terra a um comércio. Recomenda-nos a todos nós:**

**"Negociai até que eu volte, remindo o tempo, porque os tempos são maus" (Luc.19,12-13; Efés.5,15-16), quer dizer: "Apressai-vos em obter bens celestes, negociando com mercadorias terrenas". Essas mercadorias terrestres não são senão as ações virtuosas feitas em nome de Cristo e que nos trazem a graça do Espírito Santo.**

**Ver a Deus.**

**-Padre, disse-lhe eu, falais sempre da aquisição da graça do Espírito Santo como a finalidade da vida cristã. Mas, como posso reconhecê-la? As boas ações são visíveis. Mas o Espírito Santo pode ser visto? Como posso saber se ele está**

**ou não em mim?**

**-Na época em que vivemos, respondeu o staretz, chegou-se a uma tal tibieza na fé, a uma tal insensibilidade para com a comunicação com Deus, que as pessoas se afastaram totalmente da verdadeira vida cristã. Há passagens da Escritura que nos parecem estranhas hoje, como, por exemplo, quando o Espírito Santo pela boca de Moisés diz: "Adão via Deus passeando no Paraíso" (Gen. 3,8), ou quando lemos no apóstolo Paulo que foi impedido pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Àsia, mas que o Espírito o acompanhou quando ele se dirigia para a**

**Macedônia (Atos 16,6-9). Em muitas outras passagens da Sagrada Escritura ele é, por várias vezes, assunto da aparição de Deus aos homens.**

**Então alguns dizem: Estas passagens são incompreensíveis. Pode-se admitir que homens possam ver a Deus de maneira tão concreta? Esta incompreensão vem do fato de que sob o pretexto da instrução, da ciência, mergulhamos numa tal obscuridade de ignorância, que tudo achamos incompreensível, tudo de quanto os antigos tinham uma noção bastante clara para poderem falar entre eles das manifestações de Deus aos homens como de**



**coisas  
conhecidas e, de  
forma alguma,  
estranhas. Assim  
Jó, quando os  
seus amigos o  
reprovavam por  
não blasfemar  
contra Deus,  
respondia:  
"Enquanto em  
mim houver um  
sopro de vida e o  
alento de Deus  
nas narinas,  
meus lábios não  
dirão  
falsidades" (Jó  
27,3). Em outras  
palavras, como  
posso blasfemar  
contra Deus,  
quando o  
Espírito Santo  
está em mim? Se  
blasfemasse  
contra Deus, o  
Espírito Santo  
me deixaria, mas  
sinto sua  
respiração em  
minhas narinas.  
Abraão e Jacó  
conversaram  
com Deus. Jacó  
lutou mesmo  
com Ele. Moisés  
viu Deus e todo o  
povo com ele,  
quando recebeu  
as tábuas da Lei,  
no Sinai. Uma  
coluna de nuvens**

**de fogo, a graça  
visível do  
Espírito Santo,  
servia de guia ao  
povo hebreu no  
deserto. Os  
homens viam a  
Deus e seu  
Espírito não em  
sonho ou êxtase,  
fruto de uma  
imaginação  
doentia, mas na  
realidade.**

**Desatentos,  
como nos  
tornamos,  
compreendemos  
as palavras da  
Escritura  
contrariamente  
ao que se  
deveria. E tudo  
isso porque, em  
lugar de buscar a  
graça, nós a  
impedimos, por  
orgulho  
intelectual, de vir  
habitar em  
nossas almas e  
de nos  
esclarecer como  
são esclarecidos  
aqueles que de  
todo coração  
buscam a  
verdade.**

**A criação.**

**Muitos, por exemplo, interpretam as palavras da Bíblia: "Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida" (Gen 2,7), como querendo dizer que até então não havia em Adão nem alma, nem espírito humano, mas somente uma carne criada do barro do solo. Esta interpretação não é correta, pois o Senhor Deus criou Adão do barro do solo no estado do qual fala o apóstolo Paulo quando afirma: "Que vosso espírito, vossa alma e vosso corpo sejam**

**guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Tes 5,23).**

**Todas estas três partes do nosso ser foram criadas do barro do solo. Adão não foi criado morto, mas criatura animal atuante, semelhante às outras criaturas que vivem na terra e são animadas por Deus. Mas eis o importante. Se Deus não tivesse insuflado na face de Adão este alento de vida, isto é, a graça do Espírito Santo que procede do Pai e repousa no Filho e, por causa deste não o tivesse**

**enviado ao mundo, por mais perfeito e superior às outras criaturas que Adão fosse, teria permanecido privado do Espírito deificante e seria semelhante a todas as outras criaturas que possuísem carne, alma e espírito segundo a sua espécie, mas privados, no interior, do Espírito que estabelece parentesco com Deus. A partir do momento em que Deus lhe deu o sopro de vida, Adão tornou-se, segundo Moisés: "uma alma vivente", quer dizer, em tudo semelhante a Deus, eternamente imortal. Adão**

havia sido  
criado  
invulnerável.  
Nenhum  
elemento  
tinha poder  
sobre ele. A  
água não  
podia afogá-  
lo, o fogo não  
podia queimá-  
lo, a terra não  
o podia  
engolir e o ar  
não lhe podia  
ser nocivo.  
Tudo lhe era  
submisso,  
como ao  
proferido de  
Deus, como  
ao  
proprietário e  
rei das  
criaturas. Ele  
era a própria  
perfeição, a  
coroa das  
obras de  
Deus e  
admirado  
como tal. O  
alento de vida  
que Adão  
recebeu do  
Criador, o  
encheu de  
sabedoria a  
tal ponto que  
jamais houve  
sobre a terra,  
e  
provavelmente

**jamais  
haverá, um  
homem tão  
repleto de  
conhecimento  
e de saber  
quanto ele.  
Quando Deus  
lhe ordenou  
que desse  
nomes a  
todas as  
criaturas, ele  
as denominou  
de acordo  
com as  
qualidades,  
as forças, e  
as  
propriedades  
de cada uma,  
conferidas  
por Deus.**

**Este dom da  
graça divina  
supranatural,  
que veio do  
alento de vida  
que havia  
recebido,  
permitia a  
Adão ver a  
Deus  
passeando no  
paraíso e  
compreender  
as suas  
palavras bem  
como a  
conversa dos  
santos anjos  
e a linguagem**

**de todas as  
criaturas, dos  
pássaros, dos  
répteis que  
vivem sobre a  
terra, de tudo  
o que nos é  
dissimulado,  
a nós,  
pecadores,  
desde a  
queda, mas  
que antes era  
perfeitamente  
claro para  
Adão.**

**A graça do Espírito Santo é luz.**

**Ainda é preciso  
que vos diga, a  
fim de que  
compreendais o  
que é preciso  
entender por  
graça divina,  
como ela se  
manifesta nos  
homens que  
ilumina: a graça  
do Espírito  
Santo é Luz.**

**Toda a Sagrada  
Escritura fala  
disso. Davi, o  
antepassado do  
Deus homem,  
disse: "Tua  
palavra é  
lâmpada para os**



**meus pés, e luz  
para o meu  
caminho" (Salmo  
118, 105). Em  
outros termos, a  
graça do  
Espírito Santo,  
que a lei revela  
na forma dos  
mandamentos  
divinos, é minha  
luminária e  
minha luz e, se  
não fosse essa  
graça do  
Espírito Santo,  
"que com tanto  
trabalho me  
esforço por  
adquirir, me  
interrogando  
sete vezes ao  
dia de sua  
verdade" (Salmo  
118, 164),  
"como, entre as  
numerosas  
preocupações  
inerentes à  
minha condição  
real, poderia  
encontrar em  
mim uma só  
chispa de luz  
para me  
iluminar acerca  
do caminho da  
vida enegrecida  
pelo ódio de  
meus  
inimigos?"**

**De fato, o**

**Senhor muitas vezes mostrou, na presença de numerosas testemunhas, a ação da graça do Espírito Santo sobre os homens que ele havia iluminado e ensinado através de grandiosas manifestações. Lembrai-vos de Moisés, depois de sua conversa com Deus sobre o Monte Sinai (Exod.34,30-35). Os homens não podiam olhá-lo de tal modo seu rosto brilhava com uma luz extraordinária. Era mesmo obrigado a se mostrar ao povo com a face recoberta com um véu. Lembrai-vos da transfiguração do Senhor no Tabor. "E ali foi transfigurado diante deles. O seu rosto resplandeceu como o Sol, e suas vestes se tornaram**

**brancas como a luz... Os discípulos ouvindo a voz, muito assustados, caíram com o rosto no chão". Quando Moisés e Elias apareceram revestidos da mesma luz "uma nuvem os encobriu para que não ficassem cegos" (Mat.17,1-8; Marc.9,2-8; Luc.9,28-37). É assim que a graça do Espírito Santo de Deus aparece numa luz inefável àqueles a quem Deus manifesta a sua ação.**

**Presença do Espírito Santo.**

**-Como poderei então, perguntei ao padre Serafim, reconhecer em mim a presença do Espírito Santo?**

**-É muito simples, respondeu ele. Deus disse: "O saber é fácil para o inteligente" (Prov. 14,6). Nossa desgraça é que nós não procuramos essa sabedoria divina que, não sendo deste mundo, não é presunçosa. Cheia de amor por Deus e pelo próximo, ela molda o homem para sua salvação. Foi falando dessa sabedoria que o Senhor disse: "Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade" (1 Tim.2,4). A seus apóstolos, que não tinham esta sabedoria, ele disse: "Ó insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram!" (Luc.24,25-27). E o Evangelho diz que ele "Ihes abriu a inteligência a fim de que pudessem compreender as Escrituras". Tendo adquirido essa sabedoria, os apóstolos sabiam sempre se o**

**Espírito de Deus estava ou não com eles e, cheios desse Espírito, afirmavam que sua obra era santa e agradável a Deus. Por isso em suas epístolas podiam escrever: "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós..." (Atos 15,28), e somente persuadidos como estavam de sua presença sensível, enviavam suas mensagens. Então, amigo de Deus, vede como é simples.**

**Respondi:**

**-Apesar de tudo, não compreendo como posso estar absolutamente certo de me encontrar no Espírito Santo. Como posso eu mesmo descrever em mim a sua manifestação?**

**O padre Serafim respondeu:**

**-Já vos disse que é muito simples e vos expliquei com detalhes como os homens se encontravam no Espírito Santo e como se deve compreender a sua manifestação em nós... Que vos falta ainda?**

**-Eu preciso, respondi,  
compreendê-lo  
verdadeiramente bem...**

**A luz incriada.**

**Então o padre Serafim  
me tomou pelos ombros  
e, apertando-os  
fortemente, disse:**

**-Estamos ambos, vós e  
eu, na plenitude do  
Espírito Santo. Por que  
não me olhais?**

**-Não posso, padre,  
olhar-vos. Brotam raios  
de vossos olhos. O  
vosso rosto tornou-se  
mais luminoso do que o  
Sol. Os olhos me  
doem...**

**O padre Serafim disse:**

**-Não tendes medo,  
amigo de Deus.  
Também vos tornastes  
tão luminoso quanto eu.  
Vós também estais  
agora na plenitude do  
Espírito Santo, de outro  
modo não teríeis podido  
me ver.**

**Inclinando a sua cabeça  
para mim, disse-me ao  
ouvido:**

**-Agradecei ao Senhor por vos ter concedido esta graça indizível. Vistes, nem mesmo fiz o sinal da cruz, no meu coração, em pensamento somente, rezei: "Senhor, tornai-me digno de ver claramente, com os olhos da carne, a descida do Espírito Santo como a teus servidores eleitos quando te dignaste aparecer-lhes na magnificência de tua glória!" E imediatamente Deus atendeu a humilde oração do miserável Serafim. Como não agradecer-lhe por esse dom extraordinário que a nós dois ele concede? Não é também sempre aos grandes eremitas que Deus manifesta assim a sua graça. Como mãe amorosa, essa graça se dignou consolar o vosso coração desolado, a pedido da própria Mãe de Deus. Mas, por que não me olhais nos olhos? Ousai olhar-me sem temor, Deus está conosco.**

**Depois destas palavras, levantei os olhos para o rosto e um medo maior**

**ainda tomou posse de mim. Imaginai-vos no meio do Sol, na claridade mais forte de seus raios de meio dia, o rosto de um homem que vos fala. Vedes o movimento de seus lábios, a expressão cambiante de seus olhos, vós ouvis o som de sua voz, sentis a pressão de suas mãos, mas, ao mesmo tempo, não percebeis nem as suas mãos, nem o seu corpo, nem o vosso, nada senão uma esplendorosa luz se propagando ao redor, a uma distância de muitos metros, iluminando a neve que recobria a campina e caía sobre o grande staretz e sobre mim. Pode-se representar a situação na qual me encontrava então?**

**-Que sentis agora?, perguntou o staretz.**

**-Sinto-me extraordinariamente bem.**

**-Como "bem"? Que quereis dizer por "bem"?**

**-Minha alma está cheia de um silêncio e de uma**



**paz inexplicável.**

**-Aí está, amigo de Deus, esta paz da qual o Senhor falava quando ele dizia a seus discípulos: "Deixo-vos a minha paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas porque não sois do mundo e minha escolha vos separou do mundo, o mundo por isso vos odeia. Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. Tende coragem, eu venci o mundo" (João 14,27; 15,19; 16,33). É a esses homens eleitos por Deus, mas odiados pelo mundo, que Deus dá a paz que sentis agora, "a paz de Deus", diz o apóstolo, "que excede toda a compreensão" (Filip.4,7). O apóstolo denomina-a assim porque nenhuma palavra pode exprimir o bem estar espiritual que ela faz nascer nos corações dos homens em que o Senhor a implanta. Ele mesmo a chama sua paz (João 14,27). Fruto da generosidade de Cristo e não deste mundo, nenhuma felicidade**

**terrena a pode dar.  
Enviada do alto pelo  
próprio Deus, ela é a  
paz de Deus... Que  
sentis agora?**

**-Uma delícia  
extraordinária.**

**-É a delícia de que fala a  
Escritura. "Eles ficam  
saciados com a gordura  
de tua casa, tu os  
embriagas com um rio  
de delícias" (Salmo  
35,9). Ela transborda do  
nosso coração, derrama-  
se em nossas veias,  
traz-nos uma sensação  
de delícia inexprimível...  
Que sentis ainda?**

**-Uma extraordinária  
alegria em todo o meu  
coração.**

**-Quando o Espírito  
Santo desce sobre o  
homem com a plenitude  
de seus dons, a alma  
humana fica cheia de  
uma alegria  
indescritível. É dessa  
alegria que o Senhor  
fala no Evangelho  
quando diz: "Quando  
uma mulher está para  
dar à luz, entristece-se  
porque a sua hora  
chegou; quando,  
porém, nasce a criança,  
ela já não se lembra dos  
sofrimentos, pela**

**alegria de ter vindo ao mundo um homem. Também vós, agora, estais tristes; mas eu vos verei de novo e vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria" (João 16,21-22).**

**Por grande e consoladora que ela seja, a alegria que sentis neste momento nada é, em comparação com aquela da qual o Senhor disse através de seu apóstolo: "O que os olhos não viram, o que os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam" (1 Cor.2,9). O que nos é concedido presentemente é apenas uma antecipação dessa alegria suprema. E, se desde agora, nós sentimos deleite, júbilo e bem estar, que dizer desta outra alegria que nos está reservada no céu, depois de ter, aqui na terra, chorado? Já haveis chorado bastante em vossa vida e vede que consolação na alegria o Senhor vos dá aqui na terra. Cabe a nós, agora, amigo de**

**Deus, trabalhar com todas as nossas forças para subirmos de glória em glória "até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado do homem perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo" (Efés.4,13). "Os que põe sua esperança em Javé renovam as suas forças, formam asas como as águias, correm e não se fatigam, caminham e não se cansam" (Isaías 40,31). "Eles caminham de terraço em terraço e Deus lhes aparece em Sião" (Salmo 83,8). É então que a nossa alegria atual, pequena e breve, se manifestará em toda a sua plenitude e ninguém nos poderá arrebatá-la, repletos como estaremos de indizíveis gozos celestes. Que sentis, ainda, amigo de Deus?**

**-Um calor extraordinário.**

**-Como, um calor? Não estamos na floresta, em plena neve? A neve está sob os nossos pés, estamos cobertos dela e ela continua caindo...**

**De que calor se trata?**

**-Um calor semelhante ao de um banho de vapor.**

**-E o cheiro é como no banho?**

**-Oh, não! Nada sobre a terra se pode comparar a esse perfume. No tempo em que a minha mãe vivia, ainda gostava de dançar e quando eu ia a um baile, ela me aspergia perfumes que comprava nas melhores lojas de Kasan e pagava muito caro. O seu odor não é comparável a estes aromas.**

**O padre Serafim sorriu.**

**-Eu sei, meu amigo, tanto quanto vós, e é de propósito que vos interrogo. É bem verdade, nenhum perfume terreno pode ser comparado ao bom odor que respiramos neste momento, o bom odor do Espírito Santo. O que pode, sobre a terra, ser-lhe comparado? Dissestes, ainda há pouco, que fazia calor, como no banho. Mas olhai, a**

**neve que nos cobre, a vós e a mim, não se derrete, assim como a que está aos nossos pés. O calor não está no ar, mas no nosso interior. É este calor que o Espírito Santo nos faz pedir na oração: "Que teu Espírito Santo nos aqueça". Este calor permitia aos eremitas, homens e mulheres, não temerem o frio do inverno, envolvidos, como estavam, como que num manto de peles, numa veste tecida pelo Espírito Santo.**

**É assim que, na realidade, deveria ser, habitando a graça divina no mais profundo de nós, em nosso coração. O Senhor disse: "O Reino de Deus está dentro de vós" (Luc.17,21). Por Reino de Deus ele entende a graça do Espírito Santo. Este Reino de Deus está em nós, agora. O Espírito Santo nos ilumina e nos aquece. Enche o ar de perfumes variados, alegra os nossos sentidos, sacia o nosso coração com alegria indizível. O nosso estado atual é**

**semelhante àquele do qual fala o apóstolo: "Porquanto o Reino de Deus não consiste em comida e bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Rom.14,17). A nossa fé não se baseia em palavras de sabedoria terrena, mas na manifestação do poderio do Espírito. Trata-se do estado em que estamos atualmente e que o Senhor tinha em vista quando dizia: "Em verdade vos digo que estão aqui presentes alguns que não provarão a morte até que vejam o Reino de Deus chegando com poder" (Marc.9,1).**

**Eis aí, amigo de Deus, a alegria incomparável que o Senhor se dignou conceder-nos. Eis o que é estar "na plenitude do Espírito Santo". É isto o que entende São Macário, o Egípcio, quando escreve: "Eu mesmo estive na plenitude do Espírito Santo". Humildes quanto somos, o Senhor nos encheu da plenitude de seu Espírito. Parece-me que, a partir deste**

**momento, não tereis de  
me interrogar mais  
sobre a maneira como  
se manifesta, no  
homem, a presença da  
graça do Espírito Santo.**

**Esta manifestação  
permanecerá para  
sempre em vossa  
memória.**

**-Não sei, padre, se Deus  
me tornará digno de me  
lembrar dela sempre  
com tanta nitidez como  
agora.**

**Difusão da mensagem.**

**-E eu,  
respondeu o  
staretz,  
julgo que,  
pelo  
contrário,  
Deus vos  
ajudará a  
guardar  
todas estas  
coisas para  
sempre, em  
vossa  
memória. De  
outro modo  
ele não teria  
sido tão  
rapidamente  
tocado pela  
humilde  
oração do**



**miserável  
Serafim e  
não teria  
atendido tão  
depressa o  
seu desejo.  
Além do  
mais, não é  
somente a  
vós que é  
dado ver a  
manifestação  
desta graça  
mas, por  
vosso  
intermédio,  
ao mundo  
inteiro. Vós  
mesmo  
assegurai-  
vos, sereis  
útil a outros.**

### **Monge e leigo.**

**Quanto a nossos  
estados diferentes, de  
monge e leigo, não vos  
preocupeis. Deus  
procura acima de tudo  
um coração cheio de fé  
nele e em seu Filho  
único, em resposta à  
qual envia do alto a  
graça do Espírito  
Santo. O Senhor  
procura um coração  
repleto de amor por Ele  
e pelo próximo; aí está  
um trono sobre o qual  
Ele gosta de sentar-se**

**e onde ele aparece na plenitude de sua glória. "Meu filho, dá-me o teu coração, e o resto eu te darei por acréscimo" (Prov.23,26). O coração do homem é capaz de conter o Reino dos Céus. "Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça", diz o Senhor a seus discípulos, "e todas estas coisas vos serão acrescentadas, pois Deus, vosso Pai, sabe do que precisais" (Mat.6,33).**

### **Legitimidade dos bens terrenos.**

**O Senhor não nos proíbe o gozo dos bens terrenos, e diz ele próprio que, dada a nossa situação aqui na terra, deles precisamos para dar tranqüilidade às nossas existências e tornar mais cômodo e fácil o caminho para a nossa pátria celeste.**

**E o apóstolo  
Pedro acha  
que nada há  
melhor no  
mundo do que  
a piedade  
unida ao  
contentamento.  
A Santa Igreja  
pede que isso  
seja dado.  
Apesar das  
penas, as  
desgraças, e  
as  
necessidades  
serem  
inseparáveis  
da nossa vida  
na terra, o  
Senhor jamais  
quiz que os  
cuidados e as  
misérias  
constituíssem  
toda a trama  
dela. E, por  
isso, pela  
boca do  
apóstolo nos  
manda  
carregar os  
fardos uns  
dos outros, a  
fim de  
obedecer a  
Cristo que  
pessoalmente  
nos deu o  
preceito de  
nos amarmos  
mutuamente.  
Reconfortados**

**por esse amor,  
a caminhada  
dolorosa pela  
via estreita  
que leva à  
nossa pátria  
celeste nos  
será facilitada.  
Não desceu o  
Senhor do céu  
não para ser  
servido, mas  
para servir e  
dar a sua vida  
pela redenção  
de muitos?  
(Mat.20,28;  
Marc.10,45).**

**Atuai do  
mesmo modo,  
amigo de  
Deus, e,  
consciente da  
graça da qual  
fostes  
visivelmente  
objeto,  
comunicai-a a  
todo homem  
desejoso da  
sua salvação.**

**Atividade missionária.**

**"A colheita é grande", diz o Senhor, "mas poucos os operários" (Mat. 9, 37-38; Luc. 10, 2). Tendo recebido os dons da graça, somos chamados a trabalhar colhendo as espigas da salvação do nosso próximo, para os recolhermos no celeiro, em grande número, no Reino de Deus, a fim de que produzam seus frutos, uns trinta, outros sessenta, e outros cem. Estejamos atentos para não sermos condenados com o servo preguiçoso que enterrou o dinheiro a ele confiado, mas tratemos de imitar os servos fiéis que devolveram ao Mestre um, em vez de dois talentos, quatro,**

**e o outro, em vez  
de cinco  
talentos, dez.  
Quanto à  
misericórdia  
divina, não se  
pode duvidar  
dela: vede vós  
mesmo como as  
palavras de  
Deus, ditas por  
um profeta, se  
realizaram por  
nós. "Sou, por  
acaso, Deus  
apenas de  
perto" (Jer.23,23).**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **9. Primeiras considerações sobre o diálogo com Motovilov.**

A beleza deste diálogo ocorrido há tanto tempo toca a sensibilidade daqueles que o lêem. Não devemos, porém, perder a oportunidade de nos lembrar que Serafim somente chegou a esta plenitude do Espírito Santo porque ao ter ouvido o chamado de Deus a Ele se entregou de corpo e alma; dedicou-se, esforçou-se, colaborou intensamente com a graça. Estudou as Sagradas Escrituras, assimilou o seu conteúdo, praticou as virtudes, viveu da oração, pôs toda a sua esperança em Deus a quem amou entranhadamente. O Senhor recompensou a sua fé enviando-lhe do alto o Espírito Santo, com o qual Serafim passou a fazer todas estas coisas com um coração mais puro e mais intensamente. Mas se ele tivesse esperado passivamente que Deus o escolhesse entre todos os homens para enviar-lhe o Espírito Santo hoje ele não estaria no Reino de Deus. Que faça a experiência quem achar o contrário. Por isso é que Jesus disse: "Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque muitos tentarão entrar e não conseguirão". É como se dissesse: é mais estreito do que pensais. Mas ele nos disse isso porque nos ama, porque nos quer fazer acordar e porque deseja a nossa felicidade. Que lição para nós! Que fazemos do precioso tempo da vida que Deus nos concede para que possamos aprender a caminhar na sua luz? "Nós procedemos como loucos", diz o profeta no Velho Testamento; "mas os olhos do Senhor contemplam toda a terra e inspiram força aos que confiam nEle com um coração perfeito" (2 Cron. 16,9). Se as pessoas procurassem a graça do Espírito Santo com a mesma ganância, com o mesmo esforço, com as mesmas preocupações, com as mesmas inclinações, com a mesma vigilância, com a mesma solicitude com que procuram sexo e bem estar, como o mundo não seria diferente, como as pessoas não seriam diferentes, como não seriam mais felizes, como não floresceria na terra a vida do céu! É precisamente isto o que significam aquelas palavras das Sagradas Escrituras: "Os que são da carne, gostam das coisas da carne; os que são do espírito, gostam das coisas do espírito" (Rom. 8,5). "O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do espírito é espírito" (João 3,6). "O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita" (João 6,64). E também: "Aquele que não nascer de novo, não pode entrar no Reino de Deus" (João 3,3). É preciso refletir muito sobre estas palavras e tomar uma decisão séria. Jesus não se cansa de nos

advertir de que não se pode servir a dois senhores (Mat 6,24).  
"Onde estiver o nosso tesouro, ali também estará o nosso  
coração" (Mat 6,21).

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **10. A essência do Evangelho.**

### **Introdução.**

**No diálogo com Motovilov, primeiro padre Serafim nos disse que a finalidade da vida cristã é a obtenção do Espírito Santo. Em seguida, procurou mostrar a Motovilov o que é o dom do Espírito Santo. Na Summa Theologiae, escrita quase seiscentos anos antes deste diálogo, Santo Tomás de Aquino nos diz que o Espírito Santo é a**

**própria  
essência  
do  
Evangelho.  
A seguinte  
passagem  
é tirada da  
questão  
número  
106 da  
primeira  
parte da  
segunda  
parte da  
Summa  
Theologiae  
de Santo  
Tomás.**

**Texto da Summa Theologiae de S.Tomás de Aquino,  
questão 106 da primeira parte da segunda parte.**

**Qual é a  
essência da  
Evangelho,  
pergunta Santo  
Tomás, ou, o que  
é o mesmo, "em  
que consiste a  
Nova Lei trazida  
por Cristo?**

**Dizem os  
filósofos que  
cada coisa  
parece ser o que  
nela há de  
principal.**

**Ora, o que é  
principalíssimo**

**na Lei do Novo  
Testamento, e  
que é aquilo em  
que consiste  
toda a sua força,  
é a graça do  
Espírito Santo,  
que nos é dada  
pela fé em Cristo.**

**Portanto, o  
Evangelho, ou a  
Nova Lei,  
consiste  
principalmente  
na própria graça  
do Espírito  
Santo, que é  
dada por Cristo  
aos fiéis.**

**Secundariamente,  
porém, o  
Evangelho  
consiste também  
nos  
mandamentos  
escritos, que  
servem para  
dispor o homem  
para a graça do  
Espírito Santo.  
Estes  
mandamentos  
são todas  
aquelas coisas  
que é preciso  
saber para que  
se manifeste a  
divindade e a  
humanidade de  
Nosso Senhor  
Jesus Cristo e**

**são também  
todas aquelas  
coisas que nos  
ensinam a  
desprezar o  
mundo, pois é  
através destas  
coisas que o  
homem se torna  
capaz da graça  
do Espírito  
Santo. De fato,  
no Evangelho de  
S. João as  
Sagradas  
Escrituras dizem  
que "o mundo  
não pode receber  
o Espírito  
Santo"; quando  
elas dizem "o  
mundo", estão  
se referindo às  
pessoas que  
amam o mundo".**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **11. Segundo comentário ao diálogo com Motovilov.**

Para se entender mais corretamente os ensinamentos contidos nas palavras de S. Serafim e nas questões da Summa Theologiae, devemos observar que no diálogo com Motovilov o padre Serafim não explicou, nem procurou fazer com que seu amigo experimentasse os principais efeitos que o Espírito Santo produz na alma daqueles que caminham de coração aberto em busca do Reino de Deus. Os efeitos principais que o Espírito Santo produz na alma daqueles que se aproximam de Deus pelo trabalho de santificação que nos é descrito nas Sagradas Escrituras são mais profundos do que os apontados por S. Serafim e são difíceis de serem compreendidos por aqueles que não passaram por eles. Este trabalho de santificação é, ademais, normalmente muito longo e exige, além do auxílio da graça divina, sem o qual se torna impossível, muita renúncia e muitos anos de perseverança. Por isso, o que padre Serafim mostrou ao seu amigo foram alguns efeitos secundários da graça do Espírito Santo, apenas para que ele, e para que nós junto com ele, tivéssemos um ponto de referência para poder nos orientar melhor na condução da vida cristã. A luz que brotava dos olhos do padre Serafim, a paz inexplicável que enchia o coração dos amigos, a alegria indescritível que Motovilov diz estar sentindo, não são os efeitos principais do Espírito Santo na alma humana quando esta procura se aproximar de Deus através de Cristo. Os principais efeitos do Espírito Santo no processo de santificação do homem se manifestam gradativamente e são os seguintes.

**Primeiro, o temor de Deus e a fuga do pecado.**

**Segundo, uma prontidão cada vez maior para buscar as coisas do alto e não pensar nas coisas da terra, bem de acordo com o que está escrito na Epístola aos Romanos: "Os que são segundo a carne, gostam das coisas que são da carne; mas os que são segundo o Espírito, gostam das coisas que são do espírito" (Rom. 8,5).**

**Terceiro, uma vida em que a virtude da fé é sempre mais firme, isto é, em que a certeza da fé é sempre mais profunda, e sempre mais constante, isto é, em que a vivência da fé é sempre mais**

**frequente.**

**Quarto, uma clareza cada vez maior no conhecimento de Deus e no entendimento das verdades da fé, tanto quanto é possível ao homem.**

**Quinto, e o principal de todos, um amor para com Deus sempre crescente. Depois que os efeitos anteriores se manifestaram e amadureceram suficientemente, este amor começa a aumentar de um modo que as próprias pessoas que amam assim a Deus sequer supunham que seria possível à natureza humana a vivência de um amor tão grande.**

**Finalmente, em sexto lugar, pelo efeito deste amor tão grande que é infundido na alma humana, quando este se torna de uma ordem de magnitude como o que havia na alma de S. Serafim, -e um amor assim não pôde ter sido vivido por Motovilov naqueles breves momentos em que durou o diálogo- , este mesmo amor leva aquele conhecimento de Deus e aquele entendimento das verdades da fé que havia na alma para um plano superior de vivência. Este plano superior de vivência não é a visão de Deus, que talvez além de Jesus mais ninguém o teve na terra, mas é um conhecimento de Deus da mesma natureza que aquele que nos é dado pela fé, porém situado num plano bem mais alto. Trata-se daquela verdade que Jesus disse que seria conhecida por aqueles que seguissem os seus mandamentos, e que é a forma de conhecimento mais alta que um ser humano pode alcançar na terra se ajudado a tanto por Deus.**

**De onde que se deduz que os principais efeitos do Espírito Santo na alma que se santifica na busca de Deus são um amor extraordinariamente elevado, muito maior do que o comum das pessoas concebem que possa existir, e o conhecimento da verdade. Estes dois efeitos não foram manifestados a Motovilov no diálogo com padre Serafim porque se isso tivesse acontecido, Motovilov teria alcançado em questão de momentos aquilo que ordinariamente a graça só concede aos homens depois de muitos anos de perseverança na vida das virtudes, as quais são também efeitos dela. Mas Deus concedeu-lhe vivenciar aqueles efeitos secundários do Espírito Santo para que, tendo estes por referência, pudesse compreender quão grandes coisas Deus prepara para aqueles que o amam, às quais todos nós somos convidados por meio do Evangelho de**

**Jesus.**

**Muito tempo antes de Jesus, Isaías havia tratado deste assunto em uma célebre profecia de que vamos tratar a seguir.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **12. Os dons do Espírito Santo.**

### **Introdução.**

**Seiscentos  
anos antes  
de Cristo,  
Isaías fez  
uma  
profecia a  
respeito  
de Jesus.  
Esta  
profecia  
nos foi  
conservada  
no décimo  
primeiro  
capítulo de  
seu livro,  
nos versos  
1 e 2.**

### **Texto de Isaías 11,1-2.**

**"Sairá um  
ramo do  
tronco de  
Jessé,  
e um rebento  
brotará de  
sua raiz.**

**Repousará  
sobre ele  
o espírito do  
Senhor,**

**espírito de**



sabedoria  
e  
entendimento,

espírito de  
conselho  
e fortaleza,

espírito de  
ciência  
e de piedade,

e sobre ele  
estará o  
espírito  
de temor do  
Senhor".

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **13. Comentário à profecia de Isaías.**

**Na profecia com que se inicia o capítulo 11 de Isaías, Jessé é o pai de Davi, de cuja descendência nasceu Jesus. O ramo que sairá do tronco de Jessé de que fala o profeta Isaías, é, portanto, Nosso Senhor Jesus Cristo.**

**Esta profecia afirma que Jesus Cristo seria repleto dos dons do Espírito Santo, e, ademais, enumera sete dons do Espírito Santo, aos quais chama de sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor do Senhor.**

**Apesar desta profecia se referir em primeiro lugar a Cristo, ela se refere também a nós, porque foi o próprio Cristo que disse, quando orava por nós ao Pai: "Eu dei-lhes a glória que tu me deste" (João 17,22). Além disso, em conformidade com esta oração de Cristo, as Sagradas Escrituras prometem a todos aqueles que crerem no Cristo que "participarão de sua plenitude" (João 1,16). Portanto, estes sete dons do Espírito Santo são também qualidades com que a graça divina adorna a alma dos fiéis, através das quais eles podem ser conduzidos com mais docilidade pelo Espírito Santo. Eles correspondem a sete modos pelos quais o Espírito Santo costuma conduzir aqueles que vivem da fé e do amor, e são enumerados por Isaías segundo uma ordem decrescente, o mais elevado deles sendo aquele que está no início da lista, que é o dom de sabedoria.**

**Todos os homens que vivem em estado de graça possuem os sete dons do Espírito Santo, que são infundidos na alma quando nos convertemos a Deus pela fé e pelo amor. À medida em que crescemos na virtude, todos os sete dons crescem juntos, cada um, porém, se manifestando com maior predominância na ordem inversa à exposta pelo profeta Isaías, como se existissem sete dias ou sete etapas no desenvolvimento da vida cristã, em cada uma destas etapas se manifestando com mais evidência este ou aquele dentre os sete dons do Espírito Santo.**

**Assim, no início da vida cristã primeiro se manifesta mais acentuadamente o dom de temor, embora todos os sete estejam presentes. À medida em que progredimos na vida da graça, passa a manifestar-se com maior predominância o dom de**

**piedade; com isto, porém, todos os outros dons crescem paralelamente, e o dom de temor, que já havia se manifestado no dia anterior, passa, quando surge o dia do dom da piedade, para um plano superior de vivência. Já não é mais o temor como aquele com que iniciamos a vida cristã; é um temor condizente com uma vida em que se manifesta mais marcadamente o dom de piedade. Em seguida, manifesta-se o dom de ciência, elevando, com ele, os dons de temor e de piedade a um plano ainda superior de vivência. E assim sucessivamente, até chegar o dia do dom da sabedoria, que é o mais alto de todos os dons do Espírito Santo.**

**Pelo dom de temor, o primeiro dos dons do Espírito Santo, nos é infundido um respeito reverencial por Deus, pelas coisas sagradas e pelos homens, devido ao fato de que a existência e a vida deles, quer eles o admitam ou não, está relacionada com Deus. Nossa consciência começa a tornar-se mais delicada, o pecado a aflige mais do que ao comum dos homens que vivem afastados da graça e temos medo ou até pavor de suas conseqüências espirituais. Compreendemos, dependendo da intensidade com que o Espírito Santo nos ilumina, nossa indigência espiritual e, quanto mais a compreendemos, esta compreensão nos move a um interesse maior pelas coisas de Deus. No início da vida cristã este temor possui um caráter que se chama de servil; à medida em, que vão, porém, se manifestando os demais dons do Espírito Santo, este temor inicial não desaparece, mas vai se tornando cada vez mais acentuadamente o que se chama de temor filial.**

**O dom de piedade, quando passa a se manifestar com maior predominância, faz com que o temor de Deus se torne mais maduro. Como o nome o diz, nos tornamos mais piedosos, tanto para com Deus como para com os homens. As pessoas se tornam mais mansas e compreensivas, perdoam com mais facilidade, cumprem seus deveres religiosos mais por uma conaturalidade para com eles do que obrigados pelo medo do pecado.**

**Pelo dom de ciência se inicia uma compreensão mais profunda de como os mandamentos de Deus não são preceitos arbitrários dados ao acaso por um Deus que até teria direito de proceder assim se o quisesse, mas que, em vez disso, os ordenou tendo em vista com eles o nosso bem, por conhecer todas as coisas**

**muito melhor do que nós o podemos fazer. Percebemos cada vez mais que os seus mandamentos não são uma simples imposição de autoridade, mas são o caminho para uma liberdade com que o comum das pessoas não consegue atinar. Ainda que não o expressemos com palavras, passamos a nos comportar como se estivéssemos percebendo por nós mesmos que existe uma ciência do uso das criaturas por parte do homem, e que o homem surgiu sobre a terra como se ela tivesse sido preparada propositalmente para que, quando o homem surgisse, ele usasse desta ciência para, através das criaturas, elevar-se a alguma coisa muito alta, e não para fazer delas aquilo que o seu capricho bem entendesse. A vida daqueles que vivem inteiramente alheios a este conhecimento nos parece tão intolerável que nos causa repugnância e, se antes de nos termos convertido a Deus tínhamos vivido desta maneira, isto nos causa, mais do que simples remorso, verdadeira repulsa. "Meu coração se espanta e minha alma se aterroriza", dizia Santo Antão em uma de suas cartas, "pois nós mergulhamos no prazer como gente embriagada de vinho, porque nos deixamos distrair por nossos desejos, deixamos reinar em nós a vontade própria e recusamos elevar nossos olhos para o céu buscando a glória celeste; incapazes de exercermos nossa inteligência segundo o estado da criação original, inteiramente privados de razão, nos sujeitamos à criatura em vez de servir ao Criador". É impossível alguém enxergar isto tão claramente se o Espírito Santo não lhe tiver concedido o dom de ciência. Se pelo dom de piedade o temor de Deus se tinha tornado mais delicado, o dom de ciência parece nos mostrar a existência de um fundamento muito claro tanto para a piedade como para o temor.**

**Pelo dom de fortaleza a existência de algo mais elevado preparado por Deus para ser buscado pelos homens se nos torna tão manifesta que passamos a partir em sua procura com tanto empenho que isto se evidencia diante dos homens como uma determinação tão profunda e inquebrantável a que aparentemente nada pode corromper. É aqui que os homens começam a aspirar com seriedade à santidade. A fortaleza imprime uma marca inconfundível tanto no temor, como na piedade e na ciência.**

**A prática abundante das obras de misericórdia costuma estar associada com a vida das pessoas que se propõem à busca da santidade com a determinação do dom da fortaleza. Isto ocorre**

porque elas já não são mais tão guiadas em suas decisões pelo egoísmo e pelos impulsos das paixões; com isso seu entendimento se abre para uma percepção mais aguda dos problemas graves que afligem o próximo do que o das as pessoas que ainda estão passionalmente envolvidas com seus problemas pessoais e que não têm tempo nem disposição para os perceber. Ocorre, porém, que sempre o sofrimento de outros é objetivamente muito maior, mais grave, mais profundo do que os nossos problemas pessoais, e, ademais, afeta um número de pessoas muito maior do que aqueles a quem podemos efetivamente ajudar. Isto faz com que o envolvimento com o sofrimento humano, e de modo especial neste caso em que ele ocorre não por causa de alguma circunstancialidade ou algum problema pessoal, mas por causa de uma clara percepção da gravidade e da extensão deste sofrimento em si mesmo, exige por natureza um aperfeiçoamento daquela sabedoria prática que é a virtude a que denominamos de prudência. Segundo diz Ricardo de São Vítor no Benjamin Minor, a prudência é, na ordem, a última das virtudes que se aperfeiçoa no homem antes que nele se manifestem as virtudes contemplativas. A prudência está associada a capacidade do conselho dado com sabedoria. O dom de conselho é, assim, o modo externo de como se manifesta diante dos homens aquela conaturalidade para com a prática da misericórdia daqueles que estão se aproximando de Deus.

A santidade eminente que as Sagradas Escrituras nos relatam ao narrarem as vidas dos patriarcas e dos profetas do Velho Testamento e as dos apóstolos e mártires do Novo principia propriamente pelo dom de entendimento e se torna madura pelo dom de sabedoria. O dom de entendimento produz uma tal pureza de alma daqueles que são assim conduzidos pelo Espírito Santo que eles passam a compreender com impressionante clareza o sentido mais profundo das Sagradas Escrituras e das coisas divinas. "O nome entendimento", diz Santo Tomás de Aquino, "implica um conhecimento íntimo; significa ler dentro; é aquele conhecimento da inteligência que penetra até à essência da coisa". Pelo dom de entendimento compreendemos "de um modo límpido e claro", diz ainda Santo Tomás de Aquino, o sentido das coisas que são ensinadas por Deus e que parecem obscuras ou até mesmo incompreensíveis para a maioria dos homens, muitas vezes inclusive para aqueles que passaram a vida inteira estudando, mas sem buscar

**verdadeiramente a Deus. Mais ainda, sua beleza se nos manifesta com tal evidência que passamos a contemplá-las habitualmente em nossa alma e com prazer sempre crescente. Os homens que são movidos pelo dom de entendimento são pessoas que vivem habitualmente da fé, e a fé neles é tão intensa que já é como uma posse antecipada da substância das coisas que eles esperam no céu (Heb. 11,1). É a estas pessoas que Jesus se referia quando dizia: "Bem aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mat.5,8). Mais ainda, aqueles que são movidos pelo dom de entendimento têm uma facilidade como que conatural para explicar aos outros o significado das coisas divinas; se isto ocorre com pessoas que têm familiaridade com a terminologia e o conhecimento teológico, surgem daí aquelas obras primas da Teologia como a Summa Theologiae de Santo Tomás de Aquino, o Tratado da Santíssima Trindade de Ricardo de São Vitor, Os Três Dias de Hugo de São Vitor, e muitas outras mais. A beleza extraordinária destes escritos, a profunda sobrenaturalidade que neles se respira, a impressão que elas produzem de estarmos em contato com algo celeste, é conseqüência de terem sido escritas por alguém em que se manifestava a atuação do dom de entendimento. O dom de entendimento é, também, com isso, o modo pelo qual o Espírito Santo confere aos homens uma aptidão especial para o ensino das coisas sagradas.**

**O dom de sabedoria está associado à mais profunda forma de conhecimento que é possível, com o auxílio da graça, ao ser humano. Ele é de uma ordem mais elevada do que o dom de entendimento e muitíssimo mais ainda do que as formas usuais de conhecimento existentes entre os homens. A causa deste conhecimento é também diferente nos três casos. No conhecimento usual dos homens, a causa do conhecimento é o esforço que o homem faz em aprender. No dom de entendimento, a causa é o agir do Espírito Santo sobre a inteligência do homem já adiantado na vida das virtudes. No caso do dom de sabedoria a causa é uma vivência supereminente do amor a Deus, amor este movido pela atuação do Espírito Santo. Este amor se torna tão intenso e tão mais acima daquele que os homens normalmente costumam experimentar que através dele Deus infunde na alma uma outra forma de conhecimento mais alta do que o que provém do dom de entendimento. Por isso é que este dom se chama de sabedoria; segundo o modo comum de entender dos homens,**

sabedoria é o mais elevado conhecimento possível. Assim também entre os dons do Espírito Santo enumera-se o dom de sabedoria, por meio do qual o Espírito Santo nos move ao mais elevado conhecimento possível e à mais elevada forma de contemplação que o homem pode alcançar. A causa próxima da contemplação produzida pelo dom de sabedoria não é uma ação direta do Espírito Santo sobre a inteligência, mas o modo supereminente da vivência do amor a Deus produzida em nós pela graça do Espírito Santo que Jesus prometeu aos que seguissem os seus preceitos. "Deus nunca dá esta sabedoria sem amor", diz São João da Cruz, "pois é o próprio amor que a infunde, como afirma o profeta Jeremias quando diz: `Enviou o Senhor fogo aos meus ossos, e ensinou-me'". O dom de sabedoria, desta maneira, leva o preceito do amor a Deus às suas máximas possibilidades; as pessoas que são conduzidas pelo dom de sabedoria amam a Deus como Jesus ensinou que deveríamos amá-Lo, isto é, conforme vimos, "com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, como todo o nosso entendimento, com todas as nossas forças". É humanamente impossível praticar este mandamento em todo o seu real significado sem o auxílio do dom de sabedoria. O dom de sabedoria, ademais, eleva ao seu mais alto nível todos os outros dons do Espírito Santo cujas manifestações o precederam; com isto, também, a vida de todas as virtudes alcança o seu grau máximo. "Aqueles que alcançaram o dom de sabedoria", diz um teólogo dominicano recente, "parecem ter perdido completamente o sentido do humano e o terem substituído pelo sentido do divino com que vêem e julgam a todas as coisas. Teriam que fazer-se uma grande violência para descer aos pontos de vista com que a mesquinhez humana julga todas as coisas. Não chamam desgraça ao que os homens costumam chamá-la, isto é, uma enfermidade, uma perseguição, a morte, mas unicamente àquilo que o é na realidade, por sê-lo diante de Deus, isto é, ao pecado, à indiferença, à infidelidade à graça divina. As maiores provações, sofrimentos e contrariedades não conseguem perturbar um só momento a paz inefável de suas almas, como se eles já estivessem na eternidade. Mas o efeito mais impressionante diante dos homens do dom de sabedoria é a morte total ao próprio eu. Aqueles que são conduzidos pelo dom de sabedoria amam a Deus com um amor puríssimo, apenas por sua infinita bondade, sem mistura de interesse ou de motivos humanos, sem, porém renunciar ao céu, o que na verdade desejam mais do que nunca, mas apenas porque deste

modo poderão amar a Deus com maior intensidade". Mas, ao contrário do dom de entendimento, que permite ao homem ensinar com mais perfeição as coisas de Deus, nem sempre é possível dar conta do que se aprende pelo dom de sabedoria. Segundo Santo Tomás de Aquino, o conhecimento que advém pelo dom de sabedoria é algo de deiforme; através dele podemos conhecer a Deus mais profundamente e amá-Lo até ao limite de nossas possibilidades, mas nem sempre é possível explicar o que dele se conhece desta maneira. Ocorre, porém, que quando se manifesta o dom de sabedoria no homem, todos os demais dons, e com eles o dom de entendimento, sobem para um plano mais elevado, de modo que, indiretamente, através do efeito que o dom de sabedoria produz sobre o dom de entendimento, aqueles que o alcançaram podem ensinar mais plenamente do que aqueles que chegaram apenas ao dia do entendimento.

Deduz-se, ademais, desta longa explicação, uma outra importante conclusão. Na segunda aula afirmamos que os objetivos da vida cristã são o amor a Deus e ao próximo; que amar a Deus se torna realidade através do trabalho de nossa santificação, sem o qual não é possível amar a Deus; que o amor ao próximo se torna uma realidade mais plena através do ensino, que é, para Jesus, a prova de amor que ele deseja de nós. Vemos agora, porém, que nenhuma destas duas coisas é possível sem o Espírito Santo, pois é através do dom de entendimento que o homem se torna verdadeiramente capaz de ensinar e é através do dom de sabedoria que o homem se torna verdadeiramente capaz de amar a Deus. Aos dois maiores mandamentos correspondem também os dois maiores dons. Ao mandamento do amor a Deus, que é o maior de todos os mandamentos, corresponde o dom de sabedoria, que é o maior de todos os dons do Espírito Santo. Ao segundo mandamento, o do amor ao próximo, corresponde o dom de entendimento, que é também o segundo dentre os dons do Espírito Santo. E assim como o dom de entendimento alcança sua plenitude quando se eleva sob a influência do dom de sabedoria, assim também o amor ao próximo somente alcança toda a sua perfeição quando toma a sua força do preceito do amor a Deus. Para que possamos realizar ambas estas coisas o Senhor nos convida insistentemente a que removamos todos os obstáculos e posterguemos todos os nossos cuidados, para, com o melhor de nossas forças, nos colocarmos ao seu serviço. Depois ainda



**nos pergunta, no décimo terceiro capítulo do Evangelho de São João:**

***"Compreendeis  
o (convite) que  
vos fiz? Se  
compreendeis  
estas coisas,  
sereis felizes  
se as  
praticardes"***

**João  
13,17**

**Eis o eterno convite, que a tantos comoveu tão profundamente e os levou a abraçarem o Evangelho. Teriam-no compreendido também aqueles que lêem estas linhas? Desejam também eles a felicidade? Eis o que o Cristo nos pergunta, porque nos ama e nos ama muito. E até antes de Jesus as Sagradas Escrituras interpelavam os homens a este respeito:**

***"Vinde,  
meus  
filhos",***

**diz o Salmo 33,**

**"e eu  
vos  
ensinarei  
o temor  
do  
Senhor.  
Qual é o  
homem  
que  
quer a  
vida, e  
deseja  
ver dias  
felizes?"**

**Esta interpelação não foi feita em vão. Atravessou os séculos e, um certo dia, ao ler esta passagem, São Bento entendeu o que Deus quiz dizer:**

**"Que pode  
haver de  
mais doce  
para nós,  
caríssimos",**

**disse ele,**

**"do que  
esta voz  
do  
Senhor  
a  
convidar-  
nos?"**

**O  
Senhor  
procura  
o seu**

**operário  
na  
multidão  
do povo  
ao qual  
diz  
estas  
coisas!**

**Eis que  
pela sua  
piedade  
nos  
mostra o  
Senhor  
o  
caminho  
da  
vida!"**

**Hoje São Bento está no céu, junto de Deus, para sempre. Dali o seu exemplo e a sua vida continuam a nos interpelar para que acordemos do nosso sono tão profundo. Diz também a Sagrada Escritura:**

**"Desperta,  
ó tu que  
dormes;  
levanta-te  
dentre os  
mortos, e  
Cristo te  
iluminará"**

**Ef .  
5,14**

**Embora estas expressões se apliquem a toda a humanidade, a**

**maioria dos homens age como se elas se aplicassem apenas aos outros. Pode existir sono maior do que este?**

**A existência das Sagradas Escrituras é uma prova do quanto Deus nos ama e se importa conosco. Em sua preocupação por nós, providenciou para que elas se esparramassem por todos os cantos da terra, por todas as suas cidades, e até mesmo para dentro de quase todos os lares, para que os seus filhos só não as lessem se não o quisessem. Não existe nada que possa ser tão facilmente encontrado por qualquer um em qualquer lugar e a qualquer momento. As Sagradas Escrituras são como uma carta através da qual Deus não se cansa de chamar seus filhos queridos os quais, vítimas de uma espécie de loucura, não entendem mais por onde andam. Qualquer um deles que verdadeiramente se tiver dedicado a entender o que esta mensagem do alto nos quer dizer somente poderá chegar às mesmas conclusões a que já havia chegado São Bento.**

**Vamos continuar nossas considerações e examinar mais algumas passagens das Sagradas Escrituras relacionadas com o tema de que estamos tratando.**

- 
- *Anterior*
  - *Índice*
  - *Posterior*



## **14. O Espírito Santo conduz à verdade.**

**Texto de João 8,31-32.**

**"Se  
permanecerdes  
nas minhas  
palavra, sereis  
verdadeiramente  
meus  
discípulos; e  
conhecereis a  
verdade, e a  
verdade vos  
tornará livres".**

**Pequeno comentário.**

**Por tudo o  
que já  
falamos  
depreende-  
se que a  
verdade de  
que Jesus  
fala nesta  
passagem do  
Evangelho  
de São João  
é aquela que  
é objeto  
daquele  
conhecimento  
deiforme a  
que se refere  
Santo Tomás  
de Aquino  
quando  
comenta  
sobre o dom**

de sabedoria.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **15. A filiação divina.**

### **Pequena introdução.**

**Todos  
aqueles que  
vivem em  
estado de  
graça, ainda  
que recém  
convertidos,  
são filhos de  
Deus. Nós  
nos  
tornamos  
filhos de  
Deus pela  
regeneração  
da graça,  
que é uma  
participação  
da própria  
vida que há  
em Deus.  
Mas a vida  
da graça  
deve crescer  
em nós pelo  
longo  
trabalho de  
santificação  
que Deus  
espera que,  
com o seu  
auxílio, nos  
empenhemos  
com todas  
as nossas  
forças. Por  
causa disso,  
são mais**

**propriamente  
chamados  
filhos de  
Deus  
aqueles em  
que a vida  
da graça  
alcançou a  
sua máxima  
plenitude.  
Em uma  
passagem  
importante  
da Summa  
Theologiae  
que iremos  
ler a seguir,  
Santo  
Tomás de  
Aquino nos  
diz que  
estes são  
precisamente  
aqueles que  
alcançaram  
o dom da  
sabedoria,  
através do  
qual se  
alcança  
aquela  
verdade de  
que fala o  
Evangelho  
de São  
João.**

**Texto da segunda parte da Segunda Parte  
da Summa Theologiae, questão 45, artigo 6.**



"Ao receber o dom de sabedoria, os homens alcançam a filiação divina, e são chamados filhos de Deus na medida em que participam da semelhança do Filho de Deus unigênito e natural".

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



**16. O dom de sabedoria, através do qual se alcança a verdade, é o verdadeiro culto devido a Deus.**

**Pequena introdução.**

**Vamos a seguir ler um pequeno texto extraído do Terceiro Livro das Sentenças de Pedro Lombardo. Pedro Lombardo foi um teólogo dos anos 1100. Aluno no Mosteiro de São Vitor na época em que ali lecionava Hugo de São Vítor, tinha sido para lá enviado através de uma carta de recomendação de S. Bernardo, pedindo que Hugo o acolhesse apenas por alguns dias. Mas o jovem não saiu mais de lá; tornou-**

se professor  
de teologia,  
lecionou na  
escola anexa  
à catedral de  
Notre Dame e  
depois veio a  
ser bispo de  
Paris.  
Escreveu uma  
obra de  
teologia  
pouco  
conhecida  
hoje em dia,  
mas que na  
época foi um  
dos livros  
mais  
consultados  
pelos que se  
dedicavam ao  
estudo das  
coisas de  
Deus. Este  
livro chamava-  
se os Quatro  
Livros das  
Sentenças, e  
foi  
profundamente  
estudado e  
comentado  
posteriormente  
por Santo  
Tomás de  
Aquino. Os  
Livros das  
Sentenças de  
Pedro  
Lombardo  
foram um dos  
elos mais

**importantes  
na longa  
seqüência de  
estudos que,  
começando  
por volta do  
ano 1130 com  
Os Mistérios  
da Fé Cristã  
de Hugo de  
São Vitor,  
conduziu por  
volta do ano  
1270 à Summa  
Theologiae de  
Santo Tomás  
de Aquino. No  
Terceiro Livro  
das  
Sentenças há  
uma notável  
passagem a  
respeito do  
dom da  
sabedoria, em  
que Pedro  
Lombardo diz  
que a  
sabedoria,  
através da  
qual se chega  
à verdade, é o  
principal culto  
com que Deus  
deseja que o  
sirvamos.**

**Texto do Terceiro Livro das Sentenças, de Pedro Lombardo,  
Distinção 35.**

**"Esta  
sabedoria  
de que  
tratamos  
não é o  
próprio  
Deus.**

**É uma  
sabedoria  
de homem,  
a qual,  
todavia, é  
segundo  
Deus, e é o  
seu  
verdadeiro  
e principal  
culto.**

**Se a mente  
humana se  
torna capaz  
de cultuar a  
Deus por  
seu  
intermédio,  
o homem  
torna-se  
sábio, não  
pela  
própria luz  
de Deus,  
mas por  
uma  
participação  
daquela  
que é a  
maior de  
todas as  
luzes".**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



**17. Deus quer que os homens o adorem pela graça do Espírito Santo e pelo conhecimento da verdade.**

**Texto de João 4,1-26.**

**"Quando  
Jesus soube  
que os  
fariseus  
tinham  
ouvido que  
ele fazia  
mais  
discípulos e  
batizava  
mais que  
João,  
embora não  
fosse o  
próprio  
Jesus que  
batizava,  
mas os seus  
discípulos,  
deixou a  
Judéia, e foi  
outra vez  
para a  
Galiléia.  
Devia, por  
isso, passar  
pela  
Samaria.  
Chegou,  
pois, a uma  
cidade da  
Samaria  
chamada  
Sicar, junto  
da herdade  
que Jacó**

**deu a seu  
filho José.  
Estava lá o  
poço de  
Jacó.  
Fatigado da  
viagem,  
Jesus  
sentou-se  
sobre a  
borda do  
poço. Era  
quase a hora  
sexta.**

**Veio uma  
mulher da  
Samaria tirar  
água. Jesus  
disse-lhe:  
Dá-me de  
beber. Os  
seus  
discípulos  
tinham ido à  
cidade  
comprar  
mantimentos.  
Disse-lhe,  
porém, a  
mulher  
Samaritana:**

**-Como (é  
que), sendo  
tu judeu, me  
pedes de  
beber a mim,  
que sou  
mulher  
samaritana?**

**Porque os**



**judeus não  
se  
comunicam  
com os  
samaritanos.  
Respondeu  
Jesus, e  
disse-lhe:**

**-Se tu  
conhecesses  
o dom de  
Deus, e  
quem é que  
te diz: `Dá-  
me de  
beber', tu  
certamente  
lhe pedirias,  
e ele te daria  
de uma água  
viva.**

**Disse-lhe a  
mulher:**

**-Senhor, tu  
não tens  
com que a  
tirar, e o  
poço é  
fundo;  
donde tens,  
pois, essa  
água viva?  
És tu,  
porventura,  
maior do  
que o nosso  
pai Jacó,  
que nos deu  
este poço,  
do qual ele**

**mesmo  
bebeu, os  
seus filhos,  
e os seus  
gados?**

**Respondeu  
Jesus, e  
disse-lhe:**

**-Todo aquele  
que bebe  
desta água  
tornará a ter  
sede, mas o  
que beber  
da água que  
eu lhe der,  
nunca mais  
terá sede,  
mas a água  
que eu lhe  
der, virá a  
ser nele uma  
fonte de  
água que  
salte para a  
vida eterna.**

**Disse-lhe a  
mulher:**

**-Senhor, dá-  
me dessa  
água, para  
eu não ter  
mais sede,  
nem vir aqui  
tirá-la.**

**Disse-lhe  
Jesus:**

**-Vai, chama  
teu marido,  
e vem cá.**

**Respondeu-  
lhe a mulher,  
e disse:**

**-Não tenho  
marido.**

**Jesus disse-  
lhe:**

**-Disseste  
bem: `Não  
tenho  
marido';  
porque  
tiveste cinco  
maridos, e o  
que agora  
tens, não é  
teu marido;  
isto disseste  
com  
verdade.**

**Disse-lhe a  
mulher:**

**-Senhor,  
vejo que és  
profeta.  
Nosso pais  
adoraram  
sobre este  
monte, e vós  
dizeis que  
em  
Jerusalém é  
o lugar onde**

**se deve  
adorar.**

**Disse-lhe  
Jesus:**

**-Mulher, crê-  
me que é  
chegada a  
hora, em  
que não  
adorareis o  
Pai, nem  
neste monte,  
nem em  
Jerusalém.  
Vós adorais  
o que não  
conheceis,  
nós  
adoramos o  
que  
conhecemos,  
porque dos  
judeus é que  
vem a  
salvação.  
Mas vem a  
hora, e já  
chegou, em  
que os  
verdadeiros  
adoradores  
adorarão o  
Pai em  
espírito e  
verdade,  
porque é  
destes  
adoradores  
que o Pai  
deseja. Deus  
é espírito, e**

**em espírito e  
verdade é  
que o devem  
adorar os  
que o  
adoram.**

**Disse-lhe a  
mulher:**

**-Eu sei que  
deve vir o  
Messias,  
que se  
chama  
Cristo.  
Quando,  
pois, ele  
vier, nos  
anunciará  
todas as  
coisas.**

**Disse-lhe  
Jesus:**

**-Sou eu, que  
falo  
contigo".**

**São Paulo, junho de 1994.**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)



# **A FÉ COMO MEIO DE ALCANÇAR A GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO**

## **1. Introdução.**

**Iniciamos este livro recordando que o assunto principal do texto anterior havia sido a graça do Espírito Santo. Este assunto, por sua vez, surgiu como uma exigência de outros anteriores, nos quais mostramos que os ideais da vida cristã são o amor a Deus e ao próximo. Havíamos descrito rapidamente em que consistiam estes dois ideais e mostramos que eles são, na verdade, não dois, mas um só ideal. Ao termos feito isto, tivemos, por consequência, que tratar da graça do Espírito Santo porque, conforme mostramos, sem a graça do Espírito Santo não é possível alcançar nem viver este ideal. Na verdade, sem a graça do Espírito Santo nem sequer é possível evitar o pecado ou perseverar na prática elementar dos mandamentos.**

**Vimos também que a graça do Espírito Santo é algo que pode crescer no homem, possuindo graus que se sucedem uns aos outros à medida em que se desenvolve a vida espiritual. Conforme tivemos a ocasião de explicar, as várias fases do crescimento da vida cristã podem ser distingüidas umas das outras de acordo com qual dos sete dons do Espírito Santo se manifesta de modo principal em cada uma; o desenrolar da vida espiritual desde a conversão até a plenitude da filiação divina pode distingüir-se segundo os sete dons do Espírito Santo de que fala Isaías, pois, embora seja verdade que todos aqueles que se convertem e vivem em estado de graça possuam simultaneamente todos os sete dons do Espírito Santo, ordinariamente a vida cristã se inicia com a manifestação predominante do dom de temor, através do qual o Espírito Santo nos concede um primeiro discernimento para reconhecer o pecado e a força para poder evitá-lo. Aquele que, fiel ao dom de temor, perseverar na prática da vida cristã, irá passar pelos dias dos outros dons e, se se mostrar fiel a todos, atravessará os sete dias da vida espiritual até alcançar aquele em que se manifesta de modo especial o dom de sabedoria, o maior de todos os dons do Espírito Santo, que eleva, junto consigo, a vivência de todos os demais à sua plena maturidade.**

**Isaías não é o único livro das Sagradas Escrituras que trata dos dons do Espírito Santo. No Novo Testamento o Evangelho de São Mateus fala a este respeito quando nos mostra no Sermão da Montanha Jesus ensinando o desenvolvimento da vida cristã segundo as sete bem aventuranças:**

***"Bem  
aventurados  
os pobres  
de  
espírito",***

**diz Jesus,**

***"porque deles é  
o reino dos  
céus.***

***Bem  
aventurados os  
mansos,  
porque  
possuirão a  
terra.***

***Bem  
aventurados os  
que choram,  
porque serão  
consolados.***

***Bem  
aventurados os  
que têm fome  
e sede de  
justiça,  
porque serão  
saciados.***

***Bem  
aventurados os  
misericordiosos,  
porque acharão  
misericórdia.***

***Bem  
aventurados os  
puros de  
coração,  
porque verão a  
Deus.***

***Bem  
aventurados os  
pacíficos,  
porque serão  
chamados  
filhos de Deus".***

**Mat .  
5 ,  
3-9**

**As bem aventuranças são assunto a ser tratado mais detalhadamente numa próxima aula; será possível mostrar, com base nos escritos de Santo Tomás de Aquino, que estas sete bem aventuranças descrevem todo o desenvolvimento da vida espiritual desde o surgimento do dom de temor até a manifestação do dom de sabedoria, quando o homem alcança a plenitude da filiação divina, e que cada bem aventurança corresponde a um dos dons do Espírito Santo na mesma seqüência em que foram apresentados no texto anterior. Fica aqui assinalado, porém, que no Novo Testamento, no Evangelho de São Mateus, ensina-se a mesma doutrina que é ensinada em Isaías.**

**No Velho Testamento encontramos o Livro dos Provérbios que também trata dos dons do Espírito Santo. Ele se inicia com a afirmação, várias vezes depois repetida ao longo do livro, de**



que

**"o temor  
do Senhor  
é o  
princípio  
da  
sabedoria".**

**Pr .  
1,  
7**

**Pensamos que, ao ter-se assim expressado, o livro de Provérbios quis afirmar que aquele que recebe o dom de temor e a ele for fiel, irá avançando gradativamente na vida espiritual até alcançar o dom de sabedoria. Podemos confirmar esta interpretação examinando outras passagens do mesmo livro. De fato, está escrito no início do Livro de Provérbios:**

**"Se invocares  
a sabedoria, e  
a buscares  
como o  
dinheiro, se  
procurares  
desenterrá-la  
como se faz  
com os  
tesouros,  
então  
compreenderás  
o temor do  
Senhor, e  
acharás a  
ciência de  
Deus, porque  
o Senhor é  
quem dá a**

**sabedoria.**

**É Ele mesmo  
que reserva a  
salvação para  
os retos, que  
protege os que  
caminham na  
simplicidade,  
que dirige os  
passos dos  
santos.**

**Bem  
aventurado o  
homem que  
adquiriu a  
sabedoria;  
vale mais a  
sua aquisição  
do que a prata,  
seus frutos  
são melhores  
do que o ouro  
mais fino e  
mais puro, é a  
mais preciosa  
de todas as  
riquezas, e  
tudo o mais  
que se deseja  
não se pode  
comparar com  
ela".**

Pr .

2 ,

3 -

10 ;

3 ,

13 -

15

**Que querem dizer estas palavras de Provérbios? À primeira vista estas passagens podem parecer simples elogios de efeito oratório, feitos ao acaso, apenas obedecendo a critérios estéticos. O contrário, porém, nos é revelado como fruto de um exame mais atento.**

**É evidente, em primeiro lugar, que a sabedoria de que fala o Livro de Provérbios não pode ser um corpo de conhecimentos produzido pelo trabalho dos estudiosos, nem pela experiência dos homens de idade avançada, pois nestas passagens se diz que**

***"é o  
Senhor  
quem dá a  
sabedoria".***

**Trata-se, portanto, do dom do Espírito Santo de que fala também o profeta Isaías. As mesmas passagens mencionam ainda a possibilidade de se**

***"invocar a  
sabedoria",***

**o que não teria sentido se se tratasse de um corpo de conhecimentos produzido ou adquirido pela experiência dos homens.**

**As passagens citadas também afirmam que a sabedoria a que elas se referem deve ser**

***"buscada  
como o  
dinheiro".***

Dizer isto é o mesmo que dizer que ela deve ser o fim último do homem, pois a maioria dos homens vive, conforme já vimos, uma vida cuja finalidade é a obtenção do dinheiro. As Sagradas Escrituras, porém, em muitas outras passagens, afirmam que o fim último do homem é amar a Deus, e ela não pode contradizer-se consigo mesma. É necessário, portanto, que a sabedoria de que fala o Livro de Provérbios como devendo ser buscada como se busca ao dinheiro seja aquele mesmo dom de sabedoria de que falamos no texto anterior pelo qual, e somente pelo qual, é possível cumprir plenamente o mandamento de amar a Deus perpetuamente, "com todo o coração, com toda a alma, com todo o entendimento, com todas as forças".

Vimos ainda no texto anterior como entre o dia do temor e o dia da sabedoria há uma longa caminhada e uma porta estreita, muito estreita, pela qual poucos passam, mas que aqueles que o alcançam são aqueles que se tornam filhos de Deus no sentido mais pleno desta expressão. São aqueles que têm em si aquela água viva de que Jesus dizia "que viria a ser neles uma fonte de água que jorra para a vida eterna"(Jo. 4, 14); são também aqueles de quem Jesus, "falando do Espírito Santo que haveriam de receber os que nEle cressem", disse que "de seu seio correriam rios de água viva"(Jo. 7, 7). No livro de Provérbios lemos uma afirmação muito semelhante a estas feitas por Jesus. O livro de Provérbios, de fato, diz que

***"a fonte da  
sabedoria é  
como a  
corrente  
que  
transborda".***

Pr .  
18 ,  
4

**Esta corrente que transborda é um amor extraordinariamente intenso por Deus, infundido na alma pelo Espírito Santo, através do qual a alma se eleva a um conhecimento das coisas divinas a que Jesus chamava simplesmente de "a verdade":**

***"Conhecereis  
a verdade",***

**diz Jesus,**

***"e a  
verdade  
vos  
tornará  
livres".***

Jo .  
8 ,  
32

**Por isto é que este dom, que é o maior de todos e que leva consigo todos os demais à sua maturidade, embora infunda o amor, não se chama dom de amor, mas dom de sabedoria, porque é através deste amor que Deus concede aos homens aquela que é a mais elevada forma de conhecimento possível ao homem, possível somente aos santos. Esta sabedoria, conforme vimos no texto passada, é, no dizer de Pedro Lombardo,**

**"o  
verdadeiro  
e o  
principal  
culto  
devido a  
Deus".**

**Ela produz, no dizer de Santo Tomás de Aquino no Comentário ao Livro das Sentenças em que Pedro Lombardo faz esta afirmação,**

**"uma  
contemplação  
deiforme, e  
de certo  
modo  
explícita, dos  
artigos que a  
fé contém de  
certo modo  
envolvidos  
sob um  
modo  
humano".**

**Aqueles que são conduzidos pelo dom de sabedoria amam a Deus com o amor a que Cristo se referia quando disse estas palavras:**

**"Vim  
espalhar  
um fogo  
sobre a  
terra, e  
que  
mais eu  
desejo  
senão  
que ele  
se  
acenda?"**

Lc .  
12 ,  
49

**Deste fogo, que é a caridade infundida na alma pelo dom de sabedoria, disse também Santo Antão em suas cartas:**

**"Meus filhos,  
tomai este  
corpo de que  
estais  
revestidos,  
fazei dele um  
altar, e sobre  
este altar  
colocai os  
vossos  
pensamentos,  
e sob o olhar  
do Senhor  
abandonai  
todo mau  
desígnio,  
elevai as  
mãos de  
vosso  
coração a**

**Deus e pedi-  
lhe que vos  
conceda  
aquele  
grande fogo  
invisível que  
sobre vós  
descerá do  
céu e  
consumirá o  
altar e as  
suas  
oferendas.**

**Compreendei  
bem o que  
vos digo e  
vos declaro:  
se cada um  
de vós não  
chega a  
odiar o que é  
da ordem  
dos bens  
terrestres e a  
isso não  
renunciar de  
todo  
coração,  
bem como a  
todas as  
coisas que  
daí  
dependem,  
se não chega  
a elevar as  
mãos e o  
coração ao  
céu para o  
Pai de todos  
nós, não é  
para si a  
salvação.**



***Mas se fazeis  
o que acabo  
de dizer,  
Deus vos  
enviará um  
fogo  
invisível, que  
consumirá  
vossas  
impurezas e  
devolverá  
vosso  
espírito à  
sua pureza  
original.***

***O Espírito  
Santo  
habitará em  
vós, Jesus  
permanecerá  
junto de nós  
e poderemos  
adorar a  
Deus como é  
devido".***

**Também São Diádoco, bispo de Fócia no século V, atestou em seus escritos a diferença entre o amor de Deus proveniente da graça dos primeiros dons do Espírito Santo e aquela proveniente do dom de sabedoria, a maior de todas as graças. A diferença é tão grande que ele chama o primeiro de "amor natural da alma", embora de fato ele seja sobrenatural e infundido pela graça, e o segundo ele chama de "amor divino", embora o primeiro também já fosse divino. Vamos examinar as palavras de São Diádoco:**

**"Uma é  
a  
caridade  
natural  
da  
alma",**

**diz São Diádoco,**

**"e outra é  
aquela que  
lhe é  
infundida  
pelo  
Espírito  
Santo",  
através do  
dom de  
sabedoria.**

**"A primeira  
se move  
com  
moderação  
pelo afeto  
de nossa  
vontade  
quando  
queremos,  
mas a  
divina  
incendeia  
de tal forma  
a alma ao  
amor de  
Deus que  
vence e une  
entre si, por  
uma infinita  
simplicidade  
e**

**sinceridade  
de afeto,  
todas as  
partes e as  
faculdades  
da alma na  
bondade do  
desejo  
celeste. A  
alma se  
torna uma  
fonte  
profunda de  
caridade e  
de alegria,  
como que  
grávida da  
graça  
celeste e da  
virtude do  
Espírito  
Santo".**

**Daqueles a quem Deus concedeu a graça de poder amá-Lo  
desta maneira é que se pode dizer com mais plena razão,  
conforme o prólogo do Evangelho de São João, que**

**"foi-lhes  
dado o  
poder  
de se  
tornarem  
filhos  
de  
Deus",**

**e que**

**"não pelo  
sangue,  
nem pela  
vontade  
do  
homem,  
mas de  
Deus  
nasceram".**

Jo.  
1,  
12

**Assim foram os santos da Igreja, como São João Bosco, como Santo Tomás de Aquino, como São Francisco de Assis; assim foram os apóstolos do Novo Testamento, como São Paulo e São João, seus principais escritores; assim foram também os profetas e os patriarcas do Antigo Testamento, como Moisés, Samuel e Elias. E, embora sejam poucos os homens que sejam assim, é assim que Deus quer que eles se tornem, conforme Ele próprio o afirma nas Sagradas Escrituras (Jo. 4, 23-24), e conforme o afirmou também recentemente a Igreja nos documentos do Concílio Vaticano II.**

**Entre os anos de 1962 e 1965 praticamente todos os bispos do mundo se reuniram em Roma durante muitos meses seguidos para debaterem os problemas da Igreja no mundo moderno. Estes debates produziram uma série de quatro constituições, nove decretos e três declarações. Na constituição que foi chamada posteriormente de `A Luz dos Povos', ou `Lumen Gentium', seu nome original em latim, aprovada por 2151 votos contra 5, lê-se a seguinte afirmação:**

**"O Senhor  
Jesus,  
mestre e  
modelo  
divino de  
toda a  
perfeição, a  
todos e a  
cada um  
dos  
discípulos  
de qualquer  
condição  
pregou a  
santidade  
de vida da  
qual Ele  
mesmo é o  
autor e o  
consumador,  
dizendo:**

**`Sede,  
portanto,  
perfeitos,  
assim como  
também  
vosso Pai  
celeste é  
perfeito'.**

**Mt .  
5 ,  
48**

***Pois sobre todos enviou o Espírito Santo para interiormente os mover a amar a Deus com todo o coração, toda a alma, toda a mente e toda a sua força (Mc. 12, 30), e para que se amassem mutuamente como Cristo os amou (Jo. 13, 34; 15, 12). É assim evidente que todos os fiéis cristãos de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade".***

**Constituição**

**Lumen**

**Gentium**

**5,40**

**Ora, fazer uma afirmação como esta, de que todos os fiéis cristãos de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade, significa a mesma coisa que dizer que todos os cristãos são chamados por Deus para crescerem na graça do Espírito Santo até alcançarem a plena vivência do dom de sabedoria, sem o qual se torna impossível a "plenitude da vida cristã e a perfeição da caridade" de que fala o Concílio Vaticano II. Isto significa que, se na história humana alguns homens se tornaram santos e outros não, isto não aconteceu porque uns foram chamados e outros não; todos foram chamados, mas apenas alguns atenderam a este chamado e corresponderam à graça que Deus lhes concedeu e concederia a todos, se todos atendessem e correspondessem.**

**Este ensinamento, porém, não é uma novidade, pois há muitos séculos já se encontrava exposto no livro de Provérbios. De fato, logo em seu primeiro capítulo, ali se pode ler:**

**"A  
sabedoria  
ensina em  
público, nas  
praças  
levanta a  
sua voz.**

**Ela grita às  
multidões,  
faz ouvir  
suas  
palavras às  
portas da  
cidade:**

**`Até quando**

**amareis, à  
maneira de  
crianças, a  
infância?**

**Até quando  
os  
insensatos  
cobiçarão  
as coisas  
que lhes são  
nocivas, e  
os  
imprudentes  
odiarão a  
sabedoria?**

**Convertei-  
vos com a  
minha  
correção; eu  
vou  
espalhar  
sobre vós o  
meu  
espírito, e  
vou ensinar-  
vos a minha  
doutrina.**

**Mas, visto  
que eu vos  
chamei, e  
vós não  
quisestes  
ouvir-me;**

**visto que  
estendi a  
mão, e não  
houve quem  
olhasse  
para mim;**



**visto que  
desprezastes  
os meus  
conselhos, e  
não fizestes  
caso de  
minha  
repreensão,**

**quando vos  
assaltar a  
calamidade  
repentina, e  
vos colher a  
morte como  
um  
temporal,  
me  
invocarão e  
eu não os  
ouvirei,  
levantar-se-  
ão de  
madrugada  
e não me  
encontrarão,  
porque  
aborreceram  
a instrução,  
e não  
abraçaram o  
temor do  
Senhor, nem  
se  
submeteram  
ao meu  
conselho, e  
desprezaram  
todas as  
minhas  
repreensões.**

**Comerão,  
pois, os  
frutos de  
seu  
proceder, e  
fartar-se-ão  
dos seus  
conselhos".**

**Pr .  
1,  
20-  
31**

**É muito claro, se examinarmos com cuidado as palavras contidas neste texto, que ele contém a mesma doutrina que é ensinada no Evangelho, nos escritos dos Santos Padres da Igreja primitiva, nos escritos dos teólogos como Santo Tomás de Aquino e nos documentos do Magistério da Igreja como os do Concílio Vaticano II.**

**Na passagem acima o livro de Provérbios afirma que a sabedoria, que representa a plenitude da graça divina, não chama a alguns de preferência a outros; ao contrário, ela chama a todos, pois**

**"ela grita  
às  
multidões,  
levanta a  
voz nas  
praças,  
faz ouvir  
suas  
palavras  
às portas  
da  
cidade".**

**Estas são expressões de quem quer chamar a todos, não apenas a alguns.**

**A passagem diz ainda que ela quereria**

***"espalhar  
sobre os  
homens  
o seu  
espírito",***

**e que, com isto,**

***"Ihes  
ensinaria  
a sua  
doutrina".***

**É evidente, pois, que o livro de Provérbios, com estas palavras, está se referindo aos dons do Espírito Santo.**

**Mas, continua o livro,**

***"os homens  
desprezaram  
os seus  
conselhos";***

**mais ainda,**

***"não  
abraçaram  
o temor  
do  
Senhor",***

**isto é, aquela primeira correspondência à vida da graça que em outro lugar o livro de Provérbios diz ser**

***"uma  
fonte  
de  
vida  
para  
evitar  
a  
ruína  
da  
morte".***

**Pr .  
19 ,  
27**

**Isto significa que os homens não foram fiéis sequer ao primeiro grau da graça, o dom de temor, que os conduziria, através de um longo caminho em que**

***"o  
Senhor  
lhes  
provaria  
os  
corações  
como a  
prata se  
prova  
ao fogo  
e o ouro  
no  
crisol",***

Pr .

17 ,

3

**até à caridade produzida pelo dom de sabedoria. Em vez disso, como afirma ainda Provérbios em outro lugar,**

**"o  
insensato  
brincou  
com o  
pecado; o  
coração do  
sábio  
buscou a  
instrução,  
mas os  
insensatos  
se  
alimentaram  
de  
loucura".**

Pr .

19 ,

9 ;

15 ,

14

**O resultado então nos é descrito no texto já citado:**

**"Quando a  
morte os  
colher  
como um  
temporal,  
comerão  
os frutos  
de seu  
proceder,  
fartar-se-  
ão então  
dos seus  
conselhos".**

**É uma advertência terrível, porém nem todos a querem escutar.  
Por isso é que diz ainda Provérbios, em outro lugar:**

**"Não  
deixeis,  
pois, que  
vossos  
olhos se  
entreguem  
ao sono,  
nem que se  
fechem as  
vossas  
pálpebras.**

**Salvai-vos  
como a  
gazela, que  
escapa da  
mão do  
caçador,**

**e como o  
pássaro,  
que foge da  
mão que  
prepara a**

**armadilha.**

**Ide ter com  
a formiga, e  
aprendei  
dela a  
sabedoria.**

**Não tendo  
ela guia,  
nem  
mestre,  
nem  
príncipe,**

**faz o seu  
provimento  
no verão e  
ajunta, no  
tempo da  
ceifa, com  
que se  
sustentar.**

**Até  
quando,  
pois,  
dormirás  
tu, ó  
preguiçoso?**

**Quando te  
levantarás  
do teu  
sono?**

**Um pouco  
dormirás,  
outro  
pouco  
cruzarás as  
mãos, para**

***dormires, e  
sobre ti virá  
a  
indigência,  
como um  
caminheiro,  
e a  
pobreza,  
como um  
homem  
armado".***

**Pr .  
6 ,  
4 -  
11**

**Para entender o verdadeiro sentido desta passagem sobre a preguiça e a formiga, deve-se considerar, em primeiro lugar, que ela não se refere à preguiça ou ao trabalho na acumulação de bens materiais que garantiriam a nossa subsistência. Devemos nos lembrar que muitas e repetidas vezes Provérbios nos ensina que a verdadeira riqueza não são os bens materiais, nem o dinheiro, mas a sabedoria. A verdadeira riqueza do homem é, segundo Provérbios, aquela sabedoria de que este livro afirma que**

***"estava  
com  
Deus no  
princípio  
de seus  
caminhos,  
desde o  
início,  
antes que  
ele  
criasse  
alguma  
coisa,***



***antes que  
a terra  
fosse  
criada".***

**Pr .  
8 ,  
22 -  
23**

**Esta mesma sabedoria, diz ainda Provérbios, não está apenas junto de Deus desde toda a eternidade; ela também**

***"anda  
nos  
caminhos  
da  
justiça,  
para  
enriquecer  
aqueles  
que a  
amam, e  
encher os  
seus  
tesouros".***

**Pr .  
8 ,  
20 -  
21**

**e, quando ela encontra alguém que é movido pela graça de Deus a amá-la,**

***"acha  
suas  
delícias  
em estar  
junto  
com os  
filhos  
dos  
homens".***

**Pr .  
8 ,  
31**

**Esta sabedoria é, de fato, aquela verdade de que fala Jesus no Evangelho de São João, que é infundida na alma do justo através do amor, a própria graça do Espírito Santo, aquela que, no dizer de Pedro Lombardo, é**

***"uma  
participação  
daquela  
que é a  
maior de  
todas as  
luzes",***

**e, no dizer de São Pedro Apóstolo,**

***"nos torna  
participantes  
da natureza  
divina".***

II

Pe.

1,

4

**É esta sabedoria, e não quaisquer bens materiais por maiores que sejam, que é, no entender de Provérbios,**

***"a mais preciosa de todas as riquezas, e tudo o mais que se deseja não se pode comparar com ela".***

Pr.

3,

15

**A indigência, portanto, de que fala a passagem da formiga, e**

***"a pobreza que virá como um homem armado",***

**não são a indigência e a pobreza materiais, mas aquela morte espiritual que Provérbios diz que "colherá os homens como um temporal":**

***"O ímpio é  
presa de  
suas  
próprias  
iniquidades",***

**diz Provérbios;**

***"é ligado  
com a  
cadeia de  
seus  
pecados;  
ele  
morrerá  
porque  
não  
recebeu a  
correção,  
e se  
descobrirá  
enganado  
pelo  
excesso  
de sua  
loucura".***

**Pr .  
5,  
22-  
23**

**Foi deste modo que também Santo Antão entendeu esta passagem da formiga. Os versos iniciais sobre os olhos e o**

**sono com que ela se inicia, impressionaram  
profundissimamente a Santo Antão, a ponto dele os repetir, sem  
mencionar a sua proveniência, incessantemente em quase todas  
as suas cartas:**

***"Meus  
filhos",***

**diz Santo Antão,**

***"é na  
morte que  
habitamos.***

***Nossa  
morada é  
a cela de  
um  
prisioneiro.***

***As  
cadeias da  
morte nos  
prendem.***

***Não  
concedais,  
pois, sono  
aos  
vossos  
olhos,  
nem  
deixeis  
que  
vossas  
pálpebras  
dormitem".***

**Importa, pois, diz ainda Santo Antão na continuação de sua**

carta,

**"que  
tomemos  
cuidado  
para que  
não se  
realize em  
nós a  
palavra de  
Paulo, isto  
é, que  
tenhamos  
apenas a  
aparência  
exterior  
da obra de  
Deus,  
renegando,  
porém, o  
seu  
poder",**

uma clara alusão à graça do Espírito Santo, através da qual se manifesta em nós o poder de Deus.

Deste poder e desta graça, o que ela é e como ela atua na santificação do homem, já falamos suficientemente no texto anterior. O que temos que tratar agora é uma questão prática, sem a qual se tornará inútil ter conhecido tudo quanto já aprendemos, isto é, temos que tratar a respeito de como e de que maneira é possível ao homem conseguir a graça do Espírito Santo. Este será o assunto sobre o qual trataremos a seguir, neste livro e no próximo, o próximo sendo um prolongamento do assunto que será tratado no presente.

---

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)

n



## **2. Como se alcança a graça do Espírito Santo. Texto de Gálatas.**

**Em todos os lugares onde São Paulo pregou o Evangelho ele também ensinou que sem a graça do Espírito Santo não seria possível ao homem santificar-se e cumprir a lei divina, e também que a graça do Espírito Santo se alcança pela vivência da virtude da fé.**

**A formulação tão simples desta doutrina, porém, esconde tanto a sua complexidade quanto a sua profundidade. Esconde a sua complexidade porque esta afirmação só é inteiramente verdadeira se forem supostos diversos outros elementos que não são imediatamente evidentes nesta formulação e que só poderão ser apresentados ao longo de todo o texto deste livro. Esconde também a sua profundidade porque ela se expressa de um modo tão singelo que se nos torna muito fácil passarmos por ela com uma descuidada indiferença para nos concentrarmos em alguma outra coisa menos importante, como se não estivéssemos tratando de algo bastante fundamental.**

**Sob este segundo aspecto, esta propensão a não nos darmos conta da importância que a fé desempenha no surgimento e no crescimento da vida cristã foi um problema a que estiveram sujeitos também algumas das primitivas comunidades pelas quais passou São Paulo. Quando o apóstolo estava presente, seus ensinamentos eram entendidos e, através do auxílio do Espírito Santo, os homens cresciam na santidade e no conhecimento de Deus. Mas, depois que São Paulo partia, estas mesmas comunidades se esqueciam dos fundamentos sobre que repousava sua vida espiritual e passavam a dar a outras questões uma importância desmerecida e bem diversa do que São Paulo havia ensinado. Depois de algum tempo havia muitos nestas comunidades que já não se lembravam de que o alicerce sobre o qual São Paulo lhes havia mostrado como construir o edifício espiritual era a virtude da fé e passavam a fundamentar a vida cristã na prática de preceitos exteriores, como alguns preceitos da Lei de Moisés que, por terem sido símbolos de verdades que se tornaram realidade com o advento de Cristo, já não mais deveriam ser cumpridos pela sua prática literal, mas pela própria fé no Cristo.**



**A importância que estas comunidades deram, nestas ocasiões, ao cumprimento literal das leis de Moisés, foram, entretanto, apenas ocasiões circunstanciais em que se manifestou uma tendência da natureza humana, comum a todas as épocas, de se concentrar a prática religiosa em algum preceito exterior, esquecendo que, conforme vimos no texto sobre a Graça do Espírito Santo, Santo Tomás de Aquino afirma na Summa Theologiae que a essência do Evangelho**

***"é a  
graça  
do  
Espírito  
Santo",***

**e que esta graça**

***"nos é  
dada  
pela fé  
em  
Cristo".***

**É por isso que, quando Paulo soube que os gálatas, entre os quais ele havia pregado o Evangelho, estavam confundindo o que ele havia ensinado, escreveu-lhes uma carta advertindo-os muito dura e claramente. Esta carta é hoje o livro da Bíblia a que chamamos de Epístola aos Gálatas.**

**São Paulo começa a Epístola aos Gálatas lembrando-lhes que ele havia sido**

**"enviado  
não por  
homens,  
nem por  
intermédio  
de algum  
homem,  
mas por  
mandado  
de Jesus  
Cristo",**

**e dizendo-se**

**"admirado  
de que  
tão  
depressa  
vos  
tenhais  
passado  
daquele  
que vos  
chamou  
pela  
graça de  
Cristo  
para um  
Evangelho  
diferente".**

**Ga.1.  
1,  
6**

**É então, mais adiante, que São Paulo faz aquela que talvez seja a afirmação mais clara que existe em todas as Sagradas Escrituras de que a graça do Espírito Santo se alcança através**

**da fé:**

***"Ó gálatas  
insensatos",***

**diz São Paulo,**

***"quem vos  
fascinou  
para não  
obedecerdes  
à verdade, a  
vós, ante  
cujos olhos  
foi pintado  
ao vivo  
Jesus  
Cristo  
cravado na  
cruz?***

***Só isto  
quero saber  
de vós:  
recebestes  
o Espírito  
(Santo)  
pelas obras  
da lei ou  
pela  
submissão  
à fé?***

***Sois tão  
faltos de  
juízo que,  
tendo  
começado  
pelo  
Espírito,  
acabais***

**agora na  
carne?**

**Tendes  
sofrido  
tanto (por  
Cristo) em  
vão? Se é  
que foi em  
vão!**

**Aquele,  
pois, que  
vos dá o  
seu Espírito  
e que opera  
milagres  
entre vós, o  
faz  
porventura  
pelas obras  
da lei ou  
pela  
submissão  
à fé?"**

**Ga1.  
3,  
1-5**

**Esta passagem revela, já na primeira leitura, o ensino claro de São Paulo segundo o qual é pela fé que os homens recebem o Espírito Santo.**

**Um exame mais cuidadoso, porém, mostra que na realidade São Paulo está fazendo mais do que isso. Ele não está apenas ensinando uma doutrina, mas ele está chamando os próprios gálatas para servirem de testemunhas da verdade que ele está lhes lembrando. A presença do Espírito Santo e os milagres que através dele eram operados haviam sido tão manifestos entre os**

**gálatas que Paulo, em vez de apenas lhes propor uma verdade, pede em vez disso que eles se lembrem que foi pela fé que isto havia ocorrido, e que, lembrando-se bem disto, não o esquecessem mais. Ele podia fazer isto porque o Espírito Santo havia se manifestado, através da fé, de modo tão evidente entre aqueles cristãos, que este fato não podia dar margem a dúvidas.**

**A manifestação evidente da presença do Espírito Santo entre os primeiros cristãos através da fé e da pregação dos apóstolos é algo tão copiosamente atestado nos Atos dos Apóstolos e em diversas epístolas de São Paulo que levou alguns estudiosos a pensarem que se tratasse de uma graça especial concedida apenas à Igreja dos primeiros tempos. Esta opinião foi favorecida pelas expressões utilizadas por alguns importantes comentadores das Sagradas Escrituras, que podiam ser facilmente entendidas segundo uma interpretação incorreta. É o caso, por exemplo, do Comentário à Epístola aos Gálatas escrito por Santo Agostinho, em que o autor, ao fazer suas considerações sobre esta passagem do terceiro capítulo da epístola que acabamos de examinar, escreveu que**

***"naquele  
tempo, no  
início da  
pregação  
da fé, a  
presença  
do Espírito  
Santo  
manifestava-  
se entre os  
fiéis  
também  
através de  
milagres  
visíveis,  
conforme  
nos atesta o  
segundo  
capítulo  
dos Atos  
dos  
Apóstolos".***

**Estas palavras, de fato, parecem sugerir que a manifestações mais evidentes da presença do Espírito Santo fossem acontecimentos específicos do "início da pregação da fé".**

**No Comentário à Epístola aos Gálatas escrito por Santo Tomás de Aquino tal interpretação desta passagem da carta de São Paulo parece ser ainda mais claramente expressa. De fato, diz ali Santo Tomás de Aquino:**

***"Na primitiva Igreja, por disposição divina, para que se propagasse e crescesse a fé em Cristo, logo em seguida à pregação da fé pelos apóstolos, manifestavam-se sobre os ouvintes sinais evidentes da (presença) do Espírito Santo. Assim é que os Atos dos Apóstolos dizem de São Pedro:***

***`Pedro ainda estava falando estas palavras***

**quando sobre  
eles desceu o  
Espírito  
Santo'.**

**Aqui também,  
(no terceiro  
capítulo de  
Gálatas), a  
epístola  
mostra que  
por ocasião  
da pregação  
de Paulo os  
fiéis  
receberam o  
Espírito  
Santo de  
modo  
manifesto".**

**Tal como no Comentário aos Gálatas de Santo Agostinho, e  
mais ainda, esta passagem do Comentário aos Gálatas de Santo  
Tomás parece sugerir que a manifestação evidente da presença  
do Espírito Santo entre os fiéis seria uma graça especial  
reservada, por disposição divina,**

**"à Igreja  
primitiva,  
para que  
se  
propagasse  
e  
crescesse  
a fé em  
Cristo".**

**Na realidade, o que havia de especial na Igreja primitiva em  
relação à graça do Espírito Santo não era o fato de que o  
Espírito Santo se manifestasse de forma evidente entre os fiéis,**

**mas sim que Ele se manifestasse de forma evidente logo em seguida à pregação da fé. Não é este, de fato, o modo ordinário com que o Espírito Santo se manifesta no curso da vida espiritual:**

***"O  
caminho  
do  
justo",***

**diz o livro de Provérbios,**

***"é como  
a luz da  
aurora,  
que vai  
clareando  
até o  
pleno  
dia".***

**Pr .  
4 ,  
18**

**O modo ordinário pelo qual o Espírito Santo se manifesta no decorrer da vida espiritual é gradativo e segue a seqüência da manifestação dos sete dons do Espírito Santo exposta no texto sobre a sua Graça; inicia-se pelo dom do temor do Senhor e, passando pelo de piedade, ciência, fortaleza e conselho, alcança o de entendimento e sabedoria. Sua manifestação só principia a se fazer clara quando surge o dom de entendimento e só alcança plena luz com o dom de sabedoria. Assim, seguindo a comparação de Provérbios, os dias dos cinco primeiros dons podem ser comparados à noite, o dia do dom de entendimento à aurora e o de sabedoria à luz do meio dia. As pessoas que atravessam os cinco primeiros dias destes dons, embora a graça do Espírito Santo atue verdadeiramente sobre eles, tem**



**muitíssima dificuldade em discernir entre aquilo que neles provém do Espírito Santo e aquilo que provém da simples psicologia humana; são como pessoas que conhecem o caminho, mas caminham de noite. Uma distinção mais clara, mas ainda não muito nítida, começa a ser possível quando o homem começa a caminhar sob a influência do dom de entendimento; estes começam a ser capazes de discernir a atuação do Espírito Santo da atuação ordinária da psicologia humana ao considerarem a retrospectiva de suas vidas, sua vida presente e também ao considerarem a vida dos outros que passam pelos mesmos caminhos. Mas este discernimento só se torna verdadeiramente nítido quando desponta o dom de sabedoria.**

**Nos escritos de Hugo de São Vítor encontramos uma belíssima descrição da gradualidade da atuação do Espírito Santo na vida espiritual. No Tratado dos Três Dias Hugo explica que**

***"Todo o curso interior da vida espiritual se distingue pelos três dias de uma luz invisível, que são o dia do temor, o dia da verdade e o dia do amor".***

**Pela explicação que Hugo nos dá a seguir, percebe-se que ele agrupou os dias em que se manifestam predominantemente os**

**cinco primeiros dons do Espírito Santo num único dia que ele chama genericamente de dia do temor, que o que ele chama de dia da verdade corresponde ao dom de entendimento e o dia do amor é a manifestação do dom de sabedoria:**

***"Foi a  
estes  
dias que  
se  
referiu o  
salmista",***

**diz Hugo de São Vitor,**

***"quando  
cantou:***

***`anunciai  
dia após  
dia a sua  
salvação'.***

**Salmo  
95**

***O primeiro dia é  
o dia do temor;  
vem depois o  
outro dia, o dia  
da verdade, e  
dizemos que  
vem, e não que  
o sucede,  
porque o  
anterior não  
cessa.***

***Eis, então, já***

**dois dias; o  
mesmo ocorre  
com o dia  
terceiro, com o  
dia do amor,  
pois vindo este,  
também não  
expulsa os  
anteriores.**

**Os homens  
compreenderam,  
em primeiro  
lugar, terem  
caído sob o  
jugo do pecado  
ao ter-lhes sido  
dada a lei,  
tendo daí  
começado a  
temer a Deus  
como juiz por  
conhecerem  
suas  
iniquidades.**

**Temê-lo já era  
conhece-lo,  
porque de  
maneira alguma  
poderiam temê-  
lo se dele nada  
conhecessem.**

**Este  
conhecimento  
já era alguma  
luz; já era dia,  
mas não era dia  
claro,  
escurecido que  
estava pelas  
trevas do  
pecado.**

***Veio então o dia da verdade, que iluminaria a claridade do dia anterior, e que não tiraria o temor, mas o mudaria para melhor.***

***Mas esta claridade não será ainda plena até que o amor não se acrescente à verdade.***

***O dia da verdade, assim, clarifica o dia do temor e o dia da verdade, até que o amor se torne perfeito e toda a verdade seja perfeitamente manifestada".***

**Este é o modo gradual com que ordinariamente se manifesta a graça do Espírito Santo no desenvolvimento da vida cristã.**

**Mas, em circunstâncias as mais diversas, e pelas causas que muitas vezes apenas Deus conhece, o Espírito Santo pode se manifestar também extraordinariamente de um modo evidente e imediato. Isto não significa que esta manifestação evidente e imediata tenha que corresponder ao que já descrevemos como sendo os dons de entendimento e sabedoria, e também não se trata de uma ocorrência restrita aos primeiros tempos do cristianismo. No texto sobre a Graça do Espírito Santo já**

**tivemos a oportunidade de examinar um caso semelhante ocorrido no ano de 1831 no interior das florestas geladas da Rússia, quando o Espírito Santo se manifestou em Nicolas Motovilov assim que o monge Serafim havia esboçado uma prece em seu coração:**

***"muito  
pode",***

**de fato,**

***"a  
oração  
do  
homem  
justo",***

**diz a Epístola de São Tiago (Tg. 5, 16).**

**Mas o fato de que no início do Cristianismo,**

***"por  
disposição  
divina,  
para que  
se  
propagasse  
e  
crescesse  
a fé em  
Cristo",***

**no dizer de Tomás de Aquino, o Espírito Santo se manifestasse de modo evidente logo após a pregação dos apóstolos, através da fé dos ouvintes, não remove a validade do ensinamento da Epístola aos Gálatas de que a graça do Espírito Santo se alcança através da fé. Ao contrário, é coisa certa e verificável pela experiência de todos os autênticos cristãos que pela fé**

**todos os que crêem verdadeiramente recebem o Espírito Santo. A menos, porém, que por uma circunstância especial a providência divina determine diversamente, todos aqueles que crêem, no sentido em que será explicado neste e no livro seguinte, recebem infalivelmente o Espírito Santo sob a forma do dom de temor, cujos primeiros efeitos se fazem sentir em uma maior facilidade em discernir entre o bem e o mal, em reconhecer o pecado, no auxílio para combatê-lo e para vencê-lo, e em uma maior delicadeza de consciência. Estes primeiros efeitos são bem perceptíveis para quem passa por eles. Frequentemente implicam em uma mudança percebida como bem distinta de todo tipo de mudança de que já se teve experiência. Muitas vezes a realidade desta mudança é nítida também para os que convivem com a pessoa que passa por ela, embora seja muito difícil para estes perceberem nesta transformação algo mais do que apenas um fenômeno de psicologia natural. No entanto, apesar da dificuldade da distinção, trata-se de uma ocorrência de caráter autenticamente sobrenatural:**

***"É  
pelos  
frutos  
que se  
conhece  
a  
árvore",***

**diz Jesus;**

**"não se  
colhem  
uvas dos  
espinheiros,  
nem figos  
de um  
cardo. Do  
mesmo  
modo, toda  
árvore boa  
dá bons  
frutos, mas  
a árvore  
má dá  
maus  
frutos".**

**Mt .  
7 ,  
16 -  
19**

**Não obstante a aparente dificuldade da distinção entre os primeiros dons do Espírito Santo e as transformações psicológicas da vida ordinária, o dom de temor que vem pela fé é o início do fio de uma longa meada que, para os que tiverem a coragem de percorrê-la, conduz aos dons de entendimento e de sabedoria, cujo caráter sobrenatural já é límpido e cristalino para todos. É daqueles que são movidos por estes dons que Jesus dizia:**

**"Vós sois  
a luz do  
mundo.  
Não se  
pode  
esconder  
uma  
cidade  
situada  
sobre um  
monte,  
nem se  
acende  
uma  
lâmpada  
para  
colocá-la  
debaixo de  
uma mesa,  
mas no  
candelabro,  
e assim  
ela brilha  
para todos  
os que  
estão na  
casa.  
Assim  
também  
brilhe a  
vossa luz  
diante dos  
homens,  
para que,  
vendo as  
vossas  
boas  
obras,  
glorifiquem  
o vosso  
Pai que  
está nos  
céus".**



Mt .

5 ,

14 -

16

**E também S. Pedro:**

***"Sois uma  
estirpe  
eleita,  
sacerdócio  
real, gente  
santa,  
para  
tornardes  
conhecidos  
os  
prodígios  
dAquele  
que vos  
chamou  
das trevas  
para a luz  
admirável".***

1

Pe .

2 ,

5

**A explicação disto tudo encontra-se resumida, em poucas palavras, numa passagem das obras de S. Dionísio Areopagita:**

***"Deus",***

## **diz Dionísio Areopagita na Hierarquia Eclesiástica,**

***"em sua bem  
aventurança que  
transcende a  
todas as coisas,  
por razões  
incompreensíveis  
para nós, mas  
evidentes para  
si, decidiu dar-  
nos a salvação.  
Esta salvação  
somente é  
possível por  
uma deificação,  
que consiste em  
tornarmo-nos  
semelhantes a  
Deus e a nos  
unirmos a Ele  
tanto quanto nos  
é possível".***

**Ora, esta salvação e esta deificação se inicia pelo dom de temor que, conforme ensina São Paulo na Epístola aos Gálatas, é recebida através da fé. É o que veremos em seguida ter sido ensinado também por Jesus nos Evangelhos.**

---

▪ ***[Anterior](#)***

▪ ***[Índice](#)***

▪ ***[Posterior](#)***



### **3. Jesus ensina sobre a fé. Textos de Lucas.**

Vimos que, na Epístola aos Gálatas, São Paulo ensina que a graça do Espírito Santo vem pela fé. Nos Evangelhos encontramos Jesus ensinando a mesma doutrina, embora de um modo diverso.

É bastante sabido que os fatos acontecidos e narrados no Velho Testamento são figuras dos que iriam acontecer no Novo. Assim, a libertação dos judeus da escravidão do Egito, precedida, no dia da Páscoa, pela imolação do cordeiro pascal, do qual deveria derramar-se todo o seu sangue e não se lhe quebrar nenhum osso, foi uma figura daquela outra mais sublime pela qual Jesus, também num dia de Pascoa, após ter derramado todo o seu sangue na cruz e, contrariamente ao que as circunstâncias sugeriam que deveria ter acontecido, não ter tido os ossos quebrados, libertou os homens da escravidão do pecado. Também Salomão, que edificou o templo de Jerusalém, foi uma figura de Cristo, que em sua humanidade e na Igreja, seu corpo místico, construiu para Deus um templo espiritual de pedras vivas:

**"A  
empresa  
é  
grande",**

**dizia então Davi ao seu filho Salomão,**

**"porque  
não se  
prepara  
a  
morada  
para  
um  
homem,  
mas  
para  
Deus",**

**Cr .  
29 ,  
1**

**palavras estas que se aplicam com mais propriedade à obra realizada por Jesus do que por Salomão.**

**Sobre Salomão, o Espírito Santo também havia profetizado ao seu pai Davi:**

**"Nascer-te-á  
um filho, que  
será um  
homem de  
paz, porque  
eu o porei  
em paz com  
todos os  
inimigos em  
roda. Por  
esta causa  
será  
chamado o  
Pacífico, e eu  
darei paz e  
descanso a  
Israel**

***durante  
todos os  
seus dias.  
Ele edificará  
uma casa ao  
meu nome;  
ele será meu  
filho, e Eu  
serei seu Pai,  
e firmarei o  
trono de seu  
reino sobre  
Israel  
eternamente".***

***I  
Cr .  
22 ,  
9 -  
10***

**Embora estas palavras se referissem a Salomão, são na realidade uma profecia sobre Jesus. De fato, quando o arcanjo Gabriel anunciou a Maria que ela conceberia Jesus, tal como dizia a profecia, assim também o anjo disse do menino que iria nascer:**

***"O Senhor  
Deus lhe  
dará o  
trono do  
seu pai  
Davi, e ele  
reinará  
sobre a  
casa de  
Jacó  
eternamente  
e o seu  
reino não***

***terá fim".***

Lc .

1 ,

32-

33

**Do mesmo modo, a Epístola aos Hebreus, citando esta profecia, ignora simplesmente que em seu sentido primitivo ela se referisse a Salomão e a aplica somente a Jesus, dizendo:**

***"A  
qual  
dos  
anjos  
disse  
Deus  
jamais:  
'Eu  
serei  
para  
ele  
Pai, e  
ele  
será  
para  
mim  
filho?"***

Heb .

1 ,

5

**Jesus, de fato, tratava a Deus de Pai, e nos ensinou a orar tratando-O da mesma forma. Quase um milênio antes, isto já havia sido profetizado pelo Espírito Santo.**

**Mas, assim como as coisas do Velho Testamento são figuras das do Novo, diz Tomás de Aquino logo no início da Summa Theologiae que assim também as coisas do Novo Testamento são figuras da glória futura do céu.**

***"Todos  
nós  
ouvimos  
como  
nosso  
Senhor  
Jesus  
Cristo, ao  
ressuscitar  
no terceiro  
dia,  
vivificou-  
nos e  
reergueu-  
nos da  
morte, e  
com isso  
exultamos",***

**diz também Hugo de São Vitor no Tratado dos Três Dias, e acrescenta:**

***"Aquilo,  
porém, que  
se realizou  
nEle não foi  
apenas  
remédio,  
mas também  
exemplo e  
sacramento:  
foi  
necessário  
que se  
realizasse  
externamente***

***de modo  
visível para  
que  
significasse  
aquilo que  
em nós  
deveria  
realizar-se  
de modo  
invisível".***

**Assim também, quando Jesus curava os doentes, os paralíticos, os leprosos, os cegos, ele fazia isto como símbolo da verdadeira cura que ele quer operar em nós, que é a da alma. Por isto, ao curar estes doentes, nunca disse no fim:**

***"Vai  
em  
paz, a  
tua fé  
te  
curou";***

**mas dizia, em vez disso:**

***"Vai  
em  
paz, a  
tua fé  
te  
salvou",***

**com o que ele mesmo dá a entender que, embora estivesse fazendo uma coisa, na realidade nos queria ensinar uma outra muito mais elevada, isto é, que aquela cura material era apenas um símbolo da cura espiritual que vem através da fé. Temos assim aqui, novamente, através de Jesus, o mesmo ensinamento que o contido nas cartas de São Paulo:**



**"Sucedeu  
que, indo  
Jesus para  
Jerusalém,  
atravessava  
a Samaria e  
a Galiléia.  
Ao entrar  
em uma  
aldeia,  
saíram-lhe  
ao encontro  
dez homens  
leprosos,  
que pararam  
ao longe e  
levantaram  
a voz  
dizendo:**

**`Jesus,  
Mestre, tem  
compaixão  
de nós'.**

**Tendo-os  
visto, disse-  
lhes  
(Jesus):**

**`Ide, mostrai-  
vos aos  
sacerdotes'.**

**Aconteceu  
que,  
enquanto  
iam, ficaram  
limpos. Um  
deles,  
quando viu  
que tinha**

**ficado  
limpo,  
voltou atrás,  
glorificando  
a Deus em  
alta voz, e  
prostrou-se  
por terra a  
seus pés,  
dando-lhe  
graças; era  
um  
samaritano.  
Jesus disse-  
lhe:**

**`Não são  
dez os que  
foram  
curados?  
Os outros  
nove onde  
estão? Não  
se  
encontrou  
quem  
voltasse e  
desse glória  
a Deus,  
senão este  
estrangeiro?'**

**E disse para  
ele:**

**`Levanta-te  
e vai; a tua  
fé te  
salvou'''.**

Lc .  
17 ,  
11 -  
19

**Este texto, desta maneira, nos reporta que Jesus ensinava que a salvação vem pela fé. O Evangelho de São Lucas nos reporta ainda uma outra situação da qual Jesus se aproveitou para nos ensinar a mesma doutrina:**

***"sucedeu  
que,  
enquanto  
Jesus ia  
caminhando,  
era apertado  
pelo povo. E  
uma mulher,  
que padecia  
de fluxo  
sangüíneo há  
doze anos, e  
tinha  
despendido  
com médicos  
todos os seus  
bens, sem  
poder ser  
curada por  
nenhum  
deles,  
aproximou-se  
por detrás e  
tocou na orla  
do seu  
vestido;  
imediatamente  
parou o fluxo  
de seu  
sangue.  
Jesus disse:***

**`Quem me  
tocou?'**

**Negando  
todos, disse  
Pedro e os  
que com ele  
estavam:**

**`Mestre, as  
multidões  
apertam-te e  
oprimem-te'.**

**Mas Jesus  
disse:**

**`Alguém me  
tocou, pois  
conheci que  
saíu de mim  
uma força'.**

**A mulher,  
vendo-se  
descoberta,  
aproximou-se  
tremendo e  
declarou  
diante de  
todo o povo a  
causa porque  
o tinha  
tocado e  
como ficara  
logo sã.  
Jesus disse:**

**`Filha, a tua fé  
te salvou; vai  
em paz'".**

Lc.  
8,  
42-  
48

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



#### **4. A fé admite graus de grandeza. Textos de Mateus.**

Vimos nos textos do Evangelho de Lucas como Jesus ensinou aos que creram nele que a sua fé os havia salvado. As expressões curtas de que Jesus ali se utiliza podem dar uma primeira impressão de que a fé é algo que apenas admite duas possibilidades, isto é, que ou a temos ou não a temos. Na realidade, porém, Jesus ensinou que a fé é uma virtude que admite graus de grandeza.

Jesus ensinou esta doutrina, sem deixar margem a qualquer dúvida, quando seus discípulos tentaram curar um jovem doente, e não o conseguiram. O pai do jovem, desiludido com os apóstolos, que possivelmente teriam dito ao ancião que lhe curariam o filho, levou então o enfermo a Jesus, não sem reclamar dos apóstolos. Quando, depois de Jesus ter operado a cura, os apóstolos lhe perguntaram por que não o haviam conseguido, Jesus lhes respondeu que a causa havia sido a sua pouca fé. Esta resposta é importante, porque Jesus não disse que os apóstolos não tinham fé, mas sim que a sua fé era pouca. A fé, portanto, segundo Jesus, admite graus de grandeza, um ensinamento que ele repete em muitas outras passagens:

*"E chegados  
junto do  
povo,  
apresentou-  
se um  
homem que,  
lançando-se  
de joelhos  
diante de  
Jesus, disse-  
lhe:*

*“Senhor, tem  
compaixão  
de meu filho,  
que é  
lunático e*

**sofre muito;  
pois muitas  
vezes cai no  
fogo e  
outras na  
água.**

**Apresentei-o  
aos teus  
discípulos, e  
não  
puderam  
curá-lo'.**

**Respondeu-  
lhe Jesus:**

**`Ó geração  
incrédula e  
perversa!  
Até quando  
estarei  
convosco?  
Até quando  
vos hei de  
suportar?  
Trazei-mo  
para cá'.**

**E Jesus  
intimou ao  
demônio  
que saísse  
dele; e  
desde  
aquele  
momento o  
pequeno  
ficou  
curado.  
Então os  
discípulos  
chegaram a  
Jesus, em**

***particular, e  
disseram-  
lhe:***

***`Por que é  
que nós não  
o  
conseguimos  
expulsar?'***

***E ele lhes  
disse:***

***`Por causa  
de vossa  
pouca fé'''.***

**Mt .  
17 ,  
14-  
20**

**A lição que esta passagem nos ensina é que, para alcançarmos a graça do Espírito Santo, não apenas devemos procurar adquirir a fé, mas devemos também procurar fazer com que ela aumente. Deus, de fato, quer enviar-nos o Espírito Santo e, para isto, não quer apenas que nós creiamos, mas quer também que a nossa fé seja grande. É o que se deduz de uma outra passagem do Evangelho de Mateus, em que Jesus censura São Pedro pela sua pouca fé:**

***"Certa  
vez",***

**diz o Evangelho de Mateus,**



**"Jesus  
obligou os  
seus  
discípulos a  
subirem em  
uma barca e a  
passarem à  
outra margem  
do lago de  
Genesaré.**

**Depois, Jesus  
subiu só a um  
monte para  
orar. Quando  
chegou à  
noite, achava-  
se ali só.**

**Entretanto, a  
barca no meio  
do mar era  
batida pelas  
ondas, porque  
o vento era  
contrário.**

**Porém, na  
quarta vigília  
da noite, foi  
Jesus ter com  
eles, andando  
sobre o mar.**

**Os discípulos,  
quando o  
viram andar  
sobre o mar,  
turbaram-se,  
dizendo:**

**'É um  
fantasma'.**

**E, com medo,  
começaram a  
gritar. Mas**

**Jesus falou-  
lhes  
imediatamente,  
dizendo:**

**`Tende  
confiança;  
sou eu, não  
temais'.**

**Respondendo  
Pedro, disse:**

**`Senhor, se és  
tu, manda-me  
ir até onde  
estás sobre as  
águas'.**

**E ele disse:**

**`Vem'.**

**Descendo  
Pedro da  
barca,  
caminhava  
sobre a água  
para ir a  
Jesus. Vendo,  
porém, que o  
vento era  
forte, teve  
medo, e  
começando a  
afundar  
gritou,  
dizendo:**

**`Senhor, salva-  
me!'**

***Imediatamente  
Jesus,  
estendendo a  
mão, o tomou  
e disse:***

***`Homem de  
pouca fé, por  
que  
duvidaste?'"***

**Mt .  
14 ,  
22 -  
31**

**Já em outras ocasiões, em vez de Jesus censurar a pouca fé, elogiava algumas pessoas em que tinha encontrado uma grande fé. São exemplos que mostram que, assim como a fé pode ser pouca, ela também pode ser muita, e que nos ensinam que, além de possuir a virtude da fé, para o nosso bem espiritual, devemos procurar fazer com que ela aumente:**

***"depois que  
Jesus e  
seus  
discípulos  
atravessaram  
o Lago de  
Genesaré",***

**diz o Evangelho de Mateus,**

**"tendo partido dali, retirou-se Jesus para a região de Tiro e de Sidônia. E eis que uma mulher cananéia, que tinha saído daqueles arredores, gritou, dizendo-lhe:**

**`Senhor, Filho de Davi, tem piedade de mim! Minha filha está miseravelmente atormentada pelo demônio!'**

**Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E, aproximando-se seus discípulos, pediam-lhe, dizendo:**

**`Despede-a, porque vem gritando atrás de nós'.**

**Ele, respondendo, disse:**

***`Eu não fui  
enviado senão  
às ovelhas  
desgarradas  
de Israel'.***

***Ela, porém,  
veio e prostrou-  
se diante dele,  
dizendo:***

***`Senhor, vail-  
me'.***

***Ele,  
respondendo,  
disse:***

***`Não é bom  
tomar o pão  
dos filhos e  
lançá-los aos  
cães'.***

***Ela replicou:***

***`Assim é,  
Senhor, mas  
também os  
cachorrinhos  
comem das  
migalhas que  
caem da mesa  
dos seus  
donos'.***

***Então Jesus,  
respondendo,  
disse-lhe:***

***`Ó mulher, é  
grande a tua***

***fé! Seja-te feito  
como queres'.***

***E desde aquela  
hora ficou sã a  
sua filha".***

**Mt .  
15 ,  
21 -  
28**

**Estas narrativas contidas nos Evangelhos, como a do jovem lunático que os apóstolos não conseguiram curar, a de São Pedro que afunda depois de ter inicialmente conseguido caminhar sobre as águas, a da mulher cananéia à qual foi concedida a cura de sua filha, embora sejam fatos que se tenham verificado na realidade terrena, são também ao mesmo tempo símbolos de realidades celestes, do mesmo modo que os fatos narrados no Velho Testamento, os quais, embora tenham acontecido realmente conforme os relatos contidos nas Escrituras, são símbolos das realidades descritas no Novo Testamento.**

**O episódio da mulher cananéia significa que se nos for possível ser dito, como a ela:**

***"Ó  
mulher,  
é  
grande  
a tua  
fé",***

**alcançaremos de Deus a graça do Espírito Santo.**

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **5. Sem a fé não é possível a graça do Espírito Santo.**

O Evangelho narra que, depois de ter feito muitos milagres em várias partes de Israel, Jesus retornou à cidade de Nazaré onde havia sido criado. Seus amigos e conhecidos, longe de o receberem com amor e respeito, em vez disso se escandalizaram, percebendo que Jesus havia convivido longos anos com eles aparentemente sem ter realizado nenhum prodígio. Eles queriam ver Jesus fazer tudo aquilo que tinham ouvido ele ter feito em outros lugares:

***"De onde  
Ihe vem  
esta  
sabedoria  
e estes  
milagres?"***,

**perguntavam eles.**

***"Porventura  
não é este  
o filho do  
carpinteiro?  
De onde  
vem pois a  
este todas  
estas  
coisas?"***

**Mas, apesar disto, Jesus não fêz ali muitos milagres, e o Evangelho de Mateus assim se expressa a este respeito:**



***"Não fêz ali  
muitos  
milagres,  
por causa da  
incredulidade  
deles".***

**Mt .  
13 ,  
58**

**No Evangelho de Marcos, o ocorrido é narrado de uma forma  
ainda mais contundente:**

***"Jesus não  
podia fazer  
ali milagre  
nenhum;  
apenas  
curou  
alguns  
poucos  
enfermos,  
impondo-  
lhes as  
mãos,  
admirando-  
se da  
incredulidade  
deles".***

**Mc .  
6 ,  
4-  
5**

**À primeira vista estas passagens podem parecer significar que,**

**sem a fé dos doentes, Cristo seria incapaz de realizar qualquer milagre, mesmo que o quisesse, e que, portanto, a verdadeira causa destes prodígios não seria o próprio Cristo, mas a fé dos que os recebiam.**

**Esta interpretação, porém, se torna manifestamente inaceitável quando passamos a examinar a história da Igreja, na qual encontramos os exemplos dos homens que se decidiram a seguir os passos do Mestre. Encontramos, assim, na história de São Bernardo, um contemporâneo de Hugo de São Vítor, o seguinte relato:**

***"Quando  
Bernardo  
pregava  
contra a  
heresia na  
região de  
Tolouse, um  
dia, acabado  
o sermão,  
aquela boa  
gente lhe  
trouxe uma  
grande  
quantidade  
de pães para  
que os  
abençoasse.  
Ao fazê-lo,  
Bernardo lhes  
disse:***

***`Vereis agora,  
meus filhos,  
se é verdade  
o que eu vos  
ensino e falso  
o que vos  
ensinam e  
vos querem  
persuadir os***

**vossos  
contrários;  
dou-vos este  
sinal, o de  
que todos os  
enfermos que  
comerem  
este pão  
recobrarão  
sua saúde'.**

**Ora, estava  
ali presente o  
bispo de  
Chartres e,  
parecendo-  
lhe que  
aquela  
afirmação de  
São Bernardo  
era muito  
genérica e  
perigosa,  
quis modificá-  
la.**

**Tomando a  
palavra,  
acrescentou:**

**`Vós deveis  
entender que  
estas  
palavras do  
abade  
Bernardo  
significam  
que  
recobrarão  
saúde  
aqueles que  
comerem  
este pão com**

**fé'.**

**Mas a isto  
replicou  
Bernardo:**

**`Não, senhor  
bispo. Não foi  
isto que eu  
disse. Disse  
apenas o que  
as minhas  
palavras  
soaram, isto  
é, que todos  
aqueles que  
provarem  
deste pão  
recobrarão a  
saúde, (com  
fé ou sem fé),  
para que se  
possa  
entender com  
isto que  
estamos aqui  
como  
legítimos e  
verdadeiros  
embaixadores  
de Deus'.**

**Como  
Bernardo o  
disse, assim  
o foi. Todos  
aqueles que  
comeram  
daquele pão  
recobram a  
saúde, sem  
exceção  
nenhuma. A**

**fama daquele  
milagre voou  
imediatamente  
por toda  
aquela  
província e  
foi muito útil  
para extinguir  
a heresia e  
despertar e  
acender os  
corações  
daqueles  
povos à  
devoção, que  
concorriam  
de todas as  
partes para  
ver a  
Bernardo, em  
tão grande  
número que  
lhe foi  
necessário  
para fugir a  
esta honra  
mudar o  
caminho de  
Satat, onde  
se tinha dado  
o milagre,  
para a cidade  
de Tolouse".**

Pedro de  
Ribadaneira,  
Vida de S.  
Bernardo,  
C. 9

Vita Prima S.  
Bernardi  
L. 3, C. 6, n.  
18

Vemos, assim, nesta passagem da vida de São Bernardo, que Deus havia lhe concedido a cura de todos os enfermos que comessem o pão que ele havia abençoado, quer eles cressem, quer não cressem. Jesus, porém, não era menos do que S. Bernardo. Se isto, portanto, foi possível de ser concedido a S. Bernardo, poderia ter sido também realizado pelo Cristo. Daqui se conclui que ao dizer que Jesus passou por Nazaré e não pôde realizar milagres porque os homens não criam, o texto sagrado não pôde ter entendido que Cristo não os fez porque teria sido incapaz de fazê-lo ainda que o quisesse, mas porque, no plano da providência divina, os milagres de Jesus eram um símbolo da regeneração espiritual que a graça do Espírito Santo produz na alma dos homens que vivem da fé. Os milagres que Jesus fazia eram sinais externos de algo muito maior que Deus prepara para aqueles que crêem; e era para não destruir o significado destes sinais que Jesus não podia realizar estes milagres onde as pessoas não crêsem.

---

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



## **6. Primeira conclusão.**

**De tudo quanto dissemos deduz-se a importância da virtude da fé para o desenvolvimento da vida cristã:**

**"Sem  
fé",**

**diz a Epístola aos Hebreus,**

**"não é  
possível  
agradar  
a  
Deus",**

**Heb.  
11,  
6**

**pois é pela fé que se recebe a graça do Espírito Santo, cujo princípio se manifesta pelo dom do temor do Senhor, através do qual nos é dado do alto a força necessária para evitar o pecado, cumprir os mandamentos e iniciar o trabalho de santificação. Aqueles que desejam alcançar o único objetivo importante desta vida e também a vontade de Deus para todos os homens, a santidade, assim como auxiliar o próximo a alcançá-la, devem, portanto, começar pela virtude da fé.**

**Vimos como as Sagradas Escrituras e, em particular, Jesus Cristo e o Apóstolo São Paulo, nos ensinam a importância de se procurar adquirir a fé e de fazê-la crescer, até que, no dizer de Jesus, de uma pequena semente se torne uma grande árvore.**

**Jesus, em uma passagem do Evangelho de Mateus, compara a fé a um grão de mostrada (Mt. 17, 20); mas em outra, volta a**

**comparar o Reino dos Céus, que se inicia em nós pela fé, a este mesmo grão de mostarda. Ao fazer esta segunda comparação, Jesus mostra que a fé, pela qual se inicia o Reino de Deus, no início parece ser uma coisa insignificante, pequeníssima como a menor de todas as sementes, um quase nada que aparentemente não manifesta mais valor ou mais conseqüências do que as menores coisas da vida cotidiana, como uma pequena palavra de consolo ou a simples formalidade de um cumprimento, cuja existência não alteraria o curso dos eventos humanos mais do que a sua não existência. Uma semente de mostarda, tão pequena que não faria diferença até no cardápio de um passarinho. Mas esta fé, ensina Jesus, esconde em sua pequenez a mesma grandiosidade da sabedoria dAquele que criou a semente de mostarda, e se o homem souber como plantá-la e cultivá-la, torna-se a maior de todas as árvores, em nada mais semelhante com aquela semente que havia sido a sua primeira origem:**

***"O  
Reino  
dos  
Céus",***

**diz Jesus,**

***"é  
semelhante  
a um grão  
de  
mostarda.  
É, na  
verdade, a  
menor de  
todas as  
hortaliças,  
mas torna-  
se uma  
árvore  
capaz de  
abrigar as  
aves do***



***céu que  
vem  
pousar em  
seus  
ramos".***

**Mt .  
13 ,  
31 -  
32**

**Para que possamos, portanto, alcançar a plena estatura dos filhos de Deus, devemos, segundo o ensinamento de Jesus, fazer com que a fé em nós se torne uma grande árvore, capaz de**

***"abrigar  
as  
aves  
do céu  
que  
vem  
pousar  
em  
seus  
ramos".***

**Mas para isto deveremos examinar primeiro com mais precisão o que é a virtude da fé de que já falamos, como ela se adquire e qual o seu papel no processo da santificação do homem. É isto que pretendemos fazer no restante deste livro e no próximo.**

---

▪ ***[Anterior](#)***

▪ ***[Índice](#)***

▪ ***[Posterior](#)***



## **7. O que é a fé. Primeira parte.**

**Antes de examinarmos como se adquire a fé, será necessário explicar o que ela é. A este respeito diz a Epístola aos Hebreus:**

***"Sem fé é impossível agradar a Deus, pois é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que recompensa aqueles que o procuram".***

**Heb.  
11,  
6**

**Nesta passagem da Epístola aos Hebreus encontramos uma primeira definição do que é a fé. Fé significa, nas palavras de São Paulo, crer que**

***"Deus  
existe e  
que  
recompensa  
aqueles  
que o  
procuram".***

**São palavras simples e singelas, mas que ainda assim merecem uma pequena explicação.**

**A recompensa para aqueles que O procuram, de que fala São Paulo, é a vida eterna. Crer que Deus recompensa aqueles que o procuram significa crer que existe a vida eterna, preparada para aqueles que buscam a Deus.**

**Crer que Deus existe, a outra parte da expressão usada por São Paulo, significa crer que existe um ser que possui todas as qualidades que a Sagrada Escritura atribui a Deus, isto é, que existe um ser inteiramente espiritual a que chamamos de Deus, o qual, apenas por causa de sua própria natureza, ao contrário de todas as criaturas, existe necessariamente desde toda a eternidade, sem princípio nem fim; que possui vida e felicidade em plenitude inconcebível, dotado de inteligência e bondade infinitas; que criou do nada o céu e a terra e todas as coisas, visíveis e invisíveis, inclusive a nós, homens, a quem Ele ama e quer torná-los participantes de sua natureza e de sua própria felicidade se estes o buscarem, tornando-os seus filhos adotivos e herdeiros do céu, céu que nada mais é do que uma expressão para designar ao próprio Deus em sua felicidade, inteligência e bondade, enquanto fonte da verdadeira e plena felicidade do homem.**

**Fé significa saber que Deus nos ensinou estas coisas e, precisamente por causa dEle no-lo ter ensinado, aceitar voluntariamente tudo isto como verdade tão certa que não deixe mais possibilidade alguma de dúvida. Viver da fé significa que este conhecimento, em sua firmeza, estende seus efeitos a todas as faculdades da psicologia humana e se torna presente na maioria ou mesmo em todas as circunstâncias da vida do homem.**

**Desta primeira explicação pode-se perceber que a fé é, em sua natureza, uma forma de conhecimento. A mesma epístola aos Hebreus atesta que a fé é uma forma de conhecimento quando diz:**

***"Pela fé  
conhecemos  
que o  
mundo foi  
formado  
pela palavra  
de Deus, de  
modo que  
as coisas  
visíveis não  
provieram  
das coisas  
sensíveis".***

**Heb.  
11,  
3**

**É justamente por ser uma forma de conhecimento que a fé é capaz de produzir uma transformação profunda no homem. Pelo conhecimento o homem pode ver coisas que os olhos da carne e os sentidos do corpo são inteiramente incapazes de ver ou alcançar, e isto lhe permite agir a partir de um plano de apreciação mais elevado e mais rico do que aquele em que vivem os homens que não vêem em cada coisa mais do que vêem os olhos do corpo.**

**Podemos entender isto considerando a atitude de homens diversos diante de uma vítima de uma doença muito grave. O homem comum, diante de um doente nestas condições, conduzirá toda a sua atenção ao que lhe mostram os olhos da carne e apreendem os sentidos do corpo; julgará, a partir do que vê neste plano, estar diante de um quadro talvez horroroso, triste e repugnante, e ficará agradecido se puder nunca mais**

**voltar a ver-se diante de uma situação como esta. Já um médico de profundos conhecimentos, ao contemplar o doente, fará pouco caso do que os olhos lhe mostram enquanto olhos; pouco o transtornará a gravidade aparente do caso e conduzirá toda a sua atenção ao conhecimento médico de que é rica a sua inteligência; embora de fato esteja vendo e cuidando do paciente, os olhos de sua alma estarão contemplando, através deste paciente, uma forma de conhecimento a que chamamos de ciência médica. Por causa disso, em vez de julgar estar diante de um quadro que qualquer outro homem chamaria de horroroso, dirá ao seu colega médico que está lidando com um caso interessantíssimo e que apreciará toda a oportunidade de voltar a estudá-lo em ocasiões similares. O padrão de seu comportamento diante do paciente diferirá também muitíssimo daquele do homem comum. Para qualquer pessoa que puder observar o verdadeiro médico, haverá sinais evidentes de que ele estará agindo, naquelas circunstâncias, mesmo em seus gestos não diretamente relacionados com o exercício da arte médica, a partir de um plano superior de apreciação que suscita admiração pela beleza do domínio que ele tem diante da situação enfrentada. Se isto, porém, ocorre, em boa parte se deve ao fato de que ele é capaz de ver, em todos aqueles eventos, muita coisa que os outros não podem ver.**

**Assim também ocorre com a fé, mas com muitas diferenças que não existem no exemplo da ciência médica.**

**A primeira destas diferenças é que o médico só age a partir deste plano superior de apreciação no momento em que ele cuida de um paciente de sua especialidade e no que diz respeito à sua doença; fora disto, em todas as demais circunstâncias e aspectos de sua vida, o médico tende a agir no plano dos olhos do corpo ou muito próximo a ele, tal como o comum das pessoas. O conhecimento da fé, ao contrário, quando existe, tende a se estender a todas as possibilidades do agir humano e através dele o homem vive permanentemente num plano superior de apreciação, com todas as conseqüências que daí decorrem. Para estes, diz Hugo de S. Vítor,**

**"todo o mundo sensível é como um livro escrito por Deus, e cada uma das criaturas são figuras instituídas para a manifestação da sabedoria do Deus invisível. Assim como um analfabeto que abrisse um livro veria as figuras mas não reconheceria as letras, assim também é o homem animal que não percebe as coisas que são de Deus: nas criaturas visíveis vê externamente a espécie, mas não lhes compreende internamente a razão. O**

**homem  
espiritual,  
porém,  
considera  
externamente  
a beleza da  
obra, e  
concebe  
internamente  
quão  
admirável é  
a sabedoria  
do Criador,  
como se em  
um só e  
mesmo livro  
um destes  
homens  
louvasse a  
cor e a  
forma das  
figuras e o  
outro  
louvasse o  
sentido e o  
significado".**

**Pode-se dar um exemplo concreto do que significam estas palavras de Hugo de S. Vitor na vida de Santa Clara de Assis.**

**Santa Clara viveu em uma época em que as viagens, principalmente para as pessoas pobres, tinham que ser feitas a pé e em que ladrões e malfeitores se organizavam em bandos permanentes, sem que existisse uma polícia organizada para patrulhar as estradas. Havia, portanto, condições muito precárias de segurança para se empreender uma viagem. Como seria de se esperar nestas ocasiões, sempre que as irmãs de seu mosteiro tivessem que partir para algum lugar distante, Santa Clara nunca deixava de lhes dar importantes recomendações. Que recomendações seriam estas?**

**Se não fosse Santa Clara, estas recomendações certamente seriam avisos tais como:**

**Cuidado  
para não  
atravessarem  
lugares  
desertos  
quando se  
aproximar o  
cair da  
noite!**

**Procurem  
não  
conversar  
com  
pessoas  
estranhas  
ou  
suspeitas!**

**Não  
carreguem  
dinheiro,  
pois será  
maior o  
perigo de  
serem  
assaltadas!**

**Rezem  
bastante,  
para  
poderem  
evitar os  
perigos da  
estrada!**

**Qualquer pessoa que estivesse sinceramente preocupada com o bem estar de suas irmãs de partida para uma viagem nas**



**condições daquela época não esqueceria de lhes dar muitas recomendações deste tipo. Não era este, porém, o caso de Santa Clara.**

**Aquilo que os seus olhos de carne viam não chamavam a atenção de Clara mais do que o estritamente necessário. Os olhos de sua alma, porém, estavam inteiramente voltados para realidades que os olhos do corpo não são capazes de perceber. Não é de se admirar, portanto, que as recomendações de viagem de Santa Clara fossem tão diferentes das que seriam de se esperar do comum dos homens. Uma das testemunhas ouvidas em seu processo de canonização, de fato, nos deixou relatado que**

***"Quando ela enviava as irmãs em viagem, ou quando as mandava fazer algum serviço fora do mosteiro, suas recomendações eram que, sempre que vissem alguma árvore linda e com flores, não se esquecessem de louvar a Deus".***

**Também Hugo de S. Vitor, no Sexto Livro do Didascalicon, em uma das poucas passagens em que fala de si mesmo, diz que em sua juventude apreciava muito passar longas horas da noite contemplando as estrelas do céu. Que via ele, porém, no céu estrelado? Com certeza não era o brilho das estrelas o que chamava a sua atenção, por mais belo que fosse, naquela época em que não havia poluição ambiental nem luzes na cidade. Seus**

**olhos contemplavam as estrelas, mas a atenção de sua alma ia muito mais longe:**

***"Quando  
nada  
existia",***

**dizia Hugo,**

***"que potência  
não era  
necessária para  
fazer com que  
algo existisse?  
Que sentido  
poderá  
compreender  
quanto virtude  
não haverá no  
se fazer do nada  
ainda que seja  
uma única  
coisa, e ainda  
que seja a  
mínima de  
todas?"***

***Se, portanto, há  
tanta potência  
no se fazer do  
nada uma só  
coisa, ainda que  
pequena, como  
não se poderá  
compreender  
quão grande  
deveremos  
estimar a  
potência que  
criou tamanha  
multidão de***

**seres?**

**Quantos são?  
De que tamanho  
é esta multidão?  
O número de  
estrelas do céu,  
a areia do mar,  
o pó da terra, as  
gotas da chuva,  
as penas das  
aves, as  
escamas dos  
peixes, os pelos  
dos animais, a  
grama dos  
campos, as  
folhas e os  
frutos das  
árvores, e os  
números  
inumeráveis  
dos demais  
inumeráveis.**

**Mas teria aquele  
que tudo fêz,  
feito pequenas  
todas as  
coisas? Teria  
sido ele incapaz  
de fazer  
simultaneamente  
a multidão e a  
grandeza das  
coisas? Qual é,  
porém, a  
magnitude  
desta grandeza?**

**Mede a  
corpulência das  
montanhas, o**

**curso dos rios,  
o espaço dos  
campos, a  
altura do céu, a  
profundidade do  
abismo.**

**Admira, pois  
não o és capaz;  
mas justamente  
não o sendo  
capaz que  
melhor te  
admirarás.**

**Quisera eu  
poder discernir  
todas estas  
coisas com  
tanta  
delicadeza,  
poder narrá-las  
com tanta  
competência  
quanto posso  
ardentemente  
amá-las!**

**É para mim uma  
doçura e uma  
alegria imensa  
tratar com  
frequência  
destas coisas e  
admirar,  
clamando junto  
com o salmista:**

**`Quão  
magníficas,  
Senhor, são as  
tuas obras;  
mais profundos,**

***porém, são os  
teus  
pensamentos"***.

**Tal é a vivência da fé na alma dos homens.**

**Nos escritos de Santo Tomás de Aquino encontramos algo que é como que um resumo para todos estes exemplos. Santo Tomás diz que todo conhecimento parte de princípios que só podem ser conhecidos de dois modos, ou pela luz natural da inteligência, ou por alguma ciência superior. A fé é um modo de conhecimento do segundo tipo; seus princípios só podem ser conhecidos à luz da ciência superior que há em Deus e nos santos do paraíso, e ela é, por este motivo, como que uma participação da ciência divina na alma humana.**

**A fé também é, segundo diz São Paulo,**

***"A  
substância  
das coisas  
que se  
esperam, a  
demonstração  
das coisas  
que não se  
vêem"***.

**Heb.  
11,  
1**

**"As coisas que se esperam" são o paraíso, a recompensa que Deus prepara para aqueles que o buscam. "A substância das coisas que se esperam" é já contemplar na terra aquilo que se verá no céu. "As coisas que não se vêem" são Deus em sua existência e em todos os seus atributos. "A demonstração das coisas que não se vêem" é já poder vê-las com os olhos da alma**

com a mesma firmeza como se já tivessem sido demonstradas.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **8. O que é a fé. Segunda parte.**

**Nossa exposição sobre a natureza da fé baseou-se, até aqui, nas três definições de fé encontradas no décimo primeiro capítulo da Epístola aos Hebreus (Heb. 11, 6; Heb. 11, 3; Heb. 11, 1). Mas o estudante das Sagradas Escrituras perceberá facilmente, percorrendo as páginas do Novo Testamento, onde se fala superabundantemente da virtude da fé, que na maioria das passagens em que o texto sagrado fala a este respeito, está se referindo à fé em Cristo e não, pelo menos diretamente, à fé em Deus ou na vida eterna, como o fez o décimo primeiro de Hebreus. A grande insistência do Novo Testamento é, de fato, e se trata de uma coisa facilmente constatável, a fé em Cristo.**

**No Evangelho de São João, Jesus coloca a fé em Deus de que fala o décimo primeiro de Hebreus lado a lado com a fé nEle mesmo:**

***"Não se turbe o vosso coração",***

**diz Jesus.**

***"Credes em Deus, credes também em mim".***

**Jo.  
14,  
1**

**Três capítulos mais adiante, ainda no Evangelho de São João, Jesus faz uma afirmação muito semelhante:**

***"Esta é  
a vida  
eterna",***

**diz Jesus orando ao Pai,**

***"que te  
conheçam  
a ti, o  
único  
Deus  
verdadeiro,  
e a Jesus  
Cristo,  
aquele a  
quem  
enviaste".***

**Jo.  
17,  
3**

**Nestas duas passagens a fé e o conhecimento de Deus são colocados lado a lado com a fé e o conhecimento de Cristo. Mas na maioria das restantes e muitíssimo numerosas passagens em que se fala da fé, o Novo Testamento fala apenas da fé em Cristo, como se o objeto da fé não fosse mais do que a pessoa de Cristo. Assim é que, ainda no Evangelho de São João, Jesus diz:**



**"Deus  
amou de  
tal modo o  
mundo,  
que lhe  
deu o seu  
Filho  
unigênito,  
para que  
todo  
aquele que  
nEle crê,  
não  
pereça,  
mas tenha  
a vida  
eterna.  
Porque  
Deus não  
enviou o  
seu Filho  
ao mundo  
para  
condenar  
o mundo,  
mas para  
que o  
mundo  
seja salvo  
por Ele.  
Quem nEle  
crê, não é  
condenado,  
mas quem  
não crê, já  
está  
condenado,  
porque  
não crê no  
nome do  
Filho  
unigênito  
de Deus".**

Jo.  
3,  
16-  
18

**Nesta passagem, Jesus não fala mais do que na fé nEle próprio. Nos Atos dos Apóstolos, igualmente, lemos que, após um terremoto que abriu as portas do cárcere em que São Paulo estava sendo mantido preso, um soldado lançou-se aos seus pés e lhe perguntou:**

***"Senhor,  
que é  
necessário  
que eu  
faça para  
me  
salvar?"***

**Paulo respondeu:**

***"Crê no  
Senhor  
Jesus  
e serás  
salvo,  
tu e tua  
família".***

Atos  
16,  
29-  
30

**Mais significativo ainda é que, no final de seu Evangelho, São João explica o motivo que o levou a escrevê-lo e a narrar nele tantos detalhes das coisas que Jesus havia feito e ensinado. Ao declarar o objetivo de sua obra, João diz apenas:**

***"Muitas  
outras  
coisas  
fêz ainda  
Jesus na  
presença  
de seus  
discípulos  
que não  
foram  
escritas  
neste  
livro.  
Estas,  
porém,  
foram  
escritas  
para que  
vós  
acrediteis  
que  
Jesus é o  
Cristo,  
Filho de  
Deus, e  
para que,  
crendo,  
tenhais a  
vida  
eterna  
em seu  
nome".***

Jo.  
20,  
30-  
31

Muitíssimas outras passagens, na verdade quase o Novo Testamento inteiro, poderia ser citado para mostrar que a Sagrada Escritura, ao tratar da fé, insiste de maneira muito especial na fé em Cristo. Ora, o estudante das Escrituras já deve ter percebido a seriedade e a sublimidade da doutrina contida no texto sagrado, cuja profundidade se manifesta em toda a parte, inclusive em seus detalhes aparentemente mais insignificantes. Se estas mesmas Escrituras insistem tanto, tão explícita, repetida e copiosamente na fé em Cristo, certamente isto não deve ter sido causado por alguma circunstancialidade ou por uma questão de gosto ou preferência pessoal dos seus autores. Deve haver para tanto motivos objetivamente muito importantes, proporcionais à insistência com que este assunto é tão repetidamente mencionado. Trata-se, na verdade, de algo tão importante, que será ele sozinho o tema do livro que virá a seguir, em que trataremos apenas da fé enquanto fé em Cristo, continuando neste a falar da virtude da fé no seu sentido geral. Deve-se notar, entretanto, que não há duas fés, a geral e a fé em Cristo; ambas são uma mesma virtude, a mesma fé, através da qual se recebe a graça do Espírito Santo, e se iremos tratar da fé em Cristo em um livro à parte, será apenas para que a explicação fique mais clara, e não porque uma coisa possa ser separada da outra.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **9. O que é a fé. Terceira parte.**

Já vimos que a fé é um modo de conhecimento. Nem todo conhecimento, porém, é fé. Temos que considerar agora, portanto, no que a fé difere das demais formas de conhecimento.

A fé, segundo Santo Tomás de Aquino, é

***"um  
assentimento  
da  
inteligência  
àquilo que  
se crê",***

isto é, a fé é um ato da inteligência que aceita como verdade aquilo que lhe é proposto para crer. Muitas outras formas de conhecimento envolvem também um assentimento da inteligência, mas não por isso são chamadas de fé. Aquilo em que a fé difere de todas elas é o modo como é feito este assentimento. Nas outras formas de conhecimento a inteligência é movida ao assentimento porque ela percebe a evidência da verdade conhecida, enquanto que na fé a inteligência é movida ao assentimento por uma escolha voluntária. Na fé o conhecimento não é alcançado através da evidência da própria coisa conhecida, mas por um assentimento da inteligência movido pela vontade que aceita algo ser verdade porque Deus assim o revela. Nas demais formas de conhecimento a inteligência não é movida pela vontade, mas é movida pela própria inteligência, porque ela mesma encontrou diretamente alguma evidência da verdade conhecida ou realizou algum raciocínio que a tornou evidente.

Todos aqueles que tem fé conhecem como que naturalmente esta diferença de que estamos falando, mesmo que não tenham estudado sobre ela. Quando alguém se refere à posse de outras formas de conhecimento que não o da fé, sempre se refere a elas utilizando-se de expressões tais como

**"eu  
sei"**

**ou**

**"eu  
entendo  
esta ou  
aquela  
coisa".**

**Quando se trata, porém, de algo conhecido pela fé, não dizemos  
mais**

**"eu  
sei",**

**mas sim**

**"eu  
creio",**

**embora tanto em um caso como em outro sejam modos de  
conhecimento. Ainda que as pessoas que se expressam deste  
modo possam não tê-lo percebido, a escolha diversa das  
expressões se dá porque quando alguém diz**

**"eu  
creio",**

**está incluindo no significado desta expressão, além do próprio  
conhecimento, um ato da vontade. É por isto que não  
consequimos nos utilizar daquelas outras expressões como**

**"eu  
sei"**

**quando queremos descrever o conhecimento da fé, pois a expressão**

**"eu  
sei"**

**descreve uma forma de conhecimento que não envolve nenhum ato da vontade.**

**Assim, para se fazer um ato de fé devem participar tanto a inteligência como a vontade. Mas, como a fé é essencialmente um conhecimento, embora para que a fé se realize tenha que haver uma participação da vontade, dizemos que a fé pertence de modo próprio à inteligência:**

***"Crer é, de modo imediato, um ato da inteligência",***

**diz Santo Tomás de Aquino,**

***"porque o objeto de seu ato é a verdade, que é algo que pertence de modo próprio à inteligência, e não à vontade".***

Summa  
Theologiae  
IIa IIae,  
Q. 4 a.2

**Segundo uma feliz formulação contida na Summa Sententiarum de Hugo de S. Vitor, a fé, enquanto conhecimento, tem como principais objetos e consiste maximamente**

***"no  
mistério de  
Deus e do  
Verbo  
Encarnado",***

**isto é, no mistério de Deus e de Cristo. Que a fé, porém, consista principalmente em crer no mistério de Deus e de Cristo parece ser um ensinamento diverso daquele que nos é dado pelos dois textos da Epístola aos Hebreus segundo a qual a fé consiste em**

***"crer que  
Deus existe  
e que  
recompensa  
aqueles  
que o  
procuram",***

Heb.  
11,  
6

**ou na**



***"substância  
das coisas  
que se  
esperam e na  
demonstração  
das coisas  
que não se  
vêem".***

**Heb.  
11,  
1**

**Conforme já vimos, ambas estas passagens significam a mesma coisa, isto é, que a fé tem como seus principais objetos Deus e a vida eterna. Quando dizemos, porém, que a fé, enquanto conhecimento, tem como principais objetos o mistério de Deus e o mistério de Cristo, já incluímos implicitamente nestas palavras a vida eterna, pois, no dizer de Jesus,**

***"Nisto  
consiste a  
vida  
eterna,  
que te  
conheçam  
a ti, único  
Deus  
verdadeiro,  
e aquele a  
quem  
enviaste,  
Jesus  
Cristo".***

Jo.  
17,  
3

**A fé, porém, se estende também, em segundo lugar, a todas as demais coisas que se ordenam a Deus, e que nos são propostas pela revelação.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **10. Qualidades da fé.**

**Mostramos, até aqui, a importância que as Escrituras conferem à virtude da fé, que é a ela que se atribui o recebimento da graça do Espírito Santo, e explicamos o que é a fé, considerada em sua essência.**

**Quando um centurião romano veio pedir a Cristo que lhe curasse um de seus servos, Jesus, vendo a sua fé, lhe respondeu:**

***"Em  
verdade  
eu vos  
digo,  
que não  
encontrei  
ninguém  
em  
Israel  
com tão  
grande  
fé. Vai,  
faça-se  
segundo  
a tua  
fé".***

**Mt .  
8 ,  
13**

**Cristo poderia ter curado o servo independentemente da fé do centurião; mas na vida espiritual, de que este milagre é um símbolo, a restauração do homem, a obra que Cristo efetivamente tomou sobre si e que veio tornar possível, não se realiza senão segundo a sua fé. Vítima, no dizer de Santo Antão,**

***"juntamente com  
toda a família  
humana, de uma  
chaga profunda  
que infecciona e  
aumenta  
prodigiosamente",***

**para que a fé possa trazer ao homem aquele nascimento e crescimento espiritual que num texto anterior atribuímos à graça do Espírito Santo, é necessário que esta fé, sem a qual, dizem as Escrituras,**

***"não é  
possível  
agradar  
a  
Deus",***

**se revista de certas condições de que ainda não tratamos. Estas condições podem ser vistas como sinais pelos quais o homem que busca crescer na fé pode fazer uso para examinar seu progresso nesta virtude. Destas condições, as três primeiras são qualidades inerentes à virtude da fé. São elas a firmeza, a constância e a pureza, de que trataremos em seguida.**

---

▪ ***Anterior***

▪ ***Índice***

▪ ***Posterior***



## **10. 1. A firmeza da fé.**

**A firmeza da fé é aquela certeza profunda da verdade do que é proposto por Deus para se crer. Embora seja a qualidade mais conhecida da fé, não é, porém, a única. Os evangelhos insistem de modo especial nela, reportando-a ao ensinamento do próprio Jesus:**

***"Em  
verdade  
eu vos  
digo",***

**diz Jesus no Evangelho de São Marcos,**

***"se alguém  
disser a  
este  
monte:***

***`Ergue-te e  
lança-te no  
mar',***

***e não  
hesitar no  
próprio  
coração,  
mas  
acreditar  
que  
aconteça o  
que diz,  
isso lhe  
será feito.  
Por isso eu  
vos digo,  
tudo o que  
pedirdes***

**na oração,  
crede  
como já  
alcançado,  
e vos será  
concedido".**

**Mc .  
11 ,  
23 -  
24**

**No Evangelho de Mateus encontramos uma passagem muito semelhante:**

**"Se  
tiverdes  
fé como  
um grão  
de  
mostarda",**

**diz também Jesus,**

**"podereis  
dizer a este  
monte:**

**`Muda-te  
daqui para  
ali'**

**e ele se  
mudará; e  
nada vos  
será  
impossível".**

Mt .  
17 ,  
20

**Nestas passagens ocorre algo semelhante ao comentado por ocasião dos milagres de Jesus, que dissemos serem sinais de realidades da vida espiritual. Jesus se refere ao monte que se ergue e se lança ao mar; mas este milagre extraordinário, como todos os demais operados por Jesus, é o símbolo da restauração humana operada pela graça do Espírito Santo. De fato, lemos em várias partes do Evangelho que aquilo que Jesus ensinou que devemos pedir em primeiro lugar através da oração é a graça do Espírito Santo. A contrapartida para esta disposição humana em pedir a Deus com tanto empenho a graça do Espírito Santo a ponto de colocá-la em primeiro lugar diante de todos os demais pedidos possíveis é a revelação das Sagradas Escrituras de que Deus promete como verdade de fé que está disposto a conceder a graça do Espírito Santo a todos aqueles que lhe pedirem através da oração. Esta é a oração, dizem as Escrituras, que Deus ouve infalivelmente:**

***"Por  
isso  
eu  
vos  
digo",***

**disse Jesus na passagem já citada acima,**

***"tudo o  
que  
pedirdes  
na oração,  
crede  
como já  
alcançado,  
e vos será  
concedido".***

**Nesta passagem Jesus aparenta estar se referindo ao milagre do monte e a outros milagres de ordem material, e não está mentindo, porque ele prometeu de modo claríssimo que todos aqueles que cressem verdadeiramente seriam acompanhados pelos milagres (Mc. 16, 17-18). Mas, apesar disto, esta passagem do monte se refere de modo principal à obtenção da graça do Espírito Santo, que vem infalivelmente pela fé. As demais orações e milagres só são concedidos, ordinariamente, aos que pela fé pedem e alcançam de Deus primeiro a graça do Espírito Santo sem se preocuparem com o resto. De fato, é o mesmo Jesus que assim ensinou:**

***"Buscai  
em  
primeiro  
lugar o  
Reino de  
Deus e a  
sua  
justiça, e  
todas as  
outras  
coisas vos  
serão  
dadas por  
acréscimo".***



Mt .

6 ,

33

**Esta também é outra promessa de Jesus, isto é, que todas as demais coisas seriam dadas por acréscimo se, em primeiro lugar, fosse buscado o Reino de Deus.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **10. 2. A constância da fé.**

**Para entender o que significa a constância da fé, convém examinar primeiro uma observação dos "Mistérios da Fé Cristã", onde Hugo de S. Vítor diz que crer é algo muito diferente do que apenas não negar os ensinamentos da fé:**

***"Há um  
gênero  
de  
homens",***

**diz Hugo de S. Vítor,**

***"para os  
quais crer  
significa  
apenas  
não  
contradizer  
a fé".***

**Ainda que não a contradigam não só pelas palavras, mas também pelas obras, tais pessoas**

***"são  
chamadas  
fiéis mais  
pelo  
costume  
da vida do  
que pela  
virtude de  
crer".***

***"Dedicados  
apenas às  
coisas do***

***mundo e  
às coisas  
que  
passam",***

**continua Hugo,**

***"nunca  
elevam a  
mente ao  
pensamento  
das coisas  
futuras;  
embora  
recebam os  
sacramentos  
da fé cristã  
juntamente  
com os  
demais  
fiéis, não  
atentam  
para o que  
significa ser  
cristão ou  
que  
esperança  
há na  
expectativa  
dos bens  
futuros.  
Embora  
chamamos  
a estas  
pessoas  
fiéis pelo  
nome, de  
fato e em  
verdade  
estão longe  
da fé".***

**De fato, diz ainda Hugo em outra passagem dos Mistérios da Fé Cristã, pela fé produz-se**

***"uma tal  
pureza do  
coração e  
da  
consciência"***

**no homem que já**

***"se começa  
a saborear  
interiormente  
aquilo que  
se crê pela  
fé".***

**Se isto ocorre não uma vez ou outra, mas sempre e cada vez mais freqüente e constantemente, chamamos a isto de constância da fé, o que fêz São Paulo dizer que os homens santos**

***"vivem  
da  
fé".***

**De fato, na Epístola aos Hebreus, São Paulo cita o livro de Habacuc, em que o profeta diz a mesma coisa:**

**"O justo  
viverá da  
fé,  
diz o  
Senhor,  
mas,  
se  
retroceder,  
não será  
aceito à  
minha  
alma".**

**Heb.  
10,  
37**

**O mesmo, porém agora com suas próprias palavras, São Paulo escreve na Epístola aos Colossenses:**

**"Já que  
ressuscitastes  
com Cristo,  
procurai as  
coisas do  
alto,  
pensai nas  
coisas do  
alto,  
não vos  
interesseis  
pelas  
terrenas,  
já que vós  
morrestes,  
e vossa vida  
está  
escondida  
com Cristo  
em Deus".**

Col .  
3 ,  
13

**Se nossa fé não for assim, embora sejamos chamados de fiéis,  
diz Hugo de São Vítor,**

***"de fato e  
em  
verdade  
estaremos  
longe da  
fé".***

**Outra era a fé do profeta Elias, de quem dizem as Escrituras que  
vivia constantemente**

***"na  
presença  
do  
Senhor".***

I  
Reis  
17 ,  
1

**Outra também era a fé dos salmistas, os quais, em suas  
orações, quando se referiam ao tabernáculo ou à casa do  
Senhor, freqüentemente era à fé que estavam se referindo:**

**"Pudesse  
eu habitar  
para  
sempre no  
teu  
tabernáculo,  
ó Senhor, e  
acolher-me  
à sombra  
das tuas  
asas".**

Salmo  
61,  
5

**"Bem  
aventurado,  
Senhor, o  
homem  
que  
acolhes e  
tomas para  
ti. Ele  
habita nas  
tuas  
moradas,  
sacia-se  
dos bens  
de tua  
casa, da  
santidade  
do teu  
templo".**

Salmo

65,

5

**"A minha  
alma  
suspira,  
deseja os  
átrios do  
Senhor; o  
meu  
coração e a  
minha carne  
exultam  
pelo Deus  
vivo. Bem  
aventurados,  
Senhor, os  
que moram  
na tua casa,  
eles te  
louvam sem  
cessar. Ao  
passarem  
pelo vale  
mais árido,  
o  
transformam  
em fonte, e  
a primeira  
chuva o  
recobre de  
bênçãos.  
Caminham  
com vigor  
sempre  
crescente,  
verão o  
Deus dos  
deuses em  
Sião".**



Salmo  
84,  
3-8

**Para entender o significado destas passagens, deve-se considerar primeiramente que o maior mandamento do Cristianismo não é a fé, mas o amor a Deus, conforme a sentença de Cristo:**

***"Amar a  
Deus de todo  
o coração,  
com todo o  
entendimento,  
com toda a  
alma,  
com todas as  
forças,  
este é o  
primeiro",***

**diz Jesus,**

***"e o maior de  
todos os  
mandamentos".***

Mc .  
12,  
29-  
31

**Porém, para que Deus habite permanentemente em nós pelo amor, devemos também construir em nós uma casa para a fé, e é desta casa que falam os salmos acima. Pela constância da fé**

**se constrói a casa em que Deus vem habitar em nós pelo amor, e é desta constância que também falava Ricardo de São Vítor no prefácio do De Trinitate:**

**" `O meu  
justo vive da  
fé'.**

**Esta  
sentença é ao  
mesmo  
tempo  
apostólica e  
profética. O  
Apóstolo diz  
o que o  
profeta  
prediz, pois o  
justo vive da  
fé; e se assim  
é, ou melhor,  
porque assim  
é, devemos  
nos elevar  
com  
frequência  
aos mistérios  
de nossa fé.  
Se somos  
filhos de  
Sião,  
levantemos  
aquela  
sublime  
escada da  
contemplação,  
tomemos  
asas como de  
águia, pelas  
quais nos  
possamos  
destacar das  
coisas**

**terrenas e  
nos levantar  
às coisas  
celestes.  
Pensemos  
nas coisas do  
alto, não nas  
coisas da  
terra, onde  
Cristo está  
sentado à  
direita de  
Deus; para  
isto de fato  
Cristo nos  
enviou o seu  
Espírito, para  
que  
conduzisse o  
nosso  
Espírito de tal  
modo que  
para onde  
Cristo  
ascendeu  
com o corpo,  
ascendamos  
nós pela  
mente".**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **10. 3. A pureza da fé.**

**Para entendermos o que é a pureza da fé devemos entender primeiro o que é a pureza considerada em si mesma. Podemos nos valer para tanto do Comentário ao Livro do Profeta Joel, escrito por Hugo de São Vitor. Ao comentar o verso**

***"Jerusalém  
será santa,  
e os  
estrangeiros  
não  
tornarão  
mais a  
passar por  
ela",***

**Joel  
3,  
17**

**ele anuncia que irá nos explicar o que é a santidade. Na realidade, porém, em vez da santidade o que ele nos expõe é a essência da pureza, tomando-a pela santidade, na medida em que a santidade envolve necessariamente a pureza. Eis o que ele nos diz a respeito:**

***"O próprio  
nome  
santidade",***

**diz Hugo,**

**"mostra de  
muitos  
modos a  
sua virtude  
e a sua  
espécie:  
santo em  
grego se diz  
AGHIOS,  
nome  
composto  
de A e GHE.  
GHE  
significa  
terra, A  
significa  
sem. De  
onde que é  
dito santo o  
que é feito  
sem terra, e  
se eleva da  
terra.  
Santos  
eram  
aqueles de  
quem está  
escrito:**

**`Nossa  
conversação  
está nos  
céus'.**

**Fl.  
3,  
20**

***`Jerusalém',  
portanto,  
`será santa',  
diz Joel, pela  
alma  
contemplativa,  
pelos seus  
afetos  
celestes, pelo  
seu senso  
espiritual, por  
suas ações  
angélicas".***

**"É dito santo o que é feito sem terra", diz este comentário a Joel, "e se eleva da terra". Esta é a essência daquilo a que chamamos de pureza. As coisas nobres são ditas puras quando não contém mistura de substâncias estranhas. A água é pura quando não contém barro nem sujeira, o ouro é puro quando não vem misturado com outros metais. A nobreza da fé provém dela ser de coisas celestes; a vida da fé será pura quando não vier misturada com as coisas da terra.**

**No Comentário à Ética de Aristóteles Santo Tomás de Aquino também nos diz, de outro modo, o que é a pureza. Ali encontramos escrito:**

***"A  
sabedoria  
é  
admirável  
pela sua  
pureza. A  
pureza da  
sabedoria  
provém do  
fato dela  
ser acerca  
de coisas  
imateriais".***

**Nesta passagem Santo Tomás diz que a sabedoria é pura porque ela diz respeito a coisas imateriais; ele associa, portanto, a pureza à imaterialidade.**

**Ora, a vida da fé produz na alma do homem esta forma de pureza, pois, conforme diz a Epístola aos Hebreus, ela diz respeito**

**"às  
coisas  
que  
não  
se  
vêm".**

**Heb.  
11,1**

**As coisas que não se vêem são as coisas imateriais, isto é, as coisas do céu, que não se vêem com os olhos da carne porque são inteiramente espirituais.**

**A fé é pura por ser de coisas que não se vêem não porque devido a alguma circunstância estas coisas não puderam ser vistas, mas porque, por sua própria natureza, estas coisas não poderiam ser vistas pelos olhos da carne quaisquer que fossem as circunstâncias. Neste sentido, não são os acontecimentos narrados pelas Sagradas Escrituras que são o objeto principal da fé, isto é, aquilo em que Deus quer que o homem principalmente creia e viva desta fé; os fatos históricos narrados pelas Escrituras foram de natureza tal que puderam ser vistos pelos olhos da carne, e se algum homem não os viu não foi porque não poderia tê-los visto, mas apenas porque não estava ali presente quando aconteceram. Quando Deus pede que tenhamos fé nestes fatos históricos não está pedindo principalmente que acreditemos que eles aconteceram, mas que acreditemos naquilo que neles havia de divino. Por exemplo, todos sabemos que Jesus morreu na cruz; houve pessoas,**

**como São Pedro, que viram isto com os seus próprios olhos.**

**"Como  
pôde,  
porém,  
São  
Pedro  
ter tido  
fé na  
paixão  
de  
Cristo  
se ele a  
viu  
com os  
seus  
próprios  
olhos e  
a fé é  
de  
coisas  
que  
não se  
vêem?"**,

**pergunta Hugo de São Vitor. Ele mesmo, entretanto, nos responde a esta pergunta:**

**"O mérito  
de São  
Pedro  
não foi o  
de ter  
visto a  
paixão de  
Cristo,  
mas o de  
ter  
acreditado  
ser Deus  
aquele**



**homem  
que viu  
pendente  
na cruz";**

**e acrescenta estas impressionantes palavras:**

**"a fé  
sobre  
que se  
alicerça  
o  
edifício  
espiritual  
é  
sempre  
de  
coisas  
que não  
se  
podem  
ver".**

**Summa  
Sententiarum  
L. I, c. 2**

**É precisamente nisto que consiste a grandeza da fé e toda a sua pureza. A fé obriga a alma a se habituar à contemplação de objetos que estão além das possibilidades dos sentidos, elevando as faculdades do conhecimento humano a planos cada vez mais nobres.**

**Não é, pois, por um simples capricho ou pelo prazer de testar continuamente o homem que Deus pede para que ele creia e viva da fé no que ele não pode ver, acrescentando, conforme vimos anteriormente,**

***"que se  
ele se  
afastar,  
não lhe  
será  
mais de  
seu  
agrado".***

**Heb.  
10,  
38**

**Ao contrário, Ele deseja com isso elevar a nossa alma a uma extraordinária pureza, aquela da qual o próprio Jesus disse:**

***"Bem  
aventurados  
os puros de  
coração,  
porque  
verão a  
Deus".***

**Mt.  
5,  
8**

**Ele faz isto, portanto, para o nosso próprio bem, conforme mais adiante o atesta também a Epístola aos Hebreus:**

**"Nossos pais  
nos  
educaram  
segundo a  
sua própria  
conveniência;  
Deus, porém,  
o faz para o  
nosso bem,  
para nos  
comunicar a  
sua  
santidade".**

Heb.  
12,  
10

**Se o homem pudesse, portanto, ver com os olhos da carne as coisas que são objeto da fé, supondo que com isso tudo lhe seria mais fácil, em vez disto ajudar o homem, faria, ao contrário, com que perdesse toda a pureza que a fé é capaz de trazer às faculdades do conhecimento, destruindo-lhe com isso os próprios alicerces sobre que se fundamentam as possibilidades de seu crescimento espiritual.**

**A vida da fé produz inicialmente a pureza nas faculdades do conhecimento. À medida, porém, em que progride a vida espiritual, ela passa a estender seus efeitos a todas as demais faculdades da alma. Das faculdades do conhecimento ela passa a atuar sobre o afeto, e posteriormente alcança também o próprio agir do homem. Na Summa Theologiae Santo Tomás explica como isto ocorre:**

**"A  
fé",**

**que no início causa a pureza da inteligência, se estende depois**

**"também  
ao  
coração,  
porque as  
coisas que  
estão na  
inteligência  
são  
princípios  
das coisas  
que estão  
no afeto,  
na medida  
em que o  
bem do  
intelecto  
move o  
afeto; de  
onde que  
a  
purificação  
do  
coração é  
um efeito  
da fé. Por  
isso é que  
diz São  
Pedro, nos  
Atos dos  
Apóstolos,  
falando  
aos judeus  
a respeito  
dos  
pagãos:**

**`Deus não  
fêz  
distinção  
alguma  
entre  
judeus e**

***gregos;  
antes,  
purificou o  
coração  
de todos  
pela fé".***

**A pureza causada pela fé no conhecimento, deste modo, extravasa e se estende também ao coração. Mas ela não pára aí. À medida em que o homem cresce na fé, ela estende suas raízes ao seu próprio agir. Quem nos menciona este fato é S. Diádoco, bispo de Fócia no século V, que fêz a este respeito uma das afirmações mais impressionantes que já apareceram sobre a fé. A fé, dizem as Escrituras, diz respeito às coisas que não se vêem; mas S. Diádoco, como um daqueles justos que vivem pela fé, percebeu pela sua experiência pessoal uma consequência que não estava imediatamente contida nesta expressão; de fato, diz São Diádoco, não apenas a fé é das coisas que não se vêem, mas, mais ainda,**

***"a fé  
ensina a  
desprezar  
as  
coisas  
que se  
vêem";***

**isto é, a pureza causada pela fé se estende já integralmente a todo o agir do homem, não mais apenas à mente e ao coração. Na Epístola aos Filipenses e na Ila. aos Coríntios São Paulo já havia escrito coisas semelhantes:**

**"Tudo  
aquilo que  
eu  
considerava  
como lucro  
antes de  
minha  
conversão",**

**diz São Paulo,**

**"tudo isto  
agora eu  
tenho como  
perda diante  
do eminente  
conhecimento  
de Jesus  
Cristo, e as  
considero  
como  
esterco, para  
ganhar a  
Cristo e ser  
encontrado  
nele, através  
da justiça  
que nasce da  
fé em Jesus  
Cristo, a  
justiça que  
vem de Deus  
pela fé.**

**Esqueço-me  
do que fica  
para trás e  
avanço para  
as coisas  
que estão  
diante,**

**prossequindo  
para a meta e  
para o  
prêmio da  
soberana  
vocação de  
Deus em  
Jesus Cristo.**

**Embora em  
nós o homem  
exterior vá  
caminhando  
para a sua  
ruína, o  
homem  
interior se  
renova de dia  
a dia, pois  
não olhamos  
para as  
coisas que  
se vêem,  
mas para as  
que não se  
vêem, não  
para as  
passageiras,  
mas para as  
eternas".**

**Fil.**

**3,**

**7-**

**15**

**II**

**Cor.**

**4,**

**16-**

**18**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **11. A Esperança e a Caridade.**

**De tudo quanto dissemos até o momento fica evidente a tão grande importância da virtude da fé, que deve ser a primeira preocupação de cada cristão. Sem esta virtude não é possível iniciar a vida cristã; sem ela não nos é concedida a graça do Espírito Santo, sem a qual o homem é impotente para cumprir os mandamentos, compreender o seu alcance e freqüentemente até mesmo o seu sentido.**

**Tão grande é a importância da fé que Jesus mencionou esta como um elemento decisivo em sua última recomendação dada aos homens:**

***"Ide  
por  
todo o  
mundo",***

**disse então Jesus,**

***"e anunciai  
o  
Evangelho  
a toda a  
criatura.***

***Aquele que  
crer, será  
salvo;  
aquele,  
porém, que  
não crer,  
será  
condenado".***

Mc .

16 ,

15-

16

**Aquele que não crer será condenado, não apenas porque não acreditou, mas também porque, sem a graça do Espírito Santo que lhe viria pela fé, privado inteiramente de qualquer senso espiritual, sua vida terá consistido na busca egoísta dos bens materiais, dos prazeres da carne e da satisfação do orgulho pessoal, num grau muito mais elevado do que o homem mergulhado neste estado é capaz de compreender. Este baixíssimo grau de consciência do próprio estado, característico da morte espiritual, são aquelas trevas de que fala o Evangelho de Mateus:**

***"O povo  
que  
jazia  
nas  
trevas,  
viu uma  
grande  
luz; e  
uma luz  
levantou-  
se para  
os que  
jaziam  
na  
região e  
na  
sombra  
da  
morte".***

**Mt .**

**4 ,**

**16**

**A luz de que fala Mateus nesta passagem é a graça do Espírito Santo, que nos veio através de Cristo. Esta luz que o Cristo nos trouxe, porém, não nos vem dEle de modo imediato, mas através da fé. De fato, diz o Evangelho de João, Jesus**

***"deu-  
lhes o  
poder  
de se  
tornarem  
filhos  
de  
Deus".***

**Não o deu, porém, a qualquer um, mas**

***"àqueles  
que  
creem  
no seu  
nome,  
àqueles  
que não  
nasceram  
do  
sangue,  
nem da  
vontade  
do  
homem,  
mas de  
Deus".***

**Jo.**

**1,**

**12**

**Sem a virtude da fé, portanto, a luz de que fala Mateus pode ter-se levantado no meio do povo, mas ela não se acende para nós, e para quem nunca viu a luz, na maior parte dos casos as trevas não parecem tão escuras.**

**Jesus resume claramente a triste condição de quem vive neste estado em uma passagem do Evangelho de São João:**

***"Deus  
amou  
de tal  
modo o  
mundo",***

**diz Jesus,**

***"que lhe  
deu o seu  
Filho  
unigênito,  
para que  
todo  
aquele que  
nele crê  
não  
pereça,  
mas tenha  
a vida  
eterna.***

***Deus não  
enviou o  
seu Filho  
ao mundo  
para***

**condenar o  
mundo,  
mas para  
que o  
mundo seja  
salvo por  
ele.**

**Quem nele  
crê, não é  
condenado,  
mas quem  
não crê, já  
está  
condenado,  
porque não  
crê no  
nome do  
Filho  
unigênito  
de Deus.**

**A  
condenação  
está nisto:  
a luz veio  
ao mundo,  
e os  
homens  
amaram  
mais as  
trevas do  
que a luz".**

**Jo.  
3,  
16-  
19**

**"Quão aplicados, pois, não nos convém ser à fé", diz Ricardo de**

**S. Vitor, "da qual procede o fundamento de todo o bem e através da qual se alcança o firmamento?" Mas, para que pela fé se alcance a graça do Espírito Santo, além das qualidades da firmeza, da constância e da pureza, inerentes à verdadeira fé em qualquer grau que se a tenha, a doutrina ensinada pelas Sagradas Escrituras nos mostra ainda que ela deve ser acompanhada das virtudes da esperança e da caridade.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **11. 1. A Esperança.**

**A esperança é uma virtude pela qual o homem, conhecendo através da fé as promessas que Deus faz àqueles que o buscam, e confiando nelas, aspira seriamente à santidade e à bem aventurança do céu que é o próprio Deus, na certeza de que estas coisas, pelo auxílio que Deus manifesta que nos deseja oferecer, não são mais ideais vagos e distantes, mas bens efetivamente possíveis de serem alcançados.**

**A esperança não é uma qualidade da fé, mas uma virtude inteiramente distinta, que se origina da fé e se acrescenta a ela. A fé viva de que nos falam as Escrituras, através da qual nos é dada a graça do Espírito Santo, é uma fé tal que deve dar origem à virtude da esperança, pois quem crê, através da fé que produz a esperança, nas coisas que Deus ensina através das Escrituras, necessariamente tem que se dar conta de que elas nos falam sobre a existência de um ser que nos ama imensamente. Este ser, embora por sua natureza divina não possa sofrer, nos ama entretanto como se sofresse pela loucura a que nos deixamos escravizar e pela ignorância com que avaliamos nossa condição neste estado. Para poder sofrer por nós, o que lhe era impossível em sua condição divina, humilhou-se e tomou a natureza humana. Revestiu-se da imagem de servo, entregou-se por nossos pecados, ressuscitou para poder-nos distribuir mais copiosamente a sua graça. Por nos amar não como a estranhos, quis reconduzir-nos a nosso estado original, que jamais deveria ter desaparecido. Preparou-nos um caminho não apenas para nos tornar felizes, mas para nos tornar participantes de sua própria felicidade.**

**Quando, através da fé, os homens despertam para estas realidades, encontram-se na situação descrita por Santo Antão:**

***"Também eu",***

**diz Santo Antão,**

**"o mais  
miserável  
de todos,  
que estou  
escrevendo  
esta carta,  
desperto  
de meu  
sono de  
morte,  
passei o  
mais  
luminoso  
dos dias  
que me  
foram  
concedidos  
na terra a  
me  
perguntar,  
com  
pranto e  
lágrimas,  
com que  
poderia  
retribuir ao  
Senhor  
por tudo o  
que Ele me  
fêz.**

**Eis,  
caríssimos,  
que agora  
é nossa  
vez de nos  
dispormos  
a ir ao  
nosso  
Criador  
pelo  
caminho  
do**



***pureza".***

**Nesta carta, quando Santo Antão cita**

***"o mais  
luminoso  
dos dias  
que lhe  
foram  
concedidos,  
desperto  
de seu  
sono de  
morte",***

**está se referindo a um efeito da virtude da fé.**

**Quando ele menciona ter chegado**

***"a nossa  
vez de  
nos  
dispormos  
a ir ao  
nosso  
Criador",***

**está se referindo à virtude da esperança. Junto com a  
esperança, de fato, surge com ela, conforme diz a regra de São  
Bento,**

***"com  
toda a  
cobiça  
espiritual,  
o desejo  
da vida  
eterna".***

**A esperança, porém, já estava em preparação como também já estava contida na fé de que falam as Escrituras. A fé pela qual se inicia a obra da restauração humana é um conhecimento sobrenatural que pressupõe a esperança que se origina dela própria; se não fosse assim, jamais São Paulo teria definido a fé como**

***"a  
substância  
das  
coisas  
que se  
esperam",***

**Heb.  
11,  
1**

**colocando a virtude da esperança na própria definição que explica o que é a fé.**

**É por isso que também no texto acima de Santo Antão, depois de ter comentado a respeito de ter chegado**

**"a nossa  
vez de  
nos  
dispormos  
a ir ao  
nosso  
Criador",**

referindo-se à esperança, retorna novamente a falar da fé, ao dizer que isto se faz através do

**"caminho  
da  
pureza",**

como se a fé, o caminho da pureza, necessitasse primeiro da esperança para poder caminhar. "O caminho da pureza", de fato, é o caminho pelo qual se vai a Deus, que se inicia pela fé, a virtude que possui como uma de suas características essenciais a qualidade da pureza.

No Terceiro Livro das Sentenças de Pedro Lombardo encontra-se a também a seguinte definição da esperança:

**"É uma virtude  
pela qual  
esperamos  
confiantemente  
os bens  
espirituais e  
eternos, uma  
expectativa  
certa da futura  
bem  
aventurança".**

A virtude da esperança, diz Pedro Lombardo, é "uma expectativa certa", porque a esperança tem sua origem na fé;

**participa, portanto, da certeza da fé. Sua certeza, porém, não é a certeza de que a futura bem aventurança será infalivelmente alcançada, coisa que Deus não prometeu de antemão a ninguém, mas a certeza de que Deus nos ama muito e que tem tudo pronto para acolher os que correspondem à sua graça. Quando, portanto, através da fé, reluz diante dos homens o amor que Deus nos demonstra, surge neles a virtude da esperança e os bens eternos despontam como bens certamente possíveis e ao seu alcance, como se estivessem, apesar de sua dificuldade, apenas um pouco mais à frente:**

***"Apodera-  
se  
deles",***

**diz a Regra de São Bento,**

***"o  
desejo  
de  
caminhar  
para a  
vida  
eterna;  
por isso  
lançam-  
se como  
de  
assalto  
ao  
estreito  
caminho  
do qual  
diz o  
Senhor  
que  
conduz  
à vida".***

**Estas palavras de São Bento podem atribuir-se com razão à**

virtude da esperança, a qual, por sua vez, germina da virtude da fé.

Já vimos o Salmo 84 dizer coisas semelhantes a respeito da fé e da esperança que dela surge, ao reportarmos suas palavras de admiração sobre os que vivem na casa do Senhor, isto é, os que vivem da constância da fé:

*"Bem  
aventurados,  
Senhor, os  
que moram  
na tua casa.*

*Caminham  
com vigor  
sempre  
crescente,  
verão o  
Deus dos  
deuses em  
Sião".*

Tal é a fé animada pela esperança.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **11. 2. A necessidade da caridade.**

**Não basta, porém, apenas que a fé seja animada pela esperança. As Sagradas Escrituras, na Epístola aos Gálatas, depois de recordar aos cristãos da Galácia que havia sido através da fé que haviam recebido o Espírito Santo (Gal. 3, 1-5), acrescentam que a fé a que São Paulo se refere é aquela fé que "opera pela caridade" (Gal. 5, 6):**

***"Ainda  
que  
eu  
tivesse  
toda a  
fé",***

**diz São Paulo,**

***"ao ponto  
de  
transportar  
os  
montes,  
se não  
tivesse  
caridade,  
não seria  
nada".***

**I  
Cor .  
13 ,  
2**

**Em conformidade com estas palavras, a Epístola de São Tiago diz também que a fé, sem a obra da caridade, ainda que fosse animada pela esperança,**

**"é  
morta  
em si  
mesma".**

**Tg.  
2,  
17**

**A esperança de tal homem seria inútil:**

**"Poderá  
salvá-  
lo tal  
fé?",**

**pergunta São Tiago (Tg. 2, 14). Nos escritos de Santo Tomás de Aquino encontramos também repetidamente afirmado que a fé somente se torna realidade perfeita através da caridade.**

**A caridade é o amor a Deus que nos foi prescrito no Evangelho de São Marcos como sendo o maior de todos os mandamentos:**

**"Amarás o  
Senhor teu  
Deus  
com todo o  
teu coração,  
com toda a  
tua alma,  
com todo o  
teu  
entendimento,  
com todas as  
tuas forças".**

Mc .  
12,  
28

**Poderia-se chamar ao que nos foi ordenado neste mandamento apenas de amor, mas a tradição cristã preferiu em vez disso utilizar-se da palavra caridade, uma palavra especial, porque em todos os tempos os cristãos perceberam que a caridade é mais do que amor. A caridade é amor, mas é um amor muito especial, um amor que só pode nascer não apenas da fé, mas também necessariamente da esperança.**

**Amor, no seu sentido mais geral, significa uma afinidade da vontade por alguma coisa. A caridade, embora sendo um amor especial, sendo porém também amor, pressupõe esta afinidade para com as coisas divinas pela qual amamos a Deus. Mas se a caridade fosse apenas esta afinidade pelas coisas divinas, não haveria razão para que fosse chamada com um nome especial.**

**Se a caridade fosse apenas uma afinidade pelas realidades divinas, seria ela a mesma coisa que o amor, tomado em seu sentido genérico, ainda que preceituado ao seu grau máximo:**

***"a Escritura  
não  
preceituou  
apenas que  
amásemos a  
Deus, ou que  
amásemos  
apenas a  
Deus, mas  
que o  
amásemos  
o quanto  
pudéssemos",***

**diz Hugo de São Vítor.**



***"A tua  
possibilidade  
será a tua  
medida".***

**Um amor desta natureza pressuporia uma afinidade para com as coisas divinas levada ao seu grau máximo, o que certamente também pressuporia a fé, mas poderia ser alcançado sem a esperança. Mesmo levado a este grau máximo, portanto, a caridade não passaria de outro nome do amor, tomado na sua máxima intensidade.**

**A caridade, porém, diz Santo Tomás de Aquino, não é apenas amor; é uma forma especial de amor a que chamamos de amizade. O amor de caridade não é apenas aquele amor pelo qual o homem cumpre o mandamento de amar a Deus de todo o coração, com toda a alma, com todo o seu entendimento, e com todas as suas forças; é aquele amor que pressupõe o amor pelo qual o homem é amado primeiro por Deus. Na Epístola de São João as Sagradas Escrituras se expressam a este respeito muito claramente:**

***"Nisto  
consiste  
a  
caridade",***

**diz São João em sua primeira epístola,**

***"não  
fomos  
nós que  
amamos  
a Deus,  
mas Ele  
que nos  
amou  
primeiro".***

I  
Jo.  
4,  
10

**São João diz isto porque as Sagradas Escrituras nos mostram repetidas vezes que Deus nos quer tratar não apenas como objetos de seu amor, como trata na realidade tudo o que há no Universo, obra de sua criação, mas nos quer tratar como a amigos. O amor que Ele tem por nós é muito especial, apesar de não o merecermos ou até mesmo de merecermos o contrário. Na parábola do filho pródigo lemos que quando este filho retornou à casa do pai e pediu para ser contado apenas entre os seus servos, conforme ele merecia, Deus o acolheu novamente como filho, fazendo pouco ou nenhum caso de seus pedidos de ser recebido entre os criados. Todas as Sagradas Escrituras, ademais, dão a entender que Deus não quer apenas a nossa felicidade, mas, mais do que isso, Ele quer nos tornar participantes de sua própria felicidade. E no Evangelho de São João, lemos que Jesus disse, durante a última ceia, aos seus discípulos:**

***"Não vos  
chamo  
mais de  
servos,  
porque o  
servo não  
sabe o  
que o seu  
amo faz;  
mas eu  
vos  
chamo de  
amigos,  
porque  
tudo o  
que ouvi  
do Pai eu  
vos dei a***

***conhecer".***

Jo.  
15,  
15

Ora, isto é mais do que amor no sentido genérico da palavra, diz Santo Tomás de Aquino. O que todas estas palavras da Escritura nos revelam é a verdadeira natureza da amizade:

***"A amizade  
requer por  
natureza uma  
mútua  
benevolência",***

diz Santo Tomás de Aquino,

***"porque o  
amigo é, para  
o amigo,  
outro amigo;  
requer,  
ademais, que  
esta  
benevolência  
se  
fundamente  
sobre alguma  
comunicação.***

***A caridade é  
o amor de  
amizade  
fundamentado  
sobre a  
comunicação  
entre Deus e***

***o homem na  
medida em  
que Deus  
quer nos  
comunicar a  
sua própria  
felicidade",***

**Summa  
Theologiae  
IIa IIae,  
Q.23 a.1**

**e o homem, em resposta,**

***"se  
une a  
Deus  
pelo  
afeto  
de tal  
modo  
que  
não  
vive  
mais  
para  
si,  
mas  
para  
Deus".***

IIa  
IIae  
Q.  
17  
a.6  
ad3

**Está se vendo, pois, que a caridade é mais do que amar a Deus. Para amar a Deus, seria suficiente o conhecimento da fé. Mas a caridade pressupõe a aceitação daquele amor com que Deus, apesar de não o merecermos, nos amou primeiro, amor pelo qual Ele nos quer tratar como a um amigo e nos fazer participantes de sua vida, de sua natureza e de sua felicidade. Ora, esta aceitação se dá pela esperança, pela qual aspiramos precisamente à participação da eterna felicidade que há em Deus. Sem o desejo do céu, portanto, não pode haver caridade. A caridade é uma entrega mútua entre Deus e o homem.**

**Talvez a mais bela descrição encontrada na tradição cristã do que seja a caridade esteja contida naquela oração com que Santo Inácio de Loyola encerra seus Exercícios Espirituais:**

***"Tomai,  
Senhor",***

**diz Santo Inácio,**

***"e recebei  
toda a minha  
liberdade, a  
minha  
memória, o  
meu  
entendimento,  
e toda a  
minha  
vontade, tudo  
o que eu  
tenho e***

***possuo; Vós  
mo destes, a  
Vós, Senhor,  
o restituo:  
tudo é vosso,  
disponde de  
tudo à vossa  
vontade; dai-  
me o vosso  
amor e graça,  
que isto me  
basta".***

**Quem quer que seja verdadeiramente sincero ao se dirigir a Deus com tais palavras, pode estar certo de viver na caridade.**

**Pode estar certo, também, conforme veremos mais adiante, de viver na graça de Deus. Chama-se graça, no dizer de Santo Tomás de Aquino, a uma**

***"luz e  
esplendor  
da alma,  
que lhe é  
uma  
qualidade,  
assim  
como a  
beleza o é  
para o  
corpo,  
infundida  
por Deus  
juntamente  
com a  
caridade  
na alma,  
como se  
Deus a  
estivesse  
criando***

**novamente  
e através  
da qual, já  
nesta  
vida, a  
alma  
participa  
da  
natureza  
divina".**

**Por causa disso, diz mais ainda Santo Tomás:**

**"aqueles  
que  
amam a  
Deus  
deste  
modo  
têm em  
si  
próprios  
a maior  
prova  
de  
serem  
amados  
por  
Deus,  
porque  
ninguém  
pode  
amar a  
Deus  
deste  
modo  
se Deus  
não o  
amar  
primeiro,  
pois o**

**próprio  
amor  
pelo  
qual  
nós  
amamos  
a Deus  
deste  
modo é  
causado  
em nós  
pelo  
amor  
com  
que  
Deus  
nos  
ama".**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





### **11. 3. A caridade se estende ao próximo.**

**À explicação que demos a respeito da natureza da caridade, para maior compreensão do que seja ela mesma, convém acrescentar duas observações a respeito de algumas de suas mais notáveis conseqüências.**

**A primeira é que seria um absurdo se alguém pretendesse amar a Deus com um amor tão profundo e entranhado como é a caridade e, ao mesmo tempo, odiasse a alguém a quem Deus ama apaixonadamente como a um filho.**

**Assim, portanto, a caridade para com Deus implica necessariamente no amor para com todos os homens, aos quais Deus ama apaixonadamente como a filhos, sem exceção alguma, ainda que sejam os maiores pecadores e que tudo indique que, ao saírem desta vida, venham a perder as suas almas.**

**Deus, observa Jesus Cristo,**

***"fez nascer o  
Sol para  
todos,  
indistintamente  
se fossem  
bons ou maus,  
e manda a  
chuva sobre  
justos e  
injustos".***

**Mt .  
5,  
45**

**Isto significa que Ele os ama a todos. O Sol que Ele fêz nascer para todos é, além do Sol visível, o próprio Cristo,**

**"a luz  
verdadeira  
que  
ilumina  
todo o  
homem  
que vem  
a este  
mundo",**

**Jo.  
1,  
9**

**e que se ofereceu na cruz**

**"pelos  
nossos  
pecados,  
e não  
somente  
pelos  
nossos,  
mas  
também  
pelos de  
todo o  
mundo",**

**I  
Jo.  
2,  
2**

**indistintamente**

**"se  
fossem  
bons  
ou  
maus",**

**conforme disse acima o Evangelho de Mateus.**

**A chuva de que fala Mateus nesta mesma passagem é, além da chuva visível, também o Espírito Santo que, segundo Provérbios, procura fazer-se ouvir aos corações daqueles que o desprezam e que nem se dão conta de que estão sendo por eles chamados,**

**"desprezando  
seus  
conselhos e  
não fazendo  
caso de suas  
repreensões".**

**Pr .  
1,  
24-  
25**

**Deste Espírito Santo, de fato, conforme já vimos na introdução deste livro, o livro de Provérbios afirma que**

**"ensina  
em  
público,  
nas  
praças  
levanta a  
sua voz,  
grita às  
multidões,  
faz ouvir  
as suas  
palavras  
à entrada  
das  
portas da  
cidade".**

**Pr .  
1,  
20-  
21**

**Deus, pois, dizia Jesus,**

**"fêz nascer o  
Sol para  
todos,  
indistintamente  
se fossem  
bons ou maus,  
e manda a  
chuva sobre  
justos e  
injustos".**

**"Portanto",**

**conclui Jesus,**

**"amai os  
vossos  
inimigos,  
fazei bem  
aos que  
vos  
odeiam, e  
orai pelos  
que vos  
maltratam  
e vos  
perseguem:  
sede  
perfeitos,  
como  
também  
vosso Pai  
celeste é  
perfeito".**

**Mt .  
5,  
44 ;  
5,  
48**

**Amar a Deus com amor de caridade, implica, portanto, em amar a todos os homens, indistintamente sem exceção, segundo a mesma perspectiva com que Deus os ama.**

**Isto significa que seguir o segundo mandamento,**

**"amarás  
ao  
próximo  
como a  
ti  
mesmo",**

**não é mais do que uma extensão e uma conseqüência da vivência do primeiro. Se alguém, portanto, em sua vida cotidiana, não possui uma capacidade ilimitada de perdoar e de não guardar ódio e rancor seja por quem for, e no entanto julga amar a Deus pelo amor de caridade, este alguém está se iludindo a si próprio; na realidade, ele sequer consegue se dar conta de qual seja o plano da perspectiva divina.**

**Muito distante de nutrir algum desejo de vingança ou represália por qualquer que seja o motivo, ainda que aparentemente justo, os homens que amam a Deus pela caridade tendem a amar ao próximo de um modo tão semelhante quanto possível ao qual Deus amaria os homens se Ele estivesse no lugar daquele que o ama:**

**"Aqueles  
que  
estão  
unidos  
ao  
Senhor  
pela  
caridade",**

**diz São Paulo,**

**"são  
um só  
espírito  
com  
Ele".**

I  
Cor .  
6 ,  
17

**Eles fariam pelo próximo tudo aquilo que Deus faria se Deus fosse eles.**

**Inventariam, em primeiro lugar, todos os meios possíveis ao seu alcance para manifestar aos homens a extensão da loucura a que se entregaram e o grau de consciência praticamente nulo que eles tem desta sua situação. Se fosse preciso, dariam também suas vidas para fazê-los acordar. Viveriam, em suma, como Jesus viveu, mesmo que fossem simples carpinteiros. Direta ou indiretamente, a primeira manifestação de seu amor ao próximo se daria soba forma do último preceito que São Marcos nos diz ter sido dado por Jesus: "Ide", disse Jesus, "e ensinai todos os povos; quem crer será salvo, quem não crer será condenado"; ou melhor, explica mais claramente Jesus em São João, "já está condenado" (Jo. 3, 18).**

***"Eu  
desejaria  
que bem o  
soubésseis",***

**escrevia Santo Antão em uma de suas cartas, ou em todas as suas cartas,**

**"meus  
queridos  
filhos no  
Senhor,  
que por  
causa de  
nossa  
loucura Ele  
tomou a  
libré da  
loucura,  
por causa  
de nossa  
morte Ele  
tomou a  
libré de um  
mortal, e  
por nós  
sofreu  
tanto.**

**Que se  
abram os  
ouvidos de  
vosso  
coração  
para que  
tomeis  
consciência  
de vossa  
miséria.**

**Que aquele  
que toma  
consciência  
de sua  
vergonha  
logo se  
ponha a  
buscar a  
glória à  
qual é  
chamado;**



**que aquele  
que  
compreende  
a sua morte  
espiritual  
bem  
depressa  
encontre o  
gosto pela  
vida  
eterna".**

**É inconcebível que um homem que tenha escrito estas coisas pudesse ao mesmo tempo ter sua vista tão estreita a ponto de ser incapaz de perdoar quem quer que fosse. Ao contrário, Santo Antão amava os homens na mesma perspectiva com que Deus também os ama, do mesmo modo como Jesus nos ensinou no Evangelho ser o amor que Deus tem por nós:**

**"Foi em  
conseqüência  
de nossos  
inúmeros  
pecados, de  
nossas  
funestas  
revoltas, de  
nossas  
paixões  
sensuais",**

**continua Santo Antão,**

**"que a Lei da  
Promessa se  
atenuou e as  
faculdades de  
nossa alma se  
enfraqueceram.  
Por causa da  
morte a que  
fomos  
precipitados,  
tornou-se para  
nós  
impossível  
atender a  
nosso  
verdadeiro  
título de  
glória: nossa  
natureza  
espiritual.**

**O Criador  
então  
constatou que  
a chaga se  
envenenava e  
que era  
necessário  
recorrer a um  
médico;  
Jesus, já  
Criador dos  
homens, vem  
ainda curá-los.  
Ele se  
entregou por  
todos nós;  
nossos  
pecados  
causaram  
suas  
humilhações,  
suas chagas,**

**porém, foram  
a nossa cura.  
Ele nos reuniu  
de todos os  
lugares,  
ressuscitando  
nossas almas,  
perdoando  
nossos  
pecados,  
ensinando-nos  
que somos  
membros uns  
dos outros".**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



#### **11. 4. A caridade implica no arrependimento dos pecados.**

Além do amor ao próximo, o amor de caridade implica também, em segundo lugar, na obediência aos preceitos divinos. Isto significa que, ao surgir a caridade no homem, surge necessariamente o arrependimento radical de todos os seus pecados cometidos e o propósito de não mais cometê-los no futuro. Se isto não acontecer, tal como comentamos anteriormente ao falar do amor ao próximo, deverá concluir-se que o suposto amor de caridade não passa de uma ilusão do sentimento.

Além do arrependimento dos pecados passados, e do propósito de não mais cometê-los no futuro, para aqueles que já são batizados e possuem os elementos necessários para reconhecerem que a Igreja fundada por Jesus desde o início do Cristianismo é a Igreja Católica, o amor de caridade implica também no propósito de receberem a absolvição de seus pecados no Sacramento da Confissão.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **11. 5. A importância da caridade.**

**Nós já examinamos, e voltaremos a fazê-lo mais adiante com mais profundidade, a insistência com que o Novo Testamento fala a respeito da fé, e de modo especial, as Epístolas de São Paulo, a tal ponto que a muitos ele parece, embora erroneamente, não saber falar de outra coisa:**

**"O  
justo  
vive  
da  
fé",**

**diz São Paulo, e este é, de fato, um dos pontos centrais de seus ensinamentos, incansavelmente repetido, sob muitas formas, centenas de vezes em suas apenas catorze cartas.**

**Veza ou outra, porém, São Paulo nos lembra que a caridade é mais importante do que a fé. Na maioria destas poucas vezes, em comparação com o número das em que ele nos fala da fé, o faz de passagem e apenas circunstancialmente. O número de vezes em que São Paulo toca neste assunto da supremacia da caridade é assustadoramente menor do que a quantidade incontável de ocasiões em que ele nos ensina e insiste sobre a importância e o papel da fé.**

**Assim é que, na Epístola aos Gálatas, quase em seu final, quando ele diz que**

**"é do  
Espírito  
Santo que  
aguardamos  
a  
esperança  
da justiça,  
pela fé",**

**repentinamente São Paulo se lembra de acrescentar que a fé de que ele está falando, e da qual ele sempre está falando,**

***"é a fé  
que  
opera  
pela  
caridade".***

**Gal .  
5 ,  
6**

**No capítulo treze da Primeira Epístola aos Coríntios, que não é o seu escrito mais importante, numa passagem bastante diversa do estilo geral como São Paulo se expressa nas suas cartas, o Apóstolo faz um grande elogio à caridade, e afirma que**

***"se  
tivesse  
toda a fé,  
até o  
ponto de  
transportar  
os  
montes,  
mas não  
tivesse  
caridade,  
não seria  
nada".***

**I  
Cor .  
13 ,  
1**

**No fim deste capítulo São Paulo redige uma conclusão que, para um leitor que se estivesse efetivamente se esforçando em compreender seus ensinamentos, não deixaria de surpreender. Em vez da Epístola repetir que o**

***"justo  
vive  
da  
fé",***

**como sempre, de uma forma ou de outra, ele sempre faz, em vez disso São Paulo diz o seguinte:**

***"Agora, pois,  
permanecem",  
(como coisas  
necessárias  
para todos),  
"estas três  
coisas: a fé, a  
esperança e a  
caridade. A  
maior delas,  
porém, é a  
caridade".***

**I  
Cor .  
1,  
13**

**Ora, pode-se perguntar e com razão: se a fé sem a caridade de nada vale, se a caridade é maior do que a fé, por que São Paulo insiste tanto na fé em vez de fazê-lo com a caridade? Por que ele não diz que o justo vive do amor, em vez de dizer que o justo vive da fé? Por que na Epístola aos Romanos, o mais importante dos escritos de São Paulo, que examinaremos logo a seguir, ele**

**mesmo apresenta a fé como sendo o ponto central de seus ensinamentos, em vez de fazê-lo com a caridade? Não havia declarado Jesus que a caridade era o maior de todos os mandamentos? No entanto, São Paulo parece se esquecer disso e, embora admita uma vez ou outra que a caridade é maior do que a fé, parece na prática ensinar e comportar-se como se estivesse ensinando o contrário.**

**Trata-se de uma questão delicadíssima, mas de cujo entendimento depende inclusive uma maior facilidade para o progresso da vida espiritual.**

**Na realidade, para os santos que alcançaram a plena estatura da filiação divina, aquela vida inteiramente regida pelo Espírito Santo através do dom de sabedoria, é mais correto dizer que eles vivem do amor do que da fé. Mas não é assim que se inicia a vida espiritual. A vida espiritual não se inicia sem a presença tanto da fé, como da esperança e da caridade. Mas no início é a fé que conduz a esperança e a caridade. Sem o solo fértil da fé, nem a esperança nem a caridade podem crescer. Para que a caridade possa crescer até habitar em nós como aquele fogo invisível que Jesus veio acender sobre a terra, é preciso construir para ela uma casa para a fé. Quando, depois de uma vida em que ela foi guiada pela fé, a caridade tiver produzido toda uma floração de virtudes, às quais se acrescentam a vida de oração, a reflexão e o estudo das Sagradas Escrituras e da ciência que dela deriva, e a fé vai se tornando cada vez mais constante e ficando sempre mais evidente que tal homem vive da fé, aos poucos a relação entre a fé e a caridade começa a se inverter. Até este momento era principalmente a fé que conduzia a esperança e a caridade e por isso era necessário insistir muito sobre a fé, tal como o faz São Paulo, embora a vida da alma proviesse realmente mais da caridade do que da fé. Daqui para a frente, porém, é a caridade que gradualmente passa a se tornar condutora da fé a que está unida. Quando isto ocorre, anuncia-se aos poucos a entrada no regime do dom de sabedoria; em vez da caridade alimentar-se da fé, como vinha acontecendo até o momento, a caridade toma a condução da fé e passa a introduzir a fé num modo superior de vivência, aquilo que Jesus chamava de "a verdade", que, embora não seja o próprio Deus, é a mais alta compreensão possível na terra das coisas divinas. O homem já não vive propriamente da fé, mas do amor e, através dele, da verdade, que é a própria fé transportada,**



**através do amor, a um plano superior de vivência.**

**Santo Agostinho toca magistralmente neste assunto no início de seu Comentário ao Evangelho de São João, quando diz que há uma passagem do Salmo 71 que se aplica ao Apóstolo São João, o autor do Evangelho de que Agostinho está iniciando o comentário:**

***"Recebam  
as  
montanhas  
paz para o  
teu povo",***

**diz o salmista,**

***"e as  
colinas  
a  
justiça".***

**Salmo  
71,  
3**

**São João Evangelista, diz Agostinho,**

**"é uma  
daquelas  
montanhas  
a respeito  
das quais  
foi escrito:**

**`Recebam  
as  
montanhas  
paz para o  
teu povo, e  
as colinas a  
justiça'.**

**As  
montanhas",**

**continua Agostinho,**

**"são as  
almas  
elevadas;  
as colinas  
são as  
almas  
pequenas.**

**As  
montanhas  
recebem a  
paz para  
que as  
colinas  
possam  
receber a  
justiça. O  
que é,  
porém, a  
justiça que  
recebem  
as**

**colinas? É  
a fé, pois o  
justo, diz a  
Escritura,  
vive da fé.  
As almas  
menores  
não  
receberiam  
a fé se as  
maiores,  
que são  
ditas  
serem as  
montanhas,  
não  
fossem  
iluminadas  
pela  
própria  
Sabedoria,  
para que  
pudessem  
levar às  
menores  
aquilo de  
que são  
capazes  
de  
receber, e  
assim  
viverem as  
colinas da  
fé, porque  
as  
montanhas  
alcançam  
a paz".**

**Mas as Epístolas de São Paulo, expressões do amor de caridade que vivia no Apóstolo, não foram escritas, como o foi, por exemplo, o Cântico dos Cânticos, para as montanhas, mas para**

as colinas. São Paulo quer, através de suas cartas, que as colinas cheguem a se transformar em montanhas. Para isso, porém, é preciso que elas aprendam a viver da fé. Por isso é que ele insiste tanto sobre a fé. Sem a profundidade da vivência da fé, a caridade não pode crescer até atingir a vida do dom de sabedoria. São Paulo deixou escapar isto em uma carta que ele escreveu não a uma comunidade, mas a um seu amigo íntimo. Na Primeira Carta a Timóteo ele afirma, logo no início, que tudo o que ele ensinou sobre a fé tinha por fim fazer surgir a vida da caridade:

***"Recomendei-te, Timóteo, que ficasses em Éfeso",***

**escreve São Paulo,**

***"para que admoestasses alguns a que não ensinassem doutrinas diversas do que nós mesmos ensinamos, as quais servem mais para suscitar questões do que para aquela edificação de Deus, que se fundamenta sobre a fé. Ora, o fim dos preceitos" (que demos sobre***

**a fé) "é a  
caridade que  
nasce de um  
coração puro,  
de uma boa  
consciência e  
de uma fé  
sincera".**

I  
Tim.  
1,  
3-5

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **12. A Epístola aos Romanos.**

**A Epístola aos Romanos é o mais extenso e o mais importante de todos os escritos de São Paulo. Indiscutivelmente é um dos livros mais importantes do cânon sagrado. Seria muitíssimo desejável que todos os cristãos, assim como todos aqueles que estão se aproximando do estudo das Sagradas Escrituras, a lessem diversas vezes e com bastante atenção, procurando entender bem aquilo que São Paulo através dela nos quer transmitir.**

**Infelizmente, porém, as cartas de São Paulo não são fáceis de se entenderem. Ao contrário de muitos outros livros das Escrituras, elas não contém histórias, mas apenas puro ensinamento. E são ensinamentos de um santo que, antes de se converter ao Cristianismo, havia passado longos anos estudando, sob a orientação dos rabinos judeus, os livros do Antigo Testamento. Sua conversão não o fêz abandonar o estudo das Sagradas Escrituras; ao contrário, com o auxílio dos dons do Espírito Santo, aprofundou-o num grau de que é impossível tentar mostrar a extensão nestas aulas. Até mesmo os outros apóstolos afirmavam que nem sempre as cartas de São Paulo eram de fácil leitura; na Segunda Epístola de São Pedro, de fato, temos o seguinte testemunho:**

***"Crede,  
caríssimos,  
que a  
paciência de  
Nosso  
Senhor é  
para a vossa  
salvação,  
conforme  
também  
nosso  
caríssimo  
irmão Paulo  
vos  
escreveu,  
segundo a***

**sabedoria  
que lhe foi  
dada, como  
também o faz  
em todas as  
suas cartas  
em que fala  
disto, nas  
quais há  
algumas  
coisas  
difíceis de  
entender,  
que as  
pessoas de  
pouco  
conhecimento  
e  
inconstantes  
na fé  
adulteram  
para a sua  
própria  
perdição.  
Vós, pois,  
irmãos,  
estando  
prevenidos,  
acautelai-vos  
para que não  
caiais da  
vossa  
firmeza,  
levados  
pelos erros  
dos  
insensatos,  
mas cresci  
na graça e no  
conhecimento  
de Nosso  
Senhor e  
salvador**

**Jesus  
Cristo".**

II  
Pe.  
3,  
15-  
16

**É, portanto, para facilitar o acesso à leitura de um texto verdadeiramente difícil como é a Epístola aos Romanos que redigimos um resumo sobre o seu conteúdo que apresentamos logo a seguir.**

**A Epístola aos Romanos trata principalmente dos efeitos da fé sobre aqueles que crêem; explica como, através da fé, o homem recebe uma força do alto que o torna capaz de evitar o pecado, de superar a vida da carne e de viver inteiramente voltado para as coisas do alto. Sem a fé, porém, nada disso é possível e o homem, por mais boa vontade que tenha, continua o escravo de suas paixões que sempre foi, ainda que seja filósofo, como os gregos, ou versado nas Escrituras, como os judeus.**

**Este resumo, porém, não deve servir para substituir a leitura individual do próprio texto da epístola; ele foi preparado de tal modo que seria de se supor que, após a sua leitura, se tornasse bem mais fácil a leitura do original.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **12. 1. Resumo da Epístola aos Romanos.**

**Em sua Carta aos Romanos São Paulo primeiramente se apresenta e saúda a todos os que estão em Roma. Elogia a fé dos cristãos de Roma e lhes manifesta que espera ir visitá-los assim que lhe for possível, para**

***"comunicar-  
lhes  
alguma  
graça  
espiritual e  
confirmá-  
los na fé  
que é  
comum" a  
ambos.***

**Rom.  
1,  
1-  
15**

**Em seguida, ele diz que não se envergonha de pregar o Evangelho (Rom. 1, 16) e explica resumidamente em que consiste o Evangelho que ele ensina:**

**"É o  
poder de  
Deus  
para dar  
a  
salvação  
a todo  
aquele  
que crê,  
primeiro  
ao judeu  
e depois  
ao  
grego.  
Porque a  
justiça  
de Deus  
se  
manifesta  
naquele  
que crê,  
indo da  
fé para a  
fé,  
conforme  
está  
escrito:  
`O justo  
viverá da  
fé'".**

**Rom.**

**1,**

**16-**

**17**

**Ao dizer que o Evangelho que ele ensina é o poder de Deus, São Paulo está descartando com isto que o Evangelho seja apenas uma doutrina, um ensinamento, ou uma teoria moral ou filosófica. Na Primeira Epístola aos Coríntios ele afirma a mesma**

**coisa:**

***"Minha  
pregação  
entre vós, ó  
Coríntios,  
não  
consistiu em  
palavras  
persuasivas  
de humana  
sabedoria,  
mas na  
manifestação  
do poder de  
Deus, para  
que a vossa  
fé não se  
baseie  
sobre a  
sabedoria  
dos  
homens,  
mas sobre o  
poder de  
Deus".***

**I  
Cor .  
2,  
4-5**

**O Evangelho é, portanto, segundo a Epístola aos Romanos, uma força que vem do alto e não apenas uma exposição doutrinária da verdade. Para quem, porém, vem esta força? Não vem para todos, diz São Paulo. Esta força que vem do alto é, ainda segundo esta primeira definição da Epístola aos Romanos,**

***"Para  
aqueles  
que  
crêem,  
primeiro  
para os  
judeus,  
depois  
para os  
gregos",***

**isto é, para todos aqueles que crêem, sejam judeus, sejam gregos.**

**Paulo em seguida afirma, nesta passagem, que em todos aqueles que crêem se manifesta a santidade de Deus, pois justiça e santidade na linguagem do Velho Testamento são palavras que significam a mesma coisa. Pois, conforme Paulo afirma que está escrito no Antigo Testamento, mais exatamente no livro do profeta Habacuc,**

***"os  
homens  
santos  
vivem  
da fé",***

**e naqueles que conseguem viver da fé, neles se manifesta a santidade divina e uma força que vem do alto capaz de salvar as suas almas da morte do pecado. As pessoas que vivem assim, diz ainda esta passagem da epístola,**

***"caminham  
da fé para  
a fé",***

**uma expressão cujo significado somente poderá ser explicado bem mais adiante.**

O importante, porém, será entender que, é entender que, segundo São Paulo diz nestes versos que são a introdução à Epístola aos Romanos, o Evangelho consiste no poder de Deus que atua apenas naqueles homens que vivem da fé; nestas pessoas se manifesta a santidade de Deus, e isto lhes ocorre não porque elas tenham determinadas opiniões ou façam determinadas atividades que outros homens não têm ou não fazem, mas precisamente porque eles crêem, e não apenas crêem, mas vivem da fé, e não apenas vivem da fé, mas também caminham da fé para a fé. Nas pessoas que vivem assim é que se manifesta o poder e a santidade de Deus, e isto, segundo Paulo, é o assunto principal que ele ensinava em todos os lugares por onde ele viajava para explicar o Evangelho.

Todo o restante da Epístola aos Romanos é uma explicação mais profunda e detalhada destes dois versículos, em que São Paulo declarou em que consistia a essência do que ele ensinava em toda a parte.

São Paulo mostra logo em seguida que sem a fé, sem a força do alto que Deus concede àqueles que crêem, força que é aquilo que nós chamamos de graça, os homens caem em um abismo de pecados, sejam eles gregos ou judeus, isto é, sejam eles homens criados na religião ou num paganismo cheio de estudo e de cultura. Sem esta força, em vez dos homens viverem uma vida voltada às coisas do espírito, entregam-se às paixões da carne, ainda que suas intenções tivessem sido as melhores possíveis. "O homem carnal", diz São Paulo na Primeira Epístola aos Coríntios, "não é capaz de entender as coisas de Deus"; mesmo que se lhas ensine, para o homem carnal estas coisas não passam de

*"estupidez,  
porque ele não  
as pode  
entender, visto  
que elas só  
podem ser  
entendidas  
espiritualmente".*

I  
Cor .  
2 ,  
14

**Mas o homem só se torna espiritual pela graça de Deus, e a graça de Deus só é dada para aqueles que vivem da fé.**

**O grande problema para a maioria das pessoas é, porém, que elas não estão dispostas a admitir que sejam pessoas carnais. Embora na maioria dos casos elas nunca tenham pensado a respeito do assunto durante toda a sua vida, se algum dia se lhes pergunta, certamente dirão que são pessoas boas e bastante espirituais. A única maneira de se convencerem do quanto de fato elas estão longe das coisas do espírito será impor-lhes um código moral bem definido e obrigá-las a cumpri-lo, não apenas exteriormente, mas também internamente, não só de coração, como também de todo o coração. Quando, depois de muitas e muitas tentativas, finalmente elas perceberem que não o conseguem, então estas pessoas começarão a desconfiar de que havia alguma coisa de errado na opinião que elas faziam de si mesmas.**

**Foi isto que aconteceu, em primeiro lugar, com os gregos e com os pagãos, diz São Paulo na Epístola aos Romanos. Embora os gregos dissessem que eram sábios (Rom. 1, 22), e, de fato, eles proovessem da mais profunda tradição cultural já havida na civilização ocidental até aquela época, e embora as coisas de Deus sejam visíveis a todos através das obras da criação (Rom. 1, 20), e o deveriam ser de modo especial às pessoas que pensavam ser sábias, os gregos e os pagãos se entregaram a uma multidão de vícios vergonhosos dos quais São Paulo faz uma lista e no final acrescenta:**

***"E eles não  
conseguiram  
compreender  
que todos  
aqueles que  
praticam  
estas coisas  
são dignos  
da morte"  
do espírito,***

**Rom.  
1,  
32**

**coisa que não são fatos ocorridos apenas naquela época como também os vemos acontecer hoje em dia com pessoas a quem conhecemos e com quem convivemos e amamos, se não for o caso até mesmo da pessoa que estiver lendo estas linhas.**

**Idêntico era também o caso dos judeus, diz São Paulo. Eles não tinham a tradição cultural dos gregos, mas eram pessoas religiosas e tinham na Bíblia uma lista muito grande e mais clara do que qualquer outro povo daquilo que Deus exige dos homens; por causa disso, diz São Paulo, eles se vangloriavam de possuir a ciência de Deus e julgavam aos homens que procediam erroneamente. No entanto, acrescenta São Paulo,**

**"a si  
mesmo  
eles se  
condenam,  
porque  
eles  
praticam  
as  
mesmas  
coisas  
que  
julgam  
nos  
demais  
homens".**

**Rom.  
2,  
1**

**De fato, continua São Paulo,**

**"não são  
santos  
diante de  
Deus  
aqueles  
que ouvem  
a Lei de  
Deus, mas  
aqueles  
que  
observam  
a Lei de  
Deus é que  
se  
santificam".**



Rom.

2,

13

O problema, porém, não estava no fato de que estas pessoas não se esforçavam em praticar a Lei de Deus. Havia e há muitos, é verdade, que não se esforçam, mas há também outros que se esforçam e não o conseguem. Por mais que o façam, a pureza e a santidade é algo muito elevado para elas, algo que elas não conseguem alcançar. Estas pessoas precisam entender, através desta experiência, que isto ocorre porque é assim que é a natureza humana decaída; que ela é fraca e está sob o jugo do pecado, tanto a dos judeus como a dos gregos, que é por isso que elas não conseguem praticar a beleza da vida que Deus ensina aos homens, que só lhes será possível conseguirem a força necessária para cumprir a lei divina com o auxílio da graça, e que esta graça vem através da fé.

Santo Tomás de Aquino resume tudo o que São Paulo explicou nestes três primeiros capítulos da Epístola aos Romanos no Comentário que ele escreveu às cartas do Apóstolo:

*"Depois que  
o Apóstolo  
mostrou que  
os pagãos  
não se  
justificaram  
(ou  
santificaram)  
pelo  
conhecimento  
da verdade  
que haviam  
alcançado",*

diz Santo Tomás em seu Comentário,

**"ele mostra  
que também  
os judeus não  
conseguiram  
justificar-se  
pelas coisas  
de que se  
vangloriavam.  
Não se  
justificaram  
pelas Leis  
(que lhes  
foram dadas  
por Deus);  
não se  
justificaram  
pela raça (a  
que  
pertenciam);  
não se  
justificaram  
também pela  
circuncisão  
(de que se  
vangloriavam).  
Portanto, para  
que ambos,  
(pagãos e  
judeus), se  
salvassem,  
era  
necessário a  
virtude da  
graça  
evangélica".**

**Como se adquire a graça necessária para a santificação e para cumprir a lei divina? São Paulo diz que é pela fé, e para provar isto através da própria Bíblia ele nos mostra o exemplo de Abraão. Apesar de Abraão nunca poder ter tido filhos com a sua esposa, apesar de estar com cem anos de idade e sua esposa Sara também, quando Deus lhe prometeu que sua descendência**

**seria mais numerosa do que as estrelas do céu e que os grãos de areia da praia, ele acreditou imediatamente que isto aconteceria certamente, porque Deus assim o prometia. Eis como o explica São Paulo:**

***"Que diz a  
Escritura?"***,

**escreve São Paulo.**

***"`Abraão  
acreditou  
em Deus  
e isto  
lhe foi  
tido em  
conta  
para a  
justiça'.***

**Gen .  
5 ,  
6**

***Ele, contra  
toda a  
esperança,  
acreditou na  
esperança de  
que seria pai  
de muitas  
gentes,  
segundo o  
que lhe foi  
dito: `Assim  
será a tua  
descendência'.***

**Gen .  
15 ,  
5**

***E, sem  
vacilar na fé,  
não  
considerou  
nem o seu  
corpo  
amortecido,  
sendo já de  
quase cem  
anos, nem o  
seio de  
Sara, já sem  
vida para  
conceber.***

***Não hesitou  
com  
desconfiança  
perante a  
promessa  
de Deus,  
mas foi  
fortificado  
pela fé,  
dando glória  
a Deus,  
plenamente  
convencido  
de que Ele é  
poderoso  
para cumprir  
tudo o que  
prometeu.***

***Por isso isto  
lhe foi***

**imputado  
para a  
justiça.**

**Ora, estas  
coisas não  
foram  
escritas  
somente por  
causa dele,  
(a saber,  
que isto) Ihe  
foi imputado  
como  
justiça, mas  
também por  
nós, a quem  
será  
imputado  
como  
justiça, se  
crermos  
naquele que  
ressuscitou  
dos mortos,  
Jesus  
Cristo,  
Nosso  
Senhor, o  
qual foi  
entregue  
pelos  
nossos  
pecados e  
ressuscitou  
para a  
nossa  
justificação".**

Rom.

4,

3;

4,

18-

25

**Mais adiante Paulo passa a explicar o que acontece às pessoas que não apenas crêem, mas que vivem da fé:**

**"O  
pecado já  
não vos  
dominará",**

**explica São Paulo,**

**"pois  
já não  
estais  
sob a  
lei,  
mas  
sob a  
graça".**

Rom.

6,

14

**"Antigamente",**

**diz ainda São Paulo,**

**"vós éreis  
escravos  
do pecado,  
mas como  
obedeceram  
de coração  
à regra da  
doutrina  
(da fé) sob  
a qual  
fostes  
formados  
(como  
cristãos),  
fostes  
libertados  
do pecado  
e vos  
tornastes  
servos da  
justiça".**

Rom.  
6,  
17-  
18

**É muito importante perceber que São Paulo não diz que os cristãos estão livres da Lei, como se estivessem livres para fazerem o que bem entendessem. Ele diz que os cristãos pela fé estão livres do pecado, o que é muito diferente. Sem a graça divina, que vem através da fé, os homens, mesmo que o queiram, e mesmo que o queiram verdadeiramente, não conseguem obedecer à lei divina. Mesmo que entendam, o que freqüentemente não é isto o que ocorre, que a observância das leis divinas é um bem para o homem, que só isto é a verdadeira riqueza, que só isto é o que dignifica o homem, e que só isto é que pode conduzi-lo à verdadeira felicidade, e assim entendendo queiram viver segundo a Lei de Deus, não o conseguem. Há uma força maior que os aprisiona, de que**

**precisam se ver livres para fazerem o que desejam. Esta força, diz São Paulo, é o pecado sob que estão todos os homens (Rom. 3, 9), pecado que entrou no mundo pela queda do primeiro homem, através do qual também entrou no mundo e passou para todos os homens a morte espiritual (Rom. 5, 12). Sem a graça de Deus, de fato, diz São Paulo na Epístola aos Romanos,**

***"todos  
pecaram e  
estão  
privados da  
glória de  
Deus; não há  
quem  
entenda, não  
há quem  
busque a  
Deus, todos  
se  
transviaram,  
todos se  
corromperam".***

**Rom  
3,  
23;  
3,  
11-  
12**

**O homem somente consegue se libertar desta prisão, diz São Paulo, através da graça do Espírito Santo, que nos é dada pela fé em Cristo.**

**Mas para aqueles que são capazes de viver da fé São Paulo se expressa muito diferentemente. Ele diz o seguinte:**



**"Considerai-  
vos como  
estando  
mortos  
para o  
pecado, e  
vivos para  
Deus.**

**Não reine o  
pecado em  
vosso  
corpo  
mortal,  
obedecendo  
aos seus  
desejos,  
mas ofereci-  
vos a Deus,  
pois o  
pecado não  
vos  
dominará,  
já que não  
estais sob  
a lei, mas  
sob a  
graça".**

Rom.

6,

11-

14

**"Agora  
que  
estais  
livres  
do  
pecado",**

**continua São Paulo,**

**"tornai-vos  
servos da  
justiça.  
Assim  
como  
antigamente  
vós  
oferecestes  
o vosso  
corpo para  
servir à  
imundície e  
ao pecado,  
assim  
oferecei o  
vosso  
corpo para  
servir à  
justiça,  
para com  
isto  
poderdes  
alcançar a  
santificação.  
Agora que  
estais livres  
do pecado  
e feitos  
servos de  
Deus,  
tenhais por  
vosso fruto**

**a  
santificação  
e por fim a  
vida  
eterna".**

**Rom.  
6,  
18-  
22**

**São palavras belíssimas, objetivos sublimes, mas exortações como estas são inteiramente inúteis para aquele que é incapaz de viver da fé, pois sem a graça do Espírito Santo que vem pela fé estas exortações colocam diante do homem um objetivo totalmente impossível de ser alcançado e freqüentemente também impossível de ser compreendido. Mas não são impossíveis para aquele ao qual, como à mulher cananéia, Jesus disse:**

**"Ó  
mulher,  
é  
grande  
a tua  
fé".**

**Mt.  
15,  
28**

**Por isso é que Jesus disse tantas vezes também a tantas pessoas:**

***"Levanta-  
te e  
parte, a  
tua fé te  
salvou";***

**ou ainda:**

***"A tua  
fé te  
salvou,  
vai em  
paz",***

**e outras vezes acrescentava: "E não peques mais".**

**Mais adiante São Paulo ainda faz na Epístola aos Romanos uma comparação entre aqueles que, através da graça e da fé, são capazes de viver para as coisas do espírito, e aqueles que, não sendo capazes de viver da fé, não podem senão viver para as coisas da carne:**

***"Não  
há,  
pois",***

**diz São Paulo,**

**"agora  
nenhuma  
condenação  
para os  
que estão  
em Jesus  
Cristo, os  
quais não  
andam  
segundo a  
carne.**

**Os que são  
segundo a  
carne,  
gostam das  
coisas da  
carne. Mas  
os que são  
segundo o  
Espírito  
gostam das  
coisas que  
são do  
Espírito.**

**Ora, a  
aspiração  
da carne é  
a morte,  
mas a  
aspiração  
do Espírito  
é vida e  
paz.**

**Quem viver  
segundo a  
carne,  
morrerá;  
mas  
aqueles  
que, pelo**

**Espírito,  
fizerem  
morrer as  
obras da  
carne,  
viverão.**

**E aqueles  
que forem,  
conduzidos  
pelo  
Espírito de  
Deus,  
estes serão  
filhos de  
Deus.**

**E, se forem  
filhos,  
também  
serão  
herdeiros,  
herdeiros  
de Deus e  
co-  
herdeiros  
de Cristo".**

**Rom.  
8,  
1;  
8,  
5-  
6;  
8,  
13-  
14;  
8,  
17**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **13. Os Comentários à Epístola aos Romanos.**

**A Epístola aos Romanos, sendo o mais importante dos escritos de São Paulo, foi objeto de muitos comentários ao longo da tradição cristã. O primeiro comentário à Epístola aos Romanos de que se tem notícia, e que ainda existe, foi escrito por volta do ano 230, ainda na época das perseguições movidas pelo Império Romano aos cristãos. Seu autor morreu vítima das torturas recebidas por sua decisão de permanecer firme à fé cristã, muitos anos depois que seu pai, outro mártir da fé, tivesse sido decapitado pelas autoridades romanas por recusar-se a renegar a Cristo.**

**O autor do primeiro Comentário à Epístola aos Romanos deixou-nos também uma multidão de outros escritos a respeito das coisas sagradas. Seu nome era Orígenes, e foi, em vida, um exemplo da prática das virtudes cristãs, de amor ao estudo das Sagradas Escrituras e de dedicação ao ensino da palavra de Deus. Eusébio de Cesaréia, um bispo dos anos 300, deixou-nos um testemunho muito eloqüente da fé que animava este homem já desde os primeiros anos de sua infância:**

***"Orígenes",***

**diz Eusébio de Cesaréia,**

***"havia-se exercitado desde criança nas Escrituras divinas, e havia lançado fundamentos nada pequenos para os ensinamentos da fé. Havia-***



**se  
entusiasmado  
por estas  
coisas sem  
medida, pois  
seu pai, antes  
que o menino  
iniciasse os  
estudos que  
eram comuns  
a todos os  
povos de  
origem grega,  
aproveitava  
toda ocasião  
para induzi-lo  
aos estudos  
sagrados.  
Estes não  
desagradaram  
ao menino,  
antes, ao  
contrário,  
empenhou-se  
neles com  
tão grande  
ardor até que,  
não  
contentando-  
se com os  
sentidos  
simples e  
óbvios das  
Sagradas  
Escrituras, já  
desde aquela  
época  
buscava  
alguma coisa  
mais  
profunda,  
chegando a  
colocar seu**

***pai em apuros, perguntando-lhe o que queria significar o sentido da Escritura divinamente inspirada. O pai aparentava desaprovação diante destas perguntas, exortando-o a não indagar nada que excedesse as possibilidades de sua idade, nem que estivesse mais além do sentido evidente, mas em seu íntimo se regozijava enormemente e louvava e agradecia a Deus, o autor de todo o bem, por te-lo feito digno de ser pai de um filho como aquele. Conta-se que muitas vezes, colocando-se o seu pai***

**junto ao  
menino  
enquanto  
dormia, abria-  
lhe a camisa  
que lhe  
cobria o peito  
e, como se  
dentro dele  
habitasse um  
espírito  
divino, o  
beijava com  
reverência e  
se  
considerava  
feliz por ser  
pai de tal  
filho.**

**Quando  
depois se  
acendeu com  
maior  
violência a  
fogueira da  
perseguição  
e sendo  
inumeráveis  
os que  
alcançavam a  
coroa do  
martírio, seu  
pai também  
foi preso, foi  
tal a paixão  
do martírio  
que se  
apoderou de  
Orígenes,  
então ainda  
criança, que  
ardia por**

**lançar-se  
junto com o  
pai ao  
encontro dos  
perigos e  
arrojar-se à  
luta. Pouco  
faltou que a  
morte se lhe  
acercasse  
ainda  
criança, se  
não tivesse  
sido o zelo de  
sua mãe, que  
se interpôs  
como  
obstáculo.**

**Ela  
primeiramente  
lhe pediu  
com  
palavras,  
exortando-o a  
ter  
consideração  
por sua mãe;  
mas, quando  
via que nada  
conseguiu  
com seus  
rogos,  
vibrando  
como estava  
a criança  
pelo desejo  
do martírio ao  
saber que  
seu pai havia  
sido preso,  
escondeu-lhe  
todas as suas  
roupas,**

**obrigando-o,  
assim, a  
permanecer  
dentro de  
casa. Mas  
ele, não  
podendo  
fazer outra  
coisa e  
sendo-lhe  
impossível  
dar sossego  
a um zelo que  
excedia a  
capacidade  
de sua idade,  
enviou ao  
seu pai uma  
carta sobre o  
martírio,  
muito  
vibrante, em  
que o  
animava  
dizendo-lhe  
textualmente:**

**`Tende  
cuidado, meu  
pai, não seja  
que por  
nossa causa  
mudes de  
parecer'.**

**Que isto fique  
gravado por  
escrito",**

**conclui Eusébio de Cesaréia,**

**"como o primeiro indício da agudeza de engenho do menino Orígenes e de sua nobilíssima disposição para com a religião".**

**Mais tarde, já adulto, quando o Império Romano passou a perseguir de modo principal não mais aqueles que se diziam cristãos, mas aqueles que se dedicavam ao ensino da doutrina cristã, Orígenes aceitou o cargo de coordenar o ensino da catequese na cidade de Alexandria, que era na época a segunda cidade do Império Romano.**

**"Seu exemplo",**

**diz Eusébio de Cesaréia,**

**"encorajava a maioria de seus alunos a um zelo semelhante ao seu, tanto que muitas pessoas de destaque, inclusive dentre os filósofos, tão**

***sinceramente  
recebiam  
dele no  
fundo de  
sua alma a  
fé na palavra  
divina que,  
sobrevindo  
a  
perseguição,  
ofereciam  
suas vidas  
como  
mártires".***

**Sua fama crescia tanto e**

***"era tão  
grande o  
número dos  
que se  
aproximavam  
dele por  
causa dos  
ensinamentos  
divinos",***

**continua Eusébio,**

**"que ele se via obrigado, para evitar as autoridades romanas, a mudar constantemente o local de suas aulas; não o fazia, porém, porque tivesse medo de ser preso, já que levava pessoalmente auxílio e conforto a todos aqueles que por causa da fé cristã, fossem ou não seus alunos, tivessem sido presos pelos romanos, expondo-se assim constantemente ao perigo dele próprio ser preso e executado".**

**Apesar disso, porém, as autoridades romanas não conseguiram apanhá-lo senão depois dos seus sessenta anos de idade.**

**"De fato",**

**relata ainda Eusébio de Cesaréia,**



**"não somente  
Orígenes  
assistia aos  
presos pela fé  
quando estes  
estavam no  
cárcere e  
quando eram  
julgados, até à  
sentença final,  
como também  
depois disto,  
quando os  
santos mártires  
eram  
conduzidos até  
à morte, com  
muitíssima  
ousadia e  
expondo-se aos  
mesmos  
perigos. Tanto  
assim que  
muitas vezes,  
por ter-se  
aproximado  
resolutamente e  
se atrevido a  
saudar aos  
mártires com  
um beijo, faltou  
pouco para que  
a multidão dos  
pagãos que se  
achava ao  
redor,  
enfurecida, não  
o apedrejasse.  
Todas as vezes,  
porém, com a  
ajuda da dextra  
divina,**

**escapava  
milagrosamente.**

**Esta mesma e  
celestial graça  
o foi guardando  
em outras  
ocasiões,  
impossível de  
dizer quantas,  
quando se  
conspirava  
contra ele por  
causa do seu  
excesso de zelo  
e da ousadia  
em favor da  
doutrina de  
Cristo. Dia após  
dia a  
perseguição  
contra ele se  
acendia tanto  
que em toda a  
cidade não  
havia mais  
lugar para ele:  
mudava de  
casa em casa, e  
de todas as  
partes era  
constantemente  
expulso por  
causa do  
grande número  
dos que dele se  
aproximavam  
por causa dos  
ensinamentos  
divinos".**

**Tal foi o exemplo que nos foi legado pelo autor do primeiro**

**Comentário à Epístola aos Romanos de que a história tem notícia. Infelizmente, por motivos que até hoje ninguém conseguiu explicar satisfatoriamente, apesar da seriedade de seu caráter e de seus escritos, Orígenes cometeu neles alguns erros de interpretação, os quais, apesar de poucos, são tão elementares que nenhum teólogo de qualquer época teria sido capaz de cometer. A história parece ser clara no sentido de que, a este respeito, Orígenes jamais teve a intenção de enganar. Talvez isto tenha ocorrido devido à dificuldade que havia, naquela época de perseguições, em comunicar-se com outras pessoas a respeito destes assuntos; de fato, apesar do caráter elementar de alguns destes erros, durante a vida de Orígenes ninguém nunca o acusou a este respeito, e estes erros só começaram a ser notados após o término das perseguições, quando Orígenes já não mais vivia. O próprio Orígenes, ademais, repetia incansavelmente a responsabilidade com que enfrentava as questões referentes ao estudo e ao ensino, afirmando inúmeras vezes que era pecado muito mais grave ensinar o erro do que praticá-lo.**

**Depois de Orígenes, quase todos os teólogos importantes do cristianismo nos deixaram comentários às cartas de São Paulo, e, em particular, à Carta aos Romanos. Santo Tomás de Aquino, Hugo de São Vitor e São João Crisóstomo comentaram todas as cartas de São Paulo. Ricardo de São Vítor nos deixou um escrito mais breve em que, em vez de comentar cada uma das cartas de São Paulo, trata das principais questões levantadas simultaneamente pelo conjunto das epístolas paulinas. Santo Agostinho comentou apenas a Carta aos Romanos e aos Gálatas.**

**De todos estes comentários o mais extenso e o mais complexo é o de Orígenes; os mais perfeitos quanto à técnica expositiva são os de Santo Tomás de Aquino. Mas do ponto de vista do conteúdo nenhum supera outro; todos são insubstituíveis e contém ensinamentos preciosos que em vão se procurariam em algum outro lugar. Temos desta afirmação exemplo no Comentário à Epístola aos Romanos de Santo Agostinho, de que vamos examinar a seguir algumas passagens. Quanto à técnica expositiva, este é o pior de todos os comentários que já se escreveram à Epístola aos Romanos; ele não passa de um amontoado desordenado de notas e observações sobre passagens isoladas da Epístola aos Romanos de que um dia, se**

tivesse tido tempo, Santo Agostinho iria se servir para escrever um comentário no verdadeiro sentido da palavra. No entanto, logo no início deste trabalho, aparentemente tão mal feito, encontramos uma meia página com uma das exposições mais curtas e mais lúcidas que já apareceram sobre a doutrina que São Paulo expõe na Epístola aos Romanos. Esta meia página, tirada das colunas 2065 e 2066 do trigésimo quinto volume da Patrologia Latina de Migne, é o texto que iremos ler em seguida.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **14. Texto do Comentário de Santo Agostinho à Epístola aos Romanos.**

**"Quando", diz Agostinho em seu Comentário à Carta do Apóstolo, "São Paulo afirma na Epístola aos Romanos que**

***`pela Lei não  
será  
justificada  
toda carne  
diante de  
Deus; pela  
Lei, de fato,  
vem o  
conhecimento  
do pecado',***

**e outras passagens semelhantes, que parecem dar a entender que o Apóstolo está desprezando a Lei dada por Deus, devemos interpretar estas passagens com cuidado, sem que pensemos que o Apóstolo esteja condenando a Lei divina, nem que esteja ensinando que tenha sido retirado do homem o livre arbítrio.**

**O que ocorre é que podemos distingüir quatro estágios ou fases na vida humana, isto é, antes da Lei, debaixo da Lei, debaixo da graça e na paz. Antes de nos ser dada a Lei de Deus, seguimos facilmente os desejos da carne. Quando nos é dado o conhecimento da Lei de Deus, estamos debaixo da Lei, mas somos forçados pelos desejos da carne. Quando estamos debaixo da graça, nem seguimos os desejos da carne, nem somos forçados por eles. Quando estivermos na paz, sequer haverá os desejos da carne.**

**Antes da Lei, portanto, não lutamos, porque não somente desejamos e pecamos, como também aprovamos o pecado. Quando estamos debaixo da Lei lutamos, mas somos vencidos. Confessamos ser mau aquilo que fazemos, e confessando tratar-se de coisa má, embora não a queiramos fazer, não havendo, todavia, a graça, somos vencidos. Neste estágio nos é mostrado o quanto estamos caídos, e quando nos queremos**

**levantar e apesar disso tornamos a cair, nos afligimos mais gravemente. Por isso é que São Paulo diz na Epístola aos Romanos:**

***`A Lei foi  
dada para  
que  
abundasse  
o pecado'.***

**Rom.  
5,  
20**

**Por isso também é que ele nos diz:**

***`É pela Lei  
que vem o  
conhecimento  
do pecado'.***

**Rom.  
3,  
20**

**De fato, a Lei não pode remover o pecado; somente a graça pode removê-lo. A Lei, portanto, é boa, porque proíbe as coisas que devem ser proibidas, e ordena que se cumpram as coisas que devem ser feitas. Mas quando alguém presume que poderá cumprí-las com as suas próprias forças, e não pela graça de seu Libertador, de nada lhe valerá esta presunção; antes, ao contrário, isto até lhe causará dano, dando-lhe a oportunidade de ser dominado pelo desejo de pecados ainda maiores nos quais se verá cair.**

**Assim, portanto, quem quer que se reconheça caído e incapaz**

**de se levantar por si só, implorará o auxílio do Libertador. Virá assim a graça que perdoará os pecados passados, auxiliará o esforçado, dará amor à justiça, e retirará o medo. Quando isto ocorrer, embora certos desejos da carne, enquanto estivermos nesta vida, lutem contra o nosso espírito, tentando levá-lo ao pecado, o espírito, todavia, não consentindo nestes desejos, por estar firme na graça e no amor de Deus, não permitirá o pecado. É isto o que significa o que diz o Apóstolo:**

***`Não  
reine,  
portanto,  
o pecado  
em vosso  
corpo  
mortal  
para que  
obedeçais  
aos seus  
desejos'.***

**Rom.  
6,  
12**

**Nesta passagem, de fato, o apóstolo afirma haver em nós desejos, aos quais, não obedecendo, não permitimos que o pecado reine em nós. Mas como estes desejos da carne nascem da mortalidade da carne, que trazemos do primeiro pecado do primeiro homem de onde que nascemos carnalmente, não cessarão eles até que não mereçamos, pela ressurreição que nos é prometida, aquela transformação do corpo em que haverá perfeita paz, nada se opondo a nós, não nos opondo nós a Deus. Isto também é o que diz o Apóstolo ao escrever:**

***`O corpo  
está morto  
pelo  
pecado,  
mas o  
espírito  
vive para a  
justiça. Se,  
portanto, o  
espírito  
daquele  
que  
ressuscitou  
Jesus dos  
mortos  
habita em  
vós,  
aquele que  
ressuscitou  
Cristo  
Jesus dos  
mortos  
vivificará  
os vossos  
corpos  
mortais  
pela  
habitação  
do Espírito  
em vós'.***

**Rom.  
8,  
10-  
11**

**O livre arbítrio, portanto, foi perfeito no primeiro homem; em nós, porém, antes da graça, não há livre arbítrio para que não pequemos, mas apenas para que não queiramos pecar. A graça, porém, faz com que não apenas queiramos proceder com**



**retidão, mas que também o possamos; não pelas nossas forças, mas pelo auxílio do Libertador, que nos dará a perfeita paz na ressurreição, a qual paz perfeita se segue à boa vontade:**

***`Glória',  
de fato,  
'a Deus  
no mais  
alto do  
céu, e  
paz na  
terra  
aos  
homens  
de boa  
vontade'.***

**Lc .  
2 ,  
14**

**Que quer dizer, pois, o Apóstolo quando diz:**

***`Destruímos,  
pois, a Lei  
com a fé?  
Longe disso;  
antes,  
estabelecemos  
a Lei' ?***

**Rom .  
3 ,  
31**

***`Estabelecemos a Lei' significa: colocamos-lhe o seu***

fundamento. Como, porém, se pode colocar o fundamento da Lei, a não ser pela justiça? Esta justiça, porém, é a que vem pela fé, pois as coisas que não podiam ser cumpridas pela Lei, puderam sê-lo através da fé".

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **15. Fé e graça.**

**Em tudo quanto dissemos até o momento, afirmamos a impossibilidade de se viver a vida cristã, uma vida que tem como ideais supremos o amor a Deus e ao próximo, sem a graça do Espírito Santo. Ensinamos, ademais, com base nas Sagradas Escrituras, que a graça do Espírito Santo nos vem através da fé e que, para alcançá-la, é necessário viver da fé; aquela fé, conforme ensina São Paulo, que opera pela caridade.**

**Temos que considerar agora, porém, o lado reverso desta questão. Veremos que o mesmo Evangelho que afirma que a graça do Espírito Santo é recebida pela fé, ensina também que sem a graça do Espírito Santo a fé é impossível.**

**O que isto significa, como ambas estas coisas podem ser verdade ao mesmo tempo e quais as conseqüências que isto implica é o que vamos tratar a seguir.**

**A fé, conforme vimos, é um assentimento da inteligência, dotado de pureza, firmeza e constância, a certas verdades ensinadas por Deus através da revelação. Vimos, ademais, que este assentimento não é movido pela evidência da verdade revelada, mas pela vontade que aceita a autoridade divina de quem a ensina. Aparentemente, portanto, tudo o que seria necessário para causar a fé seria somente um ato da vontade e, se fosse apenas isso, a fé dependeria somente de nós mesmos, de uma livre decisão de nossa vontade.**

**Seria, efetivamente, assim, se não fosse a natureza das coisas que Deus nos pede para crer através da fé. O conteúdo das verdades da fé que nos são transmitidas pela revelação está situado num plano tão acima do senso comum dos homens que, examinado mais atentamente, não há vontade humana capaz de assentir seriamente a elas, com aquela naturalidade característica da fé, sem o auxílio da graça. As ações que derivam do senso comum dos homens possuem uma naturalidade própria porque o senso comum é ele próprio um prolongamento da natureza humana; as coisas, porém, que Deus nos pede para crer pela fé excedem tanto a medida deste senso comum que aceitá-las com naturalidade, supondo que**

**Ihes tivéssemos entendido o significado, exigiria no homem uma outra forma de senso comum, um senso comum mais do que humano, o senso comum que seria próprio das criaturas celestes.**

**Examinemos, em primeiro lugar, o que a fé nos propõe a respeito de Deus e de sua existência. Uma coisa é a firme certeza de que existe um ser inteligente e imaterial que é a causa do ser de todas as coisas; esta afirmação, ao contrário do que poderia se supor, não está muito longe do senso comum. Quase todos os homens, em todas as épocas, observando os movimentos regulares do Universo, a beleza e a perfeição do conjunto das coisas criadas, foram levados a admitir a existência de uma causa que supera em si mesma a perfeição observada nas coisas de que ela é causa. A fé, porém, nos ensina muito mais a respeito deste ser que é a causa primeira de tudo quanto existe. Ela nos ensina que esta causa primeira nos ama como se fossemos seus filhos; que quando nós oramos não estamos falando com as paredes, antes, a causa primeira está atenta ao que dizemos e nos ouve como um Pai; e que ela nos espera após o término desta vida como a um ente querido para nos fazer felizes por toda a eternidade. Se o homem fosse um Deus, e não apenas um minúsculo grão de poeira perdido na imensidão do cosmos, afirmações deste tipo poderiam ser coerentes com alguma forma de senso comum que derivasse de sua natureza. Mas, se não fosse a revelação, afirmações como estas contém pretensões tão desproporcionais à natureza humana que sequer nos dicionários há palavras suficientemente fortes para qualifica-las.**

**Que é, de fato, o homem diante da imensidão do Universo? É menos do que um grão de poeira. E o que é o Universo diante da perfeição que deve existir no próprio Criador? É menos do que o homem diante do Universo. Certamente a causa primeira sustenta todas as coisas no seu ser e sabe que existem as coisas de que ela é causa; mas daí para a afirmação de que quando oramos a causa primeira nos ouve como a um Pai vai uma diferença descomunal.**

**As afirmações da fé, porém, vão mais longe do que estas. Ela nos diz que a causa primeira, na realidade, se preocupa tanto com os homens e os quer tão bem que ela própria se fez homem, habitou entre nós, tomou o nome de Jesus e se deixou**

**crucificar na época do Império Romano por ordem de Pôncio Pilatos. Mais ainda, a fé ensina que o amor da causa primeira por estas criaturas tão insignificantes alcançou estes extremos porque ela não os deseja sequer tratar como servos, mas como amigos que comungam a mesma natureza, e por isso não deseja apenas a nossa felicidade, mas nos quer tornar participantes de sua própria felicidade, aquela que ela possui em si mesma antes e independentemente da criação do Cosmos.**

**Todas estas são afirmações que, bem pensadas, ultrapassam o limite de tudo quanto a mente humana possa imaginar de mais fantástico e extraordinário, mais ainda abriremos um parênteses e considerarmos o que significa a expressão segundo a qual Deus nos quer tornar participantes de sua própria felicidade. Para isto, porém, teremos que discorrer primeiro brevemente sobre o mistério da Santíssima Trindade.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **15. 1. O Mistério da Santíssima Trindade.**

**Para entendermos o que a fé nos quer dizer quando nos diz que Deus quer nos tornar participantes de sua própria felicidade, devemos considerar primeiramente de onde provém a felicidade divina. Não é possível fazer isto, porém, sem tratarmos primeiro daquilo que a tradição cristã conhece como o mistério da Santíssima Trindade.**

**A fé nos ensina que na causa primeira, que é Deus, subsistem desde toda a eternidade três pessoas, que compartilham uma só divindade, às quais chamamos de Pai, Filho e Espírito Santo. Cada uma destas três pessoas, ensina a fé, é Deus; o Pai é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus; apesar disso, não são três deuses, mas um só Deus. A fé nos ensina também que a pessoa do Filho é gerada do Pai, e a pessoa do Espírito Santo procede do Pai e do Filho; isto, porém, ocorre desde toda a eternidade, fora do tempo, de modo que uma pessoa não existia antes da outra, nada existindo da Trindade de anterior ou de posterior, nada de maior ou menor, todas as três pessoas sendo coeternas e iguais umas às outras.**

**Por algum motivo que não nos é dado conhecer, Deus é trinitário por uma necessidade intrínseca de sua natureza. Embora não saibamos porque, Deus não poderia ser Deus subsistindo apenas em uma só pessoa, ou mesmo em duas. Se em Deus não subsistissem a pessoa do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Deus não poderia ser Deus, isto é, não poderia ser onipotente, onisciente, onipresente, eterno, infinito, nem poderia ter os demais atributos próprios da divindade, assim como também não poderia ter criado o Universo do nada. Se Deus, portanto, não fosse Trindade, nem nós, nem o Cosmos, nem o próprio Deus jamais teriam existido. Simplesmente nunca teria existido nada, uma situação absurda que a própria mente humana sequer consegue conceber. Mas a não ocorrência desta situação absurda é consequência do fato de Deus ser Trindade.**

**A Santíssima Trindade tem em Deus, guardadas as devidas proporções, uma semelhança com a santidade no homem. O homem não pode alcançar aquela santidade que é a plenitude da filiação divina sem a fé límpida produzida pelo dom de**

**entendimento e sem aquele amor extraordinariamente intenso produzido pelo dom de sabedoria. Quando ele os alcança, porém, alcança com eles e a filiação divina, que é como se se dissesse: torna-se um pequeno Deus. Por isso é que Jesus dizia destes:**

***"Bem  
aventurados  
os  
pacíficos,  
porque  
serão  
chamados  
filhos de  
Deus".***

**Mt .  
5 ,  
9**

**Referia-se Jesus àquela paz que acompanha o amor de caridade infundido pelo dom de sabedoria. De uma forma semelhante, Deus não poderia ser Deus se o Pai não gerasse, desde toda a eternidade, o Filho, e do Pai e do Filho não procedesse, desde toda a eternidade, o Espírito Santo. A diferença, porém, além da proporção de escala, tão descomunal que não temos condição de fazer idéia, está em que no homem o dom de entendimento e o dom de sabedoria se produzem sucessivamente no decorrer do tempo, enquanto que em Deus a geração do Filho e a processão do Espírito Santo se dão fora do tempo, desde toda a eternidade. No homem, ademais, o dom de entendimento e de sabedoria são apenas disposições sobrenaturais da alma infundidas por Deus, enquanto que em Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ao contrário, são pessoas verdadeiramente distintas e que compartilham uma só e mesma divindade.**

**Mas, guardadas as devidas proporções, a santificação do homem é uma autêntica imagem da Trindade divina, do que é testemunha o próprio Deus quando, ao ter criado o homem, disse, conforme narra o início do Gênesis:**

***"Façamos o  
homem à  
nossa  
imagem e  
semelhança",***

**utilizando-se inclusive, nesta frase, da primeira pessoa do plural, sendo que em todas ou praticamente todas as demais passagens das Escrituras Deus, ao falar, se utiliza sempre da primeira pessoa do singular.**

**Quando nos referimos ao Espírito Santo, portanto, esta expressão pode significar duas coisas bastante distintas, embora uma seja a imagem da outra. No caso de referir-se à Trindade divina, o Espírito Santo significa a terceira das três pessoas que subsistem em Deus. No caso de referir-se à santificação do homem, o Espírito Santo significa qualquer efeito produzido pela graça divina no homem, e, de modo especial, por excelência, aquele amor de caridade extraordinariamente intenso que é produzido em nós pelo dom de sabedoria. Chama-se a este amor de Espírito Santo, ou de graça do Espírito Santo, não porque ele seja a própria pessoa do Espírito Santo, mas por ser um efeito sobrenatural produzido em nós por Deus que desempenha na santificação da alma humana um papel que é uma imagem, guardadas as devidas proporções, do papel que o Espírito Santo desempenha na Trindade divina.**

**Do ponto de vista da graça e da procedência das pessoas divinas, a inteligência produzida pelo dom de entendimento deveria ser a imagem do Filho, assim como o amor de caridade produzido pelo dom de sabedoria é a imagem do Espírito Santo. Mas no homem o dom de entendimento pode manifestar-se de modo claro antes mesmo que o dom de sabedoria o possa fazê-lo do modo intensamente evidente que lhe é característico, enquanto que em Deus, ao contrário, o Pai e o Filho não poderiam subsistir na natureza divina sem a processão do Espírito Santo. Por isso, ao contrário do dom de sabedoria, o dom de entendimento não é uma imagem adequada da pessoa do Filho. Aquilo que na santificação do homem é uma imagem**



**do papel que a pessoa do Filho desempenha na Trindade divina é aquela contemplação deiforme de que fala Santo Tomás de Aquino, que é infundida na alma humana através do amor de caridade produzido pelo dom de sabedoria, a que Jesus chamava de "a verdade". Quando Jesus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade feito homem, dizia de si mesmo que ele era a verdade, queria dizer com isto que aquela verdade que Ele havia prometido através do Espírito Santo aos homens que seguissem os seus preceitos era uma imagem do que Ele próprio era no seio da divindade, apesar de que, na divindade, é o Espírito Santo que procede do Pai e do Filho, enquanto que no homem é a verdade que procede da graça do Espírito Santo.**

**Em Deus, portanto, existe uma felicidade incompreensível, somente muito distantemente avaliável pela felicidade que experimentam as pessoas santas. Nos homens santos a felicidade lhes é produzida pela presença do amor e da verdade; em Deus é produzida pela Trindade das pessoas, e muito mais ainda do que nos homens santos, porque em Deus o amor e a verdade não são apenas disposições de uma alma, mas são pessoas distintas, cada uma delas sendo verdadeiramente Deus. Todas as três pessoas divinas são Deus, e as três são também um só Deus. Cada uma se conhece e conhece as outras de um modo muito mais belo do que qualquer criatura jamais será capaz de vê-las e conhecê-las. Como cada uma delas é Deus, cada uma delas é também a própria bondade infinita. Como cada uma delas conhece a outra infinitamente, elas também se amam infinitamente; e unidas como estão entre si, não poderiam deixar de se amarem, se isto fosse possível, um só momento. Na verdade, se amam desde toda a eternidade. Como, ademais, as três pessoas são um só Deus, elas se amam umas às outras como a si mesmas, exatamente como ensinaram aos homens que se deveriam amar uns aos outros:**

***"Amam-se por um só amor, porque são um",***

**diz Hugo de São Vítor. E este amor que tem entre si é tão imenso que é a felicidade delas. Deus é, assim, em sua própria essência, pela Trindade de suas pessoas, a felicidade, assim como é também o amor. E é também aquele amor de amizade a que chamamos de caridade, que por sua própria natureza não pode ser um amor dirigido a si mesmo, mas a um outro:**

***"Aprendamos  
que naquela  
suma  
bondade e  
perfeição  
que é Deus  
encontra-se  
toda a  
plenitude e  
perfeição do  
bem. Ora,  
onde há toda  
plenitude do  
bem, não  
pode faltar a  
verdadeira e  
suma  
caridade.  
Nada é  
melhor do  
que a  
caridade,  
nada mais  
perfeito do  
que a  
caridade.  
Ninguém,  
porém, é dito  
possuir  
caridade por  
causa do  
amor próprio  
e de si  
mesmo; para  
que possa***

**haver  
caridade é  
necessário  
que o amor  
se estenda a  
um outro.**

**Onde,  
portanto,  
não há  
pluralidade  
de pessoas,  
não pode  
haver  
caridade. O  
mesmo pode-  
se deduzir  
não apenas  
da plenitude  
da bondade,  
como  
também da  
plenitude da  
felicidade.  
Interroque  
cada um à  
sua  
consciência,  
e sem  
dúvida e  
sem  
contradição  
encontrará  
que, assim  
como nada  
há melhor do  
que a  
caridade,  
assim  
também  
nada há  
mais pleno  
de felicidade  
do que a**

**caridade.  
Para que  
haja, porém,  
suma  
caridade no  
sumo bem, é  
necessário  
que não falte  
a quem  
possa ser  
oferecida, ou  
de quem  
possa ser  
recebida. É  
próprio do  
amor querer  
ser muito  
amado por  
aquele a  
quem muito  
se ama. Não  
pode existir  
um amor  
feliz se não é  
mútuo. Se  
naquela  
verdadeira  
dignidade  
somente  
existisse  
uma pessoa,  
não teria a  
quem  
oferecer o  
sumo amor,  
nem de  
quem  
receber o  
sumo amor.  
Na suma  
felicidade,  
portanto,  
não pode**

**faltar o amor  
mútuo e a  
perfeição da  
suma e  
verdadeira  
felicidade  
não pode  
subsistir  
sem a  
pluralidade  
das  
pessoas".**

Ricardo  
de S.  
Vitor  
De  
Trinitate,  
L. III

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **15. 2. A necessidade da graça para crer.**

**Quando, pois, a fé não apenas afirma que Deus existe, mas que nos ama como um Pai, que nos ouve atenciosamente quando oramos, que se fez homem por nosso amor e nos espera após o término desta vida para nos comunicar a sua própria felicidade, não a maior que seja possível ao homem segundo a sua natureza, mas aquela mesma felicidade que há em Deus em virtude da Trindade de suas pessoas, está nos propondo algo que está além dos sonhos mais extraordinários que o homem possa conceber.**

**Não há vontade humana capaz de, sozinha, sem o auxílio da graça do Espírito Santo, fazer a inteligência assentir a afirmações desta natureza com a firmeza e a constância que as Sagradas Escrituras atribuem à fé.**

**A experiência mostra que quando se propõem estas coisas aos homens, alguns vêem nas afirmações da fé algo que, corretamente compreendido, é demasiadamente pretencioso para poder ser verdade. Quando isto ocorre, na maioria das vezes, embora as pessoas não se posicionem com esta clareza conceitual, as afirmações da fé simplesmente não lhes causam nenhum impacto, não lhes chamam a atenção, assim como não o faria um mendigo que contasse uma história complicada de se entender, através da qual se entrevisse uma conclusão de que seus ouvintes poderiam receber uma fortuna inimaginável em dinheiro, maior do que todas as fortunas existentes sobre a terra. Esta história não chamaria a atenção porque as pessoas a interpretariam como algo infundado, desproporcional às condições do mendigo, que não pareceria passar de uma fábula.**

**Mas há outras pessoas para as quais, quando se explica o conteúdo da fé, seus ensinamentos lhes causam um impacto e lhes chamam vivamente a atenção. Embora elas percebam até bastante bem os fundamentos sobre os quais se baseiam as apreciações dos primeiros quando julgam os ensinamentos da fé demasiadamente pretenciosos para poderem ser verdade, no entanto, sem aparentemente terem nenhum outro novo argumento os primeiros não pudessem ter, percebem, entretanto, no seu íntimo, que as afirmações da fé não são**

**fábulas. De alguma maneira percebem, com uma certa naturalidade, como que levados por uma certa clara intuição, que as afirmações da fé devem ser verdadeiras. Elas percebem também claramente que se o que a fé ensina é verdade, trata-se de algo tão grandioso que seria uma verdadeira loucura se o homem se fizesse indiferente diante delas. É isso, no entanto, o que acontece com os primeiros, e parece um verdadeiro mistério porque alguns percebem isto tão naturalmente tão logo se lhes exponha claramente o conteúdo da fé enquanto que outros permanecem na mais tranqüila indiferença por mais que se lhes fale. Este é o motivo pelo qual, para se crer verdadeiramente nas coisas da fé, diz Santo Tomás de Aquino, é necessário colocar algo mais do que a vontade humana; para crer é necessário também a cooperação da graça, uma luz do alto que vem em auxílio da vontade para o assentimento da fé:**

***"Deve-  
se  
colocar",***

**diz Santo Tomás,**

***"uma outra  
causa  
interna, que  
move  
interiormente  
os homens a  
assentir  
interiormente  
às coisas  
que são da  
fé. Esta  
causa não  
pode ser  
apenas o  
livre arbítrio  
do homem,  
porque o  
homem,  
assentindo***

***às coisas  
que são da  
fé, se eleva  
sobre a sua  
natureza, e é  
necessário  
que isto lhe  
ocorra por  
um princípio  
sobrenatural  
movendo-o  
interiormente,  
que é Deus.  
E por isso a  
fé, quanto ao  
assentimento,  
que é o  
principal ato  
da fé,  
provém de  
Deus  
interiormente  
movendo  
pela graça".***

**Santo Tomás descreve, em outra parte da Summa Theologiae, a graça necessária para crer como**

***"um  
instinto  
interior  
de Deus  
que  
convida".***

**Sem este convite da graça, diz Tomás de Aquino, é impossível realizar com sinceridade um simples ato de fé. Muito mais ainda a graça será necessária para aquela vivência contínua da fé que é a característica dos homens justos, aqueles em cuja alma a graça é uma luz tão forte que lhes permite superar a natureza**



**animal e deixar de apreender as coisas no plano dos sentidos e das inclinações das paixões da carne; aqueles que, despertados pelos acontecimentos da graça, contemplam constantemente com os olhos da alma aquilo que os olhos da carne não são capazes de ver.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **16. O significado da justificação pela fé.**

**Explicamos ao longo deste livro, em primeiro lugar, que é através da fé que se alcança a graça do Espírito Santo.**

**Dissemos depois, porém, que para crer é necessária esta mesma graça que se alcança através da fé.**

**Estas duas afirmações não são contraditórias porque, conforme explica Santo Tomás no Comentário à Epístola aos Romanos, a graça do Espírito Santo não se alcança através da fé como se pela fé estivéssemos merecendo a graça e a justificação que vem juntamente com ela, mas, muito diferentemente, pela fé se alcança a graça e a justificação porque a própria fé é o início da justificação que em nós é operada pela graça:**

***"Diz São  
Paulo na  
Epístola  
aos  
Romanos  
que  
Abraão  
creu em  
Deus e  
isto lhe  
foi tido  
em  
conta  
para a  
justiça, e  
que a fé  
é  
imputada  
como  
justiça  
não aos  
que  
operam,  
mas aos  
que***

**crêem  
em Deus  
que  
justifica  
o ímpio  
(Rom. 8,  
3-5). Isto  
significa  
que  
segundo  
o  
propósito  
da graça  
de Deus  
a fé é  
imputada  
para  
justiça  
aos que  
crêem  
em Deus  
que  
justifica  
o ímpio  
não de  
tal modo  
que pela  
fé se  
mereça  
a justiça,  
mas  
porque o  
próprio  
crer é o  
primeiro  
ato da  
justiça  
que  
Deus  
opera  
neles".**

Santo  
Tomás  
de  
Aquino  
Com. a  
Romanos,  
C. 4,  
1. 1

**Também no início do Comentário ao Credo Santo Tomás de Aquino fez uma afirmação muito semelhante a esta, ao dizer que a fé já é a própria vida eterna que se inicia em nós:**

***"Pela  
fé se  
inicia  
em  
nós a  
vida  
eterna",***

**diz Tomás de Aquino,**

***"pois a vida  
eterna nada  
mais é do  
que  
conhecer a  
Deus. De  
fato, diz o  
Senhor no  
Evangelho  
de São João:***

***`Esta é a vida  
eterna: que  
te conheçam  
a ti, único  
Deus***

**verdadeiro'.**

**Ora, este  
conhecimento  
de Deus se  
inicia em nós  
pela fé".**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **17. Como se dá a justificação do pecador.**

**A Escritura afirma claramente que todos aqueles que creem são justificados pela fé a exemplo de Abraão, a quem ela chama de o pai de todos aqueles que crêm:**

***"Abraão  
creu  
em  
Deus",***

**diz a Escritura,**

***"e isto lhe  
foi tido em  
conta para a  
justiça.  
Portanto, ao  
que crê, a  
sua fé lhe é  
imputada  
como  
justiça,  
segundo o  
decreto da  
graça de  
Deus.***

***A Escritura  
diz que a fé  
foi imputada  
a Abraão  
como justiça  
para que  
fosse o pai  
de todos  
aqueles que  
creem, a  
quem a fé***

**também lhes  
será  
imputada  
como  
justiça, se  
seguirem as  
pisadas da  
fé que teve  
nosso pai  
Abraão, que  
não hesitou  
com  
desconfiança  
perante a  
promessa  
de Deus,  
mas foi  
fortificado  
pela fé,  
plenamente  
convencido  
de que Deus  
é poderoso  
para cumprir  
tudo o que  
prometeu.**

**Não foi  
escrito  
somente por  
causa dele  
que a fé lhe  
foi imputada  
como  
justiça, mas  
também por  
nós, a quem  
será  
imputada, se  
crermos  
naquele que  
ressuscitou  
dos mortos**

**Jesus Cristo  
Nosso  
Senhor, o  
qual foi  
entregue  
pelos  
nossos  
pecados e  
ressuscitou  
para nossa  
justificação.**

**Justificados,  
pois, pela fé,  
tenhamos  
paz com  
Deus por  
meio de  
Nosso  
Senhor  
Jesus  
Cristo, pelo  
qual temos  
acesso pela  
fé à sua  
graça e nos  
gloriamos  
na  
esperança  
da glória  
dos filhos  
de Deus".**

**Rom.  
4,  
3-  
25;  
5,  
1-2**



**Diante de tudo quanto expusemos até o momento, estamos em condições de compreender de que modo se dá a justificação do pecador pela fé.**

**A graça primeiramente dispõe o homem à justificação auxiliando-o, através da fé, a dirigir-se livremente a Deus, crendo ser verdade as coisas que Ele nos revelou e prometeu. Estes primeiros movimentos produzidos em nós pela graça através da fé não são ainda a justificação de que fala a Epístola aos Romanos, mas uma disposição inicial à mesma. A graça que a produz não é ainda uma qualidade estável infundida por Deus na própria alma, mas apenas um auxílio através do qual Deus convida e conforta interiormente o homem em seus movimentos da inteligência e da vontade. Através destes o homem passa a confiar na misericórdia divina e nos méritos da Redenção operada por Cristo e deste modo une-se a esta fé inicial a esperança dos bens celestes e o amor de caridade para com Deus.**

**Quando surge no homem a verdadeira caridade a graça se torna algo mais profundo do que a graça apenas suficiente para crer. Ela não é mais somente um auxílio ou um convite pelo qual o homem é confortado em seus movimentos da inteligência e vontade, mas uma qualidade estável infundida por Deus na alma daqueles a quem Ele ama. A justificação de que fala a Epístola aos Romanos só ocorre propriamente com o surgimento da caridade, pois a fé que justifica, diz o próprio São Paulo na Epístola aos Gálatas, é a fé que opera pela caridade (Gal. 5, 6), e naqueles em que a fé se une à caridade a graça, diz Tomás de Aquino, não é mais apenas um "instinto interior de Deus que convida", mas**

**"uma  
qualidade  
sobrenatural  
infundida  
por Deus na  
essência da  
alma  
daqueles a  
quem Ele  
ama, uma  
participação  
da natureza  
divina que  
passa a ser  
para o  
homem um  
princípio  
interno  
através do  
qual ele se  
move à  
consecução  
do bem  
eterno de  
modo fácil  
e conatural,  
uma luz e  
um  
esplendor  
da alma  
que é para  
ela uma  
qualidade  
própria,  
assim  
como a  
beleza o é  
para o  
corpo".**

**Junto com a caridade o homem é necessariamente movido ao  
arrependimento de seus pecados passados e deles é perdoado**

por Deus, mas o que chamamos de justificação não consiste apenas no perdão dos pecados, este perdão sendo conseqüência de uma verdadeira santificação e renovação do homem interior pelo recebimento voluntário da graça que move o homem à caridade, tornando-o amigo de Deus, participante de sua natureza, e co herdeiro de Cristo da vida eterna. Tal é a graça que habita na alma do homem justo.

A justificação, portanto, inicia-se por um movimento da inteligência e da vontade, inspirado pela graça divina, às vezes tão delicadamente que sequer nos damos conta do caráter sobrenatural deste fato. Sobrevindo a caridade, a graça se torna, além de uma luz que ilumina o homem, também uma luz própria da alma, e passa a manifestar-se em seu início predominantemente através do dom de temor do Senhor. Ao desenvolvimento da caridade estará ligado o desenvolvimento de todas as demais virtudes, mas ela própria, a caridade, necessitará, no início da vida espiritual, para o seu desenvolvimento, da condução da fé. A fé, portanto, no princípio, freqüentemente muito longo, da vida espiritual, não é apenas um pressuposto lógico para a vida da caridade que possa ser esquecido uma vez possuído; ao contrário, é uma virtude que deve desenvolver-se paralelamente à caridade e alimentá-la:

***"No  
temor  
do  
Senhor",***

**diz o livro de Provérbios,**

***"há uma  
confiança  
cheia de  
fortaleza";***

**Pr .**

**14 ,**

**26**

**com o que a Escritura testemunha que se a fé não se desenvolve, o temor do Senhor não amadurece e não será possível ao homem passar aos dons que a disposição divina determinou que lhe devessem suceder.**

**Esta afirmação de Provérbios, porém, não vale apenas para o dom de temor do Senhor, mas também para os outros dons que se seguem a ele. Próximo do fim do desenvolvimento da vida espiritual, quando o exercício da fé se torna cada vez mais constante, a caridade, sem que por isso deixe de existir a fé e a esperança, passará a assumir mais completamente o papel de condutora da vida espiritual. Será então que os justos se dirigirão a Deus e lhe dirão:**

***"Põe-nos  
como um  
selo sobre  
o teu  
coração,***

***porque o  
amor é  
forte  
como a  
morte,***

***as suas  
lâmpadas  
são  
lâmpadas  
de fogo e  
de  
chamas.***

***As muitas  
águas não  
poderão***

**extinguir  
o amor,**

**nem os  
rios terão  
força para  
o  
submergir.**

**Ainda que  
o homem  
dê todas  
as  
riquezas  
de sua  
casa pelo  
amor, ele  
as  
desprezará  
como um  
nada".**

**Cant .  
8, 6-  
7**

**E também, como São Paulo:**

**"Quem nos  
separará,  
pois, do  
amor de  
Cristo?**

**Nem a  
tribulação,  
nem a  
angústia,  
nem a fome,  
nem a nudez,  
nem o  
perigo, nem  
a  
perseguição,  
nem a  
espada.**

**De todas  
estas coisas  
somos mais  
do que  
vencedores  
por aquele  
que nos  
amou.**

**Nem a morte,  
nem a vida,  
nem os  
anjos, nem  
os  
principados,  
nem as  
virtudes,  
nem as  
coisas  
presentes,  
nem as  
futuras, nem  
a força, nem  
a altura, nem**

**a  
profundidade,  
nem  
nenhuma  
outra  
criatura nos  
poderá  
separar do  
amor de  
Deus que  
está em  
Jesus Cristo  
nosso  
Senhor".**

Rom.

8,

35-

39

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **18. Como se obtém a fé.**

No início dos "Mistérios da Fé Cristã", Hugo de São Vítor afirma que o assunto de que tratam todas as Sagradas Escrituras é a obra da restauração humana.

Pode-se dizer que o mesmo é o assunto destas aulas, já que elas versam sobre as Sagradas Escrituras. Nós as iniciamos com a questão da queda do homem, da inabilidade que os homens manifestam em compreenderem a extensão desta queda e avaliar imparcialmente seu próprio estado:

***"Todos  
pecaram",***

**dizem as Escrituras,**

***"e estão  
privados da  
glória de  
Deus; não há  
quem  
entenda, não  
há quem  
busque a  
Deus, todos  
se  
transviaram,  
todos se  
corromperam".***



Rom .

3 ,

23 ;

3 ,

11 -

12

**Estas expressões, e outras similares, se aplicam a toda a humanidade, mas os homens agem, quando as ouvem, como se elas se aplicassem apenas aos outros. Diante do que a natureza e a graça divina lhes têm preparado, e pelo qual eles não se interessam, isto faz com que todo o seu agir se assemelhe, objetivamente falando, ao de loucos, entregues ao pecado, às paixões da carne, ao egoísmo, ao orgulho inteiramente destituído de fundamento, que os torna cada vez mais cegos para os verdadeiros motivos pelos quais foram criados e os impede de alcançar aquilo que é a autêntica felicidade. Ainda que se lhes explique tudo isto com detalhes e ainda que eles o entendam, já estão tão condicionados ao seu louco modo de proceder que, segundo diz a Epístola de São Tiago,**

***"podem ser comparados a um homem que contempla num espelho seu verdadeiro rosto; apenas se contemplou, tendo-se retirado, logo esqueceu-se como era".***

Tg.

1,

23-

24

**O homem neste estado persevera em rebaixar-se continuamente a si mesmo, lutando com todas as suas forças por objetivos baixíssimos que são procurados, na maioria das vezes, de forma passional e incoerente, como se se tratassem dos maiores bens para a sua vida:**

***"Não só  
caíram na  
ignorância  
do bem",***

**diz a Escritura,**

***"como  
deixaram  
ainda aos  
homens  
uma  
lembrança  
de sua  
loucura".***

Sab.

10,

8

**Tal é o estado do homem decaído, uma enfermidade, diz Santo Antão,**

**"que é  
dor para  
os santos  
e causa  
das  
lágrimas  
e dos  
gemidos  
que  
oferecem  
por nós  
diante do  
Criador  
do  
Universo",**

**mas que, para nossa confusão, nos é freqüentemente motivo para fazer festa e pular de alegria.**

**Que Deus não nos formou para isto, até uma simples observação um pouco mais atenta da natureza humana facilmente o demonstraria. Em sua bondade, o Criador quis nos tirar deste estado lastimável; vendo, porém, que sequer conseguíamos perceber os seus sinais que Ele espalhou abundantemente na natureza e inclusive em nós mesmos, inspirou as Sagradas Escrituras e enviou aos homens o Cristo para que os ensinasse e sofresse por eles. Ele nos pede encarecidamente, ainda que não possamos entender claramente o alcance e a importância do seu pedido, que renunciemos a todos os objetivos que tão cegamente formamos para a nossa vida e aos quais tão fortemente nos agarramos, e passemos a viver apenas para amar a Deus e ao próximo. Ele nos pede isso porque nos ama e quer o nosso próprio bem. Se fizéssemos ambas estas coisas, aos poucos ficaríamos curados, e tanto, que sequer acreditaríamos se nos contassem.**

**Mas o Cristo sabia que o homem não poderia decidir-se a estas coisas apenas pelo esforço de sua própria vontade; para isto dependeria também e principalmente da graça do Espírito Santo. Ele morreu por nós para que, ressuscitando, pudesse distribuir a graça entre os homens mais copiosamente ainda do**

que a providência havia determinado antes da queda do homem. Ele deseja, de fato, através do seu Espírito, ressuscitar-nos juntamente com Ele, e nos aponta a fé como o caminho para nos aproximarmos de sua graça. Este foi o assunto deste presente livro, em que mostramos que o Espírito Santo, necessário para o homem desprender-se das coisas da terra e buscar as do alto, é concedido ao homem através da fé.

Mas eis que, agora, depois de termos aprendido isto, acabamos de explicar que a fé, através da qual se alcança a graça, também não depende apenas da vontade do homem, mas principalmente do próprio Espírito Santo. Esta afirmação nos coloca então o problema de saber, já que para alcançar a fé não basta apenas o simples querer do homem, o que o homem pode fazer para obtê-la.

Indicaremos a seguir três caminhos para se alcançar a fé. Na primeira leitura, diante do que já dissemos, parecerá que os dois primeiros caminhos são secundários e até desprovidos de razão, e que o único realmente necessário e eficaz seja o terceiro. Mais adiante, porém, mostraremos o verdadeiro motivo pelo qual os dois primeiros são importantes e necessários, embora o mais importante de todos seja inegavelmente o terceiro. Será preciso, pois, praticar a todos para alcançar a fé, e, através dela, a graça do Espírito Santo.

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **19. O Estudo das Sagradas Escrituras.**

O primeiro caminho para se alcançar a fé é o próprio estudo das Sagradas Escrituras, pois elas estão repletas de exemplos do que seja a fé, uma virtude profunda e que se manifesta de muitas formas diversas. É através do estudo e da meditação destes exemplos que aprendemos aos poucos qual seja a natureza e o alcance da fé. E, mesmo quando a Escritura não nos fala diretamente da própria fé, nos fala de Deus e das coisas celestes, que são o objeto da fé. A fé, portanto, permeia inteiramente as Escrituras.

Sob este ponto de vista é importante não apenas o estudo do Novo, como também do Velho Testamento. A Epístola aos Hebreus nos diz bem claramente que todos os personagens do Antigo Testamento que se salvaram o fizeram pela fé, e cita os exemplos nominais de Abel, Enoc, Noé, Abraão, Sara, Isaac, Jacó, José, Moisés, os israelitas sob o comando de Josué que cercaram Jericó, Raab, Gedeão, Baruc, Sansão, Jefté, Davi, Samuel, apenas para mencionar os mais conhecidos. E, depois de citar ainda outros, dizendo que o que eles fizeram o fizeram pela fé (Heb. 11, 33), conclui:

*"Que devo  
mais dizer?  
Não haveria  
tempo para  
falar com  
pormenores  
de todos.  
Portanto,  
também nós,  
com tal  
nuvem de  
testemunhos  
ao nosso  
redor,  
rejeitando  
todo fardo e  
o pecado  
que nos*

***envolve,  
corramos  
com  
perseverança  
para o  
certame que  
nos é  
proposto".***

Heb.  
11,  
32;  
12,  
1

**Não será preciso explicar como o Novo Testamento se refere constantemente à fé; dificilmente se encontra nele uma página em que esta virtude não aparece mencionada diversas vezes. O que é um pouco mais difícil de se perceber é que ocorre quase a mesma coisa também no Antigo Testamento, embora ali a fé não costume se apresentar com este nome.**

**Vejamos alguns casos, a título de exemplo e de motivação para o estudo do Antigo Testamento.**

---

▪ ***Anterior***

▪ ***Índice***

▪ ***Posterior***



## **19. 1. O Livro de Josué.**

**Um exame superficial diria que o livro de Josué é essencialmente uma narrativa de uma série de batalhas empreendidas pela conquista da Palestina. De fato, o enredo histórico deste livro é este, mas ele é apenas a superfície da obra. Tal como o livro de Josué, a vida de todo homem sobre a terra também é uma série de batalhas empreendidas por alguma finalidade, mas em muitas destas vidas há uma essência que está muito além da narrativa histórica destas lutas. Sem dúvida alguma, Josué foi uma destas vidas.**

**Principal personagem do livro que leva o seu nome, Josué foi o sucessor de Moisés no comando do povo judeu. Seu livro narra como o povo escolhido, após 40 anos de estadia no deserto, atravessou o rio Jordão e, em uma série de campanhas militares, nas quais freqüentemente entravam em condições de inferioridade, venceram e dominaram os povos que habitavam a terra prometida. Muito faltava ainda para que se completasse a conquista desta região quando Josué veio a falecer.**

**A morte do valoroso comandante deixava para os que ficavam muitos problemas pendentes; além das conquistas a fazer, as terras já conquistadas teriam que ser defendidas contra os inimigos e seria de se esperar que Josué, antes de morrer, deixasse orientações precisas sobre a necessidade de se formar um exército regular, como mantê-lo bem treinado, fortemente armado e ocupando todas as posições estratégicas. Josué, porém, não fez nada disso; o grande estrategista, vencedor de inúmeras batalhas impossíveis, em suas últimas palavras mostrou pouca ou mesmo nenhuma preocupação a respeito de questões militares. Em vez disso, deixou aos israelitas conselhos bastante diversos como sendo o seu testamento:**

***"Eu  
estou  
velho",***

**disse Josué em seu leito de morte,**

**"de idade  
muito  
avançada, e  
hoje entro no  
caminho de  
toda a terra.  
Vós vedes o  
que o Senhor  
vosso Deus  
fêz a todas as  
nações  
circunvizinhas,  
e como Ele  
mesmo  
combateu por  
vós. Posto  
que restam  
ainda muitas  
nações a  
vencer, o  
Senhor vosso  
Deus as  
exterminará e  
as retirará de  
vossa vista, e  
vós  
possuireis  
este país,  
como Ele vos  
prometeu.  
Somente será  
preciso que  
sejais fortes e  
solícitos em  
observar  
todas as  
coisas que  
estão escritas  
no livro da Lei  
de Moisés, e  
que  
permaneçais  
unidos ao**



**Senhor vosso  
Deus, como  
tendes feito  
até este dia.  
Então o  
Senhor vosso  
Deus  
exterminará à  
vossa vista  
nações  
grandes e  
fortíssimas, e  
ninguém vos  
poderá  
resistir. Um só  
de vós porá  
em fuga mil  
homens dos  
inimigos,  
porque o  
Senhor vosso  
Deus  
combaterá por  
vós, como  
prometeu.  
Somente  
tende  
grandíssimo  
cuidado em  
amar o  
Senhor vosso  
Deus, em  
cumprir o  
mandamento  
e a Lei que  
Moisés, servo  
do Senhor,  
vos  
prescreveu,  
isto é, que  
ameis o  
Senhor vosso  
Deus, que**

**andeis em  
todos os seus  
caminhos,  
observeis os  
seus  
mandamentos,  
estejais  
unidos a Ele e  
o sirvais de  
todo o vosso  
coração e  
toda a vossa  
alma".**

**Jos .  
23 ,  
3 -  
14 ;  
22 ,  
5**

**Eis a alma de Josué, um exemplo de fé, através do qual as Escrituras nos querem ensinar a nós, homens de hoje. Em suas últimas palavras, depois de nos ter ensinado pelo testemunho de sua vida, Josué nos propõe o mesmo ensinamento que Jesus nos deu no Sermão da Montanha:**

**"Olhai  
as  
aves  
do  
Céu",**

**diz Jesus,**

**"que não  
semeiam nem  
ceifam, nem  
fazem  
provisões nos  
celeiros, e  
contudo vosso  
pai celeste as  
sustenta.  
Porventura não  
valeis vós  
muito mais do  
que elas?  
Considerai  
como crescem  
os lírios do  
campo; não  
trabalham nem  
fiam, e no  
entanto nem  
Salomão, em  
toda a sua  
glória, se  
vestiu como  
um deles. Se,  
pois, Deus  
veste assim  
uma erva do  
campo, que  
hoje existe, e  
amanhã é  
lançada no  
forno, quanto  
mais a vós,  
homens de  
pouca fé!  
Buscai, pois,  
em primeiro  
lugar o Reino  
de Deus e a  
sua justiça, e  
todas as  
demais coisas**

**vos serão  
acrescentadas".**

Mt .  
6,  
26-  
33

**Vemos, pois, que a mensagem do livro de Josué é a mesma que a do Sermão da Montanha, e que estão muito longe da verdade aqueles que imaginam que, enquanto o Antigo Testamento nos fala de guerras, o Novo nos fala da vida do espírito.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **19. 2. O Segundo Livro das Crônicas.**

**O Segundo Livro das Crônicas narra a história de Salomão e dos dezenove reis que o sucederam no trono de Judá. Aparentemente trata-se de uma outra interminável sucessão de guerras. Mas sob a superfície deste enredo a obra utiliza-se precisamente destes fatos como de um instrumento para nos transmitir verdades e ensinamentos mais profundos.**

**Já mencionamos no início deste livro que Salomão foi figura de Cristo, e que certos fatos narrados pelas Escrituras a seu respeito são na realidade profecias sobre Cristo. Dele Deus havia prometido a Davi:**

***"Nascer-te-á um filho, que será um homem de paz; edificará uma casa ao meu nome, ele será meu filho, e eu serei seu pai, e firmarei o trono de seu reino sobre Israel para sempre".***

I  
Cron.  
22,  
10

**Ora, logo no início de seu reinado, subindo ao trono de seu pai Davi ainda muito jovem, Salomão dirigiu-se a Deus pedindo-lhe**

***"sabedoria e  
entendimento,  
para saber  
conduzir-se  
bem diante  
do povo".***

II  
Cron.  
1,  
10

**Estes são os principais dons do Espírito Santo, e a Escritura, comentando este pedido de Salomão, afirma que**

***"agradou  
ao  
Senhor  
esta  
oração,  
por ter  
Salomão  
pedido  
tal  
coisa".***

I  
Reis  
3,  
10

**Tal como fêz Salomão, consta que Jesus exortava aos seus discípulos que, quando orassem, pedissem a Deus a graça do Espírito Santo:**

**"Se  
vós,  
sendo  
maus",**

**diz Jesus,**

**"sabeis  
dar  
coisas  
boas aos  
vossos  
filhos,  
quanto  
mais o  
vosso Pai  
que está  
nos céus  
dará o  
Espírito  
Santo  
aos que  
lho  
pedirem?"**

Lc .

11 ,

13

**A oração que o próprio Deus insiste em pedir que Ihe façam não pode deixar de ser atendida. Deus, de fato, não tardou em responder à oração de Salomão:**

***"Visto  
que foi  
esta a  
petição  
que me  
fizeste",***

**disse o Senhor a Salomão,**

***"visto que  
não pediste  
para ti nem  
longa vida,  
nem  
riquezas,  
nem a morte  
de teus  
inimigos,  
mas pediste  
a Sabedoria,  
dou-te um  
coração tão  
cheio de  
sabedoria e  
de  
entendimento  
que ninguém  
antes de ti  
foi  
semelhante,  
nem se***



***levantará  
outro depois  
de ti".***

**I  
Reis  
3,  
10**

**À semelhança de Salomão, o Novo Testamento também afirma de Cristo Jesus que nele**

***"estão  
escondidos  
todos os  
tesouros  
da  
sabedoria  
e da  
ciência".***

**Col.  
2,  
3**

**"Ele (também) edificará uma casa ao meu nome", prometeu o Senhor a Davi. A profecia cumpriu-se; Salomão edificou o templo de Jerusalém, Jesus edificou a sua Igreja. Em uma carta que escreveu ao rei de Tiro, reproduzida no Segundo Livro das Crônicas, Salomão explicou seus objetivos ao empreender a construção do templo:**

**"A casa  
que  
pretendo  
edificar  
deve  
ser  
grande",**

**diz Salomão,**

**"visto que  
o nosso  
Deus é  
grande  
sobre  
todos os  
deuses.  
Quem  
poderá  
ser capaz  
de lhe  
edificar  
uma casa  
digna  
dele, se o  
céu e os  
céus dos  
céus não  
o podem  
conter?  
Faço-o,  
porém,  
somente  
para que  
nele se  
queime  
incenso  
na sua  
presença".**

II  
Cron.  
2, 5-  
6

**Ora, o incenso é uma figura da caridade, aquele fogo que Jesus diz ter vindo espalhar sobre a terra (Lc. 12, 49), e estar na presença de Deus é uma virtude muito próxima da fé. De fato, diz a Escritura, quando Abraão chegou à idade de noventa e nove anos o Senhor apareceu-lhe e lhe disse:**

***"Eu sou o  
Deus  
onipotente,  
anda na  
minha  
presença  
e sê  
perfeito".***

Gen.  
17,  
1

**Concedia Deus com estas palavras a Abraão a graça de viver na sua presença, uma graça também concedida ao profeta Elias, segundo ele próprio o declara: "Viva o Senhor, em cuja presença eu estou" (I Reis 17,1; 18,15). Da presença de Deus também o salmista se admira:**

**"Senhor, tu  
me sondas,  
me  
conheces, tu  
me conheces  
quando me  
sento e  
quando me  
levanto.**

**De longe  
penetras os  
meus  
pensamentos,  
vês  
claramente  
quando ando  
e quando  
repouso,  
observas  
todos os  
meus  
caminhos.**

**Para onde  
irei a fim de  
ficar longe  
de teu  
espírito?**

**E para onde  
fugirei de tua  
presença?**

**Se subo aos  
céus, tu lá  
estás; se me  
prostrar nos  
infernos,  
neles te  
encontras  
presente.**

***Se eu disser:  
`Ao menos  
as trevas me  
encobrirão,  
e, em vez de  
luz, me  
envolverá a  
noite',***

***as mesmas  
trevas não  
são escuras  
para ti, e a  
densa  
escuridão é  
para ti como  
a luz.***

***É demasiado  
admirável  
para mim  
esta ciência,  
é sublime,  
não posso  
atingí-la".***

**Salmo  
139**

**Quando Salomão, pois, declara ter construído o Templo de Jerusalém para que ali se queimasse incenso na presença do Senhor, estava na realidade descrevendo a fé animada pela caridade de que fala São Paulo na Epístola aos Gálatas, aquela virtude que torna os homens justos e faz deles templos do Espírito Santo, motivo pelo qual Jesus também edificou a sua Igreja:**

**"Aproximai-  
vos de  
Cristo",**

**diz São Pedro,**

**"pedra  
viva, eleita  
e estimada  
por Deus,  
também  
vós, como  
pedras  
vivas.**

**Vinde  
formar um  
templo  
espiritual  
para um  
sacerdócio  
santo, a  
fim de  
oferecer  
sacrifícios  
espirituais,  
agradáveis  
a Deus por  
Jesus  
Cristo.**

**Sois uma  
estirpe  
eleita,  
sacerdócio  
real, gente  
santa,  
povo  
trazido à  
salvação,  
para**

**tornades  
conhecidos  
os  
prodígios  
dAquele  
que vos  
chamou  
das trevas  
para a luz  
admirável".**

I  
Pe.  
2,  
4-  
5

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **19. 3. O Livro de Tobias.**

**No livro de Tobias encontra-se uma grande lição do que seja a verdadeira fé. Tobias foi um homem muito justo, da tribo de Neftali, levado cativo para a Assíria juntamente com o seu povo:**

***"Não  
obstante  
encontrar-  
se no  
cativeiro",***

**diz de Tobias o livro que leva o seu nome,**

***"não  
abandonou  
o caminho  
da  
verdade,  
distribuindo  
todos os  
dias  
daquilo  
que podia  
dispor  
pelos seus  
irmãos de  
raça que  
estavam  
cativos  
com ele".***

**Tob.  
1,  
2-3**

**Mas Tobias não se limitava apenas a praticar a caridade para**



**com o próximo; ele também não temia arriscar continuamente a sua própria vida para isto. Senaquerib, o rei dos Assírios, tinha rancor contra os filhos de Israel e não os podia ver. Mandou matar muitos israelitas, que Tobias, em segredo, para não ser ele próprio morto, depois os sepultava. Tobias**

***"alimentava  
os  
famintos,  
vestia os  
nús e dava  
com  
solicitude  
sepultura  
aos que  
tinham  
falecido e  
aos que  
tinham  
sido  
mortos",***

**diz o seu livro (Tob. 1, 19-20). Quando o rei finalmente**

***"teve  
conhecimento  
disto,  
mandou que  
o matassem  
e confiscou  
todos os  
seus bens".***

**Tob.  
1,  
22**

**Tobias teve às pressas que despojar-se de tudo e fugir com o**

**seu filho e sua mulher para não ser morto.**

**Passado, porém, o maior perigo, Tobias retornou para sua casa e continuou procedendo como sempre havia feito. Depois disto, num dia de festa, tendo preparado um grande banquete em sua casa para muitas pessoas, alguém entrou em sua casa e avisou-o que um dos filhos de Israel jazia degolado na rua:**

***"Tobias  
então,  
levantando-  
se da mesa,  
sem nada  
haver  
comido, foi  
junto do  
cadáver,  
tomou-o e  
levou-o  
secretamente  
para sua  
casa a fim  
de que,  
depois do  
sol posto,  
pudesse  
sepultá-lo  
com  
cautela".***

**Tob.  
2,  
3-4**

**Depois de ter escondido o cadáver na mesma casa onde estava se celebrando a festa que ele próprio havia organizado, pôs-se Tobias a**

**"comer  
com pranto  
e tremor,  
recordando-  
se das  
palavras do  
profeta  
Amós:**

**`Os vossos  
dias de  
festa  
converter-  
se-ão em  
lamentações  
e pranto".**

**Tob.  
2,  
5-6**

**Depois do sol posto, saíu novamente da festa e sepultou o morto.**

**Não se pense, porém, que a conduta de Tobias fosse elogiado por seus conterrâneos. Ao contrário, ele era visto como uma espécie de louco e merecedor de censura:**

**"Já por  
este  
motivo te  
mandaram  
matar",**

**diziam-lhe os vizinhos;**

**"mal  
escapaste  
da  
sentença  
de morte,  
logo  
recomeças  
e sepultar  
os  
mortos?"**

**Tob.  
2,  
8**

**Porém Tobias, diz a Escritura,**

**"temendo  
mais a  
Deus do  
que ao  
rei,  
continuava  
levando  
os corpos  
dos que  
tinham  
sido  
mortos,  
escondia-  
os em sua  
casa e  
sepultava-  
os pelo  
meio da  
noite".**

Tob.

2,

9

**Havia dias em que,**

***"cansado  
de enterrar  
os mortos,  
quando  
chegava à  
sua casa,  
deitava-se  
junto de  
qualquer  
parede e  
adormecia".***

Tob.

2,

10

**A divina providência também parecia não se importar com o que ele fazia; em vez de premiá-lo, aconteciam-lhe mais desgraças. Um dia em que voltou para casa tarde da noite, exausto de enterrar os mortos, caiu-lhe de um ninho de andorinhas um pouco de esterco quente sobre os olhos e ficou cego:**

***"O Senhor  
permitiu  
que lhe  
acontecesse  
esta  
prova",***

**diz a Escritura,**

***"para que a sua paciência servisse de exemplo aos vindouros, como a do santo Jó. Como havia sempre temido a Deus, desde a sua infância, e guardado os seus mandamentos, não se entristeceu contra Deus, por lhe ter acontecido a desgraça da cegueira".***

**Tob.  
2,  
12-  
13**

**Tobias não se entristeceu por ter ficado cego. Ao contrário, continua a Escritura,**

***"permaneceu  
firme no  
temor do  
Senhor,  
dando-lhe  
graças  
todos os  
dias de sua  
vida".***

**Tob.  
2,  
14**

**Mas os vizinhos e até os seus familiares não entenderam a  
atitude de Tobias, e passaram a aproveitar-se da desgraça da  
cegueira para insultá-lo mais violentamente:**

***"Onde está  
a tua  
esperança",***

**diziam-lhe os vizinhos,**

***"pela qual  
davas  
esmolas e  
sepultavas  
os  
mortos?"***

**Tob.  
2,  
16**

**Sua mulher também certa vez lhe respondeu com ira:**

***"Bem  
claro está  
que as  
tuas  
esperanças  
são vãs!  
Agora  
mostram o  
que valem  
as tuas  
esmolas".***

**Tob.  
2,  
22**

**Com estas e outras palavras semelhantes, diz a Escritura,**

***"a mulher  
de Tobias  
o  
insultava".***

**Tob.  
2,  
23**

**Ora, a experiência mostra que uma pessoa que vive como Tobias viveu, expondo-se cotidianamente a grave risco de vida, praticando continuamente ações perigosas em momentos que nem ele nem a sua família tem liberdade de escolher, que além de profundamente desagradáveis, só podem ser executadas sob a preocupação constante de não ser visto ou descoberto sob pena da própria vida, sem apoio de ninguém ou de nenhuma**



**organização, ao contrário, procurado e perseguido pelas autoridades, insultado por amigos e familiares, e a tudo isto se seguindo a desgraça em vez da fortuna, este homem é, com certeza, uma pessoa que em poucos anos se tornará um traumatizado, um neurótico, alguém que necessitará de tratamento psicológico ou de acompanhamento psiquiátrico. Se lermos o seu livro com atenção, é isto o que deveríamos esperar de um Tobias. Mas a descrição que a Sagrada Escritura faz da evolução de sua vida é completamente diferente. De Tobias ela nos dá este impressionantíssimo testemunho:**

***"À  
medida  
em que  
progredia  
no temor  
de Deus,  
aumentava  
a sua  
paz".***

**Tob.  
14,  
4**

**Ora, isto é consequência precisamente da vida da fé. Não fosse Tobias um justo que vivia da fé, teria sido destruído pela sua própria história. Ao contrário, diz a Escritura, como se nada estivesse acontecendo, durante os anos que durou a sua cegueira e por todos era insultado, com muitos conselhos exortava o seu filho a não fazer caso dos que o desprezavam:**

***"Ouve,  
meu  
filho",***

**dizia o pai Tobias,**

**"estas  
palavras de  
minha boca, e  
põe-nas no teu  
coração.**

**Tem a Deus  
em teu espírito  
todos os dias  
de tua vida,  
guarda-te  
jamais de  
consentir no  
pecado.**

**Dá esmola de  
teus bens, e  
não voltes a  
tua cara a  
nenhum  
pobre.**

**Da maneira  
que puderes,  
sê  
misericordioso.**

**Se tiveres  
muito, dá  
muito; se  
tiveres pouco,  
procura dar de  
boa vontade  
também este  
pouco.**

**A todo homem  
que tiver feito  
algum  
trabalho, paga-  
lhe logo o  
salário, e**

***nunca fique,  
um só  
instante, em  
teu poder a  
paga do  
trabalhador.***

***Nunca  
permitas que a  
soberba  
domine os  
teus  
pensamentos  
ou tuas  
palavras; pede  
sempre  
conselho ao  
sábio e bendiz  
a Deus em  
todo o tempo".***

**Tob.  
4,  
6-  
20**

**Não há trauma que possa arrasar um homem como este.  
Quando o insultavam, respondia singelamente que**

***"esperava  
aquela  
vida que  
Deus há  
de dar  
aos que  
nunca  
deixam  
de  
confiar  
nEle".***

**Tob.  
2,  
18**

**Depois de alguns anos, diz a Escritura, Tobias recuperou a vista e**

***"passou  
todo o  
restante  
de sua  
vida na  
alegria"***

**Tob.  
14,  
4**

**Para nós deixou o exemplo do que significa viver da fé.**

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



#### **19. 4. O Livro de Judite.**

No livro de Judite temos o exemplo de uma fé que não apenas se nos mostra com as qualidades da firmeza e constância, mas que, além disto, amadureceu pela experiência de sua própria vivência.

O livro nos conta uma história ocorrida pouco depois do retorno do povo judeu do exílio da Babilônia. Sabemos disso porque, durante a narrativa, um dos personagens, Aquior, diz a respeito dos judeus que

*"há  
poucos  
anos, este  
povo foi  
levado  
cativo para  
uma terra  
estranha e  
há pouco  
tempo  
tornou-se  
a juntar  
dos  
lugares  
para onde  
tinha sido  
disperso,  
retomando  
a posse de  
suas  
montanhas,  
assim  
como de  
Jerusalém,  
onde tem o  
seu  
santuário".*

Jd.

5,

22-

23

**Percebe-se, no livro de Judite, a intenção de narrar uma história cujos fatos são reais. Grande parte dos nomes das pessoas e dos lugares, porém, são fictícios; alguns são tão claramente impossíveis que o autor parece tê-los incluído propositalmente apenas para deixar claro que, por algum motivo que nos é desconhecido, quis ocultar os nomes verdadeiros.**

**A história de Judite se inicia quando Nabucodonosor, apresentado como rei dos assírios reinando em Nínive, após vencer uma guerra contra os medos, ensoberbeceu-se em seu coração e enviou o general Holofernes para que**

***"exterminasse  
todos os  
deuses da  
terra, a fim de  
que só ele  
fosse  
chamado  
deus pelas  
nações que  
fossem  
subjugadas  
pelo poder de  
Holofernes".***

Jd.

3,

13

**Na época em que ocorreram os fatos narrados no livro de Judite, porém, Nabucodonosor, monarca nomeado em outros livros das Sagradas Escrituras, já havia morrido há muito**

**tempo; ele também não havia sido rei dos assírios, mas dos babilônios, e a cidade de Nínive, uma das maiores do mundo antigo, jazia em ruínas há pelo menos mais de um século. Não foi, porém, por engano que o autor deste livro nos apresentou este personagem impossível, porque qualquer judeu de sua época que tivesse lido o livro, assim como qualquer pessoa de hoje que tenha familiaridade com as Sagradas Escrituras, perceberia de imediato a impossibilidade deste personagem tão claramente como hoje qualquer brasileiro perceberia que Napoleão não poderia ser um presidente do Brasil no século XX. Nabucodonosor, o suposto rei dos assírios apresentado pelo livro de Judite, portanto, deve ser algum poderoso rei persa que o autor, por algum motivo a nós desconhecido, não quis identificar.**

**Os reis persas eram, nesta época, soberanos muito poderosos. Além de dominarem todo o Oriente, foram o primeiro povo da história que conseguiram derrotar e conquistar a civilização egípcia, que já tinha, nesta época, três mil anos de existência, era uma das principais potências do mundo antigo e estava situada em território relativamente afastado e protegido das demais grandes potências da época. Quando, portanto, o rei persa que o livro de Judite nos apresenta como sendo Nabucodonosor enviou o general Holofernes para que subjugasse todas as nações para que "só ele fosse chamado de deus", não é motivo de espanto o terror que se apossou de todos os povos:**

***"Foi tão grande o medo que se apoderou dos habitantes das cidades",***

**diz o livro de Judite,**



**"que as  
pessoas  
mais  
distantes,  
à chegada  
de  
Holofernes,  
saíam-lhe  
ao  
encontro  
juntamente  
com os  
povos,  
recebendo-  
o com  
coroas e  
com  
archotes,  
dançando  
ao som  
dos  
tambores  
e das  
flautas.  
Todavia,  
nem  
mesmo  
fazendo  
isto  
puderam  
abrandar a  
ferocidade  
daquele  
coração,  
porque  
este lhes  
destruía  
não  
apenas as  
suas  
cidades,  
como  
também**

***os seus  
bosques  
sagrados",***

**isto é, os seus lugares de culto (Jd. 3, 9-12). Tal foi a reação de todos os povos diante das tropas do rei persa. Qualquer tentativa de defesa era manifestamente impossível; só lhes restava ajoelharem-se diante do inimigo, beijarem-lhe os pés e esperarem que não destruísse mais do que aquilo a que já se havia proposto. Nenhum dos povos por onde passou o general Holofernes reagiu de maneira diversa, tal era a evidência da superioridade do poder militar dos persas.**

**Só a reação dos judeus foi diferente. Eles temiam, diz o livro de Judite, que Holofernes fizesse à**

***"cidade  
de  
Jerusalém  
e ao  
templo  
do  
Senhor o  
que havia  
feito às  
outras  
cidades e  
aos seus  
templos".***

**Jd.  
4,  
2**

**Tamanha era a convicção do povo judeu que o Deus de Israel era o Deus verdadeiro que decidiram prepararem-se para uma guerra impossível. Ao contrário de todas as nações, os judeus**

**"ocuparam  
então os  
cumes dos  
montes,  
cercaram  
as suas  
aldeias de  
muros e  
fizeram  
provisões  
de trigo,  
preparando-  
se para a  
guerra".**

Jd.

4,

3-

4

**O sumo sacerdote Eliaquim não era de opinião diversa. Ele percorria as cidades de Israel exortando o povo à fé. Recordava-lhes como exemplo a fé que havia animado Moisés, dizendo-lhes:**

**"Sabei que o  
Senhor ouvirá  
as vossas  
súplicas, se  
permanecerdes  
constantes  
nos jejuns e  
nas orações  
diante do  
Senhor.  
Lembrai-vos  
de Moisés,  
servo do  
Senhor, o  
qual, não**

***combatendo  
com ferro,  
mas  
suplicando  
com santas  
orações,  
destróu  
Amalec, que  
confiava na  
sua força, no  
seu poder, no  
seu exército,  
nos seus  
escudos, nos  
seus carros e  
cavaleiros.***

***Assim  
sucederá a  
todos os  
inimigos de  
Israel, se vós  
permanecerdes  
nesta obra que  
começastes".***

Jd.

4,

12-

14

**Se esta atitude ainda é capaz de causar espanto para nós, homens de hoje, tão distantes no tempo da realidade daqueles acontecimentos, quanto mais não o terá sido para o próprio general Holofernes, ao ouvir que um povo militarmente insignificante se preparava para resistir ao seu exército. Ele admirou-se, dizem as Escrituras, e em seguida**

**"encheu-se de furor, e inflamou-se com grande cólera".**

Jd.  
5,  
2

**Não podia acreditar que um povo tão pequeno tivesse a ousadia de pretender guerrear contra o seu exército.**

**"No dia seguinte",**

**continua a Escritura,**

**"mandou suas tropas marcharem contra Betúlia",**

Jd.  
7,  
1

**uma cidade cujo nome provavelmente também é fictício, mas que ocupava uma posição estratégica no caminho para Jerusalém.**

**Bastou, porém, que as tropas de Holofernes se aproximassem de Betúlia,**

***"cento e  
vinte mil  
combatentes  
a pé, vinte e  
dois mil  
cavaleiros,  
sem contar  
os homens  
aptos para  
a guerra e  
toda a  
juventude  
que tinha  
levado, à  
força, das  
províncias e  
das  
cidades",***

**Jd.**

**7,**

**2**

**e a cercassem durante 20 dias para que ficasse claro que a fé dos habitantes daquela cidade era do mesmo gênero daquela que animava São Pedro antes do dia de Pentecostes.**

**"Caminhando sobre as águas do mar ao encontro de Jesus", diz o Evangelho de Mateus, "e percebendo a força do vento, Pedro teve medo e começou a afundar. Jesus então o repreendeu:**

***`Homem  
de pouca  
fé, por que  
duvidaste?'***

Mt .

14 ,

31

**Esta fé, diz também Jesus,**

**"é como  
uma  
semente  
plantada em  
lugar  
pedregoso,  
onde não há  
muita terra.  
Logo nasce,  
porque não  
tem  
profundidade  
de terra;  
mas, saindo  
o Sol,  
queima-se, e  
porque não  
tem raíz,  
seca. Estes  
são aqueles  
que ouvem  
a palavra e  
logo a  
recebem  
com gosto;  
mas eles  
não tem  
raízes.  
Crêem  
durante  
algum  
tempo, mas  
no momento  
da provação  
voltam**

***atrás".***

**Mt .  
13 ,  
5-6 ;  
13 ,  
20 ;  
Lucas  
8 ,  
13**

**Assim se mostrou ser a fé dos betulienses. Eles creram em Deus, mas as raízes desta fé não foram suficientemente profundas. Vinte dias depois de iniciado o cerco de Betúlia pelas tropas de Holofernes, "que havia decidido vencê-los sem combate" (Jd. 7, 9),**

***"esgotaram-se as cisternas e os depósitos de água para todos os moradores de Betúlia, de maneira que não havia mais, dentro da cidade, com que matar a sede".***



Jd.

7,

11

**Vinte dias antes Eliaquim Ihes havia recordado que nenhuma força humana é capaz de vencer aqueles que crêem no Senhor. "Deus combaterá por vós", havia-Ihes dito muito tempo antes Josué, e "um só de vós porá em fuga mil homens dos inimigos", se**

***"tiverdes um grandíssimo cuidado em amar o Senhor vosso Deus, em andar em todos os seus caminhos, observar os seus mandamentos, estar unidos a Ele, e o servir de todo o coração e de toda a vossa alma".***

Jos.

23,

11;

22,

5

**Mas agora, diante do espectro da sede, ninguém via mais como isto seria possível e nem acreditava mais nestas palavras. Ao contrário, chamaram Ozias, o governador da cidade, e Ihe**

**disseram:**

***"Deus seja o  
juiz entre nós e  
ti, porque tu  
nos trouxeste  
estes males,  
não querendo  
tratar a paz  
com os  
assírios.***

***Agora, pois,  
manda ajuntar  
a todos os que  
há na cidade,  
para que todos  
nos rendamos  
voluntariamente  
ao exército de  
Holofernes".***

Jd.

7,

13-

15

**Ozias, o governador da cidade, também não estava mais certo se naquela situação ainda se poderia confiar em Deus. Quando o povo, já "cansado de clamores e de prantos" (Jd. 7, 22), ficou alguns momentos em silêncio, Ozias aproveitou para propor-lhes uma experiência:**

**"Tende  
bom ânimo,  
irmãos, e  
por estes  
cinco dias  
esperemos  
a  
misericórdia  
do Senhor.  
Talvez se  
aplaque a  
sua ira e dê  
glória ao  
seu nome.  
Mas se,  
passados  
estes cinco  
dias, não  
nos vier  
socorro,  
faremos o  
que vós  
dissestes".**

Jd.  
7,  
23-  
25

É visível, nestas passagens, que o livro de Judite quer tratar, mais do que sobre a questão da natureza da fé, sobre a questão da experiência da vida da fé, claramente evidenciada nas atitudes dos betulienses. A fé dois betulienses era aquela fé sem raízes de que Jesus fala na parábola do semeador, que como uma semente plantada em lugares pedregosos, sobrevivendo o calor causticante da provação, queima e seca, porque não tem raízes. O livro de Judite quer nos mostrar o contraste entre esta fé sem raízes, uma fé que se desenvolveu muito rapidamente ou tão desatentamente que não teve tempo ou atenção para fazer a experiência de si mesmo, e a fé de

**Judite, que por ter provavelmente já longamente vivido da fé, não apenas cria que Deus auxilia aqueles que o buscam, mas também havia experimentado de que modo Deus faz isto. Não era o modo como os betulienses esperavam que fosse.**

**A Escritura nos ensina que a providência divina ampara de um modo especial aqueles que vivem da fé. Diz, de fato, o livro de Provérbios:**

***"Tem  
confiança  
no  
Senhor  
de todo o  
teu  
coração,  
e não te  
estribes  
na tua  
prudência.***

***Pensa  
nEle em  
todos os  
teus  
caminhos,  
e Ele  
mesmo  
dirigirá  
os teus  
passos".***

**Pr .  
3,  
5-  
6**

**E também acrescenta o Eclesiástico:**

**"Confia  
em Deus  
e ele te  
protegerá;  
ai, porém,  
dos  
fracos de  
coração,  
que não  
confiam  
em Deus,  
e que por  
isso não  
serão  
protegidos  
por Ele".**

**Ecles.  
2, 6;  
2, 15**

**Santo Tomás de Aquino, como se estivesse comentando estas passagens, nos mostra nas Quaestiones Disputatae de Veritate que os homens bons estão inseridos dentro de uma ordem da providência divina que difere essencialmente do modo como se ordenam todos os demais entes:**

**"Tanto mais  
nobremente  
algo é  
colocado  
sob a ordem  
da  
providência",**

**diz Tomás de Aquino,**

**"quanto  
mais  
próximo  
estiver do  
primeiro  
princípio,  
que é Deus.  
Entre todas  
as criaturas,  
são as  
substâncias  
espirituais  
as que mais  
se  
aproximam  
do primeiro  
princípio, de  
onde que  
são ditas  
terem sido  
assinaladas  
pela sua  
imagem, e  
por isto  
obtiveram  
da divina  
providência  
que não  
apenas  
sejam  
provistas,  
mas também  
que  
provejam,  
sendo esta a  
causa pela  
qual as  
substâncias  
espirituais  
podem  
eleger os  
seus atos, e  
não as**

***demais  
criaturas,  
que são  
somente  
provistas,  
sem que  
possam  
prover. Mas  
as criaturas  
às quais a  
possibilidade  
de proverem  
foi  
comunicada  
não são fins  
de suas  
providências,  
mas se  
ordenam  
elas  
próprias a  
outros fins,  
a saber, a  
Deus, de  
onde que  
são  
ordenadas  
por Deus na  
medida em  
que tomam  
da retidão  
divina a  
retidão de  
sua  
providência.***

***A divina  
providência,  
portanto, se  
estende aos  
homens de  
dois modos.***

**De um  
primeiro  
modo, na  
medida em  
que eles  
próprios são  
providos  
por Deus.**

**De um  
segundo  
modo, na  
medida em  
que eles  
próprios se  
fazem  
providentes  
de seus  
atos.**

**Falhando,  
pois, ao  
proverem,  
ou  
observando  
a retidão ao  
fazê-lo, os  
homens são  
ditos bons  
ou maus.  
Pelo fato de  
que são  
providos  
por Deus, a  
eles são  
oferecidos  
bens ou  
males; e na  
medida em  
que eles de  
modo  
diverso se  
acham no**



**provirem, de  
modos  
diversos  
também são  
providos  
por Deus.**

**Se  
observam a  
reta ordem  
ao  
proverem,  
neles a  
divina  
providência  
observa uma  
reta ordem  
condizente  
com a  
dignidade  
humana, a  
saber, que  
nada a eles  
aconteça  
que não se  
converta em  
bem para  
eles e que  
tudo o que a  
eles  
provenha os  
promova ao  
bem,  
segundo  
está escrito  
na Epístola  
aos  
Romanos:**

**`Todas as  
coisas  
cooperam  
para o bem**

**daqueles  
que amam a  
Deus'.**

**Rom.  
8,  
28**

**Se, porém, ao  
proverem,  
não  
observam a  
ordem que é  
condizente  
com a  
criatura  
racional, mas  
proveem  
segundo o  
modo dos  
animais  
brutos, a  
divina  
providência  
os ordenará  
segundo a  
ordem que  
compete aos  
animais  
brutos, isto é,  
de tal  
maneira que  
as coisas que  
neles são  
boas ou más  
não se  
ordenem  
para o bem  
deles  
próprios,**

**mas para o  
bem dos  
outros,  
segundo o  
que diz o  
Salmo 48:**

**`O homem,  
estando em  
honra, não  
compreendeu;  
foi  
comparado  
aos jumentos  
ignorantes, e  
tornou-se  
semelhante a  
eles'.**

**De tudo isto é  
evidente que  
a providência  
divina  
governa os  
bons de um  
modo mais  
alto do que  
os maus: os  
maus, de  
fato, na  
medida em  
que se  
retiram de  
uma  
determinada  
ordem da  
providência,  
não fazendo  
a vontade de  
Deus, caem  
sob uma  
outra ordem,  
isto é, sendo**

***feito deles as  
divina  
vontade; mas  
os bons  
quanto a  
ambas estas  
coisas estão  
sob a reta  
ordem da  
providência".***

**Quaest.  
Disputatae  
de  
Veritate  
Quaestio  
5, a.5,  
a.7**

**Estas palavras de Santo Tomás de Aquino, e muitas outras de que estão repletos os textos dos santos, via de regra provêm de pessoas que têm a experiência do que dizem. São testemunhos de homens que experimentaram, em grau maior ou menor, por terem vivido por longo tempo a vida da fé, de que modo devem ser entendidas as palavras de Jesus quando nos exortava a buscar em primeiro lugar o Reino de Deus, prometendo-nos que tudo o resto nos seria acrescentado (Mt. 6, 33). A experiência mostra que, ao contrário do que parece sugerir à primeira vista tal promessa, a provação não tarda a se aproximar dos que crêem, conforme nos ensina o Eclesiástico:**

***"Meu  
filho",***

**diz o Eclesiástico,**

**"quando  
entrares no  
serviço de  
Deus,  
persevera  
firme na  
justiça e no  
temor, e  
prepara a  
tua alma  
para a  
provação.**

**Humilha o  
teu coração  
e tem  
paciência,  
inclina o teu  
ouvido e  
recebe as  
palavras de  
sabedoria, e  
não te  
apresses no  
tempo da  
prova,**

**porque no  
fogo se  
prova o  
ouro e a  
prata, e os  
homens  
amados por  
Deus são  
provados no  
cadinho da  
humilhação".**

**Ecles.**

**2, 1-**

**2, 5**

Ocorre, porém, que mais tarde, se é verdade que o homem busca em primeiro lugar o reino de Deus, começa a ficar sempre mais claro que as provações parecem vir propositalmente para poderem ser vencidas através da virtude da fé e para que, vencendo-as justamente deste modo, o homem possa aprender a viver ainda mais profundamente da fé. É isto o que nos diz o livro da Sabedoria:

***"Foi a  
Sabedoria  
que  
conduziu o  
homem justo  
por  
caminhos  
direitos,***

***lhe mostrou  
o Reino de  
Deus,***

***defendeu-o  
dos  
enganadores,***

***e meteu-o  
num duro  
combate,  
para que  
vencesse,***

***e soubesse  
que, de  
todas as  
coisas, a  
mais  
poderosa é a***

**Sabedoria".**

Sab.  
10,  
10

**E também:**

**"A  
criatura,  
servindo  
a ti, seu  
Criador,**

**torna-se  
violenta  
para  
atormentar  
os  
injustos,**

**e torna-se  
mais  
benigna  
para fazer  
o bem  
àqueles  
que em ti  
confiam,**

**para que  
saibam os  
teus  
filhos, a  
quem  
amaste,  
Senhor,**

**que não**

**são os  
frutos  
naturais  
que  
sustentam  
os  
homens,**

**mas que é  
a tua  
palavra  
que  
conserva  
aqueles  
que  
crêem em  
ti".**

**Sab.  
16,  
24-  
26**

**É por isso que o Eclesiástico, após ter pedido ao homem preparar a "sua alma para a provação", acrescenta logo em seguida:**

**"Vós, os  
que temeis  
o Senhor,  
amai-O, e  
os vossos  
corações  
serão  
iluminados".**



**Ecles.**

**2, 10**

**As Sagradas Escrituras estão repletas de exemplos concretos destes ensinamentos.**

**Nos vinte primeiros capítulos do Êxodo elas nos narram como Deus havia libertado os judeus do Egito com prodígios tão extraordinários que eles praticamente nada tiveram que fazer senão admirar como Deus tudo fazia e a tudo provia. Mas, depois que alcançaram a liberdade através da passagem do Mar Vermelho, Deus pediu-lhes que lutassem, em condições de evidente inferioridade, para conquistarem a terra prometida. Esta conquista é a narrada no livro de Josué.**

**Comparando-se, porém, as narrativas de Êxodo e de Josué, vem naturalmente a pergunta: que necessidade havia de se lutar? Deus que havia feito tudo na libertação do Egito, uma nação muito mais poderosa, não poderia fazê-lo novamente na conquista da terra prometida, em vez de fazer passar o povo judeu pelo medo e pela angústia de enfrentar inimigos mais poderosos do que ele? Mas se nos lembrarmos das palavras que Josué nos deixou próximo ao término de sua vida, teremos que concluir que isto não ocorria senão para dar ocasião aos israelitas de aprenderem a viver da fé e a crescerem nela.**

**Dentro da própria narrativa de Êxodo encontramos novamente exemplos deste modo de agir da providência.**

**Quando os judeus estavam no cativeiro, Deus havia transformado as águas dos rios do Egito em sangue (Ex. 7, 14-25), para que o Faraó libertasse o povo escolhido. Mas Faraó não cedeu. Seguiu-se então a praga das rãs (Ex. 7, 26-29; 8, 1-11), e Faraó novamente não cedeu. Seguiu-se a praga dos mosquitos (Ex. 8, 12-15), e Faraó ainda não cedeu. Quatro novas pragas mais adiante, e Faraó ainda não cedia, não obstante os sinais evidentes que manifestavam a origem divina destes prodígios. Deus então anunciou a Moisés a oitava praga, pela qual as terras do Egito seriam infestadas, à sua ordem, por uma extraordinária horda de gafanhotos. Moisés já antevia que Faraó continuaria não cedendo e que se trata, portanto, de um esforço**

aparentemente inútil. Mas era evidente também para Moisés que Deus, que tinha o poder de realizar todos aqueles prodígios, poderia, se o quisesse, dizer apenas uma só palavra e mudar o coração de Faraó. Por que, então, não o fazia? É possível que Moisés tenha feito esta pergunta, apenas em seu íntimo ou diretamente para Deus. Se o fêz de fato, as Escrituras não o dizem. Contudo, quando Deus anunciou a oitava praga, explicou também a Moisés porque procedia daquele modo, como se Moisés o tivesse perguntado ou como se o próprio Deus se estivesse antecipando à pergunta. É claro que Deus poderia dizer uma só palavra e mudar o coração de Faraó, mas, se procedia diversamente, Deus disse que assim o fazia,

*"operando  
todos  
estes  
sinais,  
para que  
tu,  
Moisés,  
possas  
narrar a  
teu filho,  
e ao filho  
do teu  
filho,  
quão  
grandes  
coisas o  
Senhor  
fêz entre  
os  
egípcios  
e que  
prodígios  
operou  
no meio  
deles,  
para que  
conheçais  
que eu  
sou o  
Senhor".*

**Ex .**  
**10 ,**  
**2**

**Para quem bastava dizer uma só palavra e com isto mudar o coração de Faraó, anunciar uma oitava e devastadora praga depois das sete que já se tinham mostrado inteiramente inúteis parecia uma atitude incompreensível e até uma fonte de angústia e apreensão para o povo judeu, o suposto beneficiário das mesmas. Mas Deus procedia assim para o nosso bem; Ele queria ensinar-nos a, contemplando aqueles prodígios, remontar a atenção de nossa alma para uma outra realidade. Desejava, através daqueles eventos visíveis, que aprendêssemos a conhecê-lo melhor e pudéssemos, através do conhecimento da fé, nos aproximar dele. E é assim que Ele ainda age, não apenas com o povo judeu ao ter saído do Egito, mas com todos aqueles que se propõem a empreender a sua busca:**

***"Se  
pudéssemos  
ver os fios  
sutis com  
que a  
providência  
divina urde  
a tela de  
nossa  
vida",***

**diz uma irmãzinha missionária que quis ocultar-se no anonimato,**

**"apoderar-se-iam de nós sentimentos de gratidão e amor para com nosso bom pai celestial e, deixando nas suas mãos todo o cuidado sobre o nosso futuro, contentar-nos-íamos de ser a pequena lançadeira que doce e calmamente desliza entre os fios da urdidura divina".**

**Tal como Deus havia ensinado a Moisés, a experiência também ensinou a esta irmãzinha que a providência lhe dispunha os acontecimentos de sua vida para que, também através deles, aprendesse a deixar de avaliar a realidade através das sugestões da carne e passasse a contemplar com os olhos da alma outras realidades bem mais profundas.**

**Nada disso, porém, haviam ainda aprendido os betulienses. Quiseram confiar em Deus, mas ignoravam que Deus mais queria, ao ver suas boas disposições, aumentar-lhes a fé do que dar-lhes o descanso que julgavam merecer. Por isto,**

quando Deus lhes respondeu de acordo com a sua fé, não entenderam e se desesperaram. Não sabiam mais o que fazer, pois não tinham tido verdadeira experiência destas coisas. Eram marinheiros de primeira viagem, e logo na primeira tinham se deparado com uma tempestade a enfrentar. Com o navio estava tudo certo; o problema era a inexperiência da tripulação.

A sorte da cidade era que nela havia alguém que já vivia da fé há muito tempo, uma senhora chamada Judite, viúva há três anos e meio. Após a morte do marido, diz a Escritura,

*"no andar superior de sua casa havia feito para si um quarto retirado, no qual se conservava recolhida junto com as suas criadas; trazia um cilício sobre os seus rins, jejuava todos os dias de sua vida, exceto nos sábados, nos primeiros dias de cada mês e nas festas de Israel. Era de belíssimo aspecto e estimadíssima por todos, porque tinha muito temor de Deus, e*

***não havia  
ninguém que  
dissesse dela  
uma palavra  
de desfavor".***

**Jd.  
8,  
5-  
8**

**Desta descrição depreende-se já estarmos diante de uma vida seriamente dedicada a Deus desde a juventude. "Estimadíssima por todos, sem que houvesse ninguém que dissesse dela uma palavra de desfavor", mostra que a sua fé não era recente, por ter sido já provada por muitos; "porque tinha muito temor de Deus" denota a profundidade dos dons do Espírito Santo; o "quarto retirado" e a prática do "jejum todos os dias de sua vida" são instrumentos auxiliares de uma vida séria de oração, que é, conforme veremos, o principal meio de se obter a fé. Uma pessoa assim, com certeza, teria que reagir muito diversamente diante do cerco do general Holofernes.**

**De fato, "tendo Judite sabido que o governador da cidade havia prometido entregar a cidade dali a cinco dias" (Jd. 8, 9), caso não viesse uma resposta de Deus, mandou chamar os anciãos de Betúlia e lhes disse:**

***"Que  
palavra é  
essa, com a  
qual  
concordou  
Ozias, de  
entregar a  
cidade aos  
assírios, se  
dentro de  
cinco dias  
não vos***

**viesse  
socorro?**

**Quem sois  
vós, que  
assim  
provocais o  
Senhor?  
Não é esta  
uma palavra  
que excite a  
sua  
misericórdia,  
mas antes  
provoca a  
sua ira,  
acende o  
seu furor.  
Vós fixastes  
prazo à  
misericórdia  
do Senhor,  
e ao vosso  
arbítrio lhe  
assinalastes  
o dia".**

**Jd.  
8,  
10-  
13**

**Estas são palavras de quem certamente já havia experimentado  
que se**

**"tiverdes fé  
como um  
grão de  
mostarda,  
direis a  
este monte:**

**`Muda-te  
daqui para  
ali',**

**e ele se  
mudará, e  
nada vos  
será  
impossível".**

**Mt .  
17 ,  
20**

**Judite sabia o que era a fé, e conhecia a resposta de Deus à fé; sabia que os judeus tinham entrado em luta contra Holofernes apenas com a arma da fé; sabia também que o que os betulienses faziam agora não provinha da fé, mas do abandono da fé. Estavam, pois, inteiramente desprotegidos, sem a única defesa com que contavam.**

**"Agora,  
irmãos",**

**continua Judite,**



**"como vós sois  
os anciãos do  
povo de Deus, e  
de vós depende  
a sua vida, com  
vossas  
palavras animai  
os seus  
corações, para  
que se lembrem  
que nossos  
pais foram  
tentados a fim  
de que se visse  
se  
verdadeiramente  
serviam ao seu  
Deus. Devem  
recordar-se  
como nosso pai  
Abraão foi  
tentado, e  
como, depois  
de provado por  
meio de muitas  
tribulações,  
chegou a ser o  
amigo de Deus.  
Assim Isaac,  
assim Jacó,  
assim Moisés e  
todos os que  
agradaram a  
Deus, passaram  
por muitas  
tribulações e  
permaneceram  
fiéis. Aqueles,  
porém, que não  
aceitam as  
provas com o  
temor do  
Senhor, que**

***mostraram a  
sua  
impaciência e  
irromperam  
com injuriosas  
murmurações  
contra o Senhor  
foram feridos  
de morte".***

**Jd.  
8,  
21-  
25**

**Tratava-se, sem dúvida, não de um castigo, mas de uma oportunidade que Deus dava àqueles que tinham resolvido trilhar o caminho da fé para aprenderem a se libertar da pressão dos julgamentos que procedem dos sentidos da carne e desfrutarem da liberdade de agir à luz de realidades que somente podem ser apreendidas por outros canais. É isto o que acrescenta Judite:**

***"Creiamos  
que estes  
flagelos  
do Senhor,  
com que,  
como seus  
servos,  
somos  
castigados,  
nos  
vieram  
para  
nossa  
emenda, e  
não para  
nossa  
perdição".***

Jd.  
8,  
27

O livro conta então como esta mulher, sem auxílio de nenhuma arma, apenas revestida da virtude da fé, pediu que se lhe abrissem as portas da cidade e dirigiu-se sozinha ao acampamento inimigo. Alguns dias mais tarde, o exército persabatia em retirada para nunca mais retornar. Antes de sair de Betúlia, porém, Judite retirou-se e pronunciou em particular uma oração, na qual se percebe claramente como ela apreciava aqueles acontecimentos inteiramente à luz de uma outra realidade. Talvez sejam estas as palavras mais belas e mais profundas deste livro:

*"Tu,  
Senhor",*

diz Judite,

*"operaste as  
maravilhas  
dos tempos  
antigos,  
determinaste  
que umas se  
sucedessem  
às outras, e  
fêz-se  
sempre o  
que  
quiseste.*

*Todos os  
teus  
caminhos  
estão*

***preparados,  
e fundaste  
os teus  
juízos na tua  
providência".***

Jd.  
9,  
4-  
5

**Esta é a mesma fé da irmãzinha anônima que admirava os fios sutis com que a providência urde a tela de nossa vida, e se contentava em ser a pequena lançadeira que doce e calmamente desliza entre os fios da urdidura divina.**

**Como Judite conseguiu sozinha derrotar um exército cuja força não tinha rival militar sobre toda a face da terra são fatos inteiramente secundários que o leitor poderá verificar pessoalmente nas Sagradas Escrituras. A verdadeira lição do livro de Judite é sobre a natureza da vivência da virtude da fé que ele nos ensina.**

---

▪ ***[Anterior](#)***

▪ ***[Índice](#)***

▪ ***[Posterior](#)***



## **19. 5. Conclusão.**

**Destes exemplos, que poderiam ser multiplicados indefinidamente, depreende-se quão importante é o estudo das Sagradas Escrituras para se alcançar a virtude da fé, fonte da graça e de todo o bem. Será, pois, uma obrigação para aqueles que desejam se aproximar de Deus o estudo constante e metódico das Escrituras.**

**Resta-nos apenas concluir esta exortação com as palavras de Hugo de São Vítor do prólogo das "Alegorias de ambos os Testamentos":**

***"Quem  
quer que  
se  
dedique  
ao  
estudo  
da  
ciência e  
da  
sabedoria  
divina",***

**diz Hugo de S. Vitor,**

***"poderá  
conhecer o  
fruto das  
lições das  
Sagradas  
Escrituras  
mais pela sua  
própria  
experiência  
do que pelo  
testemunho  
dos outros.***

***A alma que  
se dedica ao  
estudo das  
Sagradas  
Escrituras  
encontrará  
nela uma  
ocupação  
honestas,  
assim como  
a sagacidade  
da  
meditação, a  
força da  
oração e a  
luz da  
contemplação  
celeste.***

***Formar-se-á  
segundo o  
exemplo dos  
santos, será  
instruída no  
exercício das  
virtudes e se  
firmará no  
exercício das  
boas obras.***

***Neste estudo  
manifestam-  
se os  
enganos das  
ilusões,  
rejeita-se a  
malícia da  
iniquidade, e  
somos  
conduzidos  
ao verdadeiro  
e perfeito***

**conhecimento  
da verdade e  
ao amor da  
bondade.  
Reanimam-se  
as forças  
para não  
sucumbir na  
adversidade  
e  
fundamentam-  
se para que  
não se  
dissolvam na  
prosperidade.  
Aprendemos  
a recordar o  
passado e a  
ter cautela do  
futuro.**

**Quem quer  
que,  
portanto,  
renunciasse  
a apascentar-  
se do  
alimento das  
Escrituras, já  
teria  
começado a  
perder com  
isto a vida da  
própria alma,  
e dele  
poderia-se  
dizer com o  
salmista:**

**`A sua alma  
aborrecia  
toda a  
comida, e**

***chegou às  
portas da  
morte'.***

Salmo  
106,  
18"

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **20. A meditação sobre o Símbolo dos Apóstolos.**

**O Símbolo dos Apóstolos, também conhecido como o Credo, é aquela exposição da fé cristã composta pelo Primeiro Concílio Ecumênico de Nicéia no ano 325 da Era Cristã:**

**"Creio em  
Deus Pai,  
todo  
poderoso,  
Criador do  
céu e da  
terra,  
e em Jesus  
Cristo,  
um só seu  
Filho,  
Nosso  
Senhor,  
que foi  
concebido  
pelo poder  
do Espírito  
Santo,  
nasceu da  
Virgem  
Maria,  
padeceu  
sob Pôncio  
Pilatos,  
foi  
crucificado,  
morto e  
sepultado,  
desceu à  
mansão  
dos mortos,  
ressuscitou  
ao terceiro  
dia,  
subiu aos**

**céus,  
onde está  
sentado à  
direita de  
Deus Pai  
todo  
poderoso,  
de onde há  
de vir a  
julgar os  
vivos  
e os  
mortos.  
Creio no  
Espírito  
Santo,  
na Igreja  
Católica,  
na  
comunhão  
dos santos,  
na  
remissão  
dos  
pecados,  
na  
ressurreição  
da carne,  
na vida  
eterna,  
Amén".**

**Estão contidos, neste Símbolo, em forma de tópicos, todos os principais artigos da fé cristã. Esta exposição é um auxílio para que, através dela, possamos repassar mais facilmente em nossa mente, em qualquer circunstância de tempo e lugar, a substância da fé cristã.**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **21. A Oração.**

O estudo metódico das Sagradas Escrituras nos ensina o que é a fé e nos oferece uma copiosa quantidade de exemplos sobre a beleza de sua vivência. Elas reportam constantemente, ademais, a atenção dos estudantes que as freqüentam às realidades celestes, oferecendo, com isto, mediante o auxílio da graça divina, a oportunidade de praticar esta virtude. O mesmo pode-se dizer da meditação sobre o Credo, que nada mais é do que uma oportunidade de praticar a virtude da fé, se a graça estiver presente.

Mas se estes meios nos oferecem os ensinamentos sobre a natureza desta virtude e a oportunidade de praticá-la, não são capazes de alcançar, por si sós, a graça necessária para viver da fé ou mesmo para fazer um só ato de fé.

Para alcançar a graça, o Evangelho nos ensina que é necessário recorrer à oração. Nas coisas da fé, diz Hugo de São Vítor,

**"o  
conselho  
do  
homem,  
sem o  
auxílio  
divino, é  
enfermo e  
ineficiente.  
É  
necessário,  
portanto,  
levantar-  
se à  
oração, e  
pedir o  
seu  
auxílio,  
sem o qual  
nenhum  
bem pode**

**ser  
alcançado.  
Isto é, é  
necessário  
pedir a  
sua graça,  
a qual,  
para que  
tivesses  
chegado  
até aqui  
para pedi-  
la, era ela  
que já te  
iluminava,  
e daqui  
para a  
frente será  
quem  
haverá de  
dirigir os  
teus  
passos  
para o  
caminho  
da paz, e  
de cuja  
única boa  
vontade  
depende  
que sejas  
conduzido  
ao efeito  
da boa  
obra. Não  
serás  
obrigado,  
serás  
ajudado.  
Se apenas  
tu  
operares,  
nada**

**realizarás;  
se apenas  
Deus  
operar,  
nada  
merecerás.  
Aquele  
que corre  
por esta  
via, busca  
a vida".**

**Destas palavras tão densas como singelas pode-se deduzir o que seja a oração:**

**"É  
necessário  
levantar-  
se à  
oração",**

**diz Hugo de São Vítor,**

**"e pedir-  
lhe o  
seu  
auxílio,  
isto é, a  
sua  
graça,  
sem a  
qual  
não se  
encontra  
o  
caminho  
da paz".**

**A oração é, portanto, uma elevação da mente até Deus, para pedir-lhe a fé e a graça do Espírito Santo.**

**Desta definição podem deduzir-se duas conclusões.**

**A primeira, que a oração é algo muito simples, pois, de fato, qualquer pessoa que se dirigir a Deus e lhe pedir a fé e o Espírito Santo estará orando.**

**A segunda, que a oração é, não obstante a sua simplicidade, algo bastante diverso do que a maioria das pessoas costumam supor. A oração pressupõe, em primeiro lugar, pessoas que estejam dispostas a desviar suas atenções das coisas da terra e elevá-las até Deus; pressupõe também, em segundo lugar, pessoas que estejam interessadas em pedir a vivência da fé, ou, o que é a mesma coisa, a graça do Espírito Santo, cuja manifestação principia com a fé e culmina com o dom da sabedoria. Ora, apesar da aparente simplicidade que estas palavras encerram, cada um pode perguntar a si mesmo quantas pessoas conheceu que durante as suas vidas elevaram seriamente suas mentes até Deus para pedir-lhe precisamente estes bens, ou mesmo que tenham alguma vez pelo menos pensado seriamente nesta possibilidade.**

**Não houve, porém, coisa que os santos mais desejaram do que a graça do Espírito Santo e foi precisamente através da oração, ensina-nos a Sagrada Escritura, que eles a obtiveram:**

***"Eu a amei  
mais do  
que a  
saúde e a  
formosura",***

**diz o autor do Livro da Sabedoria,**

**"busquei-a  
desde a  
minha  
juventude, e  
procurei  
tomá-la para  
mim como  
esposa.**

**Fiquei  
enamorado  
de sua  
beleza,  
porque  
Deus  
somente  
ama aquele  
que habita  
com a  
sabedoria.**

**É ela que  
através das  
gerações  
forma os  
amigos de  
Deus e os  
profetas, e  
os que  
usaram dela  
foram feitos  
participantes  
da amizade  
de Deus".**



Sab.  
7,  
10;  
8,  
2;  
7,  
28;  
7,  
27;  
7,  
14

**Em seguida, o mesmo autor nos explica como esta graça, à qual ele se refere através do dom de sabedoria e que diz ter buscado "desde a sua juventude, enamorado pela sua beleza", lhe foi concedida através da oração:**

***"Por tudo  
isto eu  
desejei a  
inteligência  
e ela me foi  
dada;***

***invoquei o  
Senhor, e  
veio a mim  
o Espírito  
da  
sabedoria.***

***Como eu  
sabia que  
não poderia  
obtê-la se  
Deus não  
ma desse,  
e isto já era  
um efeito  
da  
sabedoria,***

**o saber de  
quem vinha  
este dom,  
dirigi-me ao  
Senhor, e  
fiz-lhe a  
minha  
súplica:**

**`Dá-me,  
Senhor,  
aquela  
sabedoria,  
que está  
sentada  
contigo no  
teu trono, e  
não me  
queiras  
excluir do  
número  
dos teus  
servos,  
porque  
ainda que  
alguém  
seja  
perfeito  
entre os  
filhos dos  
homens, se  
estiver  
ausente  
dele a tua  
sabedoria,  
será  
considerado  
como  
nada".**

**Sab.**

**7,**

**7;**

**9,**

**4-6**

**Isto é o que nos ensina sobre a oração um santo do Velho Testamento, o autor do Livro da Sabedoria.**

**Não é outro também o ensinamento de Jesus a este respeito. Diz o Evangelho de São Lucas que Jesus exortava os seus apóstolos a se dirigirem a Deus como a um pai e pedir- lhe a graça do Espírito Santo, dando-lhes a certeza de que seriam atendidos:**

***"Eu  
vos  
digo",***

**diz Jesus no Evangelho de São Lucas,**

***"pedi e dar-  
se-vos-á,  
buscai e  
encontrareis,  
batei e abrir-  
se-vos-á.***

***Pois todo  
aquele que  
pede,  
recebe; e o  
que busca,  
encontra; e  
ao que bate,  
se lhe  
abrirá.***

***Se um filho***

**pedir pão,  
qual é entre  
vós o pai  
que lhe dará  
uma pedra?  
Ou, se pedir  
um peixe,  
dar-lhe-á  
ele, em vez  
de peixe,  
uma  
serpente?  
Ou se lhe  
pedir um  
ôvo,  
porventura  
dar-lhe-á um  
escorpião?**

**Se pois,  
vós, sendo  
maus,  
sabeis dar  
boas  
dádivas a  
vossos  
filhos,  
quanto mais  
o vosso Pai  
celestial  
dará o  
Espírito  
Santo aos  
que lho  
pedirem?"**

**Lc .  
11,  
9-  
13**

**Aparentemente o principal conteúdo desta passagem parece ser o ensinamento de que Deus é bom e não recusa a oração de seus filhos. Há, porém, outro ensinamento contido nestas frases de Jesus que só parece secundário porque está insinuado de uma forma indireta: Jesus nos ensina, nesta passagem, que aquilo que os filhos de Deus pedem a Deus na oração é a graça do Espírito Santo.**

**Nisto, portanto, poderemos saber se somos filhos de Deus e se somos conduzidos pelo Espírito de Deus, isto é, se oramos freqüentemente e se quando o fazemos a nossa verdadeira e sincera preocupação é alcançar de Deus a fé e a graça do Espírito Santo.**

**Este ensinamento de Jesus foi muito bem percebido por Hugo de São Vitor que, ao comentar esta passagem do Evangelho, nos disse o seguinte:**

***"Está  
escrito:***

***`Se vós,  
sendo  
maus,  
sabeis  
dar  
coisas  
boas aos  
vossos  
filhos,  
quanto  
mais o  
vosso  
Pai que  
está nos  
céus  
dará o  
Espírito  
Santo  
aos que  
lho  
pedirem?'***

**Portanto",**

**diz Hugo de São Vitor,**

**"o Pai celeste  
dará o  
Espírito  
Santo aos  
filhos que lho  
pedirem. Os  
que são  
filhos, não  
pedem outra  
coisa; os que  
pedem outras  
coisas são  
servos  
mercenários,  
não filhos.**

**Os que  
pedem prata,  
os que  
pedem ouro,  
os que  
pedem coisas  
que passam,  
os que não  
pedem o que  
é eterno,  
pedem o  
ministério da  
servidão, não  
o Espírito da  
liberdade.**

**O que for  
pedido, isto  
será dado; se  
pedes o**

**corporal, não  
receberás  
mais do que  
o que pedes.  
Se pedes o  
espiritual, o  
que pedes  
será  
concedido e  
o que não  
pedes será  
acrescentado;  
será dado o  
espiritual,  
será  
acrescentado  
o corporal.**

**`Buscai em  
primeiro  
lugar o Reino  
de Deus, e  
tudo o resto  
vos será  
acrescentado'.**

**Deve-se,  
portanto, orar  
ao Pai, e ao  
Pai, que está  
nos céus,  
pedir os bens  
celestes, não  
os da terra;  
não a  
substância  
corporal, mas  
a graça  
espiritual".**

Hugo de S.  
Vitor  
De Quinque  
Septenariis

**"Os que são filhos", diz este texto, "não pedem outra coisa; os que pedem outras coisas são servos mercenários, não filhos". Deve-se comparar esta afirmação com outra afirmação da Epístola aos Romanos:**

***"São  
filhos  
de  
Deus",***

**diz São Paulo na Epístola aos Romanos,**

***"todos  
aqueles  
que são  
conduzidos  
pelo  
Espírito de  
Deus".***

**Rom.  
8,  
14**

**Os dois textos declaram de forma diversa quem são os filhos de Deus. Hugo de São Vitor diz que são filhos de Deus todos aqueles que pedem a Deus, como a um Pai, a graça do Espírito Santo. São Paulo diz que são filhos de Deus aqueles que são conduzidos pelo Espírito Santo. Ambos, porém, estão ensinando a mesma coisa, pois não é possível dirigir-se a Deus e pedir- lhe sinceramente a graça do Espírito Santo sem ser**



**movido pela própria graça do Espírito Santo. De fato, já havíamos examinado anteriormente uma passagem do Didascalicon de Hugo de S. Vitor em que ele dizia:**

***"É  
necessário  
pedir a  
Deus a  
sua graça,  
a qual,  
porém,  
para que  
tivesses  
chegado  
até aqui  
para pedí-  
la, era ela  
que já te  
iluminava,  
e daqui  
para a  
frente  
será  
quem  
haverá de  
dirigir os  
teus  
passos  
para o  
caminho  
da paz".***

**Nas Sagradas Escrituras, o livro da Sabedoria nos ensina o mesmo quase com idênticas palavras:**

**"Como  
sabia que  
não  
poderia  
obter de  
Deus a  
sabedoria,  
se Deus  
não ma  
desse, e  
isto já era  
um efeito  
da  
sabedoria,  
o saber  
de onde  
vinha  
este dom,  
dirigi-me  
ao  
Senhor, e  
fiz-lhe a  
minha  
súplica".**

**Sab.  
8,  
21**

**Ora, Jesus nos ensinava a que nos devíamos tornar como  
crianças se quiséssemos entrar no Reino de Deus:**

**"O que  
não  
receber  
o  
Reino  
de  
Deus  
como  
um  
menino,  
não  
entrará  
nele",**

**dizia Jesus (Lc. 18, 17).**

**Ele nos ensinava ademais a orar sempre, sem jamais desanimar,  
com a confiança de que seríamos atendidos:**

**"Contava-  
lhes  
parábolas",**

**diz São Lucas de Jesus,**

**"para  
mostrar  
que é  
necessário  
orar  
sempre  
sem  
jamais  
desanimar  
e dizia:**

**`Deus não  
fará  
justiça aos**

**seus  
escolhidos,  
que estão  
clamando  
a Ele, de  
dia e de  
noite, e  
tardará em  
os  
socorrer?  
Digo-vos  
que  
depressa  
lhes fará  
justiça".**

Lc .  
18 ,  
1 ;  
18 ,  
7

**Ora, esta atitude de pedir a Deus constantemente o dom mais precioso, na certeza de sermos ouvidos e de que não há outro caminho para obtê-lo, é o comportamento próprio de quem é filho e ainda é criança. São os filhos quando ainda são crianças que pedem aos pais as coisas mais importantes na certeza de serem ouvidos e de que não há outro modo para eles de as obterem. Isto, como vimos, em nós já é fruto da graça do Espírito Santo. Quando nós, portanto, movidos pelo Espírito Santo, pedimos sinceramente a Deus a graça do Espírito Santo com constância, com a certeza de que seremos ouvidos e de que não podemos obtê-la senão de Deus, já estamos tratando a Deus como a um Pai e já estamos vivendo como filhos de Deus. É por isso que diz também São Paulo na Epístola aos Romanos:**

**"Vós  
recebestes  
o espírito  
de adoção  
de filhos,  
pelo qual  
clamamos  
a Deus  
chamando-  
o de Pai,  
pois o  
mesmo  
Espírito  
Santo dá  
testemunho  
ao nosso  
espírito de  
que somos  
filhos de  
Deus".**

**Rom.  
8,  
15-  
16**

**Tal é, pois, o poder da oração: nos introduz e nos faz crescer na filiação divina e é através dela que nos é dada a graça do Espírito Santo.**

**A mesma coisa transparece na oração ensinada por Jesus conhecida como o Pai Nosso. Quando nela Jesus nos ensina a pedir a Deus**

**"venha  
a nós  
o  
vosso  
Reino",**

**está com isto nos ensinando a pedir a graça do Espírito Santo, que é o mesmo que pedir o Reino de Deus. Antes deste pedido, porém, invocando a Deus como Pai, está nos ensinando a dirigirmos Ele a nossa atenção; dizendo**

**"que  
estás  
no  
céu",**

**está nos ensinando que não é possível dirigirmo-nos a Deus sem elevarmos a nossa alma, o que se faz através da fé; pedindo, antes do Reino, que**

**"seja  
santificado  
o vosso  
nome",**

**está nos ensinando que a nossa própria santificação que vem pela graça do Espírito Santo se ordena ela mesma à glória de Deus. Só depois de termos pedido o seu Reino é que ele passa a pedir as demais coisas. Trata-se, portanto, do mesmo ensinamento da parábola do ovo e da serpente e da passagem das aves do céu e dos lírios do campo, em que Ele nos ensina que devemos**

**"buscar em  
primeiro lugar  
o Reino de  
Deus e a sua  
justiça, e tudo  
o mais será  
depois  
acrescentado".**

Mt .  
6 ,  
33

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **22. Condições necessárias para a oração.**

**É promessa infalível das Sagradas Escrituras que a oração dirigida a Deus pedindo-lhe a fé e a graça para crer e alcançar a justiça jamais deixa de ser atendida, se forem preenchidos certos requisitos muito simples.**

**Segundo as Escrituras, esta é a forma de oração a que a Revelação nos exorta com mais insistência e ao mesmo tempo a única impossível de não ser atendida, como qualquer um poderá verificar pessoalmente bastando para isto que faça a experiência.**

**Nenhuma outra oração possui uma garantia tão grande e absoluta de ser atendida e, mesmo assim, quaisquer que sejam as garantias que as demais possam ter, ordinariamente estarão condicionadas primeiro à obtenção da graça do Espírito Santo. "Procurai em primeiro lugar o Reino de Deus", diz Jesus, e só depois ele acrescenta: "e tudo o mais vos será acrescentado".**

**Para ser atendida, a oração que pede a fé e o Espírito Santo exige alguns requisitos, poucos em número e muito simples, apesar de indispensáveis. A constância e a perseverança na oração não é propriamente um destes requisitos; a constância e a perseverança na oração são mais uma exigência da vida espiritual em seu conjunto do que uma exigência da eficácia da oração propriamente dita. A vida espiritual exige a constância da oração, aquele "importa orar incessantemente sem jamais desanimar" que São Lucas reporta como sendo um dos ensinamentos fundamentais de Jesus, porque através da oração a graça não é concedida por inteiro e de uma só vez, mas aos poucos e em partes, de modo que é necessário orar sempre e freqüentemente para poder crescer continuamente na graça. Mas sempre que se ora, se se preenchem os poucos requisitos necessários para tanto, ainda que se o faça uma única vez, ela é necessariamente atendida.**

**Os requisitos necessários para a oração são essencialmente apenas dois, e estes dois são a sinceridade e a fé.**

**O primeiro deles, a sinceridade, significa que ao orarmos nosso**



**pedido deve ser verdadeiro. Devemos ter certeza de que queremos de fato receber aquilo que pedimos.**

**Pode parecer redundante que se ponha uma condição como esta para a oração, pois seria de se supor que, uma vez que ninguém poderia ter qualquer interesse em mentir na oração, se alguém ao orar estivesse pedindo alguma coisa, isto por si só já seria indício de que deseja de fato aquilo que se pede. Exigir a sinceridade como requisito da oração, parece, portanto, uma pretensão inútil.**

**Argumentos como este, porém, revelam apenas o desconhecimento da natureza humana por parte de quem os coloca. A coisa mais comum na vida humana é a formulação de desejos que não são sinceros, e é muito comum que peçamos coisas sem que de fato as queiramos. Na maioria das vezes isto não envolve uma mentira intencional nem o propósito deliberado de enganar; ao contrário, o que este fenômeno, à primeira vista absurdo, revela é a própria incoerência a que o ser humano se submeteu ao ter decaído da graça divina e o quanto ele está o tempo todo se enganando a si próprio, sonhando que deseja coisas que de fato ele não quer. No ser humano a perfeita coerência é um atributo somente encontrado nos santos. Temos um exemplo clássico deste fenômeno no diálogo travado entre Jesus e Pilatos quando o primeiro foi apresentado ao segundo para ser julgado. Pilatos interrogou Jesus e lhe perguntou:**

***"A tua  
nação  
te  
entregou  
nas  
minhas  
mãos.  
Que  
fizeste  
tu?"***

Jo.  
18,  
35

**Jesus, após dar algumas explicações, respondeu que havia nascido e vindo ao mundo para dar testemunho da verdade. Esta resposta espantou Pilatos, que tornou a perguntar-lhe:**

***"O que é  
a  
verdade?"***

Jo.  
18,  
38

**Pilatos fêz esta pergunta e talvez outro réu, no lugar de Jesus, teria até tentado explicar. Mas Pilatos, não obstante a transcendente importância desta pergunta e a oportunidade raramente concedida a algum mortal de estar diante de alguém que era efetivamente capaz de respondê-la, antes mesmo que Jesus tivesse tido tempo de fazê-lo, virou-se para o outro lado e foi conversar com os Judeus a respeito de outros assuntos. A mesma coisa pode ocorrer, e de fato ocorre freqüentemente, quando oramos a Deus. Corremos o risco de fazer o papel de Pôncio Pilatos e pedirmos algo que não estamos absolutamente interessados em obter. Uma coisa é pedir a Deus a fé com a boca ou mesmo com a mente, outra completamente diferente é saber se estamos verdadeiramente interessados em alcançar da graça divina a vivência daquela virtude que estivemos descrevendo neste livro. É comum que as pessoas, ao saírem da oração, se analisarem os desejos que efetivamente movem as suas vidas, verificarem que o projeto de alcançarem a vivência plena da fé não passa de uma incoerência, mesmo considerado apenas do ponto de vista da sinceridade. Este é um dos motivos por que é tão importante, além da oração, o estudo das Escrituras e da ciência sagrada que deriva delas; este estudo nos mostra, dentre outras coisas, o que são a fé e a**

**graça do Espírito Santo, o que significa viver da fé e tudo aquilo que surge em consequência desta vivência. Através dele podemos ver-nos como em um espelho, saber se estamos verdadeiramente interessados em receber a graça que nos ajude a viver daquele modo que as Escrituras nos ensinam e verificarmos, com isto, se somos sinceros na oração. Pois, se nos enganamos a nós mesmos, a oração não produzirá o seu fruto.**

**O segundo e último requisito essencial para que a oração seja atendida é a própria fé, aquela firme certeza que exclui qualquer dúvida ou hesitação de que a oração que pede a graça do Espírito Santo, o maior tesouro que pode ser concedido a um mortal, será infalivelmente atendida por Deus porque Ele assim nos ensina tê-lo prometido:**

***"Se  
alguém  
necessita  
de  
sabedoria",***

**diz a Epístola de São Tiago,**

***"peça-a a  
Deus, que a  
todos a dá  
liberalmente  
e não lança  
em rosto, e  
ser-lhe-á  
concedida.  
Mas peça-a  
com fé,  
sem nada  
hesitar,  
porque  
aquele que  
hesita é  
semelhante  
à onda do***

**mar que é  
agitada e  
levada de  
uma parte  
para a  
outra pelo  
vento. Não  
pense,  
pois, tal  
homem,  
que  
receberá  
do Senhor  
coisa  
alguma".**

**Tg.  
1,  
5-  
7**

**Subentende-se que esta fé ou esta ausência de hesitação de que fala São Tiago seja uma certeza fundada em Deus e não no homem, isto é, que a fé inclua uma certa inclinação e percepção, movidas pela graça, da verdadeira origem da própria graça, ou seja, não o esforço do homem, mas o próprio Deus, do qual nos aproximamos pela fé, pelo que se exige a fé como requisito da oração para obter a graça do Espírito Santo:**

**"Não  
queirais,  
pois,  
enganar-  
vos,  
irmãos  
meus  
muito  
amados";**

**diz ainda São Tiago,**

**"toda a  
dádiva  
excelente  
e todo o  
dom  
perfeito  
vem do  
alto e  
descende  
do Pai das  
luzes, no  
qual não  
há  
mudança,  
nem  
sombra de  
vicissitude.  
Foi por  
sua  
vontade  
que nos  
gerou pela  
palavra da  
verdade, a  
fim de que  
sejamos  
como que  
as  
primícias  
de suas  
criaturas".**

**Tg.  
1,  
16-  
18**

**Este mesmo ensinamento se encontra no livro de Provérbios,  
onde se diz:**

***"Tem  
confiança  
no  
Senhor  
de todo o  
teu  
coração,  
e não te  
estribes  
na tua  
prudência.  
Pensa  
nele em  
todos os  
teus  
caminhos,  
e ele  
mesmo  
dirigirá  
os teus  
passos".***

**Pr .  
3 ,  
5 -  
6**

**Ele se encontra também no Evangelho de São João, quando  
Jesus se compara a uma videira e os homens que cressem nele  
aos ramos. Nesta passagem, Jesus nos diz que, sem Ele, nada  
poderíamos fazer:**

***"Eu sou a  
verdadeira  
videira",***

**diz Jesus,**

***"e meu Pai é o agricultor. Como o ramo não pode por si mesmo dar fruto, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós sois os ramos. O que permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer".***

**Jo.  
15,  
1;  
15,  
4-  
5**

**São Paulo ensina a mesma coisa sempre que repete sem impossível ao homem cumprir a lei de Deus sem a graça que não surge do esforço do homem, mas provém de Deus através da fé na morte e ressurreição de Cristo, o qual, segundo a Epístola aos Romanos,**

***"morreu  
pelos  
nossos  
pecados e  
ressuscitou  
para a  
nossa  
justificação".***

**Rom.  
4,  
25**

**E, comentando as Epístolas de São Paulo, Ricardo de São Vítor se coloca a seguinte pergunta:**

***"Qual o  
motivo e  
que  
utilidade  
poderia  
ter tido  
para os  
judeus  
haverem  
recebido  
uma lei  
que de  
nenhum  
modo  
poderiam  
cumprir?"***

**Ele mesmo, porém, responde à pergunta que acaba de nos fazer:**



**"Foi, entretanto,  
excelente que os  
judeus a  
tivessem  
recebido, pois  
eles eram um  
povo que  
confiava nas  
suas próprias  
forças, e não no  
auxílio divino.  
Tanto que, ao  
terem recebido a  
lei de Moisés,  
diziam com toda  
a confiança:**

**`Faremos tudo o  
que o Senhor  
falou'.**

**No entanto, o  
tempo mostrou  
com quanta  
negligência  
cumpriram a  
promessa tantas  
e tantas vezes  
repetida.  
Compreendiam  
eles o que  
diziam quando  
prometeram:**

**`Faremos tudo o  
que o Senhor  
falou'?**

**Estas palavras  
pareciam fruto  
de uma grande  
devoção; eram,**

**no entanto,  
palavras de  
grande  
presunção. Entre  
eles, porém,  
houve alguns  
que, embora  
tivessem  
inicialmente  
confiado em  
suas próprias  
forças,  
acabaram por  
reconhecer,  
através de suas  
faltas, a  
extensão de sua  
enfermidade e  
de sua  
incapacidade.  
Estes passaram  
a colocar toda a  
sua esperança  
no auxílio divino;  
pediram-lhe  
através da  
oração a sua  
graça e  
mereceram por  
isto a  
justificação. Foi  
por este motivo  
que Deus lhes  
havia dado uma  
lei que deveria  
mas não poderia  
ser cumprida,  
isto é, para que  
os homens, que  
tanto confiavam  
em si, não o  
conseguissem, e  
compreendessem**

***quão inutilmente  
confiavam em  
suas próprias  
forças, não  
conseguindo  
cumprir a lei de  
Deus sem o  
auxílio de sua  
graça".***

**Concluimos, portanto, que qualquer pessoa que tenha a humildade de se dirigir a Deus e pedir-lhe o Espírito Santo com sinceridade e fé o receberá infalivelmente.**

**Chegamos, assim, a um ponto de nossa exposição onde não há mais possibilidade nem necessidade de controvérsia. A afirmação que acabamos de fazer, por sua própria natureza, não necessita de discussão, mas pode ser verificada por cada um através da experiência. Isto é, qualquer pessoa que tenha a humildade de se dirigir a Deus e pedir-lhe a graça do Espírito Santo com sinceridade e fé, como se o pede a um Pai, deverá recebê-la infalivelmente. Se as condições forem preenchidas e nada ocorrer, o que ensinamos nestas aulas é falso e a verificação depende apenas de fazer a experiência.**

**A história duas vezes milenar do cristianismo tem confirmado abundantemente em seus santos a veracidade desta promessa divina que pode tornar a verificar-se em qualquer um de nós. A alguns, porém, poderá parecer uma coisa tão banal fazer esta experiência que justamente por isto não serão capazes de fazê-la; suporão que seja tão fácil imaginar uma situação tão simples que apenas o imaginá-la já será suficiente para poder avaliá-la, e por isto julgarão não necessitar fazer a experiência. Apesar de ser tão trivial, entretanto, é precisamente este o início da ponta de uma longa meada que se iniciará com o dom do temor de Deus e prosseguirá até a plenitude do dom da sabedoria. Para prosseguir, porém, o caminho que aqui se inicia, além da perseverança na oração, requer-se também a prática das virtudes, o estudo das Sagradas Escrituras e da ciência sagrada que delas deriva, e uma direção espiritual consciente.**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **23. A importância do estudo.**

De tudo quanto falamos e das palavras de Hugo de São Vitor podemos deduzir mais precisamente qual seja a importância do estudo para a vida da fé. "É necessário levantar-se à oração e pedir a sua graça", diz Hugo de São Vitor no Didascalicon, "sem a qual nenhum bem pode ser alcançado e de cuja única boa vontade depende que sejas conduzido ao efeito da boa obra". Entretanto, logo em seguida ele acrescenta:

**"Não serás  
obrigado  
por ela,  
serás  
ajudado.  
Se apenas  
tu  
operares,  
nada  
realizarás;  
se apenas  
Deus  
operar,  
nada  
merecerás".**

Ao dizer que é preciso levantar-se à oração para pedir a sua graça, e que não seríamos obrigados por ela, mas ajudados, Hugo quis dizer que a graça não dispensa a operação voluntária das faculdades humanas. O papel da graça é, em primeiro lugar, o de elevar sobrenaturalmente as faculdades da alma para torná-las capazes dos atos da fé e da esperança. Com o advento da caridade, ela se torna também, no dizer de Tomás de Aquino, uma qualidade da própria alma, infundida em sua essência, que nos torna participantes da natureza divina e conatural o exercício das virtudes. Mas, ainda que conte com todo este auxílio, se o homem resolver "nada operar", diz Hugo, "nada realizará". E se o homem for conduzido por uma doutrina ou uma orientação errônea, poderá inclusive atrapalhar, procurando não operar aquilo para o que a graça, sem obrigar,

**tende ou inspira para o seu próprio desenvolvimento. É importante, por este motivo, um conhecimento preciso não só da natureza e do desenvolvimento da graça como também dos mistérios de Deus, a cuja semelhança a graça existe para nos conduzir. Este é o papel do estudo das Sagradas Escrituras e da ciência que dela deriva, da qual dizia Santo Tomás de Aquino que seus principais assuntos são justamente**

***"os  
mistérios  
da fé  
e a  
perfeição  
da vida  
cristã".***

**É o papel também de uma direção espiritual consciente, isto é, uma orientação pessoal por parte de alguém que conheça esta ciência, tanto quanto possível, pelo estudo e pela experiência.**

**No caso da fé, que é a primeira manifestação da graça divina no homem, é evidente que é muito mais fácil que o homem siga mais docilmente a inclinação e a inspiração da graça se ele ou quem o orienta, ou ambos, tiverem uma idéia precisa do que é a fé e das suas possibilidades de desenvolvimento do que se eles tiverem uma idéia vaga ou mesmo distorcida destas mesmas coisas. Será mais fácil que eles descubram se na oração são sinceros ao pedirem a fé e o Espírito Santo , sinceridade que é uma das condições indispensáveis para a eficácia da oração, se tiverem este conhecimento do que se a fé for para ambos pouco mais do que apenas um nome ou um contentar-se em não negar o que Deus ensina.**

**O estudo das Sagradas Escrituras é, portanto, importante para a santificação do homem, assim como o é também o estudo da ciência sagrada. Se não o fossem, as Escrituras não teriam sido inspiradas por Deus e os homens santos que houve na Igreja não teriam perdido seu tempo ocupando-se com a ciência sagrada, tendo tantas coisas importantes para fazer.**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **24. A fé e o conhecimento de si mesmo.**

Para se poder desejar e pedir alguma coisa, é necessário fazer pelo menos alguma idéia do que se deseja e se pede. Assim também, para que o homem possa melhor dispor-se a seguir a inclinação e a inspiração da graça que lhe será dada através da oração, é de não pouco auxílio que ele já saiba alguma coisa a respeito do caminho da paz para o qual estará sendo convidado. E, em relação à fé, é preciso que o homem saiba que ela não consiste apenas em não negar a verdade do que Deus ensina, mas também em ter os olhos da alma continuamente levantados para as realidades celestes de que já se possui a substância. Melhor ainda se ele puder ter alguma noção do alcance a que pode chegar a contemplação destas realidades e puder, através dela, avaliar melhor a morte espiritual a que está submetido:

***"Nós  
habitamos  
na casa  
do  
ladrão",***

**diz Santo Antão,**

***"e nela  
estamos  
presos  
pelas  
cadeias  
da  
morte",***

**isto é, da morte espiritual, que só com muita dificuldade o homem a ela submetido compreende a sua extensão.**

**Ora, dentre a inumerável multidão dos efeitos que a vivência da fé produz no homem, um dos mais notáveis é certamente o do conhecimento de si mesmo.**



**Poucas pessoas há que não tenham ouvido falar que as Sagradas Escrituras afirmam que o homem foi criado**

***"à imagem e  
semelhança"***

**de Deus (Gen. 1, 26). Só pela plena vivência do dom de sabedoria é possível compreender o alcance desta extraordinária sentença; um primeiro entendimento, todavia, nos vem através da constância no conhecimento da fé. Quando o homem, pela vivência da fé, começa a perceber por si mesmo alguma coisa do que significa a imagem e a semelhança divina no homem, dizemos então que ele principia a conhecer-se a si mesmo.**

**Isto ocorre porque a firmeza e a constância da fé, com o decorrer do tempo, habitua a alma do homem à contemplação daquela forma de conhecimento das coisas divinas dotada de uma pureza peculiar e bem perceptível, de que já tivemos a oportunidade de falar anteriormente. Para o homem que vive da fé, o tempo se encarrega de mostrar-lhe cada vez com maior evidência a clara diferença entre a pureza desta forma de conhecimento que vem da fé e as demais formas de conhecimento de que nos utilizamos no dia a dia.**

**À parte o fato de que o conhecimento da fé se nos torna cada vez mais agradável justamente pela sua pureza, começamos a nos admirar que houvesse em nossa alma uma parte dela que fosse capaz de uma tal forma de apreensão das realidades divinas. Esta é justamente a parte mais nobre da alma, aquela pela qual o homem é dito ter sido criado à imagem e à semelhança de Deus, e aquela em que vai se iniciar a verdadeira aventura espiritual e a ascensão da alma até Deus. O acesso a esta parte da alma somente tornou-se possível através da vida da fé.**

**Dentre todas as coisas criadas a que o homem tem acesso nesta vida, esta parte da alma cujo acesso se dá justamente através do exercício da fé é precisamente aquela que, dentre todas, mais perfeitamente reflete a natureza divina. Através dela,**

**como através de uma imagem, podemos ter uma idéia melhor do que é a natureza divina do que através de qualquer outra forma de explicação.**

**Ocorre assim que, através da vida da fé, que inicialmente era uma aceitação da revelação e um conhecimento das coisas divinas conforme narradas nas Escrituras, alcançamos um conhecimento mais profundo de nossa própria natureza e daí proveio um conhecimento mais realista da natureza divina. Deus é algo que possui uma natureza semelhante àquela parte de nossa alma que é capaz da fé, mas em escala muito maior. E esta parte da alma que em nós é capaz da fé é justamente aquela que Deus mais ama em nós, e de onde Ele quer que surja o nosso maior amor para com Ele. Sem ter vivido a vida da fé, porém, jamais teríamos sabido disto.**

**No Antigo Testamento é o livro do Cântico dos Cânticos que nos fala mais copiosamente a respeito da sublimidade desta parte da alma e de sua afinidade para com Deus. O Cântico dos Cânticos é aparentemente apenas uma longa poesia em que se registra um diálogo entre um casal de namorados apaixonados. Mas, na realidade, sob o véu desta aparência, este livro nos quer ensinar a natureza do amor entre Deus e o homem. Logo no início do poema, a amada, que são todos aqueles que buscam a Deus, pergunta ao amado, que é Deus:**

***"Dize-me,  
amado de  
minha alma,  
onde é que  
apascentas o  
teu gado, e  
repousas ao  
meio dia, para  
que eu não  
ande vagando  
entre os  
rebanhos dos  
meus  
companheiros?"***

Cant .

1 , 6

**Esta é a voz dos que buscam a Deus, querendo saber onde encontrá-lo. Deus então responde:**

***"Se tu não te  
conheces, ó  
formosíssima  
entre as  
mulheres,  
sai, e vai  
seguindo as  
pisadas dos  
rebanhos, e  
apascenta  
os teus  
cabritos  
junto das  
cabanas dos  
pastores".***

Cant .

1 , 7

**Deus chama de formosíssima entre as mulheres àquela parte da alma que é capaz do conhecimento da fé, e chama-a assim porque ela tem, diante de Deus, o mesmo encanto que teria a mais formosa dentre as mulheres para um homem. Deus conhece esta que é a mais formosa entre as mulheres desde o primeiro instante em que a criou, mas nós só chegamos a conhecê-la através da constância da vivência da fé. Quando Deus nos pede que o amemos acima de todas as coisas, Ele quer de modo especial ser amado em nós por esta que é para Ele como se fosse a mais formosa dentre todas as mulheres. Nós, porém, somente poderemos fazer isto depois que a conhecermos, e somente a conheceremos através da constância da vivência da fé. Quando Deus deu, portanto, esta**

**resposta àqueles que o buscavam, disse o mesmo que se tivesse respondido: "Se tivesses vivido da fé, te conhecerias, e não farias tais perguntas. Se ainda, porém, não consegues viver da fé, inútil será explicar-te; vai, enquanto isso, seguindo as pisadas dos rebanhos e apascenta os teus cabritos junto das cabanas dos pastores".**

**Em suas cartas, Santo Antão chama esta que o Cântico dos Cânticos afirma ser a mais formosa entre as mulheres de "essência imortal da alma" e diz que foi por ela que Deus veio redimir as suas criaturas:**

***"É muito importante",***

**diz Santo Antão,**

***"que vos interrogueis acerca da natureza espiritual, na qual não há mais nem homem nem mulher, mas apenas uma essência imortal que tem um começo e jamais terá fim. Será uma obrigação para vós conhecê-la, e como decaíu totalmente a este ponto de tamanha humilhação e imensa confusão, num***

***trânsito que não  
poupou a  
nenhum de vós.  
Sendo imortal  
por essência, foi  
por causa dela  
que Deus, vendo-  
a infeccionada  
por uma praga  
irremediável e  
que aumentava  
prodigiosamente,  
decidiu em sua  
clemência  
visitar suas  
criaturas".***

**"Foi por causa dela que Deus decidiu em sua clemência visitar suas criaturas", fazendo-se homem na pessoa de Cristo. Esta afirmação dá a medida do amor que Deus tem por esta que as Escrituras chamam de a mais formosa entre as mulheres. Esta afirmação é idêntica a outras encontradas no Cântico dos Cânticos, a respeito da amada de Deus, que nos querem transmitir o quanto Deus nos ama quando lhe retribuímos o seu amor através desta que Santo Antão chama de a essência imortal da alma:**

***"Tu  
feriste  
meu  
coração,  
irmã  
minha  
esposa",***

**diz o Cântico dos Cânticos,**

**"tu  
feriste o  
meu  
coração  
com um  
só de  
teus  
olhares,  
e com  
um  
cabelo  
de teu  
pescoço.  
Que  
deliciosas  
são as  
tuas  
carícias,  
irmã  
minha  
esposa!  
As tuas  
carícias  
são mais  
suaves  
do que o  
vinho, e  
o odor de  
teus  
bálsamos  
excede o  
de todos  
os  
aromas".**

**Cant .  
4, 9-  
10**

**Nas cartas de Santo Antão encontramos várias afirmações**

**segundo as quais não é possível amar profundamente a Deus se não conhecemos esta parte de nossa alma a que Deus tanto ama. Como somente se tem acesso a esta parte de nossa alma através da vivência da fé, deduz-se indiretamente destas passagens dos escritos de Santo Antão que também ele quis ensinar que sem uma vivência mais plena da fé é impossível crescer no mandamento do amor. Encontramos, por exemplo, em uma de suas cartas, passagens como esta:**

***"O homem  
dotado de  
razão que  
se prepara  
para a  
libertação  
que lhe trará  
a vinda de  
Jesus deve  
conhecer o  
que ele é  
segundo a  
sua  
natureza  
espiritual. É  
a pessoas  
capazes de  
me  
compreender  
que eu  
escrevo, a  
pessoas em  
condições  
de se  
conhecerem  
a si  
mesmas.  
Quem se  
conhece,  
conhece a  
Deus, e  
quem  
conhece a  
Deus tem a***

***obrigação  
de adorar a  
Deus como  
convém".***

**Já vimos como nas epístolas de São Paulo encontra-se escrito que esta parte mais nobre da alma se fortalece através da vivência da fé:**

***"Examinai-  
vos a vós  
mesmos",***

**diz São Paulo no fim da Segunda Epístola aos Coríntios,**

***vêde "se  
estais  
firmes na  
fé;  
provai-  
vos a  
vós  
mesmos".***

**II  
Cor.  
13,  
5**

**Pouco antes ele mesmo havia dito:**



**"Embora  
em nós o  
homem  
exterior vá  
caminhando  
para a  
ruína, o  
homem  
interior se  
renova dia  
a dia",**

**II  
Cor .  
4 ,  
16**

**e, em seguida, ele explica por que:**

**"porque  
não  
olhamos  
para as  
coisas  
que se  
vêm,  
mas  
para as  
coisas  
que não  
se  
vêm",**

**II  
Cor .  
4 ,  
18**

**uma claríssima alusão à virtude da fé, a qual, segundo a Epístola aos Hebreus, é a demonstração das coisas que não se vêem. Isto é, é através do exercício da fé, pelo qual levantamos a atenção de nossa alma da consideração das coisas passageiras para as eternas, embora com o passar dos anos o homem exterior envelheça e se aproxime da morte, o homem interior, ao contrário, se renova continuamente, dia após dia. E aqui acrescenta Hugo de São Vítor, na Questão 158 do seu Comentário à Epístola aos Romanos:**

**O  
Apóstolo  
chama  
de  
"homem  
exterior  
àquilo  
que  
temos  
em  
comum  
com os  
animais;**

**e de  
homem  
interior  
àquilo  
que  
temos  
em  
comum  
com os  
anjos",**

**isto é, à mais bela entre todas as mulheres. Para aqueles que vivem assim, resta apenas concluir com Santo Antão:**

**"Grande é  
a vossa  
felicidade  
por terdes  
tomado  
consciência  
de vossa  
miséria e  
por terdes  
fortalecido  
em vós  
esta  
invisível  
essência  
que não  
passa com  
o corpo".**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **25. A importância da oração.**

**De todos os santos, ensinam as Sagradas Escrituras, nenhum houve que tivesse conseguido salvar-se sem a graça do Espírito Santo:**

**"Os  
pensamentos  
dos mortais  
são  
tímidos",**

**diz, de fato, o Livro da Sabedoria,**

**"e incertas as  
nossas  
providências.**

**Com  
dificuldade  
compreendemos  
o que há na  
terra, e com  
trabalho  
descobrimos o  
que temos  
diante dos  
olhos.**

**Quem pode,  
pois, investigar  
as coisas do  
céu?**

**E quem poderá  
conhecer os  
teus desígnios,  
Senhor, se tu  
não lhe deres a**

**sabedoria, e do  
mais alto dos  
céus não  
enviases o teu  
santo Espírito,  
a fim de que  
sejam  
corrigidos os  
caminhos  
daqueles que  
estão na terra, e  
aprendam os  
homens as  
coisas que te  
agradam?**

**Porque pela  
sabedoria é que  
foram salvos  
todos os que te  
agradaram,  
Senhor, desde  
o princípio".**

**Sab.  
9,  
14-  
19**

**O Espírito Santo, porém, não vem senão pela fé, e esta não se alcança senão pela oração. Disto se conclui que, salvo alguma exceção extraordinária, nenhum dos santos alcançou a salvação sem antes ter percebido a importância da oração. Os que não se deram conta disto, simplesmente se perderam, incapazes de cumprir as leis divinas. Por isto não há nenhum dos escritos deixados pelos santos em que não surja, de modo bastante claro, a convicção profunda que eles tinham a respeito da importância da oração. Se isto é comum a todos os santos, dois deles, entretanto, tiveram uma habilidade especial para explicar este assunto aos que deles se aproximavam; são eles Santa**

**Teresa de Ávila e Santo Afonso de Liguori. Embora Santo Afonso seja mais conhecido pelos seus importantíssimos trabalhos sobre Teologia Moral, deixou-nos alguns livros sobre a oração, visivelmente inspirados nos escritos e no exemplo de Santa Teresa, em que ele nos quer despertar para a tão grande necessidade que temos da oração. Sua linguagem é tão clara a este respeito que o melhor que há para se fazer será o passar-lhe a palavra.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **25. 1. Texto de Santo Afonso sobre a importância da oração.**

**"De todas as obras que escrevi até hoje", diz Santo Afonso no início do Grande Meio da Oração, "creio não ter escrito nenhuma mais útil do que este pequeno livro em que desejo falar sobre a oração, porque a oração é um meio necessário e seguro para obter a salvação e todas as graças que para tanto são necessárias. Eu não tenho esta possibilidade, mas se eu pudesse, queria imprimir tantas cópias deste livro quantos são os cristãos que vivem sobre a terra e entregá-las a cada um deles, para que eles pudessem ver a necessidade que todos nós temos da oração para nos salvar.**

**Se eu falo assim, é porque vejo de um lado a absoluta necessidade da oração, tanto insistida por todas as Sagradas Escrituras e por todos os Santos Padres; e de outro, vejo que pouco se preocupam os cristãos em por em prática este grande meio que têm para se salvar. E o que mais me aflige é ver que os padres pouco se preocupam em o explicar aos seus fiéis; e que também os livros de religião que hoje em dia correm pelas mãos dos cristãos não o explicam suficientemente; e isto quando na verdade todos os padres e todos os livros não deveriam falar de nenhuma outra coisa com maior insistência e calor do que sobre este assunto da oração. É verdade que eles ensinam às almas muitos meios excelentes para conservarem a graça de Deus, como fugir das ocasiões, freqüentar os Sacramentos, resistir às tentações, ouvir a palavra de Deus, meditar nas verdades eternas, e outros, todos utilíssimos; mas para que servirão as pregações, as meditações, e todos os outros meios de que falam os mestres do espírito, sem a oração, se o Senhor já declarou que não quer conceder a sua graça a não ser aos que oram? `Pedi e recebereis'. São palavras de Jesus. Sem a oração, falando do ponto de vista da providência ordinária, serão inúteis todas as meditações que fizermos, todos os nossos propósitos, todas as nossas promessas. Se não orarmos seremos sempre infiéis a todas as luzes que recebermos de Deus e a todas as promessas que fizermos. E a razão é porque, para fazer o bem de fato, para vencer as tentações, para por em prática as virtudes, ou seja, em uma palavra, para observar integralmente os mandamentos de Deus, não são suficientes as luzes que nós recebemos, nem as**

**considerações e os propósitos que fazemos, mas além disso é necessária a ajuda constante de Deus; e Deus esta ajuda não a concede a não ser a quem ora, e a quem ora perseverantemente. As luzes recebidas, as considerações e os bons propósitos servem para que nos perigos e nas tentações de transgredir a lei de Deus nós de fato oremos e com a oração alcancemos o auxílio divino que nos preserve do pecado; mas se então não orarmos, estaremos perdidos.**

**Antes de tudo o que vou escrever eu quis adiantar estes sentimentos para que o leitor possa agradecer ao Senhor, que por meio deste meu livro lhe oferece a graça de fazer tudo isto entendendo melhor a importância do grande meio que é a oração; porque, falando dos adultos, todos aqueles que se salvam, ordinariamente se salvam apenas através da oração. E é por isso que eu falei em agradecer ao Senhor; porque é uma misericórdia muito grande a que Ele faz para com as pessoas a quem Ele dá a luz e a graça para orarem. Espero daqueles que tiverem lido esta obra que nunca mais desanimem e se esqueçam de recorrerem sempre a Deus por meio da oração quando se virem tentados a ofendê-IO. E se algum dia encontrarem suas consciências pesadas e carregadas com muitos pecados, entendam que foi este o motivo, o desânimo e o abandono da oração e do buscar junto de Deus o auxílio para resistirem às tentações que os assaltaram. Peço-lhes, por favor, que leiam e releiam estas linhas com toda a atenção, não por ter sido eu quem as escreveu, mas porque elas são um instrumento que o Senhor lhes oferece para o bem de sua eterna salvação; e o Senhor com tudo isto lhes dá a entender de um modo particular que os quer salvar. E depois de as terem lido, peço-lhes que as façam ler, de todos os modos que puderem, a outros amigos e colegas com os quais tiverem a oportunidade de tratarem.**

**É preciso que nos afeiçoemos a este grande meio de nossa salvação que é a oração; e para isso é preciso antes de mais nada considerar o quanto ela é importante para nós, e o quanto é importante para obtermos todas as graças que desejamos de Deus, se as soubermos pedir como se deve. Portanto, falaremos primeiro sobre a necessidade e a importância da oração.**

**São muito claras as Sagradas Escrituras que nos fazem ver a necessidade que temos da oração se nos quisermos salvar. O**



**próprio Jesus Cristo o disse:**

***`É  
necessário  
orar  
sempre  
sem  
jamais  
desanimar';***

***`Vigiai e  
orai, para  
que não  
entreis em  
tentação';***

***`Pedi e vos  
será dado'.***

**A razão é bastante clara. Sem o auxílio da graça não podemos fazer nenhum bem. Foi Jesus que o afirmou:**

***`Sem  
mim  
nada  
podeis  
fazer'.***

**Mas esta ajuda da graça o Senhor ordinariamente não a concede a não ser a quem ora. Portanto, se de um lado, sem a ajuda da graça, nada podemos, e de outro, esta ajuda ordinariamente não é dada por Deus a não ser àqueles que oram, quem é que não vê que temos que concluir que a oração é absolutamente necessária para a salvação?**

**O que é a mesma coisa que dizer que ordinariamente é impossível que qualquer cristão se salve sem confiar-se a Deus por meio da oração e buscar junto dele as graças necessárias à salvação. A mesma coisa ensinava Santo Tomás de Aquino**

**quando dizia:**

***'Depois do  
Batismo é  
necessário ao  
homem a  
oração  
incessante  
para que  
entre no céu;  
porque ainda  
que pelo  
Batismo lhe  
sejam  
perdoados os  
pecados,  
permanece  
nele, todavia,  
a inclinação  
para o pecado  
que o  
combate  
interiormente,  
e o mundo e o  
demônio que  
o combatem  
exteriormente'.***

**E que a oração é o único meio ordinário para receber os dons de Deus, o mesmo Santo Tomás o confirma mais claramente em outra passagem, dizendo que todas as graças que o Senhor desde toda a eternidade determinou que nos doaria, não as doaria por nenhum outro meio que não fosse através da oração. A oração é necessária, diz Santo Tomás, não para que Deus entenda as nossas necessidades, mas para que nós entendamos a necessidade que temos de recorrer a Deus para recebermos os auxílios adequados à salvação, e desta maneira reconhecê-lo como único autor de todos os nossos bens. Portanto, assim como o Senhor estabeleceu que nós tenhamos o pão semeando o trigo, o vinho plantando uva, assim ele quis que alcancemos as graças necessárias à salvação por meio da**

**oração, dizendo:**

***`Pedi e vos  
será dado,  
buscai e  
encontrareis'.***

**Assim como a água é necessária às plantas para viverem e não secarem, assim também, diz São João Crisóstomo, é necessária para nós a oração para nos salvarmos; e diz ele depois que assim como a alma dá vida ao corpo, assim também a oração dá vida à alma. A oração também se chama o sustento da alma, porque assim como sem alimento não pode sustentar-se o corpo, assim sem a oração a alma não pode conservar-se viva. Todas estas palavras e comparações que encontramos nos escritos dos Santos Padres estes as fizeram para mostrar a absoluta necessidade que todos temos da oração para conseguirmos a salvação.**

**E, de fato, como poderíamos observar os preceitos de Deus, nós que somos tão fracos, se não tivéssemos o recurso da oração pelo qual podemos alcançar do Senhor a luz e a força necessária para observá-los? A lei não pode ser observada sem a graça, e foi por isto que Deus deu a lei, para que nós sempre o suplicássemos pedindo-lhe a graça de observá-la. O uso legítimo da lei de Deus consiste nisto: conhecermos por meio dela as nossas fraquezas para com isto buscarmos o seu auxílio para cumprí-la.**

**Ou seja, resumindo, nunca saberá viver bem quem não sabe orar bem: não sabe viver corretamente quem não sabe orar corretamente. E a mesma coisa dizia São Francisco de Assis, ao afirmar que de nenhuma alma se pode esperar bons frutos sem a oração.**

**Vamos terminar este primeiro ponto, concluindo de tudo o que dissemos que quem ora certamente se salva, quem não ora certamente se perde. Todos os santos, com exceção das crianças, se salvaram pela oração. Todos os condenados se perderam por não se darem à oração; se tivessem orado não se teriam perdido. E isto será para eles no inferno o maior**

**desespero, saberem que teriam podido se salvar com tanta facilidade apenas pedindo a Deus as graças necessárias, e agora não estarem mais em condições para pedí-las. Quem se serve deste grande instrumento da oração não conhece a morte, está acima das coisas da terra e já convive com Deus. Não cai em pecado, perde o afeto pelo terreno e já começa nesta vida a gozar da intimidade de Deus. Ânimo, portanto, desprendam-se de todas as preocupações que para nada mais servem senão para os tornarem mais tíbios e preguiçosos na caminhada pela estrada da salvação e orem, orem sempre, e façam ouvir suas orações a Deus, agradecendo-O sempre pela promessa que Ihes fêz de conceder os dons que buscarem, desde que os busquem nEle: a graça, a perseverança, e a salvação.**

**Nisto deve consistir toda a nossa preocupação, em orar com confiança, certos de que orando hão de se abrir em nosso favor todos os tesouros do céu. A oração é um tesouro, e quem mais dela faz uso, mais recebe; cada vez que o homem se dirige humildemente a Deus pela oração ganha bens que valem mais do que o mundo todo. Quem ora, no próprio momento em que ora obtém, porque a própria oração já é um receber.**

**Salvar-se, portanto, sem a oração, é difícilimo; aliás, ordinariamente, é coisa impossível. Mas pela oração é coisa certa e fácilima. O que custa dizer:**

***'Meu  
Deus,  
ajudai-  
me;  
Senhor,  
velai  
por  
mim,  
tende  
piedade  
de  
mim?'***

**Pode existir coisa mais fácil do que isso? Mas é este pouco que é suficiente para a salvação, se nos dermos ao trabalho de o**

fazer".

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **26. Comentário aos textos de Santo Afonso.**

Vamos examinar com um pouco mais de atenção as últimas afirmações que Santo Afonso fez em seus textos sobre a oração. Disse ele que

***"Quem ora,  
certamente  
se salva;  
quem não  
ora  
certamente  
se perde.  
Todos os  
santos se  
salvaram  
pela  
oração;  
todos os  
condenados  
se  
perderam  
por não se  
terem dado  
à oração".***

Será em vão que procuraremos afirmações como estas nas Sagradas Escrituras. Será inútil provavelmente também procurá-las nos escritos dos Santos Padres, pois ao que tudo indica, Santo Afonso não parece tê-las copiado dali. Foi ele mesmo que, refletindo sobre a doutrina contida nas Escrituras, nos escritos dos Santos Padres, especialmente nos de Santo Agostinho, e na obra de Santa Teresa, a qual tanto fala sobre a oração, que as deduziu como uma conclusão claríssima e certa. Mais ainda, em outro de seus livros Santo Afonso ainda escreveu:

**"Foi  
através  
da  
oração  
que  
todos os  
santos  
não  
somente  
se  
salvaram,  
mas  
também  
se  
tornaram  
santos".**

**Tanto quanto sabemos, também não há nas Sagradas Escrituras nenhuma afirmação como esta.**

**Santo Afonso afirma:**

**"Quem  
ora,  
certamente  
se salva;  
quem não  
ora  
certamente  
se perde".**

**As Escrituras, porém, fazem afirmações um pouco diversas. Nas palavras de Jesus, de fato,**

**"Aquele  
que crer,  
será salvo;  
aquele que  
não crer  
será  
condenado".**

**Mc .  
16 ,  
16**

**Santo Afonso também diz:**

**"Foi  
através  
da  
oração  
que os  
santos  
se  
tornaram  
santos";**

**as Escrituras, porém, dizem:**

**"O  
homem  
se  
justifica  
pela  
fé".**



Rom.

3,

28

**"A  
justiça  
de Deus  
é  
infundida  
pela fé  
em  
Jesus  
Cristo  
em  
todos e  
sobre  
todos os  
que  
crêem  
nEle".**

Rom.

3,

22

**"O  
justo  
vive  
da  
fé".**

Rom.

1,

17

**"Àqueles  
que  
crêem  
no seu  
nome,  
Jesus  
Ihes deu  
o poder  
de se  
tornarem  
filhos  
de  
Deus".**

Jo.  
1,  
12-  
13

**Santo Afonso declara:**

**"Queria  
imprimir  
tantas  
cópias  
deste livro  
quantos  
são os  
cristãos  
que vivem  
sobre a  
terra e  
entregá-las  
a cada um  
deles, para  
que eles  
pudessem  
ver a  
necessidade  
que todos**

***nós temos  
da oração  
para nos  
salvar".***

**Já nas Escrituras encontramos uma declaração ligeiramente diferente:**

***"Muitas  
coisas  
há que  
fêz  
Jesus;  
as que  
foram  
escritas  
neste  
livro,  
porém,  
foram  
escritas  
para  
que  
vós  
creiais  
que  
Jesus  
é o  
Cristo,  
Filho  
de  
Deus,  
e para  
que,  
crendo,  
tenhais  
a vida  
eterna  
em seu  
nome".***

Jo.  
21,  
25;  
20,  
31

**A diferença entre as afirmativas dos escritos de Santo Afonso e das Sagradas Escrituras é evidente. Para Santo Afonso, quem ora se salva, quem não ora se condena; para as Escrituras, quem crê se salva, quem não crê será condenado. Para Santo Afonso o que santifica é a oração; para as Escrituras o que justifica é a fé. Para Santo Afonso, o principal objetivo de seu livro é conduzir as pessoas à oração; para São João, o principal objetivo de seu Evangelho é conduzir as pessoas à fé.**

**Sob a aparência destas diferenças, porém, é fácil perceber que tanto Santo Afonso como as Escrituras estão na realidade expondo os mesmos ensinamentos. Segundo mostramos ao longo deste livro, de fato, a fé é impossível sem a graça, a graça não vem senão através da oração, a Escritura ensina que o principal objetivo da oração é a aquisição da graça do Espírito Santo e a primeira manifestação do Espírito Santo no homem é a fé.**

**Não sabemos se Santo Afonso chegou a perceber o paralelismo entre as suas afirmações sobre a oração e as da Escritura sobre a fé do modo tão explícito como o estamos fazendo neste livro, mas o que é certo é que ele pôde se permitir expor os mesmos ensinamentos contidos nas Sagradas Escrituras utilizando-se de uma linguagem aparentemente diversa porque ele já os havia vivido tão profundamente que, ao ensiná-las, não estava mais apenas repetindo as palavras da Escritura, mas manifestando-lhes um conteúdo que ele conhecia por intimidade. Ele podia repetir aquelas mesmas palavras que São Paulo havia dito aos Coríntios:**

**"A nossa  
carta de  
recomendação  
foi escrita  
pelo nosso  
ministério,  
não com tinta,  
mas com o  
Espírito do  
Deus vivo,  
não em  
tábuas de  
pedra, mas  
nas tábuas de  
carne do  
coração.  
Deus nos fez  
idôneos  
ministros do  
Novo  
Testamento,  
não pela letra,  
mas pelo  
Espírito,  
porque a letra  
mata, mas o  
Espírito  
vivifica".**

**II  
Cor .  
3 ,  
2-6**

**Já havíamos visto acontecer algo semelhante com Hugo de São Vítor. Nas cartas de São Paulo encontramos a afirmação segundo a qual**

**"São filhos  
de Deus  
todos  
aqueles  
que são  
conduzidos  
pelo  
Espírito de  
Deus".**

**Rom.  
8,  
14**

**Nos escritos de Hugo de São Vítor, porém, encontramos uma afirmação um pouco diversa:**

**"os  
que  
são  
filhos  
de  
Deus",**

**diz Hugo,**

**"nada  
mais  
pedem  
na  
oração  
do que  
o  
Espírito  
Santo".**

**Esta sentença, que surge tão espontaneamente nos escritos de Hugo de São Vítor quanto as afirmações de Santo Afonso nos seus, difere também da de São Paulo apenas na aparência. Não sabemos se algum dia Hugo terá percebido o paralelo existente entre ela e a Epístola aos Romanos, mas o fato é que ninguém pode reconhecer sincera e verdadeiramente que a única coisa importante e de valor nesta vida é a graça do Espírito Santo e passar a pedir incessantemente a Deus nada mais senão isto se não estiver sendo conduzido pelo próprio Espírito Santo.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **27. Por que alguns não crêem?**

O tema deste livro foi a fé, como meio de se alcançar a graça do Espírito Santo. Não se pode concluir este assunto, porém, sem examinar mais cuidadosamente a questão sobre o motivo por que há pessoas que não crêem.

De tudo quanto dissemos, poderia-se concluir que, se há pessoas que não crêem, o motivo é a falta de oração. De fato, se elas orassem a Deus pedindo a fé, receberiam a fé e creriam; como, porém, não oram, não crêem. Não crendo, segundo ensina Jesus, já estão condenados, porque não podem se aproximar da luz de Deus. E suas próprias obras os condenarão, pois sem a luz da graça lhes será impossível cumprir os mandamentos divinos. Se estas pessoas orassem, porém, obteriam facilmente a fé, passariam a caminhar da fé para a fé, viveriam da fé e se tornariam santos, conforme diz São Paulo em Romanos 1, 17. Parece poder concluir-se, portanto, que se as pessoas não têm fé é porque não oram.

E isto, de fato, é verdade. O problema, porém, é que para a eficácia da oração requer-se, além da sinceridade, a própria fé. Não é possível, portanto, alcançar a fé através da oração se já não tivermos alguma fé. É pela fé que alcançamos, através da oração, uma fé ainda maior, sendo por isto que na Epístola aos Romanos São Paulo diz que

**"a  
justiça  
se  
manifesta  
naquele  
que crê",**

**Rom.  
1,  
17**



**logo em seguida acrescentando**

***"que  
caminha  
da fé  
para a  
fé",***

**sentença que já tínhamos citado anteriormente mas que somente agora estamos em condições de interpretar. Pois para obter a fé, é preciso já possuí-la; para alcançar uma fé mais plena, que é fruto de uma maior plenitude de graça, é preciso obter esta graça, a qual não se obtém senão através da fé que é uma das condições da oração. Caminhando assim, da fé para a fé, chega-se àquela vivência desta virtude que faz São Paulo dizer: "o justo vive da fé". Mas se o homem não tiver fé nenhuma, não poderá alcançá-la, pois ela mesma é uma das condições colocadas para se poder obtê-la. Ademais, a fé é causada no homem pela graça: ela é, conforme vimos, a primeira manifestação da graça no homem. Deduz-se, portanto, que para o homem alcançar a fé necessita da graça. Bastaria uma simples oração para obtê-la, mas até uma coisa tão simples como esta é absolutamente impossível sem o auxílio da graça.**

**Para que o homem creia, portanto, é preciso que ele seja inicialmente movido a tanto pela graça. Sem a graça divina, o homem não pode fazer absolutamente nada a este respeito. Não há absolutamente nada que o homem possa fazer para obter a graça sem o auxílio da própria graça. Sem este primeiro impulso da graça, sobre o qual o homem não tem controle algum, ele não pode fazer nada para salvar-se, não quererá fazê-lo e provavelmente sequer entenderá que deve fazê-lo.**

**Há diversas passagens do Evangelho de São João onde o próprio Jesus examina pessoalmente esta problemática questão. No quinto capítulo deste Evangelho, Jesus diz aos judeus:**

**"Eu não  
recebo a  
glória  
dos  
homens,  
mas sei  
que não  
tendes  
em vós  
o amor  
de  
Deus.  
Em vim  
em  
nome de  
meu Pai,  
e vós  
não me  
recebeis;  
se vier  
outro  
em seu  
próprio  
nome,  
recebe-  
lo-eis.  
Como  
podeis  
crer,  
vós que  
recebeis  
a glória  
uns dos  
outros,  
e não  
buscais  
a glória  
que vem  
só de  
Deus?"**

Jo.  
5,  
41-  
44

**Nesta passagem Jesus diz aos judeus que ele entende perfeitamente que os judeus não creiam nele, pois não podem crer porque não buscam a glória que vem só de Deus. Se buscassem a glória que vem só de Deus, insinua Jesus, assim que Jesus se lhes apresentasse, eles creriam. O problema, porém, é que não é possível buscar sinceramente a glória que vem só de Deus se o homem não for movido pela graça do Espírito Santo. De onde que se deduz que, segundo Jesus, os judeus não criam nele, e não podiam crer, mesmo vendo os milagres e ouvindo a pregação de alguém da estatura de Jesus, porque não eram movidos pela graça.**

**No capítulo seguinte do Evangelho de São João, novamente Jesus se coloca a mesma questão. Ele diz a outros judeus:**

***"Ninguém  
pode vir  
a mim se  
o Pai que  
me  
enviou  
não o  
atrair.  
Está  
escrito  
nos  
profetas:***

***`E serão  
todos  
ensinados  
por  
Deus'.***

***Portanto,  
todo***

**aquele  
que ouve  
e  
aprende  
do Pai,  
vem a  
mim".**

**Jo.  
6,  
44-  
45**

**Jesus diz nesta passagem que ninguém pode vir até ele se o Pai que o enviou não o atrair. O que significa, para Jesus, a expressão "vir até ele"? No Evangelho de São João encontramos escrito:**

**"Jesus  
Ihes  
disse:  
Eu  
sou o  
pão  
da  
vida,  
o que  
vem a  
mim  
não  
terá  
jamais  
fome,  
e o  
que  
crê  
em  
mim  
não  
terá**

***jamais  
sede",***

**Jo.  
6,  
35**

**de cujas palavras deduz-se que, para Jesus, vir até ele e crer nele são a mesma coisa. Quando Jesus diz, portanto, que ninguém poderia vir até ele sem que o Pai que o havia enviado o atraísse, queria dizer que ninguém poderia crer nele se a tanto não fosse movido pela graça divina, ainda que o tivesse conhecido pessoalmente, tivesse visto os seus milagres e ouvido os seus ensinamentos.**

**Mais um capítulo adiante, no mesmo Evangelho de São João, encontramos novamente Jesus fazendo idênticas considerações:**

***"A minha  
doutrina",***

**diz Jesus,**

***"não é  
minha, mas  
daquele  
que me  
enviou. Se  
alguém  
quiser fazer  
a vontade  
dele,  
reconhecerá  
se a minha  
doutrina  
vem de  
Deus ou se***

***falo de mim  
mesmo".***

Jo.  
7,  
16-  
17

**Nesta outra passagem, Jesus diz que os homens reconhecerão se a sua doutrina vem ou não de Deus, isto é, crerão ou não na sua pessoa e no que Ele nos ensina, se quiserem fazer a vontade daquele que o enviou. Ora, na Primeira Epístola aos Tessalonicenses São Paulo diz:**

***"Esta é a  
vontade de  
Deus: a  
vossa  
santificação".***

I  
Tes.  
4,  
3

**Jesus, portanto, quis dizer na passagem acima que, se alguém está buscando verdadeiramente a santificação, reconhecerá imediatamente se o que ele ensina vem ou não de Deus, isto é, crerá nele. Segundo Jesus, portanto, qualquer pessoa que verdadeiramente esteja em busca da santificação, ao lhe serem explicados quais são os seus ensinamentos, reconhecerá imediatamente, sem sombra de dúvida, que tais ensinamentos procedem de Deus e crerá nele. Porém, novamente, não é possível alguém estar verdadeiramente em busca da santificação sem estar sendo movido pela graça. Deduzimos, assim, outra vez, que sem a graça não é possível discernir a diferença entre os ensinamentos de Jesus e outros**

**ensinamentos humanos e, sem isto, é impossível crer nele.**

**Podemos então dar uma resposta à pergunta sobre o motivo por que alguns crêem e outros não. Alguns crêem e outros não porque uns oram e outros não; mas até para orar e pedir a fé é necessário já possuir alguma fé e que a graça mova o homem. Tudo depende, portanto, em última instância, da graça divina. Se Deus não concede a graça, o homem nada poderá fazer e sequer o quererá fazer. Se Deus conceder a graça, a inteligência do homem se abre e sua vontade se sentirá atraída para pedí-la. Se o homem não contar, porém, com o auxílio da graça, nada poderá fazer para obtê-la.**

**Temos nas narrativas dos Evangelhos um claro exemplo de como isto acontece na história dos dois ladrões crucificados ao lado de Jesus:**

***"Junto com  
Jesus,  
crucificaram  
dois  
ladrões, um  
à direita e  
outro à  
esquerda.  
Ora, um dos  
ladrões  
crucificados  
o insultava,  
dizendo:***

***`Tu não és o  
Messias?  
Salva-te a ti  
mesmo e a  
nós'.***

***Mas o outro  
o repreendia  
e dizia:***

***`Não temes***

**sequer a  
Deus, tu que  
padeces a  
mesma  
condenação?  
Para nós,  
isto é justo;  
estamos  
recebendo o  
que  
merecemos  
pelos  
nossos atos;  
este, porém,  
não fêz nada  
de mal'.**

**E  
acrescentou:**

**`Jesus,  
lembra-te de  
mim quando  
vieres no  
teu reino'.**

**Jesus então  
lhe  
respondeu:**

**`Em verdade  
eu te digo:  
hoje estarás  
comigo no  
paraíso'".**



Mc .

15 ,

27

Lc .

23 ,

39 -

43

**Nesta narrativa pode-se perceber nitidamente, nos dois ladrões, algo mais do que apenas a diferença entre bondade e maldade. O mérito do bom ladrão não foi apenas o de ter sido humilde e haver reconhecido as suas faltas, nem na conduta do mau ladrão observamos apenas uma manifestação de orgulho e revolta ao não querer reconhecer a diferença entre suas culpas e a inocência de Jesus. Se examinarmos o texto acima com mais cuidado, verificaremos que o bom ladrão se dirige a Jesus como a um rei, e a um rei poderoso, capaz de conceder dons preciosíssimos como o paraíso, maiores do que os que o próprio Imperador de Roma poderia conceder, o qual na época era o mais poderoso de todos os homens. Aparentemente, porém, não havia nada em Jesus que pudesse indicar estar ele revestido de tão extraordinária realeza: ele estava sendo crucificado como um simples marginal e desde que havia sido preso nenhum soldado nem nenhum súdito se havia apresentado para lutar por ele. Não havia nada, também, que pudesse indicar que houvesse nele poder algum; ao contrário, ele parecia mostrar-se impotente até para descer da cruz em que estava pregado. Não havia também nada que indicasse que ele pudesse fazer qualquer coisa por quem quer que fosse: dali a poucos instantes tudo parecia sugerir que Jesus seria um homem morto, nada mais do que um cadáver. A morte de Jesus era tão iminente que já era praticamente um fato consumado; Jesus era, do ponto de vista humano, praticamente falando, nada mais do que um cadáver de um homem inteiramente abandonado. E, no entanto, este bom ladrão estava vendo nEle algo que nenhum olho humano poderia ver: dirigiu-se a Ele, com toda a naturalidade, como se o faz a um Rei, prestes a sentar-se em um trono infinitamente mais poderoso que o do Império Romano, o mais poderoso dos tronos já aparecido na história humana até aquela época, e pediu-lhe com toda a humildade que se lembrasse dele quando assim o fizesse. Não havia nada que o bom ladrão soubesse de Jesus que o outro ladrão**

também não o soubesse, mas o segundo não conseguia ver em Jesus nada do que o primeiro via. O primeiro, porém, o fazia com toda a naturalidade, e confiava, contra toda a evidência dos olhos da carne, que seria ouvido por Jesus. Era a graça que movia a sua alma, elevando suas faculdades para a apreensão de uma realidade sobrenatural, tornando evidente para ele o que para o outro não passava de uma loucura. Através da graça, alcançou a fé e, conforme Jesus havia ensinado tantas vezes quando em vida, a sua fé o salvou: naquele mesmo dia ele entrou com Jesus no paraíso. Seu colega, infelizmente, inteiramente privado da luz da graça, não conseguiu perceber nada disso e, no que depende apenas do relato escrito que nos ficou, não pode ter alcançado a mesma sorte.

De tudo isto, portanto, deduz-se que se alguns crêem é porque são movidos a tanto pela graça enquanto que outros não crêem porque não podem contar com o auxílio da graça, sem a qual não há luz para crer. Fica, porém, a pergunta a respeito do motivo pelo qual Deus concede a graça a alguns enquanto a outros não, como ocorreu com o bom e o mau ladrão. Haveria algum critério para isto ou a escolha é arbitrária?

No Evangelho de São João há uma outra passagem que parece, pelo menos ao primeiro exame, sugerir que a escolha não é arbitrária:

*"Quem  
crê",*

diz Jesus,

**"não é  
condenado,  
mas quem  
não crê já  
está  
condenado.**

**E a  
condenação  
está nisto:  
a luz veio  
ao mundo  
e os  
homens  
amaram  
mais as  
trevas do  
que a luz,  
porque as  
suas obras  
eram más.**

**Porque  
todo  
aquele que  
faz o mal  
aborrece a  
luz, e não  
se chega  
para a luz,  
a fim de  
que não  
sejam  
reprovadas  
as suas  
obras; mas  
aqueles  
que  
procedem  
segundo a  
verdade,  
chegam-se  
para a luz,  
a fim de  
que suas**

**obras  
sejam  
manifestas  
como feitas  
segundo  
Deus".**

Jo.  
3,  
18-  
21

**Aqui Jesus afirma primeiro que a luz veio ao mundo, isto é, Ele próprio com a graça que, através dEle, Deus concede aos homens. Ao dizer que a luz veio ao mundo, Jesus parece não excluir ninguém; o mundo significa, no comum entendimento das pessoas, a totalidade dos homens. Desta passagem, portanto, parece deduzir-se que Deus não priva deliberadamente a ninguém da graça; antes, a coloca ao acesso de todos, do mundo todo, isto é, de todos os homens. Quem faz a seleção de quem receberá ou não a graça a todos oferecida, parece dizer Jesus, são as próprias pessoas, segundo o seu agir. Há os que fazem o mal e estes aborrecem a luz por uma certa conaturalidade; eles próprios, pelas obras más que fazem, não se aproximam da luz da graça porque por uma certa conaturalidade assim não o querem. Há outros que não fazem o mal, mas que procedem conforme a verdade; estes, pelo motivo oposto, tem uma certa conaturalidade para com a luz da graça e facilmente se aproximam dela, sendo como que inclinados a fazê-lo. Este parece, portanto, ser o motivo pelo qual alguns são movidos pela graça e outros não. Deus, na realidade, a deseja conceder a todos e ela está, de fato, ao acesso de todos, mas cada um, segundo uma inclinação resultante de suas próprias obras, tende a se aproximar ou a se afastar dela. A distribuição da graça entre os homens, portanto, não é fruto de uma arbitrariedade divina, e deve ter havido razões justíssimas, embora nós não as conheçamos, pelas quais o bom ladrão percebeu com tanta facilidade a realeza de Jesus nas mesmas condições em que o mau ladrão não conseguia ver absolutamente nada.**

**Este raciocínio, porém, se analisado mais cuidadosamente, embora explique suficientemente como a distribuição da graça entre os homens não é feita de modo arbitrário por parte de Deus, não fornece, entretanto, uma explicação última a respeito do motivo por que alguns são movidos pela graça e outros não. De fato, ela novamente supõe que para aproximar-se da graça é preciso ser movido pela graça, enquanto que aqueles que não são movidos por ela não podem alcançá-la por suas próprias forças. Que isto seja assim, pode ser visto examinando novamente as palavras de Jesus.**

**Jesus diz, na passagem citada, que a luz veio ao mundo e, ao dizer isto, quis dizer que veio para todos, indistintamente. Os homens, porém, não eram iguais no mundo; alguns praticavam o mal e por isso aborreciam a luz e não se aproximavam dela; outros, porém, havia que procediam conforme a verdade e se achegavam à mesma. Entretanto, para que se possa proceder conforme a verdade, é necessário já ser movido a tanto pela graça. De onde se conclui que se havia alguns que procediam conforme a verdade e se aproximavam da graça era porque já eram movidos por ela. Novamente é a própria graça que é a razão última da própria graça. Há sempre uma primeira graça que foi recebida, só a partir da qual é possível chegar-se a ela, e sem a qual nenhuma outra é possível.**

**Para explicar a razão desta primeira graça poderia-se levantar uma hipótese fundamentada no fato de que a distinção elementar entre o bem e o mal pode ser feita no homem apenas através da razão, sem necessidade da graça, algo que não pode ser negado sem negar à inteligência humana os atributos próprios de sua natureza. A razão sendo suficiente para fazer estas distinções, pode-se concluir daqui que também as escolhas mais elementares entre o bem e o mal possam ser feitas pelo homem sem o auxílio da graça. Deste modo, de acordo com as suas escolhas voluntárias, o homem poderia adquirir uma afinidade para com a graça e aproximar-se ou não dela. Parece ademais apoiar esta hipótese um texto da Epístola aos Romanos, em que São Paulo diz que os pagãos, mesmo sem a Revelação, através da observação da natureza, podem entender suficientemente das coisas divinas o que lhes é necessário para glorificarem a Deus:**

**"De  
fato",**

**diz São Paulo,**

***"depois da  
criação do  
mundo, as  
coisas  
invisíveis de  
Deus, como o  
seu poder  
eterno e a sua  
divindade,  
podem ser  
compreendidas  
pelos homens  
através das  
coisas  
criadas,  
tornando-se,  
deste modo,  
visíveis, e o  
que se pode  
conhecer de  
Deus é lhes  
manifesto,  
pois Deus lhos  
manifestou".***

**Rom.**

**1,**

**20-**

**19**

**Este raciocínio contém, efetivamente, muitos elementos de verdade. É certo que o homem pode, apenas pela razão, sem necessidade da graça, fazer distinções elementares entre o bem**

**e o mal e pode, também, durante algum tempo, segui-las pelo agir. Mas, ainda que sem o auxílio da graça ele pudesse perseverar indefinidamente na escolha daquilo que ele assim reconhecesse ser o bem, isto não poderia conduzi-lo à luz da graça, pois esta supõe uma elevação das faculdades da alma que tornam seus atos conaturais a uma realidade acima da natureza humana, o que não pode ser obtido por nenhuma repetição de nenhum ato de ordem simplesmente natural. Só pode ser feito pela própria graça. Para aproximar-se da graça, portanto, é sempre preciso a própria graça. Quando Jesus diz que aqueles que procedem conforme a verdade se aproximam da luz, ele está se referindo àqueles que procedem já movidos pela luz da graça divina. Desta luz da graça não estão dispensados nem mesmo os pagãos que sem culpa nunca tenham ouvido falar de Cristo e da Revelação, conforme observa Hugo de São Vítor na Questão 40 do Comentário à Epístola aos Romanos, em que trata da passagem acima citada de São Paulo:**

***"A  
razão  
natural  
pode  
alguma  
coisa  
no  
homem  
sem a  
ajuda  
da  
graça?"***,

**pergunta Hugo de São Vítor.**

***"Alguns  
dizem"***,

**continua ele,**

**"que a razão  
natural pode  
muita coisa só  
com as próprias  
forças, como é  
evidente pelos  
escritos dos  
filósofos  
gregos, que só  
se utilizando da  
razão  
alcançaram a  
compreensão  
de muitas  
coisas não  
apenas no que  
diz respeito à  
verdade sobre  
as criaturas,  
como também  
sobre Deus.**

**Eles  
compreenderam,  
de fato, que  
Deus existe,  
que é único, e  
até mesmo  
alcançaram  
algo acerca de  
sua trindade.**

**Não parece,  
porém, que  
tenha sido  
possível  
haverem  
chegado a  
estas coisas  
sem o auxílio  
da graça.**

**É por isso que o  
Apóstolo,**



*quando diz, na  
Epístola aos  
Romanos,*

*'o que se pode  
conhecer de  
Deus é-lhes  
manifesto',*

*acrescenta,  
logo em  
seguida:*

*'pois Deus lhos  
manifestou''.*

A salvação e a santificação do homem, portanto, estão na inteira dependência da graça. Para iniciar a caminhada até Deus, que principia pela fé, será sempre preciso um mínimo de graça e, se o homem não puder dispor deste mínimo, não poderá fazer nada, por si só, para obtê-lo.

Resta apenas saber se há algum motivo pelo qual este mínimo necessário para que o homem inicie a caminhada até Deus é negado a algumas pessoas ou se se trata de uma escolha arbitrária de Deus. Para responder a esta questão podemos reformulá-la, como faz Hugo de São Vítor no Comentário à Epístola aos Romanos, e perguntar se Deus, ao conceder e negar a uns e outros este mínimo de graça não estará Ele próprio se tornando responsável pelos pecados que serão cometidos pelos que não a tiverem recebido. A pergunta tem sentido pois se sem esta graça os homens se afastam de Deus, certamente não poderão deixar de cair em pecado e a causa destes pecados terá sido o próprio Deus que lhes negou a graça sem cujo auxílio o homem não pode deixar de pecar.

*"Diz o  
Apóstolo",*

**comenta Hugo de São Vítor,**

**"que Deus**

**`entregou  
os gentios  
aos desejos  
de seu  
coração, às  
paixões  
imundas e  
aos  
sentidos  
depravados'.**

**Rom.**

**1,**

**24;**

**1,**

**28**

**Há muitas  
outras  
passagens  
nas  
Escrituras  
que se  
assemelham  
a esta. Diz,  
de fato, o  
livro de  
Êxodo:**

**`Endurecerei  
o coração  
de Faraó';**

**Ex.**

**7,**

**3**

**e também,  
na Epístola  
aos  
Romanos:**

**`Deus tem  
misericórdia  
de quem  
quer e  
endurece a  
quem quer'.**

**Rom.**

**9,**

**18**

**Destas e de  
outras  
passagens  
parece  
poder  
deduzir-se  
que muitos  
males são  
realizados  
pela  
própria  
operação  
divina.  
Poderiam  
reunir-se  
muitas  
delas e  
mostrar**

**que nelas  
se  
manifesta  
que Deus  
opera no  
coração  
dos  
homens,  
inclinando  
pela sua  
misericórdia  
os bons ao  
bem e  
inclinando  
os maus ao  
mal pelos  
decretos de  
seu  
julgamento,  
os quais,  
embora  
sejam para  
nós  
algumas  
vezes  
ocultos,  
outras  
vezes  
manifestos,  
sempre,  
todavia,  
serão  
justos.  
Está,  
também,  
escrito no  
Apocalipse:**

**`Aquele  
que  
prejudica,  
prejudique  
ainda;**

**aquele que  
é impuro,  
continue na  
impureza;  
aquele que  
é justo,  
justifique-  
se mais;  
aquele que  
é santo,  
santifique-  
se mais'.**

**Ap.  
22,  
11**

**De onde  
procede esta  
justiça? Por  
acaso não é  
de Deus, de  
quem  
procede toda  
a justiça?  
Assim,  
parece poder  
dizer-se que  
é Deus quem  
a opera. E  
quanto ao  
pecado que  
é, ele próprio,  
uma pena de  
um pecado  
precedente,  
de onde  
procede?  
Toda justiça  
procede de**

**Deus, e este  
pecado é  
uma pena  
justa.**

**Há três  
respostas  
possíveis  
para tais  
perguntas.**

**Houve alguns  
que  
afirmaram  
que todo  
pecado  
procede de  
Deus, não  
apenas  
aqueles que  
já são uma  
pena por  
haver sido  
cometido  
outro  
anteriormente,  
mas também  
aquele que é  
apenas culpa.  
Os que  
julgam deste  
modo  
admitem que  
o furto, o  
latrocínio e o  
adultério  
procedem  
todos de  
Deus,  
conforme as  
palavras do  
profeta  
Amós:**

***`Haverá  
algum mal na  
cidade que  
não tenha  
sido feito  
pelo Senhor?'***

***Am.***

***3,***

***6***

***Outros, porém,  
ensinam que  
não é todo  
pecado que  
procede de  
Deus, mas  
apenas aqueles  
que, além da  
culpa, são  
também uma  
pena devida a  
outros pecados  
já  
anteriormente  
cometidos.  
Dizem estes  
que,  
genericamente  
falando, pode-  
se dizer que  
todo pecado é  
operado por  
Deus, se com  
esta expressão  
nos referimos à  
permissão  
concedida por  
Deus para que***

**o pecado  
possa se  
realizar; as  
Sagradas  
Escrituras,  
porém,  
afirmam que os  
pecadores  
foram**

**'entregues por  
Deus a  
sentimentos  
depravados'**

**porque estes  
pecados são  
eles próprios  
penas  
inflingidas por  
outros pecados  
já cometidos.  
Estes mesmos  
ensinam ainda  
poder dizer que  
Deus opera  
todo pecado se  
com esta  
expressão nos  
referimos não  
apenas à  
permissão  
divina, mas  
também à  
subtração da  
graça. Deus, de  
fato, operaria  
estes pecados  
ao subtrair a  
graça dos  
homens pois,  
se é necessário  
que o pecado**



**se siga à  
subtração da  
graça, é  
evidente que  
Deus operou  
aquele pecado  
ao subtrair a  
graça. Isto é  
ilustrado  
através do  
seguinte  
exemplo: se  
uma casa  
estiver apoiada  
em um muro de  
encosto, sem o  
qual não pode  
permanecer de  
pé, e alguém  
retirar o muro,  
quem é que  
terá causado a  
ruína da casa  
senão aquele  
que tiver  
retirado o muro  
do encosto?  
Com estas e  
outras  
semelhanças  
os que assim  
ensinam se  
esforçam por  
demonstrar  
que Deus  
opera alguns,  
senão mesmo  
todos os  
pecados.**

**Nós, porém,  
respondemos  
que não há**

**semelhança  
entre o  
exemplo da  
casa, à qual  
não se podem  
atribuir  
méritos, e o  
caso do  
homem, por  
cuja culpa se  
retirou aquilo  
sem o qual ele  
não pode  
permanecer de  
pé. O exemplo  
seria mais  
adequado se  
se tratasse de  
uma casa que  
já estivesse  
caindo, e  
alguém a  
sustentasse  
com as suas  
próprias mãos  
e o fizesse  
propositalmente  
para que ela  
não caísse. Se,  
posteriormente,  
por exigência  
de um motivo  
racional, este  
homem  
retirasse as  
suas mãos, ele  
não seria a  
causa pela qual  
a casa teria  
caído; teria  
sido apenas a  
causa desta  
casa não ter**

**caído antes. Do mesmo modo, se alguém estivesse nú e outra pessoa o cobrisse de vestidos e posteriormente a primeira pessoa, já vestida, ofendesse ao que a cobriu, a tal ponto que, por motivos racionais, esta última lhe tomasse as vestes de volta e o primeiro viesse a morrer de frio, não se poderia dizer que o segundo foi a cauda da morte do primeiro, mas sim que foi este primeiro que causou a sua própria morte.**

**Assim também devemos dizer que Deus, retirando-nos a graça por exigência de nossa própria culpa, não se torna Ele mesmo a causa**

***pela qual a  
graça nos é  
subtraída, nem  
se pode dizer  
que Ele faz isto  
operando algo,  
mas não  
operando  
aquilo que  
antes operava.***

***Assim, em  
nenhuma  
hipótese pode-  
se conceder  
que qualquer  
pecado seja  
realizado por  
operação  
divina, seja ele  
próprio pena  
de outro  
pecado  
precedente,  
seja ele apenas  
culpa".***

**Com. a  
Romanos  
Quaest.  
43-44**

**Que se pode deduzir destas palavras de Hugo de São Vítor?**

**Deus não nega a ninguém a sua graça. Todos, algum dia, a tiveram, em quantidade suficiente para poderem salvar-se e empreender a ascensão de sua alma até Ele. Muitos, talvez todos, tiveram a graça inicial não apenas uma, mas muitas, inúmeras vezes. A nenhum ser humano Deus negou a sua graça sempre, em todo o tempo, desde o início até o fim de suas**

## **vidas. Ao contrário, diz São Paulo na Primeira Epístola a Timóteo que Deus**

***"quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade".***

**I  
Tim.  
2,  
4**

**São Paulo não poderia ter dito isto se Deus concedesse a sua graça apenas a alguns enquanto que a negasse a outros sempre e durante todo o tempo, desde o início de suas vidas até à morte, pois sem a graça o homem, por mais inteligente que ele possa ser, não passa de um animal, inteiramente embotado para as coisas do céu, e sem nada que possa fazer para se libertar desta situação. Se fosse possível que tivesse existido algum homem a quem Deus jamais tivesse concedido um mínimo de sua graça, São Paulo deveria ter dito que Deus quer que alguns homens se percam e jamais cheguem ao conhecimento da verdade, pois o homem depende inteiramente de Deus para obter a graça inicial. Nada pode fazer por si para obtê-la e sem ela já está condenado. Nestas condições, Deus teria criado este homem para a condenação. Isto, porém, não pode ser verdade se é certo que Deus quer que todos se salvem; Deus, portanto, a todos concede a sua graça pelo menos uma vez, provavelmente muitas e freqüentemente uma multidão de inúmeras vezes. Se, quando isto ocorre, os homens se fazem dóceis à inspiração e à inclinação da graça, crendo nEle e caminhando da fé para a fé, passarão a se aproximar cada vez mais de seu Reino. No início, diz São Bento, o caminho lhes**

***"parecerá  
estar repleto  
de coisas  
ásperas e  
pesadas; é  
apenas a  
graça,  
porém, que  
estará  
ditando  
algumas  
coisas  
necessárias  
para a  
emenda dos  
vícios e a  
conservação  
da caridade.  
Mas, com o  
progresso da  
fé, dilata-se o  
coração e  
com  
inenarrável  
doçura de  
amor é  
percorrido o  
caminho dos  
mandamentos  
de Deus".***

**Haverá outros, porém, que com inteira liberdade desprezarão a inspiração da graça e decidirão fazer exatamente o oposto do que ela inspira ou inclina. Estes poderão ser convidados novamente em outras ocasiões para o banquete celeste; nada, porém, poderá garantir-lhes que isto voltará a acontecer. A graça poderá retirar-se definitivamente do homem e este não poderá nem quererá mais salvar-se. Os homens se entregarão aos desejos da carne, trocarão a verdade pela mentira e passarão a adorar a criatura em vez de servir ao Criador. Inteiramente privados de inteligência, a razão de suas**

**existências, em vez de ser o próprio Criador, única fonte de felicidade, passará a ser alguma forma de entidade criada, sempre inferior em dignidade a eles próprios, sem que eles sejam capazes de apreender a extensão da loucura que isto implica. Já estão condenados, pois embora seus corpos vivam uma vida biológica, suas almas já encontraram a morte espiritual. Destes mortos vivos foi que disse Jesus, ao responder a um jovem que desejava tempo para enterrar seu pai antes de começar a segui-lo:**

***"Segue-me, e deixa que os mortos enterrem os seus próprios mortos".***

**Mt .  
8 ,  
22**

**No dia do juízo os homens que se condenarem verão que nada houve de injusto ao eles se terem visto privados da graça divina. Conhecerão todas as vezes em que esta lhes foi oferecida e como a desprezaram sistematicamente. Poderão vir a conhecer também a justiça desta disposição divina ao serem mostrados que se a graça lhes fosse oferecida outras mais vezes ainda, tantas outras a teriam desprezado. É uma tristeza imensa refletir sobre estas coisas, mas foi por causa delas que Jesus entregou a sua vida.**

**Se alguém portanto, ao ler estas coisas, consegue perceber-se privado da ajuda da graça para elevar seus olhos ao Céu, procure lembrar-se que não terá sido a primeira vez que terá sido visitado pela graça e que em nenhuma das ocasiões anteriores terá sido visitado por ela pelos seus méritos, mas apenas pela misericórdia divina, que quer que todos os homens**

se salvem. Agora, porém, poderá ser a última vez que a porta estreita se abre, e, se isto acontecer, nada mais poderá fazer para salvar-se da morte do espírito que ele próprio terá merecido. Procure lembrar-se do soldado romano que, vivendo um destes momentos, aproveitou assustado aquela pequeníssima fagulha de lucidez para perguntar a São Paulo, que estava diante de si, o que deveria fazer para salvar-se. Recebeu do Apóstolo a seguinte resposta:

***"Crê no  
Senhor  
Jesus  
e serás  
salvo,  
tu e a  
tua  
família".***

At .  
16 ,  
31

Naquele momento, movido pela graça divina, abriu-se a sua inteligência para entender alguma coisa do extraordinário alcance destas palavras que para outros tão pouco ou mesmo nada significam. Se este soldado tiver perseverado até o fim na vida da graça que então se lhe abriu através da fé, hoje ele está entre os bem aventurados, na glória da felicidade que não tem mais fim. É para ela que Deus fez a todos nós e é nela que, como Pai, ele desejaria que todos nós estivéssemos.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **28. Conclusão.**

**Expusemos, até aqui, o que é a virtude da fé e como, através dela, se alcança a graça do Espírito Santo. É necessário, para concluir, expor ainda de que modo é possível para o homem fazer uma auto verificação para saber se ele está verdadeiramente sendo movido pela fé animada pela caridade de que fala São Paulo ou se, apesar de parecer-lhe o contrário, não estará se enganando a si mesmo.**

**Diz Jesus que a árvore se conhece pelos seus frutos:**

***"Não  
pode  
uma  
árvore  
boa  
dar  
maus  
frutos,  
nem  
uma  
árvore  
má dar  
bons  
frutos",***

**diz Jesus. E conclui:**

***"Vós as  
conhecereis  
pelos seus  
frutos".***

Mt .

7 ,

18-

20

**Assim também, embora do ponto de vista especulativo seja mais fácil o homem julgar a respeito da natureza da fé considerando-a em si mesmo, quando se passa ao terreno da prática será mais fácil julgar a respeito desta virtude através do exame de seus frutos. Vamos, por isto, enumerar alguns frutos visíveis da fé animada pela caridade, através dos quais o homem pode conhecer mais facilmente e sem engano se ele está sendo verdadeiramente conduzido por esta virtude sem a qual, segundo São Paulo, não se alcança a justificação.**

**Para discernir quais são estes frutos, devemos considerar que a caridade é aquele amor intenso por Deus que nos foi preceituado pelas Escrituras e que não pode ser cumprido sem a sua graça; através da caridade amamos a Deus mais do que a tudo, somos aceitos em sua amizade e convidados a renunciar a todos os nossos baixos objetivos para partirmos em sua busca, tal como aconteceu com o filho pródigo quando se dispôs a voltar para a casa do pai. A caridade quer tanto a Deus que, uma vez percebido qual é o caminho pelo qual o homem pode se aproximar de Deus, não tolera mais adiamentos e não quer mais senão dedicar-se o quão inteiramente possível a percorrer este caminho, que não é curto.**

**Ora, o homem não pode aproximar-se de Deus senão pelo crescimento na graça do Espírito Santo e a vida da fé é o meio para se crescer nesta graça. Supõe-se sempre, seria quase desnecessário repeti-lo, que ao dizer isto estamos nos referindo à fé animada pela caridade:**

**"A fé católica,  
daqueles que  
vivem  
catolicamente,  
imitando a  
vida de  
Cristo",**

**diz Hugo de S. Vitor,**

**"é a fé  
que  
opera  
pela  
caridade.**

**Aqueles  
que  
possuem  
esta fé  
não  
apenas  
crêem,  
mas  
também  
amam".**

**In Primam  
ad  
Corinthios  
Quaestio  
116**

**A fé, portanto, será animada pela caridade se a caridade se une à fé e se utiliza dela para aproximar-se cada vez mais intensamente daquele a quem se ama, pelo crescimento da graça e do amor. Este crescimento supõe, paralelamente, uma afinidade sempre crescente pelas coisas que mais se**

**assemelham à natureza divina e um conseqüente afastamento sempre mais pronunciado daquelas que se opõem a estas. Pode- se concluir daqui ser sinal da fé movida pela caridade se, através dela, se produzem no homem frutos que demonstram ter ele rompido com aquele modo de agir próprio dos animais e estar se revestindo daquela participação da natureza divina que é a vida da graça.**

**Neste sentido, os primeiros frutos da fé animada pela caridade, conforme descritos pelas Sagradas Escrituras, são a crucificação das obras da carne:**

***"Os que  
são  
segundo  
a  
carne",***

**diz São Paulo,**

***"gostam  
das  
coisas  
que são  
da  
carne.  
Mas os  
que são  
segundo  
o  
espírito,  
gostam  
das  
coisas  
que são  
do  
espírito".***

Rom.

8,

5

**E também:**

***"Aqueles  
que  
vivem  
pelo  
espírito,  
fazem  
morrer  
as  
obras  
da  
carne".***

Rom.

8,

13

**O significado destas sentenças de São Paulo são bastante evidentes. A expressão "vivem pelo espírito" designa aqueles que, através da fé, são conduzidos pela graça do Espírito Santo. São Paulo quer dizer, portanto, que os justos que vivem da fé vivem para as coisas do espírito e as obras da carne são por eles crucificadas:**

***"Sabei-  
o  
bem",***

**diz São Paulo na Epístola aos Efésios,**

**ninguém  
que proceda  
diversamente  
"terá  
herança no  
Reino de  
Cristo e de  
Deus".**

**Ef.  
5,  
5**

**"Mortificai,  
pois, os  
vossos  
membros  
terrenos:**

**a  
fornicação,  
a  
impureza,  
a lascívia,  
os  
desejos  
maus e a  
avareza,  
que é uma  
idolatria,**

**pelas  
quais  
coisas  
vem a ira  
de Deus  
sobre os  
que não  
crêem".**

Col .  
3 ,  
5

**Deve-se notar, ademais, nas expressões de que São Paulo se utiliza, que o Apóstolo não ensina que pela graça do Espírito Santo as obras da carne se desfazem por si mesmas. Ao contrário, após dizer que o Espírito de Deus infunde na alma do cristão o gosto pelas coisas do espírito (Rom. 8, 5), o Apóstolo exorta ao cristão, e não ao Espírito Santo, que faça morrer as obras da carne (Rom. 8, 13), que mortifique os seus membros terrenos (Col. 3, 5), e que crucifique a própria carne com os seus vícios e concupiscências (Gal. 5, 24). Todas estas expressões supõem um verdadeiro empenho daquele que é movido pelo Espírito de Deus. Sem a graça do Espírito Santo este empenho seria inútil e não produziria os frutos esperados; nosso esforço seria uma batalha perdida por antecipação para a qual provavelmente sequer teríamos motivação. É pela graça do Espírito Santo, que nos vem através da vida da fé, que nos é dada a inclinação e a força para vencer as obras da carne. Isto é o que é ensinado claramente em diversas passagens das epístolas de São Paulo; será em vão, porém, que procuraremos algum lugar de suas cartas onde o Apóstolo afirme que o Espírito Santo dispensa o empenho e até mesmo o heroísmo por parte daquele que o recebe para cumprir os mandamentos divinos, e foi justamente por assim o terem erroneamente entendido muitos dos primeiros cristãos que São Tiago chamou- lhes a atenção neste sentido:**

**"Que  
aproveitará,  
irmãos  
meus, se  
alguém diz  
que tem fé  
e não tem  
obras?  
Porventura  
poderá  
salvá-lo tal  
fé? A fé, se  
não tiver  
obras, é  
morta em  
si mesma.  
Queres  
saber, ó  
homem  
vão, como  
a fé sem  
obras é  
morta?  
Abraão,  
nosso pai,  
não foi  
justificado  
pelas  
obras,  
oferecendo  
seu filho  
Isaac  
sobre o  
altar? Tu  
vês que a  
fé  
cooperava  
com as  
suas obras  
e que a fé  
foi  
consumada  
por meio**



**das obras.  
E cumpriu-  
se a  
Escritura  
que diz:**

**`Abraão  
creu em  
Deus e  
isso lhe foi  
imputado  
como  
justiça, e  
foi  
chamado  
amigo de  
Deus'.**

**Vedes,  
pois, que o  
homem é  
justificado  
pelas  
obras, e  
não pela fé  
somente?**

**Assim  
como o  
corpo sem  
espírito é  
morto,  
assim  
também a  
fé sem  
obras é  
morta".**

Tg.

2,

14-

26

**Ao contrário do que poderá parecer num primeiro exame aos leitores que não viveram naquela época, esta passagem de São Tiago não foi escrita para contradizer os ensinamentos de São Paulo, mas para contradizer aqueles que supunham terem lido em suas cartas aquilo que São Paulo jamais escreveu. Quem é conduzido pelo Espírito Santo, diz ainda São Paulo, não terá dificuldades em distinguir quais são as obras da carne que os justos crucificam:**

***"As obras  
da carne  
são  
manifestas",***

**diz São Paulo,**

***"são (elas)***

***a idolatria, a  
fornicação,  
a impureza,  
a luxúria, os  
malefícios,  
as  
inimizades,  
as  
contendas,  
as  
rivalidades,  
as iras, as  
rixas, as  
discórdias,  
as seitas, as  
invejas, os***

***homicídios,  
a  
embriaguez,  
as  
glotonerias  
e outras  
coisas  
semelhantes,***

***sobre as  
quais vos  
previno, que  
os que as  
praticam  
não  
possuirão o  
Reino de  
Deus".***

**Ga1.  
5,  
19-  
21**

**De todas estas passagens se conclui que se alguém examina a si próprio e à própria conduta e observa que não está disposto a crucificar em si mesmo todas estas coisas mas antes, ao contrário, as cultiva e as pratica voluntariamente, está longe da fé de que falam as Escrituras. Em vez disso, ele está profundamente mergulhado na ignorância do bem e no desejo do mal, precisamente o oposto do que deveria ser a fé animada pela caridade. Se este homem pensa que vive da fé está se enganando a si próprio e, quaisquer que sejam os motivos que possa ter para supor o contrário, a fé que ele imagina possuir não passa de uma ilusão. São Paulo é neste sentido muito claro:**

**"Os que são de  
Cristo  
crucificaram a  
própria carne  
com os seus  
vícios e as suas  
concupiscências".**

**Ga1.  
5,  
24**

**Diz ele também:**

**"Os que  
estão  
na  
carne,  
não  
podem  
agradar  
a Deus.  
Vós,  
porém,  
não  
estais  
na  
carne,  
mas  
segundo  
o  
Espírito,  
se é  
que o  
Espírito  
de  
Deus  
habita  
em vós.  
Mas, se**

***alguém  
não tem  
o  
Espírito  
de  
Deus,  
este  
não é  
dEle".***

**Rom.  
8,  
8-9**

**Não há modo de se interpretar diversamente o significado destas passagens. O que elas nos querem dizer é algo tão claro que não deixa margem a dúvidas.**

**Fica assentado, pois, que os primeiros frutos da fé no homem são a crucificação dos vícios e dos desejos da carne, e que o homem que não vive da fé não somente os pratica para a sua própria morte espiritual como também é escravo dos mesmos e tem a sua mente controlada por eles, ainda que não o queira ou o possa admitir. Quando o homem, porém, através da graça que vem pela vivência da fé, passa a opor-se lucida e deliberadamente a estas coisas e a imperar sobre elas, seu espírito se torna livre para poder funcionar em outro plano de ação que até então ele desconhecia.**

**É o que ocorre ao poder-se colocar, em segundo lugar, como fruto da vida da fé, a abundante misericórdia para com o próximo.**

**Indiretamente, a causa desta misericórdia provém da fé, na medida em que a misericórdia é o resultado do abandono daquele modo de vida em que a inteligência se põe a trabalhar para satisfazer às obras da carne e se torna, em uma completa inversão de papéis, apenas um instrumento para a obtenção dos fins ditados pelas paixões dos sentidos. Estes fins são sempre egoístas, pois as paixões, no que depende apenas delas**

**próprias, não são capazes de compreender a existência do outro e se buscam sempre a si próprias. A apreensão do outro enquanto tal é algo que cabe não aos sentidos, mas à inteligência. A subordinação do conjunto da atividade da inteligência aos fins egoístas ditados pelos sentidos cega, com isto, o entendimento para a percepção do outro e habitua o homem a apreender os seus problemas pessoais de um modo desproporcional com a realidade. Quando, com o auxílio da graça, este mesmo homem passa a crucificar as obras da carne, o que ocorre não é a aniquilação das paixões, mas a subordinação de suas atividades à inteligência iluminada pela fé e à vontade inclinada pela caridade. As relações entre as faculdades da alma, isto é, os sentidos, a inteligência e a vontade, se reordenam segundo as suas verdadeiras naturezas e surge então, naturalmente, pela libertação das faculdades mais nobres da alma, a presença do outro no horizonte da inteligência.**

**Mais diretamente, a presença do outro é consequência também da própria fé, pelo fato da fé ser a primeira manifestação da graça naquele longo caminho que se dirige à verdade que Jesus prometeu como prêmio àqueles que seguissem os seus preceitos. Se isto é verdade, então o caminho da fé deve necessariamente ser o caminho de uma lucidez sempre crescente. Ora, qual é o homem lúcido que não vê outros homens passando necessidades, muitas, maiores e mais merecedoras de auxílio e de ocupação do que qualquer problema pessoal próprio? Se não os vê, é porque é cego; e se é cego, não é possível que sua alma esteja sendo conduzida pela luz da fé. Aqueles, porém, que compreenderam a desproporção entre as necessidades dos que precisam de auxílio e a pequenez dos seus problemas são como que obrigados por este entendimento a não poder mais viver para aquilo que antes constituía a trama de suas vidas quando ainda viviam dos sentidos. Passam a ser obrigados a viver da misericórdia, não porque gostem dela ou porque têm prazer em praticar certas obras de beneficiência, mas porque, gostem ou não gostem, estão caminhando para a verdade e não podem senão ser coerentes com ela. Diz, de fato, o livro de Provérbios:**

**"Aquele que  
crê no  
Senhor ama  
a  
misericórdia;  
a  
misericórdia  
e a verdade  
são as que  
nos  
adquirem os  
bens".**

**Pr .  
14 ,  
21 -  
22**

**A misericórdia procede, portanto, indiretamente da crucificação das paixões da carne, que já é um primeiro fruto da fé, e da própria fé. Procede também, indiretamente, da virtude da caridade, na medida em que a caridade não deixa o coração inclinar-se ao mal, removendo com isso um dos principais obstáculos à iluminação da inteligência pela fé. A misericórdia, porém, procede também da caridade de um segundo modo mais elevado e de que trataremos mais adiante, originando-se diretamente desta virtude de um modo que lhe é característico ao se manifestar, em um de seus modos mais maduros, sob a forma do ensino.**

**Pode-se mencionar como fruto da fé animada pela caridade, em terceiro lugar, o amor pela própria fé. Isto acontece porque se alguém ama a Deus, é de se supor que ame também às coisas que mais se parecem com Deus. Ora, este é o caso da fé. O exercício pleno da fé animada pela caridade é, nesta vida, uma imagem da visão beatífica do céu. De fato, diz Tomás de Aquino, "a vida eterna nada mais é do que conhecer a Deus; ora, este conhecimento de Deus se inicia em nós pela fé". É evidente, pois, que aqueles que são movidos pela caridade, pela qual amamos a Deus acima de tudo, não podem deixar de amar**

também a fé como aquela dentre as coisas criadas que mais se assemelham ao próprio paraíso. Estas pessoas amam, por conseqüência, também à oração, através da qual se adquire a fé. Uma profunda afinidade para com a fé e a oração significa, portanto, afinidade pelo paraíso, e os que vivem assim, embora estejam na terra, já podem ser ditos cidadãos do céu.

Pode-se mencionar, em quarto lugar, como fruto da fé, o próprio objetivo dela:

*"O fim  
do  
preceito"  
da fé,*

diz São Paulo,

*"é a  
caridade,  
nascida  
de um  
coração  
puro".*

I  
Tim.  
1,  
5

Vivem a caridade aqueles que amam a Deus acima de tudo, por ser Deus o bem absoluto e nos oferecer a sua amizade, coisas que são propostas ao homem, de modo especial a segunda, através da fé.

Uma conseqüência desta afirmação é que a caridade ama também a Deus por ser o único e verdadeiro bem do homem, de onde se conclui que aqueles que não se amam a si mesmos buscando a Deus para si como um bem acima de qualquer outro



**bem, todos os demais bens só sendo buscados na medida em que possam servir como instrumentos para alcançar este bem que é o único e verdadeiro, estes já não amam a Deus pela caridade, pois a caridade é isto e mais do que isto. Nem se pode dizer também que são movidos pela fé de que fala continuamente São Paulo, pois a caridade é precisamente o fim desta fé.**

**Que, porém, o homem deve amar a si mesmo, as próprias Escrituras o atestam quando dizem que o homem deve amar o próximo como a si mesmo (Mc. 12, 31). Jesus não poderia fazer uma comparação como esta se ele não admitisse, tacitamente, que cada homem tem obrigação, por disposição divina, de se amar a si próprio. Isto é claro e evidente; outra, porém, é a questão de se saber de que modo o homem deve proceder para cumprir o mandamento de amar a si mesmo. Onde, pergunta Hugo de São Vitor na Questão 307 do Comentário aos Romanos, em que lugar das Escrituras**

***"foi dado ao  
homem o  
preceito ou  
o  
ensinamento  
sobre como  
se deveria  
amar a si  
mesmo?"***

**É ele mesmo que nos responde:**

**"Quando  
o  
homem  
é  
ensinado  
como  
deve  
amar a  
Deus,  
nisto  
mesmo  
está  
sendo  
ensinado  
como  
deverá  
amar a  
si  
mesmo.  
Pois  
amar a  
si  
mesmo  
significa  
amar o  
próprio  
bem".**

**Quem  
não  
quer o  
próprio  
bem, na  
realidade  
se odeia  
a si  
mesmo.**

**"Qual é,  
porém,  
o bem  
do  
homem,**

**senão  
Deus?  
Quem,  
portanto,  
ama a  
Deus,  
ama a si  
mesmo  
e  
quanto  
mais  
amar a  
Deus,  
tanto  
mais  
amará a  
si  
mesmo".**

**É conseqüência, pois, da vida da fé e da caridade que o homem busque a Deus também como seu verdadeiro e único bem. Disto, porém, resulta ainda um quinto fruto da fé, através da caridade.**

**Pode-se colocar, de fato, em quinto lugar, também como fruto da fé, e mais propriamente da caridade que surge da fé, o exercício do ensino. Pois as Escrituras nos preceituam que o homem deve**

**"amar o  
próximo  
como a  
si  
mesmo".**

**Mc .  
12,  
31**

**Hugo de São Vitor nos ensina que, segundo alguns, a expressão "amar o próximo como a si mesmo" designa**

***"não a  
quantidade,  
mas a  
semelhança;  
isto é, assim  
como o homem  
só se ama  
verdadeiramente  
quando se ama  
para que possa  
possuir a Deus,  
assim também  
deve dar-se à  
obra para que  
faça o quanto  
puder para que  
os outros  
também o  
possuam".***

**Comentário  
a Romanos  
Quaestio  
308**

**Destas palavras se depreende que não é possível amar ao próximo segundo o preceito cristão se não se ama primeiro a Deus, se não se o busca como o verdadeiro bem para si e se não se cumpre o último dos preceitos dados por Jesus de ensinar.**

**Estes cinco frutos aqui enumerados como sendo os sinais pelos quais o homem pode saber se vive a vida da fé pela qual se alcança a justificação são as primeiras atitudes básicas da conduta do homem cujo coração está sendo convidado ao bem e cuja inteligência foi iluminada pela graça. São, em grandes**

linhas, aquilo a que denominamos de Moral Cristã. Chama-se, de fato, Moral ou Ética à ciência que estuda a conduta e os costumes corretos da vida, e Moral Cristã ou Teologia Moral à ciência que estuda a conduta e os costumes corretos de uma vida conduzida de acordo com a razão iluminada pela graça, um assunto de que trataremos mais longamente mais adiante nestas aulas.

Antes, porém, de falarmos sobre a moral cristã, tentaremos, no próximo livro, na medida do possível, devido à grande dificuldade do assunto, tratar sobre o mistério de Cristo e explicar porque no Novo Testamento, na maioria das vezes em que se fala da fé, os apóstolos se referem de modo especial à fé em Cristo em vez de tomá-la num sentido mais genérico, como o faz o décimo primeiro capítulo da Epístola aos Hebreus.

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)